

EMILY HENRY

Autora Bestseller de **ROMANCE DE VERÃO e LUGAR FELIZ**



UMA BOA HISTÓRIA

*Dois estranhos com o coração partido.
Juntos por ironia do destino.*

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com

EMILY HEAVY

John Debbins - o romance de verão mais quente



UMA BOA
HISTÓRIA

*Se você não sabe o que é um verão,
é só ler este livro.*

*Se você não sabe o que é um verão,
é só ler este livro.*

Capa

Ficha Técnica

1 – 108 dias até poder ir-me embora

2 – Antes de saber que tinha de me ir embora

3 – 91 dias até poder ir-me embora

4

5 – 90 dias até poder ir-me embora

6 – 85 dias até poder ir-me embora

7

8

9

10 – 77 dias até poder ir-me embora

11 – 76 dias até poder ir-me embora

12 – 72 dias até poder ir-me embora

13

14 – 56 dias até poder ir-me embora

15

16 – 53 dias até poder ir-me embora

17

49 dias até poder ir-me embora

18

19

20 – 44 dias até poder ir-me embora(se ainda quiser)

21

22

23 – 24 dias até à Maratona de Leitura

24 – 16 dias até à Maratona de Leitura

25

26

27 – 14 dias até à Maratona de Leitura

28

29 – 13 dias até à Maratona de Leitura

30 – 12 dias até à Maratona de Leitura

31 – 11 dias

32 – 10 dias

33 – 8 dias

34 – 7 dias

35 – 1 dia

36

37 – Finalmente

38 – 412 dias desde que fiquei

Agradecimentos

«Uma das minhas escritoras favoritas.»
Colleen Hoover, autora de *Isto Acaba Aqui*



«Emily Henry conquistou um público devoto com histórias de amor modernas e sonhadoras.»
The Times



«Adorei cada um dos seus livros mais do que o anterior, ao ponto de mal poder esperar para ler o próximo!»
Ali Hazelwood, autora de *A Hipótese do Amor*



«Emily Henry oferece sempre romances de nos fazer suspirar.»
Taylor Jenkins Reid, autora de *Os Sete Maridos de Evelyn Hugo*



«Os livros de Emily Henry são uma dádiva, o equilíbrio perfeito entre picante e doce.»
V. E Schwab, autora de *A Vida Invisível de Addie Larue*



«Ninguém escreve comédias românticas como Emily Henry.»
Casey McQuiston, autora de *Vermelho, Branco e Sangue Azul*



«É humanamente impossível para Emily Henry escrever um mau livro.»
Entertainment Weekly

Emily Henry

UMA BOA HISTÓRIA



Tradução
Patrícia Cascão

Ficha Técnica

Título: Uma Boa História
Título original: Funny Story
Autor: Emily Henry
Design e ilustração da capa: Sandra Chiu
Adaptação da capa: Maria Manuel Lacerda
Foto da autora: Devyn Glista / St. Blancs Studios
Tradução: Patrícia Cascão
Revisão: Rita Matos
ISBN: 9789722081160

QUINTA ESSÊNCIA
Uma editora do grupo Leya
Rua Cidade de Córdova, n.º 2
2610-038 Alfragide – Portugal
Tel. (+351) 21 427 22 00
Fax. (+351) 21 427 22 01

© 2024, Emily Henry Books LLC
Publicado com o acordo do autor, c/o Baror
International, Inc., Armonk, NY, USA.
Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor.
www.quintaessencia.com.pt
www.leya.com

Para a Bri, que me foi buscar ao aeroporto na
noite em que nos conhecemos e me conduziu
durante uma tempestade de neve sem nunca
hesitar. Saiu-me a sorte grande contigo.



Quarta-feira, 1 de maio

108 dias até poder ir-me embora

Algumas pessoas são ótimas contadoras de histórias. Sabem montar o cenário, encontrar o ângulo perfeito, fazer as pausas no momento certo para dar efeito dramático, ou passar ao lado de pormenores incômodos.

Nunca me teria tornado bibliotecária se não adorasse histórias, mas nunca fui muito boa a contá-las.

Se eu tivesse um centimo por cada vez que interrompi a minha própria narrativa para debater se isto *tinha* mesmo acontecido a uma terça-feira, ou se fora antes numa *quinta*, já teria pelo menos quarenta centimos, o que, convenhamos, é demasiado tempo da minha vida desperdiçado em troca de um pagamento tão pequeno.

O Peter, por outro lado, teria zero centimos e uma audiência arrebatada.

Eu gostava especialmente da forma como ele contava a *nossa* história, sobre o dia em que nos conhecemos.

Foi no final da primavera, há três anos. Vivíamos em Richmond na altura, com uns meros cinco quarteirões a separarem o apartamento elegante dele, renovado ao estilo italiano, e a minha versão usada-não-tão-chique do mesmo tipo de habitação.

Quando vinha do trabalho para casa, fiz um desvio pelo parque, o que não era habitual, mas o tempo estava perfeito. E estava a usar um chapéu de abas vermelho, que nunca tinha usado, mas que a minha mãe me tinha enviado na semana anterior e que eu tinha sentido que ela merecia, pelo

menos, que eu *experimentasse*. Estava a ler enquanto caminhava – o que eu tinha jurado parar de fazer, porque quase tinha causado um acidente de bicicleta umas semanas antes – quando, de repente, uma brisa suave apanhou a aba do chapéu. Arrancou-o da minha cabeça e atirou-o por cima de um arbusto de azáleas. Foi parar mesmo aos pés de um homem louro alto e muito atraente.

O Peter disse que isto lhe pareceu um convite. Riu-se, quase autodepreciativamente, enquanto acrescentava:

– Nunca tinha acreditado no destino até àquele momento.

Se *foi* mesmo o destino, então, é razoável admitir que o destino me detesta *um bocadinho*, porque quando ele se baixou para apanhar o chapéu, outra rajada de vento lançou-o ao ar e eu desatei a correr atrás dele, de encontro a um caixote do lixo.

Daqueses de metal, aparafusados ao chão.

O meu chapéu aterrou em cima de um monte de *noodles* salteados que tinham sido deitados fora, o rebordo do caixote esmagou-me as costelas e eu caí como uma idiota na relva, com um longo gemido. O Peter descreveu a cena como «adoravelmente desastrada».

Ele deixou de fora a parte em que eu vociferei vários impropérios.

– Apaixonei-me pela Daphne no momento em que levantei os olhos do chapéu dela – costumava ele dizer, sem referir os *noodles* do lixo no meu cabelo.

Quando ele perguntou se eu estava bem, eu disse:

– Matei algum ciclista?

Ele pensou que eu tinha batido com a cabeça. (Não, sou só má a causar primeiras impressões.)

Durante os últimos três anos, o Peter poliu a Nossa História sempre que pôde. Eu tinha a certeza de que ele a incluiria tanto nos nossos votos de casamento *como* no discurso do copo de água.

Mas depois houve a despedida de solteiro dele e tudo mudou.

A história levou uma reviravolta. Encontrou um novo ponto de vista. E, nesta nova versão, eu já não era a *protagonista*, mas antes uma pequenina complicação que iria para sempre ser usada para dar cor à história *deles*.

Daphne Vincent, a bibliotecária que Peter tirou do lixo, com a qual quase casou, e que trocou na manhã a seguir à despedida de solteiro pela «melhor» «amiga» «platónica» dele, Petra Comer.

Vendo bem, quando é que ele alguma vez precisaria de contar a história deles?

Toda a gente à volta do Peter Collins e da Petra Comer conheciam a história deles: como se tinham conhecido no terceiro ano, quando foram obrigados a sentar-se por ordem alfabética, e tinham criado uma ligação através do gosto partilhado pelos Pokémon. Como, pouco depois, as mães se tornaram amigas enquanto supervisionavam uma visita de estudo ao oceanário, e os pais se tornaram amigos logo em seguida.

Durante o último quarto de século, os Collins e os Comers fizeram férias juntos. Celebraram os aniversários, juntaram-se para *brunchs* de Natal, decoraram as casas com molduras feitas à mão com fotografias das caras do Peter e da Petra a sobressair sob uma qualquer variação da frase *Melhores amigos para sempre*.

Isto, disse-me o Peter, tornava-o a ele e à mulher mais linda que eu alguma vez tinha visto *mais primos do que amigos*.

Sendo bibliotecária, eu devia ter pensado em *Mansfield Park* ou em *O Monte dos Vendavais*, em todas aquelas histórias de amor retorcidas em que os dois protagonistas, criados lado a lado, chegam à idade adulta e proclamam o seu amor imortal um pelo outro.

Mas não pensei.

Portanto, aqui estou eu, sentada num apartamento minúsculo, a fazer *scroll* nas redes sociais da Petra, a observar cada pormenor do novo namoro dela com o meu ex-noivo.

Do outro quarto, a interpretação de Jamie O'Neal de *All By Myself* toca suficientemente alto para fazer tremer a mesinha de apoio. O meu vizinho do lado, o Sr. Dorner, dá umas pancadas na parede.

Mal o ouço, porque acabei de chegar a uma foto do Peter e da Petra, ensanduichados entre os pais de ambos, na margem do Lago Michigan, seis pessoas anormalmente atraentes a sorrir com dentes anormalmente brancos por cima da legenda: *Vale a pena esperar pelas melhores coisas da vida*.

Nem de propósito, a música intensifica-se.

Fecho o computador com força e salto do sofá. Este apartamento foi construído pré-aquecimento global, quando o pessoal do norte do Michigan não precisava de ar condicionado, mas só estamos a 1 de maio e o apartamento já parece um forno por volta do meio-dia.

Atravesso o corredor dos quartos e bato à porta do Miles. Ele não me ouve por causa da Jamie. Bato com mais força.

A música para.

As passadas aproximam-se. A porta abre-se e espalha-se uma nuvem de fumo com cheiro a erva.

Os olhos castanhos-escuros do meu colega de casa estão vermelhos e ele só tem vestidos um par de *boxers* e um cachecol tricotado à volta dos ombros, como uma capa muito triste. Tendo em conta a temperatura dentro do nosso apartamento-forno, só posso presumir que seja apenas por uma questão de modéstia, para não estar todo nu. Parece um bocado excessivo para um homem que, ainda na noite passada, se esqueceu que eu também morava ali com ele há tempo suficiente para tomar duche com a porta completamente aberta.

O cabelo cor de chocolate está espetado em todas as direções. A barba, a condizer, está um caos. Ele aclara a garganta.

– O que se passa?

– Está tudo bem? – pergunto, porque embora esteja habituada a um

Miles *desgrenhado*, estou menos acostumada a ouvi-lo pôr a tocar aos berros a música mais triste do mundo.

– Sim – diz ele. – Tudo fixe.

– Podes baixar a música? – digo.

– Não estou a ouvir música – diz ele com um ar super sério.

– Bem, paraste agora – digo, caso ele esteja simplesmente demasiado mocado para se lembrar do que aconteceu há mais de três segundos. – Mas está mesmo muito alta.

Ele coça uma sobrancelha com o nó do dedo e franze o sobrolho.

– Estou a ver um filme – diz ele. – Mas posso pôr mais baixo. Desculpa.

Sem querer, espreito por cima do ombro dele para ver melhor.

Ao contrário do resto do nosso apartamento, que estava perfeitamente limpo e arrumado quando eu cheguei e assim continua, o quarto dele é um desastre. Metade dos discos estão empilhados em cima das grades de leite dentro das quais deviam estar arrumados. A cama dele está por fazer, o edredão enrodilhado e o lençol por prender em volta do colchão. Duas camisas maltrapilhas de flanela estão penduradas nas gavetas entreabertas da cómoda, como se tivesse ali aprisionado pequenos fantasmas que estão a tentar escapar.

O quarto dele, em total contraste com os tons pastéis e beges do meu, é uma mistura confortável e confusa de cor de ferrugem, mostarda e verdes dos anos 1970. Enquanto os meus livros estão perfeitamente organizados na minha estante e na prateleira que pus por cima da janela, os (muito poucos) dele estão deitados, com as lombadas partidas, no meio do chão. Manuais de eletrónica, ferramentas, e um saco aberto de gomas *Sour Patch Kids*, estão espalhados pela secretária dele e, no parapeito da janela, está a arder um pau de incenso entre umas plantas de interior surpreendentemente viçosas.

Mas é a televisão dele que me chama a atenção. No ecrã está a imagem de uma Renée Zellweger com cerca de trinta anos, de pijama vermelho e a cantar uma canção com uma revista enrolada na mão.

– Oh, meu Deus, Miles – digo.

– O que é? – exclama ele, um bocado na defensiva.

– Estás a ver *O Diário de Bridget Jones*?

– É um bom filme – diz ele, um pouco na defensiva.

– É um filme ótimo – digo –, mas esta cena dura para aí um minuto.

Ele funga.

– E então?

– Então, porque é que tem estado a tocar durante, pelo menos – olho para o meu telemóvel – os últimos oito minutos?

As sobrancelhas escuras dele unem-se.

– Precisas de alguma coisa, Daphne?

– Podes só baixar o som? – pergunto. – Os pratos estão todos a estremecer nos armários e o Sr. Dorner está a tentar deitar a parede da sala abaixo.

Outra fungadela.

– Queres ver? – convida-me ele.

Ali dentro?

O risco de apanhar tétano é demasiado grande. Um pensamento pouco generoso, é verdade, mas atingi recentemente o meu limite de generosidade. É o que acontece quando o nosso parceiro para a vida nos troca pela mulher mais simpática, bonita e alegre do estado de Michigan.

– Deixa estar – digo ao Miles.

Ficamos os dois ali parados. Nunca tínhamos interagido tanto. Estou prestes a bater o recorde. Sinto comichão na garganta. Os olhos a arder.

– E podes, por favor, não fumar aqui dentro?

Eu teria pedido mais cedo, só que, tecnicamente, o apartamento é dele. Ele fez-me um favor enorme ao deixar que eu me mudasse e fosse viver com ele.

Mas também, não é que ele tivesse muitas opções. A namorada dele tinha acabado de se ir embora.

Para o *meu* apartamento.

Com o *meu* noivo.

Ele precisava de substituir a metade da renda que a Petra pagava. Eu precisava de um sítio para dormir. Eu disse dormir? Queria dizer chorar.

Mas já estou aqui há três semanas e estou cansada de chegar ao trabalho a cheirar como se tivesse vindo diretamente de um concerto da menos famosa das bandas de tributo aos Grateful Dead.

– Eu ponho a cabeça fora da janela – diz o Miles.

– O quê? – pergunto eu.

Imaginei, de imediato, um labrador cor de chocolate a andar de carro, com a boca aberta e a semicerrar os olhos por causa do vento. As poucas vezes que eu e o Miles nos encontrámos antes de tudo isto, em estranhas saídas a quatro com os nossos ex-namorados que agora são namorados, era isso que ele me fazia lembrar. Amistoso e esquisito, com um nariz arrebitado que o fazia parecer um bocadinho endiabrado, e dentes que eram de alguma forma *demasiado* perfeitos, em contraste com o aspeto desmazelado do rosto.

O impacto das três últimas semanas dera-lhe um ar ligeiramente selvagem – um labrador mordido por um lobisomem e abandonado no canil. Sinceramente, consigo identificar-me.

– Passo a pôr a cabeça de fora da janela quando fumar – esclarece ele.

– Okay – digo. Fico por aqui. Viro-me para ir embora.

– De certeza que não queres ver o filme? – diz ele.

Oh, meu Deus.

A verdade é que o Miles parece um tipo simpático. Um tipo mesmo simpático! E imagino que aquilo que ele está a sentir neste momento deva ser comparável à minha própria aniquilação emocional. *Podia* aceitar a oferta dele, sentar-me no quarto dele, numa cama por fazer, e ver uma comédia romântica enquanto absorvia quilo e meio de fumo de marijuana pelos poros.

Podia até ser agradável, fingir durante um bocado que somos amigos, em vez de estranhos que estão presos juntos neste pesadelo da separação.

Mas tenho coisas melhores para fazer na minha quarta-feira à noite.

– Talvez noutra altura – digo, e volto para o meu computador, para continuar à procura de empregos, longe do Peter e da Petra, e longe de Waning Bay, Michigan.

Será que na Antártida estão a precisar de uma bibliotecária de literatura infantil?

Mais cento e oito dias e depois desapareço daqui.

2



De volta a abril

Antes de saber que tinha de me ir embora

É assim que a história continua quando sou eu a contá-la: o Peter Collins e eu apaixonámo-nos um dia no parque, quando o vento me arrancou o chapéu da cabeça.

Sou, sem dúvida, péssima a fazer conversa de circunstância, mas ele não quis fazer conversa de circunstância.

Quando lhe disse que o chapéu tinha sido uma prenda da minha mãe, ele quis saber se nós eramos próximas, onde é que ela vivia agora, a que se devia a prenda e, já agora, *Parabéns, és daquelas que gostam de festejar os anos?* Quando lhe disse: *Obrigada, e sim, sou*, ele respondeu que também era, que a família dele encarava sempre os aniversários como enormes sucessos pessoais, em vez de marcadores do tempo. E quando lhe disse que isso parecia maravilhoso, os aniversários e a família dele, ele disse: *Eles são a razão pela qual sempre quis ter uma família grande, um dia*. Por esta altura eu já estava caidinha, mesmo que ele não me tivesse perguntado logo, como se eu não tivesse lixo agarrado ao meu cabelo cor de avelã: *Então e tu? Queres ter uma família grande?*

Namorar com vinte e muitos anos tinha sido um inferno. Este é o tipo de pergunta que eu faria mesmo antes de o tipo do outro lado do telefone ne fazer *ghosting*. Como se lhe tivesse feito uma proposta formal: *Que tal*

esquecermos a tal bebida e irmos antes congelar uns embriões, pelo sim, pelo não?

O Peter era diferente. Estável, equilibrado, prático. O tipo de pessoa em quem eu me via a confiar, o que não era natural em mim.

Em apenas cinco semanas estávamos a viver juntos, tínhamos sincronizado as nossas vidas, os grupos de amigos e as agendas. Na primeira festa de aniversário exagerada que organizei para ele, o melhor amigo do Peter e a minha melhor amiga em Richmond, Cooper e Sadie, deram-se bem e começaram também a namorar.

Ao fim de um ano, o Peter pediu-me em casamento. Eu aceitei.

Um ano mais tarde, enquanto estávamos a planear o casamento, começámos a procurar uma casa para comprar. Os pais dele, duas das pessoas mais amorosas que alguma vez conheci, enviaram-lhe o anúncio de uma casa antiga maravilhosa, não muito longe da deles, na localidade das margens do Lago Michigan, onde ele tinha crescido.

Ele sempre quisera voltar para lá e, agora que o trabalho dele, de desenvolvimento de *software*, se tinha tornado remoto, nada o impedia.

A minha mãe vivia em Maryland nessa altura. O meu pai, um título que merece ter muitas aspas, andava pelo sul da Califórnia. A Sadie e o Cooper estavam a analisar a hipótese de se mudarem para Denver.

Por mais que eu adorasse o meu emprego em Richmond, aquilo que eu mais queria – aquilo que eu *sempre* tinha querido – era ser bibliotecária de literatura *infantil* e, por incrível que pareça, a biblioteca pública de Waning Bay estava à procura de alguém para essa função.

Portanto, comprámos a casa no Michigan.

Bem, *ele* comprou-a. O meu crédito era péssimo e não tinha quase poupanças nenhuma. Ele deu a entrada inicial e insistiu em pagar a hipoteca.

Ele sempre foi muito generoso, mas parecia demasiado. A Sadie não percebia os meus complexos: *Eu deixo o Cooper pagar literalmente quase tudo*, disse ela. *Ele ganha muito mais do que eu*. Mas a Sadie não tinha sido educada pela Holly Vincent.

A minha mãe hiper-independente nunca aprovaria que eu dependesse tanto do Peter, portanto, eu também não aprovava.

Ele arranjou um compromisso: eu mobilava a casa e acrescentava aos poucos o meu cunho pessoal à mistura de mobília que tínhamos trazido de Richmond, enquanto ele pagava as contas.

A maioria dos amigos dele que vinham de longe tinham empregos de colarinho branco e tinham dinheiro para pagar uma segunda viagem para virem à despedida de solteiro. Enquanto a Sadie e o resto dos meus amigos eram quase todos bibliotecários – ou vendedores de livros, ou aspirantes a escritores – que não podiam pagar duas viagens separadas. Ela e o Cooper viriam alguns dias antes da cerimónia estival e fazíamos a minha despedida de solteira nessa altura.

Portanto, há três semanas, no início de abril, o Peter saiu para a sua

Noite de Diversão e eu fiquei a ler na nossa casa vitoriana amarela. Durante as primeiras paragens da noite ele enviou-me mensagens com fotos giras de grupo. O irmão dele, Ben, que tinha vindo de Grand Rapids, e o amigo dele do liceu, Scott, com quem eu tinha *finalmente* conseguido criar laços depois de ter lido os primeiros quatro livros da saga *Duna*, juntamente com outros amigos de Richmond. Tinham todos os braços por cima dos ombros uns dos outros, com o Peter ao centro – em todas as fotografias – com a sua esbelta melhor amiga, uma deusa de cabelo platinado e olhos de gata, a Petra Collins.

O namorado da Petra, Miles, *não* tinha sido convidado para a despedida de solteiro. O Peter não *detestava* o Miles. Ele só achava que o Miles não era suficientemente bom para a Petra, porque o Miles é um gonzado sem licenciatura.

A Petra *também* é uma gonzada sem licenciatura, mas suponho que seja diferente quando se é linda de morrer com uma família pitoresca e uma conta bancária bem recheada. Nesse caso, não se é gonzada, mas sim um *espírito livre*.

Outra coisa que deve ser mencionada, por mais que me custe: a Petra é sobrenaturalmente simpática.

Ela é aquela mulher que fica imediatamente à vontade com toda a gente, de uma forma que nos faz sentir escolhidos. Está sempre a agarrar-nos o braço, a rir das nossas piadas, a sugerir que experimentemos o batom dela na casa de banho e depois insistindo que fiquemos com ele porque «fica melhor no nosso tom de pele».

Eu não queria mesmo ter ciúmes dela. Fazia todo o sentido que ela fosse à despedida de solteiro dele. Ela era a melhor amiga dele. Fazia sentido que eu *não* fosse. É assim que funciona esta tradição antiquada.

Tinha planeado manter-me acordada durante tempo suficiente para enfiar um copo de água com alguns ibuprofenos na mão de um Peter bêbedo, quando ele chegasse a casa, mas adormeci no sofá.

Quando acordei com o estalido da porta da frente, já estava completamente de dia na sala, por isso, consegui ver a surpresa do Peter quando me viu ali.

Ele parecia, sinceramente, que se tinha deparado com uma mulher que lhe tinha invadido a casa e cozinhado o seu coelhinho de estimação, em vez da sua querida noiva enroscada no sofá. Mas ainda assim não me soaram os sinais de alarme.

Era difícil sentir-me em pânico quando o Peter estava por perto, com o seu ar de arcanjo Miguel. Mais de um metro e noventa de altura, cabelo dourado, olhos verdes e um nariz romano. Não que eu faça ideia de como é um nariz romano. Mas sempre que um escritor de romances históricos menciona um, penso no do Peter.

– Já chegaste – balbuciei, e levantei-me para o cumprimentar. Ele não retribuiu o meu abraço e eu afastei-me, com as mãos ainda agarradas ao pescoço dele. Ele agarrou nos meus pulsos, afastou-os e segurou-os entre nós.

– Podemos falar? – perguntou.

– Claro? – disse eu, em forma de pergunta. Porque era.

Ele encaminhou-me para o sofá e sentou-me. Depois, pareceu-me que algumas placas tectónicas devem ter embatido umas nas outras, porque o mundo implodiu e os meus ouvidos começaram a zumbir tão alto que só conseguia apanhar pedaços daquilo que ele estava a dizer. Nada daquilo podia ser verdade. Não fazia sentido.

Bebemos demasiado...

Toda a gente foi para casa, mas nós ficámos mais um bocado para ficarmos sóbrios...

Uma coisa levou à outra...

Meu Deus, desculpa. Não te queria magoar, mas...

– Traíste-me? – saiu-me finalmente, enquanto ele ainda estava a meio de outra frase indecifrável.

– Não! – disse ele. – Quer dizer, não foi isso. Nós... Ela disse-me que está apaixonada por mim, Daphne. E eu percebi que também estou. Apaixonado. Por ela. Lamento muito.

Mais alguns pedidos de desculpa.

Mais zumbidos nos ouvidos.

Mais alguns lugares-comuns.

Não. Não, ele não me traiu? Não, ele simplesmente confessou o seu amor por outra pessoa que *não* eu? Estava a tentar juntar as peças do quebra-cabeças, mas nada encaixava. Cada frase que ele dizia era incompatível com a anterior.

Por fim, a minha audição apanhou uma coisa que parecia importante, se ao menos eu conseguisse perceber o contexto: *uma semana.*

– Uma semana? – disse eu.

Ele assentiu.

– Ela está agora à minha espera, por isso, podemos ir já embora. Para não estar em cima de ti enquanto resolves as coisas.

– Uma *semana* – repeti, ainda sem perceber.

– Eu procurei *online*. – Ele inclinou-se para a frente no sofá para tirar do bolso de trás uma folha de papel dobrada e entregou-ma.

Uma parte bastante iludida de mim pensou que seria um pedido de desculpa, uma carta de amor que tornava tudo isto... não *aceitável*, mas talvez possível de *salvar*.

Mas o que estava impresso era uma lista de apartamentos locais.

– Vais sair de casa? – Fiquei sem ar.

O pescoço dele ficou vermelho e os olhos fixaram-se na porta da frente.

– Bem, não – disse ele. – A casa está no *meu* nome, portanto...

Ele parou, à espera de que eu percebesse o resto.

Finalmente, percebi.

– Estás a gozar, Peter? – Levantei-me de um salto. Na altura não me senti magoada. Isso viria mais tarde. Primeiro era só raiva.

Ele também se levantou, com o sobrolho erguido.

– Não queríamos que isto tivesse acontecido.

– É claro que ela queria que isto acontecesse, Peter! Ela teve vinte e cinco anos para te dizer que estava apaixonada por ti e escolheu a *noite passada*?

– Ela não se tinha apercebido – disse ele, a defendê-la. A protegê-la *a ela* desta explosão emocional enquanto eu estava ali, sozinha. – Só percebeu quando se viu prestes a *perder-me*.

– Foste tu que me trouxeste para aqui! – soltei, muito alto. No final, a afirmação transformou-se num riso tresloucado. – Deixei os meus amigos. O meu apartamento. O meu emprego. A minha *vida toda*.

– Sinto-me pessimamente – disse ele. – Não fazes ideia.

– Não faço ideia de como *tu* te sentes mal? – inquiri. – Para onde é que eu vou?

Ele apontou para a lista de apartamentos, agora no chão.

– Olha – disse ele. – Vamos sair daqui para te dar espaço para resolveres as coisas. Só voltamos no próximo domingo.

Nós.

Voltamos.

Oh.

Oh, meu Deus.

Não é que quisessem apenas que eu me fosse embora.

Ela ia mudar-se para ali. Depois de regressarem de umas férias sensuais de recém-casal, que me estavam a ser vendidas como um ato de bondade para comigo. Quase perguntei para onde é que iam, mas a última coisa de que necessitava era de uma imagem mental deles a beijarem-se em frente à Torre Eiffel.

(Errado. Vim mais tarde a descobrir que eles tinham andado aos beijos pela Costa Amalfitana.)

– Lamento imenso, Daph – disse ele. E baixou-se para me beijar a testa como uma figura paterna benevolente, a partir com mágoa para a guerra, para cumprir o seu dever.

Empurrei-o e os olhos dele abriram-se, em choque, durante apenas um segundo. Depois assentiu, sobriamente, e dirigiu-se para a porta, de mãos a abanar. Como se tivesse tudo aquilo de que necessitava e nada mais restasse naquela casa.

Quando a porta se fechou, passei-me.

Agarrei num recipiente de amêndoas que a Sra. Collins tinha comprado na sua última visita à Costco e corri para o exterior, ainda no pijama de seda que o Peter me tinha comprado no Natal passado.

Ele olhou de soslaio para mim por cima do ombro enquanto entrava no lugar do passageiro no *Jeep* descapotável da Petra. Ela manteve a cara virada noutra direção.

– És um sacana de merda! – Atirei-lhe um punhado de amêndoas.

Ele ganiu. Atirei outro punhado à parte de trás do carro. A Petra arrancou.

Persegui-os pela entrada de acesso e depois atirei o balde inteiro ao *Jeep*. Atingiu uma roda e saltou para a berma da estrada enquanto eles partiam em direção ao pôr do sol.

Nascer do sol. Não interessa.

– Para onde é que eu hei de ir? – perguntei com voz fraca enquanto me sentava na relva húmida do nosso jardim – *deles*.

Fiquei ali a olhar para a estrada durante, provavelmente, uns dez minutos. Depois voltei a entrar e chorei tanto que talvez tivesse vomitado se não me tivesse esquecido completamente de comer na noite anterior. Não era grande cozinheira e, além disso, o Peter era extremamente cuidadoso com a alimentação. Poucos hidratos, muita proteína. Procurei nos nossos armários pouco abastecidos e comecei a fazer uma massa com queijo.

Depois, alguém começou a bater à porta.

Parva como sou, só consegui pensar que o Peter tinha regressado. Que assim que chegara ao aeroporto fora atingido por um raio de lucidez que o enviou a correr de volta para mim.

Mas, quando abri a porta, encontrei o Miles, com os olhos vermelhos de chorar ou de fumar, e a agitar uma nota com três frases que a Petra lhe tinha deixado na mesinha de apoio, como se fosse uma forquilha, ou talvez uma bandeira de rendição.

– Ela está aqui? – perguntou ele, com intensidade.

– Não. – Fiquei dormente. – Atirei-lhes com amêndoas e eles foram-se embora.

Ele assentiu, com a mágoa a marcar-lhe ainda mais o rosto, como se soubesse exatamente o que eu queria dizer e não fosse nada de bom.

– Merda – soltou, caindo contra a ombreira da porta.

Engoli um nó que parecia arame farpado. Ou talvez fosse um emaranhado do pragmatismo da família Vincent que eu tinha herdado da minha mãe, aquela capacidade familiar de usar as emoções negativas como combustível para tratar de tudo.

– Miles – disse eu.

Ele olhou para mim, com uma expressão destrocada, mas ainda com um pedacinho de esperança a assomar entre as sobancelhas. Como se achasse que eu poderia anunciar que tudo isto tinha sido uma partida muito divertida e nada sociopata.

– Quantos quartos é que tem a tua casa? – perguntei.



Sábado, 18 de maio

91 dias até poder ir-me embora

Sinceramente, o Miles Nowak é um bom colega de casa.

À parte de convites ocasionais para ver um filme, ou mensagens a perguntar se preciso de alguma coisa do mercado, ele deixa-me em paz. Após o meu pedido para ele só fumar no exterior, deve ter deixado de pôr apenas *a cabeça de fora da janela*, porque passaram-se semanas sem me cheirar a erva no corredor. Também não voltou a haver nenhuma pesarosa explosão da Jamie O'Neal. Na realidade, ele parece perfeitamente bem. Ninguém diria que era um homem acabado de sair de um horrível desgosto, se não tivesse visto a cara dele seis semanas antes, no dia em que tudo aconteceu.

Sem falarmos sobre isso, depressa estabelecemos um horário que funcionava para usarmos a casa de banho. Ele é notívago e eu geralmente acordo por volta das seis e meia ou sete da manhã, independentemente de ir fazer o turno de abertura da biblioteca ou não. E, uma vez que ele raramente está em casa, nunca deixa pilhas de pratos sujos «de molho» no lava-louça.

Mas o apartamento em si é minúsculo. O meu quarto é basicamente um *closet*.

Na realidade, era para isso que a Petra o usava, quando ali vivia.

Há um ano, as pequenas dimensões não teriam sido um problema.

Desde que me lembro, sempre fui minimalista. Depois de os meus pais se separaram, eu e a minha mãe mudámos de casa muitas vezes, atrás de promoções no banco onde ela trabalhava e, mais tarde, para ajudar a abrir

novas sucursais. Nunca tínhamos recorrido a profissionais para fazer as mudanças, apenas à ajuda do tipo que estava a tentar, e a falhar, obter um encontro com a minha mãe na altura, por isso, aprendi a viajar com pouca coisa.

Perceber qual era a quantidade mínima de coisas de que precisava tornou-se para mim um desporto. Ajudava o facto de eu ser uma criança que adorava a biblioteca e que não tinha toneladas de livros anotados. Os livros eram a única coisa de que eu era sedenta, mas não me interessava tanto tê-los, mas sim absorver o seu conteúdo.

Uma vez, antes de uma mudança durante o secundário, convenci a minha mãe a fazer uma cerimónia de queima de todos os testes e trabalhos em que tinha tido A+ e que ela tinha empilhado em cima do frigorífico. Ligámos a pequena lareira a gás da sala de estar – a *única* coisa naquele apartamento cheio de bolor de que ambas concordávamos que íamos ter saudades – e eu comecei a atirar coisas lá para dentro.

Foi a única vez que a vi chorar. Ela era a minha melhor amiga e a minha pessoa favorita no mundo, mas não era uma mulher *delicada*. Sempre a tinha visto como sendo completamente invulnerável.

Mas, naquela noite, ao observar os meus antigos testes de Física a escurecer e a encaracolar, os olhos dela encheram-se de lágrimas enquanto falava com uma voz pesada.

– Oh, Daph. Quem é que eu vou ser quando fores para a universidade?

Aninhei-me ao seu lado e ela abraçou-me com força.

– Ainda vais ser tu – disse-lhe. – A melhor mãe do mundo.

Ela beijou-me na cabeça e disse:

– Às vezes, gostava de não ser tão desapegada.

– São só coisas. – Relembrei-lhe aquilo que ela estava constantemente a dizer.

A vida, tinha já aprendido, é uma porta giratória. A maioria das coisas que lá entram só permanecem durante algum tempo.

Os homens dedicados a provar os seus sentimentos pela minha mãe acabavam por desistir e seguir em frente. Os amigos da última escola que prometiam escrever desapareciam do espelho retrovisor num mês ou dois. O rapaz que ligava todos os dias depois de uma noite de verão mágica à porta da Whippy Dipper voltava à escola no outono de mãos dadas com outra pessoa.

Não fazia sentido nenhum agarrarmo-nos a alguma coisa que não era realmente nossa. A minha mãe era a única coisa permanente na minha vida, a única coisa que importava.

Quando ela me pôs num avião a caminho da faculdade, nenhuma de nós chorou. Em vez disso, ficámos as duas abraçadas durante tanto tempo e com tanta força que mais tarde encontrei uma nódoa negra no ombro. Todo o meu guarda-roupa de básicos com cores sólidas cabiam numa mala de viagem e tínhamos enviado por transportadora o tapete de juta que tínhamos comprado em promoção, juntamente com uma caneca, uma taça, um par de talheres e

uma panela, com que a minha mãe gozava a dizer que me permitiria fazer todos os meus principais grupos de alimentos: chá, massa com queijo e *noodles* instantâneos.

Isto já tinha sido há dois estados e cinco apartamentos. Durante todo esse tempo, eu tinha conseguido acumular muito pouca tralha.

Depois, eu e o Peter mudámo-nos para a casa de Waning Bay, com um alpendre a toda a volta. Nesse dia, ele pegou-me ao colo, entrou comigo pela porta e disse cinco palavras mágicas que mudaram o meu coração minimalista para sempre.

Bem-vinda ao nosso lar, Daphne.

E foi assim que alguma coisa em mim descontraíu, que o meu interior mais meloso extravasou as minhas barreiras até então bem erguidas.

Até àquele momento, eu tinha andado com a minha vida dentro de um saco de pano pendurado na ponta de um pau de vassoura, uma coisa pequena e controlável que eu podia agarrar e transportar por dá cá aquela palha. E nunca soube de que é que andava a fugir, ou em direção a quê, até ele ter dito aquilo.

Lar. A palavra acendeu uma chama no meu peito. Aqui estava a permanência de que eu tinha andado à procura. Um lugar que nos pertencia. E sim, as nossas situações financeiras desequilibradas complicavam essa posse, mas enquanto ele pagava as contas eu podia focar-me em tornar o sítio mais acolhedor.

O meu minimalismo foi dar uma volta.

Agora, toda aquela *tralha* – mobília para uma casa de três quartos – estava enfiada no quarto de hóspedes do Miles. Mobília de parede a parede, toda encafuada uma em cima da outra, com montes de almofadas a cobrirem a minha cama, como se eu fosse uma espécie de vilã do Stephen King que poderia algemar alguém à cabeceira da cama e sufocá-la até à morte.

Eu devia ter deixado esta porcaria toda para trás, mas senti-me demasiado culpada por causa do dinheiro todo que tinha gastado a rechear uma casa que nem sequer era minha.

Depois, havia ainda a parafernália do casamento, enfiada em todos os armários que o apartamento tinha, o vestido demasiado caro pendurado do outro lado de uma porta fina de correr: um aviso ao coração, um retrato de Dorian Gray, um segredo obscuro profundo.

Teoricamente, vou vender o vestido e tudo o resto *online*, mas para o fazer preciso de *pensar* no casamento, e ainda não consigo.

Na realidade, passei as primeiras sete horas do meu turno da manhã de sábado a afastar quaisquer pensamentos sobre o Casamento que Não Aconteceu, que nunca me sai da cabeça.

Depois, o telemóvel vibrou sobre a secretária com uma mensagem do Miles: *tas trabalhar*

É assim que ele escreve as mensagens. Com abreviações, muito pouco contexto e sem pontuação.

Ele está a perguntar ou a dizer que eu estou a trabalhar? Nenhuma das duas hipóteses faz sentido. Tenho um calendário pormenorizado na cozinha onde ele consegue ver muito bem onde é que eu vou estar e quando. Comparo-o todas as noites com o calendário do telemóvel e convidei-o a acrescentar também a sua própria agenda, mas ele nunca pôs lá nada.

Sim, respondi.

Outra mensagem: **queres tai**

Suponho que seja outra pergunta, embora não esteja claro se ele está a falar sobre encomendar o jantar ou se é uma dúvida mais existencial.

Não, obrigada, escrevo. Todos os dias, à hora de almoço, vou a uma das três carrinhas de comida que estão instaladas na praia pública do outro lado da estrada. Os sábados são dias de burrito, portanto, vou sentir-me cheia durante horas.

K, escreve o Miles.

Depois escreve mais um bocado e para. Interrogo-me se estará à espera de que eu me ofereça para ir buscar a tal comida tailandesa a caminho de casa.

Mais alguma coisa?, escrevo de volta.

Ele responde: **Vejo t qd chegares casa.**

Estranho. Aos sábados, quando eu chego, ele costuma estar no quarto ou já ter saído. O meu telefone vibra outra vez, mas é só o meu lembrete de dez minutos antes da Hora do Conto. Agarro nos meus materiais e dirijo-me para o Recanto do Conto, no fundo da biblioteca, mobilado para parecer uma sala de estar rebaixada. As crianças e os seus responsáveis já se estão a reunir no pequeno anfiteatro, a agarrar em tapetes ou colchões de ginástica. Alguns dos cuidadores mais velhos, avós e bisavós, instalam-se nas cadeiras dispostas em volta do recanto, e os *habitués* cumprimentam-se uns aos outros.

A parede de trás da biblioteca, de vidro, enche o recanto de luz do sol e eu já sei quem é que vai estar a dormir quando chegar ao segundo livro. Na próxima semana já deve estar suficientemente quente para levar a Hora do Conto para o exterior e deixar os miúdos correr por ali um bocado, mas hoje será uma experiência mais sonolenta.

Agora, um coro de vizinhas faz-se ouvir quando eu me aproximo, a gritar «Senhora Daffy!» e outras formas adoráveis de pronunciar mal o meu nome. No meu coração, é como se pequenos grãos de milho estivessem a explodir em nuvens fofas de pipocas.

Uma rapariguinha anuncia, quando eu passo por ela: «Tenho três!» e eu digo-lhe que isso é fantástico e pergunto quantos anos ela acha que eu tenho.

Após pensar um bocadinho, ela responde que eu sou uma adolescente.

Na semana passada ela disse que eu tinha cem, portanto, estou a encarar isto como uma vitória. Antes de conseguir responder, um miúdo de quatro anos chamado Arham, que eu nunca vi sem estar vestido de Homem-Aranha, atira-se contra mim, a abraçar-me os joelhos.

Por mais maldispоста que possa estar, a Hora do Conto ajuda-me sempre.

– Querido – diz a mãe do Arham, Huma, e vem agarrá-lo antes que acabemos por cair no chão.

– Quem é que gosta de dragões? – pergunto, e recebo um aplauso quase unânime.

Há muitas famílias queridas que se tornaram visitantes habituais desde que eu comecei aqui há um ano, mas a Huma e o Arham são duas das minhas pessoas favoritas. Ele tem uma energia inesgotável e muita imaginação, e ela consegue manter aquela combinação mágica de impor regras firmes sem esmagar o espírito excêntrico dele. Vê-los juntos faz sempre o meu coração doer um bocadinho.

Faz-me ter saudades da minha mãe.

Faz-me sentir falta da vida que eu achava que ia ter com o Peter, e o resto dos Collins.

Tento afastar-me da nuvem de melancolia e sento-me na minha cadeira com o primeiro dos livros ilustrados de hoje.

– E de tacos? – pergunto aos miúdos. – Alguém gosta?

Não sei como, os miúdos conseguem demonstrar ainda mais entusiasmo pelos tacos do que pelos dragões. Quando lhes pergunto se já sabiam que os dragões adoram tacos, os gritinhos de satisfação deles são de rebentar os tímpanos. O Arham dá um pulo, com a luz vermelha dos calcanhares dos ténis a cintilar enquanto grita.

– Os dragões comem pessoas!

Digo-lhe que alguns podem comer, mas outros só comem tacos, e é a melhor transição que consigo fazer para ler *Os Dragões Adoram Tacos*, de Adam Rubin, ilustrado por Daniel Salmieri.

Nenhuma parte da minha semana passa tão depressa como a Hora do Conto. Fico tão envolvida naquilo que, geralmente, só me lembro de que estou no trabalho quando fecho o último livro do dia.

Tal como tinha previsto, a energia com que eles me cumprimentaram diminuiu, com os miúdos a cair numa sonolência agradável por altura de terminar e irem para casa, à exceção de um dos trigémeos Fontana, que está suficientemente cansado para desatar a fazer birra enquanto a mãe tenta levá-lo e aos irmãos dali para fora.

Aceno adeus aos últimos a sair e, depois, começo a arrumar o recanto, a desinfetar os colchões e a recolher o lixo, a devolver livros abandonados à receção, para serem guardados na prateleira certa.

A Ashleigh, a bibliotecária responsável pela programação e pelos nossos utilizadores adultos, sai do escritório, com a sua gigantesca mala artesanal ao ombro e o seu rabo-de-cavalo ligeiramente de lado.

Apesar de ser uma voluptuosa mulher de metro e meio com olhos de princesa da Disney, a Ashleigh é a personificação do estereótipo da bibliotecária assustadora. A voz dela tem a força de um objeto pesado e uma vez disse-me que «não receia o confronto» num tom que me deixou a pensar se não estaríamos já *num*. Ela é a pessoa que o nosso diretor septuagenário, o

Harvey, atíça sempre que um utilizador mais difícil precisa de ser tratado com firmeza.

No meu primeiro turno a trabalhar com ela, um tipo de meia-idade com um bocado de molho na cara chegou ao pé dela, olhou-lhe para as mamas e disse:

– Sempre tive um fraquinho por raparigas *exóticas*.

Sem sequer levantar os olhos do computador, a Ashleigh respondeu:

– Isso é inapropriado e se voltar a falar comigo assim vamos ter de o banir. Seria útil se eu lhe imprimisse alguma literatura sobre assédio sexual?

O que eu quero dizer é que a admiro e temo em igual medida.

– Podes fechar? – pergunta ela, ao mesmo tempo que escreve uma mensagem no telemóvel. Outra coisa acerca da Ashleigh: ela chega sempre atrasada e, geralmente, sai um bocado mais cedo. – Tenho de ir buscar o Mulder ao *taekwondo* – diz ela.

Sim, o filho dela foi batizado com o nome do personagem de David Duchovny nos *Ficheiros Secretos*.

Sim, sempre que me lembro disso morro um bocadinho.

Já tenho idade para ter filhos sem ninguém ficar escandalizado com isso.

Raios, tenho idade suficiente para ter uma filha chamada Renesmee numa daquelas equipas de futebol infantil em que os miúdos se revezam a chutar mal a bola e depois se sentam no meio do campo para se descalçarem.

Em vez disso, estou solteira e descomprometida, num sítio onde apenas conheço os meus colegas de trabalho e o círculo mais próximo do meu ex-noivo.

– Daphne? – diz a Ashleigh. – Tudo bem?

– Sim – respondo. – Podes ir.

Ela assente com a cabeça, à laia de despedida. Dou a volta à biblioteca mais uma vez, a desligar as luzes à minha passagem.

A caminho de casa, telefono à minha mãe. Tendo em conta o quão ocupada está com o CrossFit, o clube de leitura e as aulas de pintura de vitrais que começou agora a frequentar, passámos a optar por telefonemas mais frequentes e mais rápidos, em vez das chamadas duas vezes por mês de longas horas para pormos a conversa em dia.

Conto-lhe como é que as coisas estão a correr com o planeamento da angariação de fundos da biblioteca no final do verão (faltam noventa e um dias). Ela diz-me que já consegue levantar mais de setenta e dois quilos. Falo-lhe sobre um frequentador da biblioteca de setenta anos que me convidou para ir dançar salsa, e ela do treinador de vinte e oito anos que continua a tentar encontrar razões para lhe pedir o número de telefone.

– Temos vidas tão parecidas – ironizo, e estaciono em cima do passeio.

– Quem me *dera*. Não me parece que o Kelvin esteja a pensar em dançar salsa, ou eu até teria aceitado – diz ela.

– Bem, não me importo de te passar o número deste tipo, mas tens de saber que a minha colega Ashleigh lhe chama *Stanley Mãozinhas*.

– Sabes que mais? Dispensio – diz ela. – E também te vou enviar um *spray* de gás pimenta.

– Ainda tenho a lata que me deste na faculdade – respondo. – A não ser que tenha passado de prazo.

– Provavelmente só melhora com a idade – diz ela. – Estou quase a sair para o clube de leitura. E tu?

Abro a porta do carro.

– Acabei de chegar a casa. À mesma hora na segunda?

– Parece-me bem – diz ela.

– Amo-te – digo-lhe.

– Amo-te mais – diz ela rapidamente e, a seguir, desliga antes de eu conseguir reclamar, algo que faz desde sempre.

O Miles vive no terceiro andar de um armazém de tijolo renovado, na periferia de Waning Bay, num bairro chamado Butcher Town. Presumo que costumasse ser a zona do mercado de carne da cidade, mas nunca fui ao Google pesquisar, portanto não sei, talvez tenha recebido o nome por causa de um antigo assassino em série.

Assim que acabo de subir as escadas e chego à porta de casa, estou a suar em bica e, no interior, largo a mala e debato-me para me ver livre do casaco de malha antes de enfiar os pés nos chinelos. Depois, volto a conferir o calendário do telefone com o do quadro. A única coisa que mudou desde a noite anterior foi eu ter concordado em ser anfitriã do clube de leitura Adrenalina e Assassinatos na quinta-feira, enquanto o Landon, o assistente dos serviços dos utilizadores, que geralmente trata disso, recupera da desvitalização de um dente.

Escrevo clube de leitura no quadro, depois agarro num copo e encho-o de água fria. Enquanto beberico, dirijo-me para a sala. Sou surpreendida por um movimento repentino que capto pelo canto do olho, dou um grito e entorno metade do copo no tapete.

Mas é só o Miles. Deitado de barriga para baixo no sofá. Ele grunhe sem sequer levantar a cara da almofada mole. A mobília dele é toda conforto e zero *glamour*.

– Parecias morto – digo-lhe enquanto me aproximo.

Ele murmura qualquer coisa.

– O quê? – pergunto.

– Disse *quem me dera* – resmunga.

Vejo a garrafa de rum de coco sobre a mesa e a caneca vazia ao lado.

– Dia difícil?

Tinha sido apanhada de surpresa com o incidente *Bridget Jones*, há três semanas, mas agora é quase um alívio vê-lo tal como eu tinha passado o último mês e meio a sentir-me.

Sem levantar a cara, ele apalpa a mesinha de apoio à procura de um pedaço de papel e, depois, agita-o no ar.

Aproximo-me e tiro-lhe o delicado quadrado de papel pardo da mão. Ele

deixa imediatamente o braço cair ao lado do corpo. Começo a ler a letra elegante.

*Jerome & Melly Collins e Nicholas & Antonia Comer
têm o prazer de o convidar para a celebração
do casamento dos seus filhos,
Peter & P...*

– Não. – Atiro o convite para longe de mim como se fosse uma cobra viva.

Uma cobra viva que *também* deve estar em chamas porque, de repente, eu também sinto muito, muito, *muito* calor. Dou alguns passos e abano-me com as mãos.

– Não – digo. – Isto não pode ser verdade.

O Miles senta-se.

– Oh, é verdade. Tu também recebeste.

– Por que *raio* é que eles nos convidariam? – exijo saber. Dele. Deles. Do universo.

Ele inclina-se para a frente e deita mais rum de coco na caneca, até ficar a transbordar. Oferece-ma. Quando abano a cabeça, ele emborça-a e volta a enchê-la.

Volto a pegar no convite, na esperança de me aperceber de que o meu cérebro tinha apenas tido uma falha de funcionamento enquanto lia um menu de *takeaway*.

Não era o caso.

– É no fim de semana do Dia do Trabalho! – guinchei, atirando-o outra vez para longe de mim.

– Eu sei – diz o Miles. – Eles não podiam apenas dar cabo das nossas vidas. Tinham de dar cabo de um feriado também. Provavelmente nem vou fazer decorações este ano.

– Quer dizer, *este* Dia do Trabalho – digo. – Tipo, apenas um mês depois do *nosso* casamento.

O Miles olha para cima, para mim, com uma preocupação verdadeira a distorcer-lhe a cara.

– Daphne – diz ele – acho que isso ficou fora de questão a partir do momento em que ele comeu a minha namorada e depois a levou para Itália durante uma semana para não ter de te ajudar a empacotar.

Agora estou a hiperventilar.

– Porque é que eles haveriam de casar assim tão depressa? Nós tivemos um noivado de dois anos.

O Miles encolhe os ombros e engole mais rum.

– Se calhar ela está grávida.

O edifício abana. Eu afundo-me no sofá, mesmo em cima da barriga das

pernas do Miles. Ele volta a encher a caneca e, desta vez, quando a coloca à minha frente, emborco-a de uma vez.

– Oh, meu Deus – digo. – Isto é nojento.

– Eu sei – diz ele –, mas é o único álcool a sério que tenho. Mudamos para vinho?

Olho para ele.

– Não sabia que eras do tipo de gostar de vinho.

Ele fica a olhar para mim.

– O que foi?

Os olhos meio embriagados dele semicerram-se ainda mais.

– Não consigo perceber se estás a brincar.

– Não? – digo.

– Eu trabalho numa adega, Daphne – diz ele.

– Desde *quando*? – pergunto eu, incrédula.

– Durante os últimos sete anos – diz ele. – O que é que *pensavas* que eu fazia?

– Não sei – disse eu. – Pensei que eras estafeta.

– Porquê? – Ele abana a cabeça. – Com base no *quê*?

– Não sei! – digo. – Posso beber vinho?

Ele tira as pernas de debaixo de mim, levanta-se e vai à cozinha. Pela abertura entre a ilha e os armários superiores, vejo-o abrir uma porta que percebo que nunca abri. O pedaço que consigo ver está cheio de elegantes garrafas de vidro: branco, rosé, cor de laranja, tinto. Ele agarra em duas e volta a sentar-se ao meu lado. Agarra no porta-chaves saca-rolhas que tem preso ao cinto.

As janelas estão abertas e começa a choviscar, com a humidade do dia a cair enquanto ele retira a rolha de uma das garrafas e ma passa para a mão.

– Sem copo? – digo.

– Achas que vais precisar? – pergunta ele, ao mesmo tempo que tira a rolha da outra garrafa.

Os meus olhos percorrem o convite com ar caro que está caído no tapete desgastado do Miles.

– Acho que não.

Ele bate com a garrafa na minha e dá um gole demorado. Faço o mesmo, depois limpo uma gota de vinho do queixo com as costas da mão.

– Não sabias mesmo que eu trabalho numa adega? – diz ele.

– Não fazia ideia – respondo. – O Peter fazia parecer que tinhas uma data de biscates.

– Faço algumas outras coisas – diz ele evasivamente. – Além de trabalhar numa adega: a Cherry Hill. Nunca foste lá?

Ele olha para mim.

Abano a cabeça e dou mais um gole.

Os cantos da boca dele descaem.

– Ele nunca gostou de mim, pois não?

– Não – admito. – E a Petra? Odeia-me?

Ele franze o sobrolho e olha para a garrafa.

– Não. A Petra gosta de toda a gente e toda a gente gosta da Petra.

– Eu não gosto – disse. – Não gosto da Petra nem um bocadinho.

Ele olha para mim com um meio sorriso.

– Faz sentido.

– Ela nunca... – Enfio os pés entre as almofadas do sofá. – Sei lá, agiu como se tivesse ciúmes de mim? Fazias *alguma* ideia de que ela gostava... dele?

Outro sorriso sarcástico e nada satisfeito quando se vira para mim.

– Quer dizer, sim, às vezes eu ficava com dúvidas. Claro. Mas eles tinham sido melhores amigos desde que eram *crianças*. Não conseguia competir com isso, portanto, não pensava nisso e esperava que não fosse um problema.

De alguma forma, depois de tudo o que se passou, é *isto* que faz a coisa acontecer: começo a chorar.

– Ei – o Miles aproxima-se. – Está tudo bem. Está... merda. – Ele puxa-me à bruta contra o peito dele, com a garrafa de vinho ainda na mão. Beija-me o cocuruto da cabeça como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Na verdade, é a primeira vez que ele me toca, ponto final. Nunca fui muito carinhosa fisicamente, nem com os meus amigos mais próximos, mas tenho de admitir que após semanas sem qualquer contacto físico, sabe bem ser abraçada por alguém que é quase um estranho.

– É ridículo – diz ele. – É uma grande merda. – Ele afaga-me o cabelo com a mão livre, enquanto eu choro para cima da *t-shirt* dele, que tem um cheiro muito ligeiro a erva e muito mais a alguma coisa amadeirada misturada com especiarias.

– Desculpa – diz ele. – Devia ter deitado o convite fora. Não sei porque não o fiz.

– Não – afasto-me e seco os olhos. – Eu percebo. Não querias passar por isto sozinho.

O olhar dele está cheio de culpa.

– Devia ter ficado calado.

– Eu teria feito a mesma coisa – digo. – Juro.

– Ainda assim – murmura. – Peço desculpa.

– Não peças – insisto. – Não és tu que vais casar com a Petra em vez de comigo.

Ele estremece um bocadinho.

– Merda! Agora sou *eu* que peço desculpa – digo.

Ele abana a cabeça e afasta-se de mim.

– Preciso de um momento – diz ele, a evitar o meu olhar. Vira a cabeça para olhar pela janela.

Oh, meu Deus. Agora ele também está a chorar. Ou a tentar muito não o fazer. Merda, merda, merda.

- Miles! – Estou em pânico. Há muito tempo que não consolo ninguém.
- Só preciso de um momento – repete ele. – Está tudo bem.
- Ei!

Gatinho pelo sofá até ele e agarro-lhe a cara entre as mãos, prova de que o vinho já me entrou no sangue.

O Miles olha para mim.

- Eles – digo – não valem *nada*.
- Ela é o amor da minha vida – diz ele.
- O amor da tua vida não vale nada – digo-lhe.

Ele esboça um sorriso. Tem qualquer coisa de adorável, parece um cachorrinho e sinto a tentação de lhe despentear o já desgrenhado cabelo. Quando o faço, o sorriso dele quase desaparece. O movimento faz com que os seus olhos escuros brilhem.

Há seis semanas que não tenho sexo – e não é de todo um recorde pessoal – mas perante a expressão dele sinto um entusiasmo surpreendente entre as coxas.

O Miles é atraente, embora não seja o tipo de homem que nos deixa de queixo caído e com as mãos a suar. Esse era o Peter. A minha mãe dizia que era suficientemente bonito para a televisão. Do tipo que nos deixa logo desorientadas.

O Miles é do outro tipo. Do tipo que nos desarma o suficiente para não nos sentirmos nervosas a falar com ele, ou obrigadas a mostrar o melhor ângulo até que – pimba! De repente, está a sorrir para nós com o seu cabelo despenteado e sorriso atrevido e percebemos que a sua sensualidade tem estado a marinar em nós e que, de repente, sentimos falta dela.

Além disso, cheira melhor do que eu esperava.

Por outro lado: é meu colega de casa e estava agora mesmo a chorar pelo amor da sua vida.

De certeza que há formas mais pragmáticas de deixarmos de pensar nesta confusão.

– Queres ver *O Diário de Bridget Jones*? – ofereço.

– Não. – Ele abana a cabeça e eu largo-lhe o rosto, surpreendida com a forma como o meu coração reage à rejeição, ou talvez apenas à ideia de voltar para o meu quarto para estar sozinha com estes sentimentos. – Não devíamos choramingar – continua ele com outro abanar de cabeça.

- Mas estou a ficar tão boa nisso – queixo-me.
 - Vamos sair – diz ele.
 - Sair? – Até parece que nunca ouvi a palavra antes. – Para onde?
- O Miles levanta-se e estende-me a mão.
- Conheço um sítio.



Há duas horas, nunca teria imaginado que acabaria a noite num bar do bairro chamado MeatLocker, mas aqui estou eu a beber *shots* com o meu colega de casa e um velho *motard* chamado Gill.

O Gill tinha aprovado quando o Miles pôs a tocar *Witchy Woman* na *jukebox* do canto e, depois de se ter aproximado, bêbedo, e metido conversa, tinha querido saber como é que nos tínhamos conhecido, partindo do princípio de que éramos um casal. Sem hesitar, o Miles contou-lhe.

– O amor da minha vida fugiu com o noivo dela. – E isto inspirou muita solidariedade sob a forma de álcool por parte do Gill.

Enquanto jogávamos uma partida de dardos, duas de bilhar e um jogo de bebida cujas regras eram completamente incompreensíveis para mim, observei com admiração enquanto o Miles extraía com perícia a história de vida do Gill.

Nascido em Detroit, filho de uma enfermeira e de um operário da indústria automóvel que sofrera um acidente de trabalho, Gill tinha fugido para o Midwest de mota aos dezasseis anos. Tinha ido atrás uma banda em digressão durante uma década, depois tinha-se juntado durante um curto período de tempo a um culto na Califórnia, tinha sido segurança de algumas celebridades e acabado aqui depois de uns *problemas* misteriosos, ou com a lei ou possivelmente com a máfia, a única coisa que o Miles não lhe conseguiu sacar.

Para alguém com o charme social inato de um peixe empalhado (eu), observar o Miles a fazer amizade com este estranho é como ver Miguel

Ângelo a pintar a Capela Sistina: impressionante, mas também atordoante. Quer dizer, ele pode a qualquer momento cair do escadote e espalhar-se no chão de mármore.

O Gill continuou a pagar-nos bebidas, exceto quando a empregada de bar, uma ruiva gira com um *piercing* no nariz e uma tatuagem a dizer mãe nos ofereceu bebidas aos três.

Quando soa o aviso da última rodada, o Gill estende-nos uma nota de vinte dólares.

– Para o táxi.

– Não, não, não – diz o Miles, e empurra a nota. – Guarda o teu dinheiro, Gill. Senão, como é que vais para Las Vegas?

Las Vegas, tínhamos ficado a saber, era para onde ia a seguir.

Mas o Gill enfia a nota no bolso da *t-shirt* do Miles e, depois, dá umas palmadinhas amigáveis nas nossas bochechas com mãos calejadas.

– Muita força, miúdos – diz ele sabiamente, e depois vira-se, atira o blusão de cabedal puído sobre um ombro e, literalmente, *assobia* um adeus à empregada do bar.

Quando terminamos a nossa última bebida, a chuva já parou e a noite está agradavelmente fresca, por isso, decidimos caminhar até casa num ziguezague ébrio, com o braço do Miles sobre o meu ombro e o meu em volta da cintura dele, como se fôssemos dois velhos amigos em vez de uns recém-proclamados aliados muito bêbedos.

– Este tipo de coisas acontece-te muitas vezes? – pergunto.

– Que tipo de coisas? – diz Miles.

– O Gill – digo.

– Não há muitos Gills no mundo – responde o Miles.

– As bebidas grátis – clarifico. – As horas de conversa estimulante acerca de crimes que ele pode ter, ou não, testemunhado.

– Não sei. – Ele encolhe os ombros. – Às vezes.

– Com que frequência é que te pagam as bebidas, Miles?

Ele lança-me um olhar confuso.

– É um sítio amistoso.

– O MeatLocker? – pergunto.

– Butcher Town – diz ele.

Dou uma palmada na minha testa e ele para logo, surpreendido.

– *Por isso* é que se chama MeatLocker – digo. – Passei a noite toda a tentar perceber se era um bar de fétiches ou assim.

O Miles inclina a cabeça para trás, a rir.

– Achaste que eu te tinha trazido a um bar de fétiches? – Ele parece encantado. – O Peter disse-te que eu gostava de BDSM?

– Espera lá, *gostas*? – pergunto.

– Que eu saiba não – diz ele. – Porquê? Tu gostas?

– Provavelmente não – digo. – Acho que sou bastante aborrecida. Nessa área.

- Qual área?
- Sexual – respondo.
- Ficas ali deitada a olhar em silêncio para o teto? – pergunta ele.
- Desculpa lá – digo. – Não tens nada a ver com isso.
- Tu é que puxaste o assunto, Daphne – lembra-me.
- Não fico a olhar para o teto – digo.

Chegámos ao nosso prédio. Ele abre-me a porta e começamos a subir as escadas.

– Só mantenho o contato visual sem sequer pestanejar, como qualquer mulher respeitável.

– Vês? – diz ele, com um gesto para eu subir à frente dele. – Não és aborrecida. Assustadora, talvez. Mas não aborrecida.

– Mas *como* é que aquilo acontece? – pergunto, e os olhos do Miles abrem-se muito e a boca desenha uma mistura de sorriso e careta.

– Bem, quando duas pessoas se sentem atraídas...

– As bebidas grátis – interrompo.

Ele encolhe os ombros.

– Não sei. Não vou com essa intenção.

Devo estar a fazer uma cara de pouco convencida, porque ele franze o sobrolho.

– Achas que sou algum tipo de vigarista?

– Acho que és um tipo muito charmoso – digo.

– Ao nível dos insultos – diz ele enquanto para a meio das escadas – esse é novo para mim.

– Não te estou a insultar – digo, embora na realidade nunca tenha confiado muito nas pessoas que são demasiado charmosas. O meu pai é um tipo charmoso. Isso não significa que tudo o que ele diz seja verdade. – Só que... olha, eu sou *péssima* a conhecer pessoas novas.

– O Gill adorou-te – argumenta ele.

– Por osmose – digo. – Porque tu estavas lá. Adoro falar com pessoas que já conheço, mas quando conheço alguém novo, metade do tempo a minha cabeça está em branco e na outra metade faço uma piada que ninguém percebe que é uma piada, ou pergunto alguma coisa *demasiado* pessoal.

Ele lança-me um olhar de soslaio quando recomeçamos a subir.

– Não fizeste isso comigo.

– Não sei se reparaste – digo – mas eu mal falei contigo até esta noite.

– Foi por isso? – diz ele, com outra olhadela rápida na minha direção. – E eu a pensar que me odiavas.

Sou atingida por uma onda de calor, da cabeça aos pés.

– Claro que não te odeio. É impossível alguém odiar-te. – E então, porque estou com uma bezana, admito: – Talvez isso me faça suspeitar de ti um bocadinho.

Ele olha para mim, horrorizado.

– Quer dizer – apresso-me, a arrastar as palavras. – Sempre fui mais uma

pessoa de ter *alguns amigos próximos*. E quando conheço pessoas que gostam de toda a gente, e de quem toda a gente gosta, começa a soar um alarme na minha cabeça. Do género: «*Okay*, esta pessoa não vai ficar por aqui, portanto, não te afeiçoes.»

Agora ele parece mortificado.

– Isso é – diz ele – tão depressivamente cínico.

– Não, não, não – digo, à procura de uma forma melhor de me explicar. – Não tem problema! A não ser que o teu noivo te largue e tenhas passado o último ano a tentar ser amiga dos amigos *dele* e agora tenhas trinta e três anos e estejas a tentar lembrar-te de como é que se *fazem* amigos. Mas quem é que se encontraria nessa situação?

– Fazer amigos não é assim tão complicado – diz o Miles, o que me faz troçar, o que, por sua vez, o faz sorrir maliciosamente. – Estou a falar a sério, Daphne. Eu só gosto de falar com as pessoas. E quanto às bebidas grátis, eu dou boas gorjetas. Portanto, se for a um sítio várias vezes, tendo a ter desconto, porque o pessoal me conhece e sabe que eu os compenso com as gorjetas. Além disso, trabalho no setor dos serviços, e acho que os empregados de bar conseguem cheirá-lo. Que eu sou um deles.

– É o cheiro a biscoitos de gengibre? – A minha voz ficou cada vez mais arrastada enquanto subíamos as escadas.

O Miles para diante da nossa porta e ri-se.

– Biscoitos de gengibre?

É a isso que ele cheira. Doce e um bocadinho picante. Um cheiro natural a terra transformado em doçaria. Mando-o afastar-se em vez de responder e tento enfiar a minha chave na fechadura. Infelizmente, parece que a porta desenvolveu três fechaduras extra e não consigo encontrar a correta.

No meio do riso ele dá-me um encontrão para o lado, e retira-me desajeitadamente a chave da mão para fazer a sua própria tentativa.

– Merda! – diz quando ela faz ricochete na fechadura.

Continuamos a lutar pelo controlo da maçaneta, a empurrar-nos um ao outro de uma forma cada vez mais dramática, até que ele quase me atira ao chão e só me consegue amparar, por pouco, entalando-me contra a parede com as ancas.

Estamos a rir tanto que já estamos ambos a chorar quando um vizinho idoso deita a cabeça de fora da porta para resmungar um:

– Há aqui *pessoas* a tentarem dormir!

– Desculpe, Sr. Dorner – diz o Miles como um aluno que está a ser repreendido.

O Sr. Dorner retira-se.

Eu semicerro os olhos na direção dele.

– Ele não costuma ter cabelo?

O Miles rebenta num riso nada silencioso. Tapo-lhe a boca com a mão para o calar.

– Pensaste que aquele cabelo era *verdadeiro*? – pergunta ele. – Deves ser

a pessoa mais ingênua à face da Terra.

– Quer dizer – digo – apesar do meu cinismo inato, acho que as últimas seis semanas já provaram que somos ambos muito, mas mesmo *muito* crédulos.

Há um par de horas, isto poderia ter despoletado no meu cérebro uma reação *começa-a-chorar-depressinha*. Desta vez, desatamos apenas a rir.

A fechadura do Sr. Dorner volta a fazer-se ouvir. O Miles apressa-se a abrir a nossa porta e empurra-me para dentro antes que tenhamos de enfrentar outra reprimenda. Ofegantes, encostamo-nos os dois à porta, para a fechar.

– Sinto que estamos no Parque Jurássico – diz ele, o que me faz rir ainda mais.

– O quê? – engasgo-me.

– Que fechámos a porta a uma data de raptos – explica ele.

– Não me parece que os dentes do Dorner constituam esse tipo de ameaça, Miles – digo. – Tenho quase a certeza de que ele nem sequer os tinha postos.

– Sabes o que é que eu acho?

– O quê? – pergunto.

– Acho que devíamos fazê-lo – diz ele.

O meu coração acelera. A minha pele começa a ficar muito quente e depois muito fria.

– *O quê?*

– Vamos confirmar a presença – diz ele. – Vamos ao casamento deles. Embebedamo-nos. Comemos o bolo antes de eles sequer o cortarem e vomitamos na pista de dança.

Rio-me.

– *Okay.*

– Estou a falar a sério – diz ele. – Vamos.

– Nem pensar – digo.

– Está bem, pronto – responde ele. – Então vamos apenas *dizer* que vamos.

– Miles – respondo. – *Para quê?*

– Para os fazer suar – diz ele. – E para os obrigar a pagar noventa dólares por cada prato de frango seco que ninguém vai comer.

– Os pais deles é que vão pagar o frango – digo. – E não conheço os Comers, mas os Collins são pessoas *maravilhosas*.

Ele hesita. Não sei por causa de que parte, mas houve alguma coisa que eu disse que lhe mudou um bocadinho a disposição.

– Também são ricos – diz ele. – Noventa dólares não é nada para eles e, pelo menos, desta forma vão passar os próximos meses com medo de que nós apareçamos e lhes estraguemos o dia especial.

– Talvez eles não queiram saber – digo.

O sorriso trocista desaparece-lhe da cara.

– Merda – diz ele. – Tens razão. Suponho que tenha sido por isso que

nos convidaram.

Solto um ronco.

— Tu *sabes* porque é que nos convidaram, Miles. Porque são ambos viciados em serem universalmente amados. E são bons nisso. Suficientemente bons para não perceberem que não podem ser amados por pessoas cujos corações destruíram por completo. Eles acham que estão a ser muito altruístas. Mas eles não *podem* ser os bonzinhos. Durante os próximos anos, eles têm de viver com o facto de que são os sacanas.

Ele não parece convencido, mas agora eu tenho a certeza.

— Temos de confirmar a nossa presença — digo. — Eles não são os bonzinhos. Eles que se lixem!

— Eles que se lixem! — concorda ele.

— Eles que se lixem! — quase grito.

O Sr. Dorner bate na parede. O Miles coloca o dedo indicador sobre os meus lábios.

— Eles que se lixem! — sussurra.

— Eles que se lixem! — sussurro de volta.

Ele observa os meus lábios a moverem-se contra os dedos dele. Sinto outro formigueiro agradável.

— Devíamos ir para a cama — digo.

E depois, porque me saiu um bocado baixo demais, digo:

— Quer dizer, *eu* tenho de ir para a cama.

Ele deixa cair a mão.

— *Depois* de confirmarmos a nossa presença.



Acordo com a luz forte do meio do dia e uma enorme dor de cabeça. Lembro-me da noite anterior aos pedaços e por ordem aleatória.

Uma caminhada para casa, bêbedos.

Uma mesa de bilhar esfarrapada.

Um dedo contra os meus lábios.

Risos no corredor.

E depois o Sr. Dorner? Estava? Ali? Por alguma razão? A certa altura?

Antes disso, ou talvez depois, o Miles e eu bebemos vinho tinto diretamente da garrafa.

A dada altura tínhamos estado na rua, a andar abraçados, com a mão dele na minha cintura, onde a minha saia tinha subido. O meu pescoço e a minha cara aquecem.

Estou a tentar acelerar as memórias, para ter a certeza de que só fiz alguma coisa *ligeiramente embaraçosa* e nada *irrevogavelmente humilhante*.

A aceleração das imagens não ajuda. Lembro-me de cair sobre a cama,

exausta, apenas para perceber que não conseguia dormir, porque *também* estava um bocado excitada.

Oh, meu Deus, comecei a *chorar* a certa altura?

Espera aí. Foi o *Miles* que chorou? De certeza que não.

Ponho-me a apalpar, à procura do telemóvel e encontro-o enrolado nos lençóis. Pelos vistos, tive, pelo menos, o discernimento de desligar o alarme. É quase meio-dia.

Nunca durmo até tão tarde.

Passo os olhos pelas mensagens, à procura de alguma prova incriminatória da minha bebedeira. Mas não enviei nada depois do trabalho.

No entanto, existe outra coisa preocupante no meu ecrã.

Um novo ícone.

Uma aplicação de encontros.

Não me lembro nada de a descarregar. Não me lembro de quase nada depois do bar.

Arrasto-me para fora da cama e espero que as pontadas no meu crânio passem antes de cambalear até à sala. Sinto-me como se fosse feita de *resíduos nucleares*.

O apartamento está em silêncio, mas não está limpo. Há meia dúzia de garrafas de água vazias em cima da mesinha de apoio, na bancada da cozinha e na mesa de pequeno-almoço para dois. A garrafa de rum de coco está vazia e ambas as garrafas de vinho também.

Sinto-me como o Hercule Poirot, a dar de caras com um mistério de assassinato sem corpo nem sangue, apenas a incómoda suspeita de que *alguma coisa* aconteceu ali. Alguma coisa importante.

Nesse momento, o meu telefone começa a tocar na minha mão.

Vejo o nome dele no ecrã.

De repente, lembro-me.

E queria mesmo muito não me lembrar.



Domingo, 19 de maio

90 dias até poder ir-me embora

Tento recompor-me, recuperar o fôlego e aclarar a garganta, para não ter de atender com um grasnar desidratado.

É claro que não *tenho* de atender.

Mas é a primeira vez, em semanas, que tenho notícias do Peter, e só a ideia de *não* ouvir aquilo que ele tem para dizer – de ficar para sempre na dúvida – deixa-me doente.

Estou a brincar, os *shots* do Gill já estão a tratar disso.

O nome Gill surgiu-me do nada, com a imagem de uma barba grisalha entrançada a passar-me pela cabeça.

Encosto o telemóvel à orelha e dirijo-me à janela, à procura de ar. Está fresco lá fora, parece mais primavera do que verão, hoje.

– Olá! – digo, demasiado alto, com demasiada energia, e demasiado alegre. Uma trilogia rara.

– Daphne? – A voz suave do Peter enche-me o coração, como hélio.

– Sim? – digo.

Há um silêncio.

– A tua voz parece diferente.

– Sinto-me diferente – respondo. Sem fazer ideia de porque é que me sai isto.

– Oh. – Silêncio do outro lado.

– E então? – digo.

Outra pausa.

– Então, recebi a confirmação da tua presença.

Encosto a palma da mão na testa e pressiono, com força, contra o latejar que ali sinto.

– Sim.

– E acho que... – Ele respira fundo. – Queria ter a certeza de que está tudo bem.

– Tudo bem?

Parece que estou outra vez na aula de Cálculo, no liceu, com pedaços aleatórios de equações e de números a flutuar à minha volta de forma absurda: há aqui algum tipo de sentido, mas *não* tenho o cérebro certo para o interpretar.

– Sim, quer dizer... – Uma respiração suave. – Sabes que não *tens* de vir.

O meu riso soa mais como uma tosse.

– Quer dizer, é claro que nós adorávamos que viesses – apressa-se ele a dizer.

Só ouvir aquele *nós* é o suficiente para me deixar nauseada, como se tivesse devorado uma sopa de marisco e, depois, corrido para uma montanha-russa. *Nós* é que costumávamos ser o *nós* de que ele falava.

– Só queria que soubesses que não há nenhum tipo de pressão da nossa parte – diz ele.

Nossa. Nós.

Vamos lá usar as palavras mais dolorosas e garantir que cada uma delas está carregadinha de condescendência.

A pior parte, mesmo depois disto tudo, é que *não tenho a certeza* de que não o amo. Quer dizer, não esta versão dele, mas a parte que se lembrava de todas as datas importantes, que me trazia flores só porque passava por uma florista, o Peter que mandava entregar a minha sopa favorita sempre que eu ficava doente.

As partes que agora estão reservadas para ela.

– Sabemos que isto deve ser muito difícil para ti – está ele a dizer e, de repente, volta a ser o outro Peter. Aquele que eu odeio. – E eu... eu detesto pensar em ti lá sozinha...

Como se tudo isto não fosse suficientemente humilhante, ele ligou-me para ter a certeza de que eu sei que ele se sente mal por mim. Começo a ferver.

– Não vou estar sozinha – digo.

– Quero dizer, sem um acompanhante – clarifica ele, desnecessariamente.

– Eu sei – digo. – Vou levar o meu namorado.

Enquanto o estou a dizer, há uma voz aos berros no meu cérebro: o que é que estás a fazer?

Olho para a janela e faço uma cara de grito, com uma mão ao lado da

cara. Interrogo-me se terá sido este exato cenário a inspirar o quadro *O Grito*, de Edvard Munch.

– O teu namorado? – A voz do Peter transborda de incredulidade.

Não, diz o meu cérebro.

– Sim – diz a minha boca.

– Mas... a tua confirmação de presença não refere um acompanhante.

Geralmente não sou mentirosa. Na realidade, às vezes ainda fico acordada a pensar naquela vez, no sexto ano, em que tinha acabado de mudar de escola e uma rapariga começou a conversar comigo sobre o meu colar com um cavalo e, no meu desespero para fazer amigos, fui possuída por um demónio que me levou a dizer-lhe que adorava cavalos e que tinha crescido a ir a um campo de equitação todos os verões.

Tinha andado a cavalo duas vezes. Da segunda vez, caí do cavalo, se é que isso interessa.

Depois daquela conversa eu passei a evitar aquela rapariga por causa da culpa. Felizmente, voltámos a mudar-nos seis meses depois.

Mas, aparentemente, o demónio tinha voltado a encontrar-me, porque, sem pensar, sem planear, saiu-me uma mentira dos lábios, completamente formada.

– Não precisava de um acompanhante. Ele tem o seu próprio convite.

O silêncio pesado diz-me que o Peter está agora a fazer contas invisíveis de cabeça. Só que ele tem cérebro para a coisa.

– Não podes estar a falar... – A voz dele passa da incredulidade à descrença total. – Estás com o *Miles*?

Não, não, não, grita a voz na minha cabeça.

– Sim! – solta a minha boca.

Volto logo ao grito silencioso de Munch pela janela.

O silêncio seguinte prolonga-se durante demasiado tempo. Não sou capaz de o quebrar, porque a única coisa que me ocorre para dizer é: *Não sei porque é que disse isto, é uma mentira pegada*. Mas também não o consigo dizer. *Não posso dizer-lhe isso*.

O Peter aclara a garganta.

– Bem, o casamento é só daqui a alguns meses.

– Eu sei – digo. – Dia do Trabalho.

– Pode mudar muita coisa até lá – diz ele.

Fico boquiaberta. Ele está mesmo a insinuar que o meu relacionamento falso não vai sobreviver três meses até ao casamento dele... quando a relação *dele* começou há pouco mais de um mês?

– Lá estaremos – digo.

NÃO, grita o meu cérebro.

– Okay – diz o Peter.

Tenho de desligar, antes que lhe atire com uma gravidez fictícia.

– Tenho de ir, Peter. Fica bem.

– Sim – diz ele. – Tu t...

Desligo.

Fico parada à frente da janela durante cinco segundos e, depois, vou direta à porta do Miles, um pecador a caminho da confissão.

Bato. Não há resposta. Bato com mais força.

– Miles, estás acordado?

Agito a maçaneta. Ou esperava fazê-lo, mas a porta está destrancada. Por isso, acabo por cair para dentro do quarto dele, e amparo-me à cómoda. A televisão oscila e, enquanto a agarro, ouço uma voz atrás de mim.

– Estás a roubar a minha televisão?

Viro-me, à espera de encontrar o Miles estendido na cama. Ao invés, está junto à porta, completamente vestido, e tem na mão um saco de papel manchado de gordura.

Largo a televisão.

– Quase a deitei ao chão – explico.

– Porquê? – pergunta.

– Disse ao Peter que nós estamos a namorar – digo.

Ele olha para mim durante três segundos e depois desata a rir.

– O que é que isso tem a ver com a televisão?

– Nada – digo.

Ele ri-se de novo e sai para o corredor.

– Onde é que vais? – chamo-o.

– Buscar molho picante *sriracha* – diz ele.

– Porquê? – pergunto, e sigo-o até à cozinha.

– Para a minha sandes de pequeno-almoço. – Ele pousa o saco na bancada, a caminho do frigorífico.

– Ouviste o que eu disse? – pergunto.

– Disseste ao Peter que nós estamos a namorar – confirma, perscrutando o frigorífico à procura do molho picante.

– Não estás zangado? – digo.

Ele volta-se com a garrafa de *sriracha* e um frasco sem rótulo com alguma coisa escura e pegajosa.

– Porque é que haveria de estar zangado?

– Porque não estamos a namorar – digo.

– Eu sei disso. – Ele despeja o saco em cima da bancada e caem duas sandes enroladas num papel amarelo. Ele empurra uma na minha direção e, depois, vira-se para a cafeteira já cheia.

– Há quanto tempo é que estás acordado?

– Não sei. – Encolhe os ombros. – Há uma ou duas horas. – Volta para a bancada com duas canecas de café fumegante. Passa-me uma caneca com o Garfield a usar um chapéu de *cowboy*.

– Açúcar?

Abano a cabeça. Não gosto muito de café. Vou só bebericar o suficiente para me ver livre da ressaca.

O Miles abre o frasco e deita no café uma colher de, provavelmente,

xarope de ácer.

– Isso é bom? – pergunto e inclino-me para a frente para ver.

– Não sei – diz ele. — Mas parece que deve ser. Ligaste-lhe quando estavas bêbeda?

– O quê? – digo.

– Ligaste ao Peter quando estavas bêbeda? – diz ele enquanto desenrola a sandes, a abre ao meio e afoga o ovo e o abacate em *sriracha*.

– Não, ele é que me ligou.

Ele para com a sandes a meio caminho da boca. Volta a rir-se e baixa a sandes.

– Espera aí. Ontem à noite nós confirmámos a nossa presença no casamento?

Ouvi-lo outra vez, em voz alta, faz o meu corpo estremecer. A grunhir, deixo cair a cara em cima dos antebraços, sobre a bancada.

– Espera, espera. – O Miles encosta a palma da mão na minha testa e vira-me a cara para conseguir ver-me os olhos. – Foi por isso que ele te telefonou? Porque recebeu a confirmação?

Confirmo com a cabeça.

– Ele ligou para me dizer que eu não tinha de ir. Que ele sabe o quão difícil seria para mim estar lá, *completamente sozinha, destroçada e solitária e sem amor*.

O Miles bufa.

– Sacaninha presunçoso.

– Ele tem um metro e noventa – digo.

– Gigantesco parvalhão presunçoso – corrige. Depois, passado um bocado: – Ou talvez, não sei, ele achasse que estava realmente a ser simpático?

– Não, acertaste da primeira vez.

O Miles desenrola a minha sandes de pequeno-almoço e empurra-a em direção à minha cara. Dou uma dentada e, a seguir, ele pausa-a à frente do meu queixo.

– Espera! – Ele coloca as mãos na bancada, com uma expressão brilhante. – Então, ele ligou para tentar fazer-te sentir patética, para não ires arruinar o dia especial dele e tu disseste-lhe que nós estávamos a namorar?

– Desculpa – digo outra vez.

– Isso é brilhante – diz ele. – Como é que ele reagiu?

– Algum silêncio, algumas interjeições de descrença – digo. – Um lembrete de que o casamento é só daqui a três meses e que não há hipótese nenhuma de nós ainda estarmos a namorar nessa altura. Muito perspicaz da parte dele, visto não estarmos a namorar agora.

Baixo a cara, a gemer outra vez por causa de uma nova ronda de pontadas na cabeça.

– Come alguma coisa – diz o Miles. – Vai ajudar.

Trepo para cima de um dos bancos de madeira desirmanados, puxo a

sandes para mim e dou uma dentada vigorosa.

– Talvez *devêssemos* namorar – diz o Miles.

Engasgo-me. Ele observa-me a tossir, com um sorriso malicioso a formar-se na boca maliciosa.

– Sim – consigo finalmente dizer. – Um par de cornos partilhado é um terreno fértil onde o amor pode despontar.

– Isso mesmo – diz ele. – E isso ia chateá-los à grande.

– Tal como referiste – digo – eles não estão nem aí. Vão casar-se, Miles.

– E há seis semanas, *tu* ias-te casar – diz ele.

– Ei, se estás disposto a lembrar-me disso todos os dias, posso tirar do meu despertador a mensagem acorda, estás a ser traída, parva.

– Não, quer dizer, há algumas semanas tu e o Peter estavam noivos. E, ainda assim, ele tinha ciúmes de *mim* e *tu* tinhas ciúmes da Petra.

– Desculpa? – digo.

– Estou a citar-te – diz ele.

– *Quando* é que eu disse isso? – digo.

– Quando puseste a tocar *Witchy Woman* pela terceira vez ontem à noite.

Fecho os olhos.

– Não te lembras de nada do que aconteceu, pois não? – Ele parece divertido perante a ideia.

– Lembro-me do Glenn – digo.

– Gill – diz ele.

– Isso.

– O que eu quero dizer é que lá por estarem noivos não significa que estão livres de ter ciúmes. – Ele dá outro gole no café. Eu dirijo a mão para o frasco de xarope de ácer e ele empurra-o na minha direção.

Deito um bocado no meu café e experimento.

– O que achas? – pergunta ele, e inclina-se para a frente.

– É bom – digo. – Onde é que o arranjaste?

– Oh, é só um dos meus incontáveis biscoitos – diz ele.

Fico com a cara a arder.

Ele ri-se e dá outra dentada na sandes, o que me lembra de comer a minha.

– Não vamos ao casamento deles como um casal falso – digo.

Ele encolhe os ombros.

– *Okay*.

– Não me vais convencer.

– Tudo bem – diz ele.

– Estou a falar a sério – digo.

– Ele ainda te segue nas redes sociais ou bloqueaste-o? – pergunta ele.

Contorço-me no banco e ocupo-me com outro gole de café.

– Deixei de o seguir, mas não o bloqueei.

Uma parte de mim muito, muito patética, não queria fechar completamente a porta. Eu queria que ele tivesse saudades minhas, ainda que

numa pequena fração da falta que eu sentia dele. Eu queria que ele se arrependesse de me ter perdido.

Não fiz uma única publicação desde que nos separámos.

– Não sei se ele ainda me segue, ou não – continuo.

– Sabes, sim senhora – diz o Miles.

– Está bem, pronto, até ontem, seguia.

– Posso ver o teu telefone? – pergunta o Miles.

– Eu *não* o quero bloquear – digo.

– Não é o que vou fazer – promete.

Dou-lhe o meu telemóvel e ele pousa a sandes, a mastigar enquanto vai mexendo no ecrã. Depois dá a volta à bancada, para ficar atrás de mim, com o telefone à nossa frente e a câmara ligada. Inclina-se, envolve o meu pescoço com o braço livre e faz um sorriso com covinhas.

– O que é que estás a fazer? – pergunto, e viro-me para ele com o nariz a roçar-lhe a bochecha.

– Já está – diz ele, levantando-se e devolvendo-me o telemóvel.

A foto que ele tirou ainda está no ecrã. Estou a meio da frase, com os lábios praticamente na cara dele, e ele está a sorrir, com um vislumbre das suas tatuagens de estilo marinheiro a cruzar o meu peito de forma descontraída, mas vagamente sugestiva.

Parecemos bastante um casal, se ignorarmos o facto de que também parecemos duas pessoas que não têm absolutamente nada em comum. Mas, por outro lado, suponho que seja assim que o certinho do Peter e a espírito livre da Petra parecem, ao lado um do outro.

Só que a Petra usa essa estética como se fosse uma estrela *pop*, e o Miles parece o tipo do liceu que chumbou de propósito no último ano para ficar por ali mais um bocado e, depois, começou a vender perfumes falsificados da bagageira do carro no parque de estacionamento.

Não que eu pareça muito melhor. Tenho uma mancha de abacate no queixo.

– O que é suposto eu fazer com isto? – digo.

– O que quiseses.

O Miles amarrota o papel da sandes e atira-o para o caixote do lixo.

– O que queres dizer com isso?

– Daphne – Ele inclina-se para a frente sobre os cotovelos e passa uma mão pelo cabelo. Fica no sítio, a desafiar a gravidade. A barba dele também está toda espetada, com tufos escuros, como um jovem Wolverine desleixado e ressacado. – Sabes bem onde é que quero chegar.

– Queres que eu publique isto para ele pensar que nós estamos a namorar – digo.

– Não – diz ele, divertido. – Pessoalmente, quero que tu publiques isso para a Petra pensar que nós estamos a namorar.

– Porque é que não publicas *tu*? – digo.

– Porque eu não tenho redes sociais – diz ele.

– Pois é – lembro-me de o Peter mo ter dito. Eu tinha estado a ver o *feed* da Petra, sinceramente, ao nível das *influencers* profissionais, e não só o Miles não estava identificado em nenhuma das fotos, como a cara dele não estava em nenhum lado. Quando perguntei sobre isto ao Peter, ele revirou os olhos e disse qualquer coisa de forma irritada acerca de o Miles ser *demasiado bom para estar nas redes sociais*.

Só de pensar nisso agora, é o suficiente para me deixar furiosa.

Não escrevo nada. Publico só a foto.

O Miles sorri e dá-me um *high-five*.

– Somos mauzinhos, ou apenas imaturos? – diz ele.

– Talvez só amargos – respondo. – Ei, obrigada pela sandes, já agora.

– Obrigada pela conversa motivacional na noite passada – diz ele.

– Quando é que isso aconteceu? – pergunto.

– Quando pusemos a tocar *Witchy Woman* pela *quarta* vez – diz ele.

Surge-me uma lembrança desfocada, durante apenas um segundo, antes de voltar a ficar atordoada pelo vinho e pelos *shots*: encostada a uma porta pegajosa, sob o brilho de um anúncio de néon, a agarrar ambas as faces do Miles enquanto afirmava, o mais claramente que conseguia: *Vai ficar mais fácil. Por esta altura, no próximo ano, nem te vais lembrar do nome dela.*

Se continuarmos a beber assim, tinha ele respondido, *tenho a certeza de que nem me vou lembrar do meu nome.*

O Miles agarra na *sriracha* e volta a enroscar a tampa do frasco.

– Tenho cenas para fazer, mas se tiveres notícias do teu ex, diz-lhe que eu mandei dizer... – Ele levanta o dedo do meio.

– Se tiveres notícias da tua, diz-lhe que *agradeço pelo novo namorado*.

– Com todo o gosto – diz ele, e vira-se para sair.



Sexta-feira, 24 de maio

85 dias até poder ir-me embora

Na sexta-feira seguinte estou a jogar a versão de Tetris de que menos gosto ao balcão de atendimento: a escolher quais os lançamentos de outono a comprar. A reordenar a lista e a alterar as prioridades, a cortar título após título até que o custo se encaixe finalmente no nosso orçamento.

Sempre que estou prestes a cortar um livro, vem-me à cabeça uma cara diferente, da criança ou das crianças para quem o escolhi especificamente.

Um livro ilustrado de super-heróis para o Arham. Um título sobre sereias para a Gabby Esteves, de oito anos. Um livro denso de fantasia para adolescentes que me tinha recordado da primeira vez que lera Philip Pullman, para a Maya, uma pré-adolescente de aparelho nos dentes e um emblema dos The Smiths na mochila, que tem um nível de leitura tão avançado para a idade que começou a fazer-me recomendações a *mim*. Ela é tão tímida que demorei meses até conseguir que respondesse à minha conversa de circunstância acerca de livros (a única que sei fazer). Mas agora, ela conversa à vontade durante quarenta minutos seguidos sobre livros que ambas lemos e adorámos, uma espécie de clube de leitura informal com duas pessoas. Tenho estado a tentar convencê-la a juntar-se a um dos grupos de leitura para adolescentes, mas ela informou-me muito educadamente que não gosta de «atividades de grupo» e que é «mais do tipo independente».

Basicamente, ela é igual a mim quando eu tinha doze anos, se eu tivesse sido novecentas vezes mais fixe. Até no facto de ser a única filha de uma mãe

solteira demasiado atarefada, mas carinhosa, com uma queda por *rock* gótico britânico dos anos 1980. Durante o período escolar, a Maya percorre a pé a curta distância entre a escola e a biblioteca, e a mãe apanha-a quando termina o trabalho como assistente jurídica.

O novo livro de fantasia que eu escolhi pessoalmente para ela é o mais caro da lista, mas não suporto a ideia de ter de o eliminar. Por regra, debato este tipo de coisas com o diretor, o Harvey, mas ele saiu mais cedo para ir à Queima das Fitas da filha mais nova, que acabou o curso de Medicina (as outras duas já são médicas; pelos vistos, criou um exército de mentes brilhantes).

No gabinete que partilhamos todos, a responsável pela literatura para adultos, a Ashleigh Rahimi, está ao telefone e a porta fechada reduz as palavras dela a um murmúrio.

Sobre a secretária, o meu telemóvel também estremece com uma notificação da Sadie. As minhas expectativas crescem, mas depois esmorecem assim que vejo que em vez de me enviar uma mensagem ou fazer um comentário, ela só fez *like* na minha foto mais recente.

Aquela em que eu pareço estar a um milissegundo de lamber a cara do Miles enquanto ele se debruça sobre mim, com o braço a cruzar-me o peito.

Entro na conta da Sadie e arrependo-me logo. Ela usa as redes sociais tão poucas vezes quanto eu, o que significa que vejo logo ali, no topo das imagens, há três gostos atrás, uma foto dela com o Cooper, comigo e com o Peter, na Chill Cost Brewing, durante a nossa última visita, sendo que a cerveja é a única coisa que leva o Peter a quebrar a sua dieta com poucos hidratos.

Pessoalmente, detesto cerveja. Obviamente, a Petra adora. Ela é um sonho com pernas e eu sou uma bibliotecária que, na verdade, usa mesmo muitos botões e axadrezados.

Através da porta do escritório ouve-se um grito frustrado. Não é bem um grito, mas um som suficientemente alto para levar os miúdos que estão a jogar no computador a virarem-se todos ao mesmo tempo na direção do balcão de atendimento.

– Está tudo bem! Tudo bem – digo-lhes com um acenar.

Atrás de mim, a porta abre-se de repente e a Ashleigh, uma meia leca de metro e meio com um carrapito do tamanho de um melão no topo da cabeça, irrompe lá de dentro.

– Nunca faças amizade com mães – diz-me, antes de se dirigir com fúria à sua cadeira de escritório.

– Tu és mãe – ressalvo.

Ela descarrega em mim.

– Eu sei! – grita. – E isso significa que tenho uma noite, a cada duas semanas, em que posso fazer alguma coisa divertida com outros adultos, só que todos esses adultos a quem *costumava* telefonar, *também* são pais e, em alguns casos, parceiros. Portanto, metade das vezes os planos saem gorados

porque alguém está a vomitar ou caiu de um trampolim ou se esqueceu de que tem de construir um maldito vulcão para a aula de ciências do dia seguinte!

– Ashleigh – sussurro, virando a cabeça para a fila de adolescentes a jogar.

Ela segue o meu olhar e retribui o olhar deles com um seco:

– O que foi?

Eles viram-se outra vez para os monitores.

– Quero sair – diz ela. – Quero vestir-me de forma sensual em público e beber álcool e falar de alguma coisa que não seja *Dungeons & Dragons*.

Quando ela diz isto, imagino-me em casa, sozinha, a ver casais felizes a comprar ou a renovar as suas casas de sonho na HGTV, tal como aconteceu na *última* sexta-feira à noite, e na sexta anterior a essa e, basicamente, todas as noites desde a separação, à exceção da minha escapadela alcoólica com o Miles até ao MeatLocker.

Entretanto, as redes sociais do Peter e da Petra são um documentário em tempo real com eles aos beijos, aos abraços e a tirarem *selfies* nos nossos antigos locais, com os nossos antigos amigos de Arbor Park.

Os locais *dele*, corrijo-me. Os amigos *dele*. E Arbor Park também é o bairro *dele*.

Tinha pensado que estávamos a construir alguma coisa permanente juntos. Agora, percebo que tinha apenas acrescentado a minha vida à *dele*, ficando sem vida própria.

Sinto as palavras a subirem-me à garganta e, depois, a serem cuspidas.

– *Eu* estou livre hoje à noite.

A Ashleigh fita-me, de olhos esbugalhados. Como se eu tivesse acabado de lhe vomitar em cima dos sapatos. Ou como se eu tivesse regurgitado um sapato inteiro.

Procuro uma forma educada de voltar atrás.

Penso em alguma coisa do género: *Oh, raios, esqueci-me que tenho planos para organizar o meu e-reader*, quando ela me presenteia com um abrupto encolher de ombros e diz:

– Porque não? Manda-me a tua morada por mensagem e eu vou-te buscar a caminho da Chill Coast.

– Chill Coast? – Tenho a certeza de que a minha cara passou de vermelha a branca como a cal.

Felizmente, a Ashleigh está a olhar para o telemóvel.

– É uma cervejaria – diz ela, a escrever. – Em Arbor Park. A amiga que me deixou pendurada disse que era super gira, com um grande terraço.

Não há hipótese nenhuma de eu poder ir à Chill Coast. Waning Bay já é suficientemente pequena sem eu ir diretamente ao bar no centro do «Peterverso».

– A não ser... – A Ashleigh percebe a minha hesitação. – Tens outra ideia?

É óbvio que não tenho mais nenhuma ideia. Não estou a ver a Ashleigh a

gostar do MeatLocker.

Mas tenho de dizer alguma coisa, por isso, sai-me o primeiro sítio, o único sítio, que me vem à cabeça.

– Cherry Hill.

Ela ergue a sobrancelha escura, com desconfiança.

– É uma adega.

– É aquela que tem um empregado de bar todo jeitoso que trafica droga, ou a outra ao fundo da rua que só passa Tom Petty?

– Humm – digo – eu só conheço... o vinho.

Ou seja, eu sei que eles *têm* vinho.

Após uma pausa prolongada, ela diz:

– *Okay*. Cherry Hill.

– Ótimo! – digo.

Ela volta à tarefa de registar os livros.

– Vais assim vestida?

Olho para baixo, para o meu vestido castanho abotoado até cima.

– Não?



– Eu e uma colega vamos passar pela Cherry Hill logo à noite – digo ao Miles da porta, enquanto ele lava os dentes na nossa minúscula casa de banho com azulejos cor-de-rosa.

Ele encontra o meu olhar no espelho, com a espuma a escapar-lhe da boca.

– Porque é que dizes isso assim? – pergunta ele.

– Assim como?

– De forma ameaçadora. – Ele cospe no lavatório e abre a torneira. – Do tipo: *Eu e a minha amiga vamos fazer-te uma visitinha e podemos levar um taco de baseball connosco*.

– Porque eu a minha amiga vamos fazer-te uma visita – digo – e podemos levar um taco de baseball connosco.

Ele mergulha a cabeça no lavatório, debaixo de água, para enxaguar. Quando se endireita, agarra na toalha e cobre a cara toda com ela.

– Pensei só que poderia ser estranho eu aparecer sem dizer nada – digo.

Ele vira-se para mim, com uma mão e a anca contra o lavatório.

– Sinto-me lisonjeado por te teres lembrado onde é que eu trabalho.

– Precisava de um sítio fixe, para impressionar a Ashleigh, e foi o que me saiu inconscientemente – admito.

– Ela ficou impressionada? – pergunta. – Ela gosta do nosso vinho?

– Não faço ideia – digo. – Mas ela acha que um dos empregados de bar é traficante de droga. Ou que passam muito Tom Petty.

Ele franze o sobrolho.

– Ela ainda não deve ter experimentado o *pinot*.

Rio-me, surpreendida.

– Ficaste ofendido?

– Um bocadinho – admite ele, com um encolher de ombros. – Já recebeu duas medalhas de ouro. Assegura-te de que ela o prova esta noite.

– Vou fazer os possíveis – digo.

Durante um momento, ficamos ali os dois de pé.

Ele acena em direção à porta, que eu estou a bloquear.

– Certo! – Desvio-me, ele passa por mim e o aroma dele atinge-me, quente e vagamente picante. – Até logo – digo por cima do ombro enquanto me fecho no quarto para continuar a minha seleção de roupa, até agora infrutífera.

Lã, axadrezados, cetim a fingir ser seda, tudo peças de fácil conjugação umas com as outras e todas com um ar de professora enfadonha, até as minhas roupas de verão mais descontraídas. A Sadie costumava dizer que o meu *look* estava situado na interseção do Estilo Pessoal Como Afirmação de Personalidade com o Não Olhem para o Meu Corpo, o que é, basicamente, verdade.

Uma pesquisa rápida no Google sobre «o que usar numa adega», revelou uma infinidade de roupas claras e leves que podiam ser retiradas de um romance da Elin Hilderbrand. O meu guarda-roupa é constituído sobretudo por cremes, beges, caramelos e castanhos. Podia ir apenas de calças de ganga e *t-shirt*, mas suponho que entre ir demasiado bem vestida ou demasiado mal vestida, a última seria a pior afronta à Ashleigh, e quero causar boa impressão.

Portanto, engulo o orgulho e visto o vestidinho preto sem costas que comprei para a minha festa de noivado com o Peter.

Nunca mais o usei, o que é estúpido, porque custou *muito* mais do que eu podia geralmente pagar (o Peter comprou-o) e fica-me muitíssimo bem.

Quinze minutos depois das sete, alguém bate à porta. Não estou surpreendida por ela estar atrasada. Só *estou* surpreendida por ela ter subido até ao apartamento. Pensei que tinha três lanços de escada para superar os meus nervos de *sair com uma pessoa nova*, antes de dar de caras com ela.

Há anos que não faço uma nova amizade. Quer dizer, *fazer* mesmo um amigo novo, não apenas herdar os do Peter, ou os da Sadie, que sempre foi muito mais sociável do que eu.

Aliso a parte da frente do vestido, uma adolescente de dezasseis anos nervosa prestes a descobrir se conseguiu *mesmo* um acompanhante para o baile de finalistas, ou se os outros miúdos estão prestes a atirar-lhe sangue de porco para cima.

Quando abro a porta, a Ashleigh sobressalta-se, porque estava a olhar para o telemóvel.

– Não precisavas de ter subido – digo. – Podias ter-me enviado mensagem do carro.

– Bebi uma bebida energética a caminho e a minha bexiga está a rebentar – diz ela. – Além disso, não sei nada sobre ti, portanto, é uma boa maneira de descobrir se tens a casa cheia de equipamento de vigilância.

Pestanejo.

– Equipamento de vigilância?

– Eu e o Landon temos andado a apostar se tu és do FBI – esclarece ela amavelmente.

Franzo os olhos.

– E acham que eu sou do FBI porque...?

– Não sei – diz ela. – O Landon é que acha. *Eu* apostei que estavas no programa de proteção de testemunhas.

Uma coisa é ser má a fazer conversa de circunstância, outra coisa é ser tão fechada que os colegas partem do princípio de que testemunhámos recentemente contra um chefe da máfia, e eu nunca tinha percebido o quão fina era a linha entre as duas coisas.

Em minha defesa, o Landon tem dezanove anos e está quase sempre a ouvir *shoegaze* nos AirPods, com o volume no máximo, portanto, não há assim tantas oportunidades para nos relacionarmos.

– A casa de banho é por aqui – digo enquanto a guio para dentro de casa.

Ela observa tudo enquanto caminha, aparentemente indiferente ao facto de não haver equipamento de vigilância.

Paramos à entrada do corredor que dá acesso ao quarto do Miles, à casa de banho e ao meu quarto, e os separa da sala de estar.

– A casa é gira – diz ela.

– Obrigada – digo, embora, sinceramente, se deva tudo ao Miles, numa mistura vibrante de peças de lojas de segunda mão, das décadas de 1950 a 1970, num estilo chique de Laurel Canyon.

Ela fecha-se na casa de banho – muito possivelmente, penso, para inspecionar o armário dos medicamentos – e eu volto para a cozinha, para beber mais um copo de água. Na faculdade, eu seguia à risca os pósteres que diziam: um para um, pelo menos. Ao lado tinham a ilustração de uma garrafa de cerveja ao lado de um copo de água. O hábito ficou comigo.

Da cozinha ouço a porta da casa de banho a abrir e volto à sala, mas não vejo a Ashleigh.

– Fazes *snowboard*? – grita ela, ao virar da esquina, de dentro do corredor.

– O quê? – Entro e vejo-a não à direita, no meu quarto, mas à esquerda, no do Miles. Ela está a percorrê-lo como se estivesse num museu, passando da prancha e dos tacos de hóquei, no canto, às plantas e aos suportes de incenso no parapeito.

– Este é o quarto do meu colega de casa – digo-lhe.

Ela está a ler o pequeno texto na margem do cartaz de um espetáculo, mas *eu* olho fixamente para a fotografia emoldurada de Miles com a Petra, na mesinha de cabeceira. Estão à frente do lago, os braços dela à volta da cintura

dele, ele numa versão menos desgrenhada a olhar para ela com adoração. Ela, esbelta e fofa e ele, magro e cativante, e é impossível odiar esta versão dela, a que o fez feliz. Até que me ocorre que agora é o Peter que ela está a fazer assim tão feliz.

Sempre pensei que ele e eu ficávamos tão bem juntos... Ele era estável e de confiança e ambicioso. Ele tinha um plano de cinco anos e não de uma forma chata. Nós íamos juntos ver as cerejeiras em flor no Japão, visitar o Dubai, ver a Torre Eiffel. Mas também íamos poupar dinheiro para a reforma e ter jantares mensais com a família dele.

Resumindo, o Peter era o completo oposto do meu pai, que de vez em quando era um pai *extremoso*, mas raramente *presente*.

Tinha sido necessário fazer muita terapia para eu conseguir deixar de gravitar em torno de homens emocionalmente indisponíveis, do tipo que faz uma tatuagem a condizer numa semana e está a namorar com a tua vizinha de cima na seguinte. Fiquei muito aliviada quando me apaixonei finalmente por alguém que queria mesmo amar-me de volta.

Um Homem de Relacionamentos, que desejava ter o tipo de ligação que os pais dele tinham. Que gostava da rotina, e respondia às mensagens num período razoável e partilhava a agenda comigo.

Se nunca nos tivéssemos mudado para aqui, talvez ainda estivéssemos juntos.

Mas talvez, daqui a cinco anos, ele me tivesse trocado à mesma pela Petra. Talvez eles estejam mesmo tão *destinados* como ele acredita que estão. Fico agoniada com a ideia de que talvez ela pertença ali, àquela casa, e eu ainda não pertença a lado nenhum.

A Ashleigh aponta para os dois pares e meio de *Crocs* (sim, estão cinco *Crocs* no meio do roupeiro).

– Desculpa lá – diz ela. – Quantas *Crocs* é que este homem tem?

– Bem – digo, – pelo menos essas, mais as que presumo que esteja a usar neste momento.

Ela olha para os tamancos.

– Setor de serviços, enfermeiro ou esquisitóide de primeira apanha?

– Setor de serviços – confirmo. E depois acrescento, com uma pitada de afeição: – Mas também um esquisitóide. A propósito, temos de experimentar o *pinot* esta noite.

– Como é que *isto* te fez lembrar o *pinot*? – pergunta ela, mas eu viro-me para sair e ignoro a pergunta.

Sinto-me nauseada quando vejo a parede por trás da cabeceira da cama do Miles.

Nunca tinha reparado antes, porque só tinha entrado no quarto uma outra vez.

Dezenas de Polaroids estão alinhadas em colunas. Suspeito que demasiado organizadas para ter sido o Miles a fazê-lo. Provavelmente são um resquício da era da Petra.

O que faz sentido, tendo em conta que elas contam, de forma óbvia, a história do relacionamento deles. Três anos de bolos de aniversário. Três anos de pequenas árvores de Natal de metal. Três anos a fazer *stand-up paddle*, a saltar de falésias, a saborear vinho ao pôr do sol, a andar de moto junto àquilo que presumo ser o Mar Mediterrânico. Três anos a correrem para a boca um do outro, com as mãos a acariciar o cabelo um do outro.

Eles parecem *tão* felizes.

Parece-me intrusivo vê-los assim, quanto mais deixar a minha colega de trabalho olhar para as provas da sua relação falhada.

– Devíamos ir andando – digo, e levo Ashleigh rapidamente de volta para o corredor e fecho a porta atrás de nós.

Ele aceitava-a de volta?, dou por mim a pensar, antes de transitar suavemente para um: *Eu aceitava o Peter de volta?*

– Nem pensar – digo em voz alta.

– O quê? – diz a Ashleigh.

– Nada! – digo. – Vamos ao vinho.

A Ashleigh segue-me para fora do quarto, com a cabeça a rodopiar.

– Vês fantasmas, ou algo assim?

– Algo assim – digo.

– Bem, Vince – diz ela. – Podes não ser do FBI, mas és sem dúvida mais interessante do que todo esse axadrezado leva a supor.

– O meu apelido é Vincent – digo-lhe.

– Vês? – diz ela. – Toda uma sílaba que eu desconhecia. És uma caixinha de surpresas.

– Detesto surpresas – digo-lhe.



A Cherry Hill, como a maioria das adegas locais, está localizada numa península que se projeta sobre a imensidão da curva mais a norte do Lago Michigan. As vinhas estão espalhadas por colinas, dos dois lados da longa estrada de gravilha que nos leva até à adega em si, uma construção elegante de vidro, madeira de balsa e metal ondulado. O parque de estacionamento está a abarrotar e os jardins que a circundam estão repletos de flores coloridas, todas matizadas pelo cor-de-rosa do pôr do sol.

Além das flores e das sebes, mesas brancas pontuam uma área de relva, com os clientes, de copos delicados na mão, a deambular entre o campo de bocha e, do outro lado, um lago com patos. Candeeiros redondos flutuam sobre as mesas, à espera do anoitecer para receberem ordens para brilhar.

– Este sítio é lindo – digo, ao sair do carro da Ashleigh, uma sucata a cair aos bocados. Está frio e arrependo-me de não ter trazido casaco.

Ela olha para mim de soslaio.

– Nunca aqui estiveste?

Suponho que a minha admiração me tenha denunciado.

– O Peter não apreciava vinho.

– O Peter? – diz ela. – É o teu ex, certo?

Consigo articular um «uhum».

A Ashleigh enfia a mala demasiado grande no ombro e ajeita a minissaia por cima das suas botas de camurça de salto alto e lança-se em direção à entrada.

– E os teus amigos? Nenhum gosta de vinho?

Não lhe vou dizer que tínhamos os mesmos amigos.

Não lhe vou dizer que, tecnicamente, isso significa que eu não tinha amigos. Mesmo depois de ter lido todos aqueles romances de Frank Herbert para ter alguma coisa em comum com o Scott.

– Pelos vistos, não – digo. – Então e tu? Já aqui estiveste antes, certo?

– Só duas vezes – diz ela. – O Duke também não apreciava vinho.

– E o Duke é...? – Deixo a pergunta no ar.

– Um cavalo de corrida – diz ela. – O que é que achas, Daphne? É o meu ex-marido.

– Devia ter adivinhado – admito, e sigo-a para dentro.

Quando entramos na sala pouco iluminada, somos atingidas por um aroma semelhante a cedro queimado. Um bar elegante e moderno acompanha a parede esquerda, toda de vidro fumado, com enormes pipas de vinho empilhadas por trás, a brilhar sob uma luz dourada. As outras três paredes também são de vidro, mas estão viradas para a vinha, com um balcão de madeira instalado a toda a extensão, para as pessoas poderem ver o pôr do sol enquanto bebem. Há mesas altas dispostas no meio da sala e, na parede panorâmica em frente ao bar, uma enorme lareira estende-se até ao teto abobadado, com chamas a crepitar e a saltitar lá dentro.

A Ashleigh agarra-me no braço.

– Anda, parece que este pessoal está a sair.

Encaminha-me para o canto do bar mais afastado, o que requer algumas manobras, porque, apesar da temperatura moderada, o interior do bar está ainda mais cheio do que o relvado. Ela esgueira-se por entre dois homens de meia-idade de camisas de golfe, para reivindicar um dos bancos recém-desocupados, colocando a mala no outro enquanto me faz sinal. Não tira a mala até eu estar praticamente sentada.

Sob o murmúrio das conversas, há uma música sensual a tocar, uma voz rouca que se coaduna na perfeição com o ruído dos talheres e do tilintar dos copos.

Há duas pessoas a servir no bar, mas depois a porta abre-se para a sala escondida pela parede de pipas e o Miles aparece, a transportar uma bandeja de madeira cheia de copos.

É hipnótica, a dança intrincada entre ele e os outros empregados de bar, ou escanções, ou seja lá o que forem. Comunicam com frases curtas e toques

subtis, e afastam-se para ele reabastecer. Uma das empregadas do bar troca com ele e, depois de uma breve troca de palavras, ela acena e desaparece pela mesma porta de onde o Miles acabou de surgir.

Apesar da sua *t-shirt* puída e das calças de trabalho, ele parece completamente à vontade aqui, com o brilho suave que emana do bar a dar-lhe um aspeto mais *artesanal* do que *desgastado*.

Inclina-se sobre o balcão para ouvir o que uma ruiva bonita está a dizer, e depois ri-se e tira uma garrafa de vinho branco de um balde de gelo, rodando-a ligeiramente enquanto lhe serve mais um copo.

– Vês? – diz a Ashleigh, inclinando-se para ser ouvida. – Traficante de droga todo bonzão.

Volto o meu olhar para ela e, depois, sigo o dela até ao outro lado do bar.

– O Miles vende *droga*? – grito.

Ele olha à volta quando ouve o som do seu nome. Levanta o queixo à laia de cumprimento, com um sorriso que lhe ilumina metade do rosto.

– Espera, tu *conhece-lo*? – pergunta a Ashleigh.

Ele volta a colocar a garrafa no balde de gelo e atravessa a sala na nossa direção.

– Pede o *pinot* – digo rapidamente à Ashleigh.

– Estou mesmo confusa neste momento, Daphne. Já aqui *estiveste* ou...

O Miles estende os antebraços por cima do bar de madeira brilhante.

– Olha que bem – diz ele, suficientemente alto para se ouvir sobre o ruído ambiente. – Aqui está a minha querida namorada.



– *Namorada?* – A Ashleigh dá-me um pontapé debaixo do bar.

Solto um grito e afasto-me dela.

– É uma *piada*. É o meu colega de casa. Miles. Miles, esta é a Ashleigh. Ele estende a mão para a cumprimentar.

– Muito prazer.

– Encantada – diz ela, subitamente transformada numa herdeira da Era de Ouro.

– O que é que querem beber? – pergunta ele.

A Ashleigh apoia o queixo na mão e inclina-se, para se fazer ouvir.

– O que é que recomendas?

Ele retira um menu de papel de um copo próximo e empurra-o na nossa direção.

– Já acabaram vários pratos, mas ainda temos estes. – Ele assinala três das seis opções de petiscos e depois vira o menu e indica a lista de vinhos, desenhando pequenas estrelas naquele que ele recomenda.

Ele olha para mim à procura de aprovação. Eu olho para a Ashleigh. Ela assente e eleva a voz.

– O que o Miles sugerir!

– Venho já – promete, e desaparece com o menu marcado, parando para sussurrar alguma coisa a uma empregada de bar com franja antes de desaparecer atrás da porta.

A Ashleigh vira-se para mim.

– Então, que «piada» hilariante é essa de seres namorada dele?

– O que é isso de o meu colega de casa ser traficante de droga?

Ela faz que não com a mão.

– Isso é só o que eu lhe chamo na minha cabeça, por causa da estética dele.

– A estética de quem vende medicamentos sem receita médica à socapa?

– Mais do género oito-plantas-e-luzes-de-estufa-no-apartamento. Mas isso foi antes de eu ter passeado sem querer pelo *quarto* dele há trinta minutos. Agora tenho de rever a imagem que tenho no meu castelo cerebral.

– Queres dizer palácio da memória? – pergunto.

– É a minha vez de fazer perguntas. – Os olhos dela movem-se de forma demoníaca. Nunca tinha visto este lado malicioso da Ashleigh. É intimidante e sinto que não consigo escapar à curiosidade dela, mas lembra-me também um bocadinho a Sadie, o que me faz sentir um nó no estômago. – Fala-me dessa piada em que és namorada do Miles Bonzão.

– Olá, minhas senhoras! – diz a Empregada da Franja, e prega-nos um grande susto.

– Olá! – soltamos as duas em unísono.

– O Miles volta já com o vosso pedido, mas, entretanto, posso servir-vos mais alguma coisa?

Ela coloca dois copos de água sobre o bar e enche-os com um jarro.

Abanamos a cabeça.

– Sou a Katia, se precisarem de alguma coisa, é só chamarem. – Dá duas pancadinhas no bar e afasta-se.

– E então? – insiste a Ashleigh. – A piada?

– É por causa de uma foto.

Ela ergue o sobrolho, à espera. Desisto, saco do meu telemóvel e mostro-lhe a minha foto com o Miles, abacate espalhado pela cara, com as bocas demasiado próximas de forma suspeita. É mais lasciva do que eu me lembrava. Sinto uma vibração desconfortável na barriga.

A Ashleigh fica a olhar para a imagem, com rugas a formarem-se no queixo.

– O quê, porque vocês parecem um casal na foto? A piada é só isso?

Faço uma careta, a tentar decidir o que devo divulgar. É este o meu problema. Não sei falar sobre as coisas de forma superficial, mas também não quero desenterrar as coisas más, vezes sem conta, perante pessoas que estão apenas *de passagem* na minha vida. É cansativo. Como se sempre que eu revelo um pedaço da minha história a alguém que não vai fazer parte integrante dela, um bocado de mim desaparecesse, para um sítio de onde nunca mais o consigo recuperar.

Não se pode voltar atrás depois de contar um segredo a alguém. Não se consegue desdizer essas verdades delicadas depois de se perceber que não se pode confiar na pessoa a quem as entregámos.

A Ashleigh pausa o meu telemóvel.

– Olha, se não queres ser minha amiga eu não te vou *obrigar*. Já

trabalhamos juntas há mais de um ano e, durante esse período, consegui saber muitíssimo pouco sobre ti e não fiz pressão porque sei ver quando uma pessoa é muito fechada...

– Não sou muito fechada – protesto.

– ... mas só não consigo perceber – diz ela – porque é que me convidaste para sair agora. Se é só para dares uma de *boa samaritana*, preferia ter ficado em casa do que saíres comigo só por pena.

– Não é por pena! – digo. – Pelo menos não do meu lado. E desculpa por não me ter esforçado mais para te conhecer melhor. Não é por tua causa.

Ela lança-me um olhar penetrante.

– Tudo bem, talvez tenha sido um *bocado* por tua causa – admito.

Ela solta uma risada genuína que me provoca um sorriso.

– O que é? Achas-me assustadora?

– Bem, sim – digo. – Mas de uma forma positiva! É mais por chegares sempre atrasada.

Outra risada.

– Caramba, não és do Michigan, pois não?

– Não, porquê? – digo.

– Esta coisa da sinceridade – diz ela. – É refrescante. Portanto, não querias ser minha amiga porque eu chego sempre tarde ao trabalho.

– E tu não querias ser minha amiga por eu ser uma seca? – É a minha suposição.

Ela solta uma gargalhada.

– Não, por acaso, não era por causa disso. Era mais por estares numa *relação tão feliz*. O divórcio ainda é demasiado recente para eu me dar com alguém que tem coraçõezinhos nos olhos e uma aura de passarinhos com lacinhos no bico.

Não *contei* a ninguém no trabalho acerca da separação em si. Mas quando se tem três semanas de férias marcadas para uma lua de mel e depois se cancela o pedido, as pessoas comentam.

– Bem, mesmo antes da minha separação – digo-lhe – eu não tinha nenhuma dessas coisas.

– Por seres uma seca? – brinca ela.

O meu próprio sorriso alarga-se.

– Porque os passarinhos nunca chegam a horas e pode parecer corriqueiro, mas quando as pessoas estão sempre atrasadas eu não espero que elas sejam de confiança e definitivamente não parto do princípio de que se querem aproximar de mim.

Ela acena, pensativamente.

– Faz sentido. Mas já agora, eu estou sempre atrasada porque tenho um filho. Portanto, gosto de pensar que os meus amigos podem confiar em mim, mas se chegar a isso, sim, a minha prioridade é sempre o Mulder.

Se sou uma pessoa fechada a sete chaves e a cadeado, a Ashleigh Rahimi pode ter dito a única coisa que funciona para abrir a fechadura.

– Também faz sentido – digo.
– Então – diz ela. – Já mereço a origem desta história da «piada»?
– Há uma coisa que eu não contei ao pessoal da biblioteca – digo, a tentar ganhar algum tempo. – Acerca da minha separação. Uma coisa... humilhante.

Ela fica boquiaberta.

– Tu traíste-o com o Miles.

– O quê? Bolas! Não! – Olho em volta, à procura de ouvidos indiscretos. Se vou falar disto outra vez, gostava que ficasse entre nós. – Como é que eu sei que esta história não se vai espalhar no trabalho num instante?

Ela tem a elegância de não se fazer de ofendida. Em vez disso, enrugando os lábios, a pensar.

– Deixa-me perguntar-te uma coisa: alguma vez te contei *alguma coisa* acerca do Landon?

– Além de que fazem apostas sobre o quão estranha eu sou?

– Digamos – responde ela – que, quando conseguimos que ele pare de ouvir o álbum dos My Bloody Valentine por um minuto, descobrimos como seria fácil fazer uma série televisiva do género *The Crown* acerca da família dele. E, no entanto, tu não sabes *nada*. Eu sou boa a manter segredos.

– Podes estar a inventar isso tudo – ressalvo.

– Claro – diz ela. – Mas não estou. Sou uma recém-divorciada que passa a maior parte do tempo com um miúdo de onze anos. Não ando por aí a contar os segredos das pessoas. Só gosto de ouvir histórias emocionantes! Processa-me!

– Se divulgares aquilo que te vou contar – digo, – é provável que o faça.

– Vamos a isto! – grita ela, e bate com as duas mãos no tampo do bar. Atira a enorme mala para cima do balcão e começa à procura do telemóvel. – Tenho neste momento uma alergia horrível nas costas. Vou-te enviar uma foto.

– Não mandes, por favor – digo.

– Pode ser a tua garantia – diz ela.

– E que tal, pensa comigo, se tu me contares antes alguma coisa sobre ti? – digo.

– Hum – ela semicerra os olhos. – Uma espécie de abordagem antiquada de «nos ficarmos de facto a conhecer uma à outra».

– Exato – digo.

– O que queres saber?

– O que me quiseres contar – respondo.

– Bem... – Ela suspira, e olha para as vigas expostas do teto enquanto pensa. – O meu filho foi concebido num carro estacionado nas traseiras de uma YMCA. Chega?

Deixo escapar uma gargalhada.

– Oh – ela inclina-se para a frente, mais animada agora do que alguma vez a vi. – No sexto ano, os lenços de papel que tinha enfiado no sutiã caíram-

me da camisa quando eu estava no quadro.

– Oh, meu Deus – digo. – Então és o Dante, desceste até ao nono círculo do Inferno.

– Que mais? – Os olhos dela voltam a focar-se no teto. – Ah! Quando tive o Mulder, noventa por cento das vezes não sabia o que tinha de fazer com ele enquanto o Duke estava a trabalhar. Então, levava-o à biblioteca, a um grupo de mães, procurava a mais calma do grupo e perguntava se ela podia tomar conta dele enquanto eu ia à casa de banho. Depois, fechava-me lá dentro, programava o cronómetro e chorava tanto quanto conseguia durante cinco minutos.

– Ashleigh! Isso é de partir o coração! – grito, mas ela agora também se está a rir.

– Era horrível! – concorda. – Acordava todos os dias e tinha, o quê, um segundo de sossego. Depois lembrava-me: *Oh, merda, sou mãe de uma pessoa*. Estive em frangalhos durante uns seis meses. Mas isso convenceu-me a voltar a estudar, para me tornar bibliotecária, e o Mulder é, basicamente, o meu melhor amigo, portanto, valeu a pena.

O meu coração estremece quando penso na minha mãe. Em como, mesmo com as longas horas de trabalho dela, arranjava tempo para costurar à mão máscaras para o Halloween, ser acompanhante nas visitas de estudo e ainda me ajudar com a Matemática. Ela trabalhou imenso para me dar a melhor vida que conseguia e não dou nada disso por garantido.

Achava apenas que a nossa família de duas iria crescer e, algum dia, teria uma casa cheia de pequenas vozes, riso profundo e amor infinito. Pensei que a Melhor Mãe do Mundo se tornaria a Melhor Avó do Mundo e que eu daria a outra pessoa o amor que ela me tinha dado, mas com um estilo de vida diferente. Uma casa cheia, onde não tinham de passar a maioria das noites sozinhos, à espera de que a mãe atolada em trabalho chegasse a casa ou um pai ausente se dignasse a aparecer.

– O que é que achas? – A Ashleigh faz-me olhinhos. – Já mereço alguma informação?

Levanto um dedo enquanto bebo um longo gole de água.

– Uau, ela precisa de se hidratar – diz ela. – Deve ser coisa boa.

Pouso o copo.

– Vou contar isto rapidamente e preferia depois não ficar muito tempo a falar sobre o assunto.

– Combinado – diz ela.

– O Peter trocou-me pela melhor amiga de infância, que por acaso era a namorada do Miles, e foi assim que acabámos a viver juntos – digo de uma assentada.

Ela fica boquiaberta.

Bebo mais um gole.

– Depois, disse acidentalmente ao Peter que eu e o Miles agora namoramos, por isso, tirámos a foto para tornar a mentira mais convincente.

A boca da Ashleigh forma um círculo perfeito.

– Estás a brincar.

Tapo a cara com as mãos.

– Não estou, não.

– *Adoro* – grita ela. O volume, estou a perceber, é o principal indicador das emoções da Ashleigh. Isso e o surpreendente riso ladrado que, de vez em quando, sai dela antes de ela sorrir.

– O que é que adoramos?

Abro os olhos e dou de caras com o Miles a pousar uns copos de vinho à nossa frente.

– A vossa relação falsa – diz a Ashleigh.

– Bem, *eu* não – digo. – Agora não há maneira nenhuma de nos conseguirmos ver livres disso. Quer dizer, quando nos «separarmos» o Peter vai sentir-se todo convencido e superior.

– Isso não é um problema – diz o Miles, servindo-nos vinho branco. – Só temos de casar e, depois, ficar juntos até eles se separarem. E se eles tiverem filhos, termos *mais* um do que eles. Se eles arranjam um cão, arranjamos um mais giro. Se eles comprarem uma casa nova, nós compramos uma mansão.

– Um plano perfeito – digo. – Porque é que não pensei nisso?

Ele empurra os copos com vinho na nossa direção.

– *Pinot Blanc*. É fresco e cítrico, com um bocadinho de pera, o que acompanha bem aves e marisco. Estou a brincar acerca do casamento, já agora.

– Não me digas – respondo, e bebo um gole.

– O que achas? – Ele inclina-se para a frente, ansioso, focado.

Deixo o sabor percorrer-me a língua antes de engolir.

– Sabe a primavera.

Ele sorri.

– Exatamente.

– Acho que há um problema qualquer com o meu – diz a Ashleigh. – Sabe a vinho.

– Toma – o Miles serve-lhe mais. – Tenta outra vez.

A Ashleigh sorve e depois dá um estalido com os lábios.

– Ah, sim. Grande *vibe* primaveril.

A Katya, da franja, chama o Miles. Ele olha por cima do ombro. Um tipo de meia-idade com o cabelo penteado para trás e os olhos enterrados na cara está inclinado sobre o balcão com um ar bêbedo, a exigir *alguma coisa* das empregadas de bar.

O Miles afasta-se do balcão.

– Volto já.

Aproxima-se do tipo bêbedo com um sorriso calmo e educado na cara, embora alguma coisa nos olhos dele tenha mudado. Como se estivesse a tentar ver através de uma janela com vidros fumados.

A Ashleigh dirige-se a mim.

– Achas que se continuar a amar-me em ignorante ele vai continuar a servir-me mais, ou foi só desta vez?

Vejo-o a trocar algumas palavras com o homem. O Miles assente e, depois, inclina a cabeça na direção da Katya e os dois conferenciam em voz baixa, as mãos dela apoiadas nos ombros dele enquanto se coloca em bicos dos pés para lhe chegar ao ouvido.

Lançam ambos um olhar na nossa direção ao mesmo tempo, e eu viro-me para a Ashleigh e emborco a bebida.

– Acho que podes simplesmente pedir mais – digo – e acho que ele te dá.

– Sinto-me uma celebridade – diz ela. – Nunca me senti tão *in* antes.

– Bem, se ter o coração despedaçado da forma mais humilhante imaginável pode servir de alguma coisa a alguém, ótimo.

– Lamento muito, minha querida – diz a Ashleigh a rodopiar o copo – mas se o Peter não te partisse o coração agora, acabaria por o fazer mais tarde.

– Como assim? – digo. – O Peter e a Petra são almas gémeas e ia acabar por acontecer?

– Almas gémeas? – Ela ri-se. – Não. Estou a dizer que o teu ex é o rapazinho a olhar por cima do ombro, a tentar perceber se o miúdo ao pé dele tem um almoço melhor. Só que a lancheira está fechada e, portanto, embora ele *saiba* que aquilo que os pais *dele* lhe enviaram é bastante bom, ele trocava à mesma só para abrir a lancheira do outro.

– Que metáfora é essa, Ashleigh? – digo.

– Faz todo o sentido – diz ela. – Ele é daqueles que troca almoços e mesmo que fosse uma lancheira enferrujada do Batman ou uma bolsa do *Cars* 2 cheia de bolor, mais cedo ou mais tarde ele acabaria por trocar o saco com a merenda dele.

– Só para esclarecer, eu sou a lancheira? – digo.

– Não é o recipiente, miúda – diz ela. – É o que está lá dentro.

– Então, eu sou um saco de papel com um coração de ouro.

– Podias ser uma refeição de três pratos com uma sobremesa de chocolate e não faria qualquer diferença. Ele *conhece-te* e o almoço que ele *não* conhece é que lhe vai chamar a atenção. Desculpa, acabei de perceber que estou cheia de fome, portanto, isso provavelmente explica alguma... Oh, *graças a Deus*.

O Miles voltou e está a colocar o nosso pedido à nossa frente: uma tábua com três queijos locais, uma variedade de pickles de vegetais, algumas compotas de Waning Bay, bem como um cesto de pão de uma padaria da zona.

– Então – diz ele – houve um pequeno contratempo.

– O quê? Acabaram as uvas? – digo.

Ele pestaneja enquanto pega noutra garrafa de debaixo do balcão.

– A Katya, a minha colega... – Pigarreia enquanto serve a próxima

degustação. – Ela soube pela Petra. Acerca da minha nova namorada.

– Oh, não – digo.

Ele faz uma careta.

– Lamento muito, Daphne.

– Ela acabou de te perguntar, não foi? – digo. – Se eu sou a nova namorada.

Ele assente, e as velas espalhadas pelo bar apanham-no a corar.

– E tu disseste que sim – digo.

Fica ainda mais vermelho.

– Não sei o que é que me passou pela cabeça.

A Ashleigh inclina a cabeça para trás e ri-se. O homem à esquerda dela vira-se com o som e avalia-a de cima a baixo de forma galanteadora, o que ela não vê de todo, de tão entusiasmada que está.

– Gosto tanto disto. – Bate palmas para dar ênfase às palavras.

– Nunca mais volto a mentir – digo.

– Exceto se a Katya vier ter contigo e disser: *Ei, andas a dormir com o Miles, não é?* – brinca ele. – Porque se disseses a verdade isto vai ser tudo muito embaraçoso.

– Disseste-lhe que andamos a dormir juntos? – questiono.

– Sim, ela disse: *É aquela a tua namorada?*, e eu respondi: *Temos sexo e estamos apaixonados. Um dia, quando tivermos um filho, vamos chamar-lhe Sue Ellen, como a minha mãe.* Não, Daphne, eu não *lhe disse* que andamos a dormir juntos. A Petra disse-lhe que eu estou a viver com a minha nova namorada. Estou só a supor que a Katya soma dois mais dois. Mas se quiseses que eu *lhe vá perguntar* se ela acha que estamos a ter sexo, eu vou.

– Quanto tempo é que vai demorar até toda a gente em Waning Bay ficar a saber desta mentira? – resmungo.

– Tenho a certeza de que os *paparazzi* se estão a reunir enquanto falamos – responde ele. – Já agora, este é o *Chardonnay 2020*. As pessoas acham que detestam *Chardonnay* porque beberam sobretudo *Chardonnay* de porcaria. É um vinho incompreendido.

– Oooh – sussurra a Ashleigh a agarrar o coração. – Pobre vinho incompreendido.

– Não tenhas pena dele – murmuro. – De certeza que tem *imenso* sexo.

O Miles lança-me um olhar de repreensão provocador e continua.

– O nosso é bastante bem-comportado.

– Okay, retiro o meu último comentário – digo.

– Sabes, Daphne – diz ele, enfrentando a minha interrupção com uma sobriedade exagerada – as uvas *Chardonnay* em si são bastante neutras. É por isso que podem saber demasiado a carvalho para alguns paladares. Mas as nossas têm um agradável aroma a pêssego e uma pitada de raspa de limão e um amadeirado suave que não domina o vinho.

– Tem mesmo um aroma muito agradável – diz a Ashleigh.

– Obrigado, eu também acho. – O Miles vira-se para mim, obviamente à

espera que eu prove.

Dou espetáculo a fazê-lo rodopiar no copo e a estudá-lo de vários ângulos e depois, muito, muito lentamente, levo-o aos lábios e dou um pequeno gole.

Ainda assim, aquele gole ilumina o interior da minha boca. Como se eu tivesse acabado de *saborear* um dia na costa do Michigan.

– Uau – digo.

O Miles endireita-se, com um sorriso sarcástico.

– É bom?

– É bom – respondo.

Um clarão de luz surge à nossa esquerda e eu olho para a Ashleigh, ainda com círculos coloridos a dançar-me nos olhos.

– Ooooh – diz ela, a olhar para o telemóvel. – O vosso primeiro apanhado enquanto casal.

O homem atrás dela toca-lhe no ombro.

– Se quiser uma foto dos três – grita por cima da música, que foi ficando mais alta com o evoluir da noite. – Eu tenho todo o gosto em tirar.

– Não é preciso. – Tento gritar de volta, mas a Ashleigh já está a acenar que sim com a cabeça, entusiasmada.

– Estou a avaliar o novo namorado da minha amiga – diz-lhe. – Não ficam giros juntos?

– Quando muito – digo ao Miles, – *nós* é que ainda estamos a avaliá-la.

Ele olha para ela e o sorriso torna-se mais largo.

– Eu voto em ficarmos com ela.

– Quem é que a vai alimentar e levar à rua? – digo.

– Eu – insiste ele. – Todos os dias. Prometo.

A Ashleigh arrasta o banco para junto do meu e volta a subir lá para cima, inclinando-se contra mim enquanto o seu pretendente prepara o telemóvel dela para a foto. O Miles estica um cotovelo por cima do balcão, inclinado sobre o meu outro lado, com o queixo sobre o meu ombro.

– Digam *vinho* – diz o homem, com uma piscadela de olho.

A Ashleigh murmura muito baixinho, sem mover os lábios.

– Tudo bem, eu consigo fingir que ele não disse isto.



No canto, a Ashleigh e o Greg-Craig (não tenho a certeza de qual foi o nome com que se apresentou) estão enrolados aos beijos. Foram para ali para trocar números de telefone há cerca de seis minutos.

Toda a gente naquele canto da sala de provas fugiu, entretanto. Em defesa do Greg-Craig e da Ashleigh, isso pode ter mais a ver com o facto de serem nove e cinquenta e sete minutos e a Cherry Hill fechar às dez.

É verdade que é uma sexta-feira à noite, mas é uma adega no norte do Michigan, não uma *rave* em Ibiza, e todos os clientes devem ter de acordar cedo para praticar ioga, velejar ou fazer ioga *num* barco.

– Ela está bem para conduzir?

Viro-me e encontro o Miles a passar por uma parte do bar que abre, com a carteira e o telemóvel numa mão e a agarrar um avental com a outra.

– Oh, ela não está bêbeda – asseguro-lhe. – Ela não bebeu nada das últimas duas provas. Ela só está com tesão.

Ele assente com um ar sombrio.

– Estar solteiro na floresta é difícil.

Nesse instante, a Ashleigh retira a língua da boca do Greg-Craig e avança na nossa direção.

– Então – baixa a voz e lança um olhar furtivo por cima do ombro, – quais são as hipóteses de poderes ir para casa com o Miles?

Olho para ele.

Ele brinca com as chaves.

– Por mim, tudo bem.

– Graças a Deus! – A Ashleigh dá-me um abraço curto e firme com aroma a baunilha. – Não deixes que as coisas entre nós fiquem estranhas no trabalho, está bem?

– Porquê? Por eu eu ter visto alguém a lamber as tuas amígdalas? – pergunto.

– Tinha de acabar por acontecer mais tarde ou mais cedo! Vão para casa em segurança, pombinhos. – Já está de volta para o Greg-Craig. Ele dá-lhe a mão e diz-nos adeus enquanto ela o conduz para a saída.

– Então – diz o Miles – o amigo do Craig não te encheu as medidas?

Fico envergonhada ao perceber que o Miles testemunhou a minha tentativa dolorosa de conversar com o parceiro de copos do Craig, um tipo com um decote em V tão profundo que me permitiu um vislumbre do umbigo.

– Eu é que não estava à altura dos padrões *dele* – digo. – Recebeu uma mensagem urgente relacionada com trabalho e pediu licença para se levantar. Depois fui à casa de banho e, quando passei por ele, estava a jogar Solitário no telemóvel, do outro lado do bar.

– Que anormal – diz o Miles.

– Em defesa dele – digo – sou absolutamente horrível a fazer conversa de circunstância com pessoas novas.

– Não acredito nada nisso – diz ele.

– Ao fim de três minutos, dei comigo a enumerar a minha lista de alergias alimentares. Acho que é uma forma de autossabotagem, para autoproteção, o eu tentar aborrecer as pessoas até elas fugirem.

O Miles parece horrorizado.

– Devias ter-me dito que tens alergias alimentares antes de eu ter escolhido comida por ti.

– Não são graves ao nível de precisar de epinefrina – digo, e sigo-o até à porta.

– Ainda assim – diz ele. – Se eu soubesse que precisavas de ajuda com o Rei do Solitário do Norte do Michigan, podia ter arranjado um baralho de cartas na sala de convívio. Terias ficado irresistível.

– Não tenho a certeza se me apetece ser irresistível.

Ele segura a porta para eu passar.

– E batidos?

– O que é que têm?

– Apetece-te um? – diz ele. – Porque tenho estado a pensar a noite toda em Big Louie's.

– Quem é a Big Louise? – digo, saindo para o silêncio da noite. – E ela sabe que pensas assim tanto nela?

– O *drive-in* Big Louie's! – A sequência de luzes que acompanha o trilho de gravilha ilumina o ar dele de surpresa. – Nunca foste ao *Big Louie's*?

– Não – digo.

Ele para, a olhar para mim, em choque.

– É um sítio de hambúrgueres? – pergunto.

Ele zomba.

– *É um sítio de hambúrgueres?* – Vira à esquerda em direção à sua *pick-up* ferrugenta.

– Não sei se isso é um sim ou um não, Miles – digo.

Abre manualmente a porta do passageiro.

– *É um entra no carro, Daphne. Não vou sequer dignificar-me a responder a isso.*

Subo para o banco e inclino-me para abrir a porta do condutor enquanto o Mike dá a volta ao carro.

Assim que ele liga o motor, começa a tocar bem alto *The Tracks of My Tears*, de Smokey Robinson & The Miracles.

Uma música com um tom alegre enganador sobre estar incrivelmente deprimido.

Tento, mas não consigo evitar uma gargalhada.

O Miles faz um ar inocente.

– Não faço ideia como é que *isso* aí apareceu.

– O carro deve estar assombrado – concordo.

– Exatamente. – Ele arranca pela estrada de gravilha. – E se começar a tocar a banda sonora do *Nasce Uma Estrela*, não te assustes. Porque o fantasma também gosta disso.

– Este fantasma está a ficar cada vez mais dramático – digo.

– Ele está bem, obrigado – diz Miles.

– Na maior?

– Na maior – concorda ele.

– Bem, se ele tiver alguma dica para os restantes mortais – digo – diz-lhe para me aparecer.

– Daphne – diz – o primeiro conselho que *qualquer pessoa* te dará para melhorares a tua situação é ir ao Big Louie's. Como é que é possível teres vivido aqui durante...

– Treze meses – forneço.

– *Treze meses inteirinhos* – diz ele – e nunca teres comido umas batatas fritas Petoskey.

– O que são batatas fritas Petoskey? – pergunto.

Ele abana a cabeça.

– Não admira que estejas tão deprimida.

– Este sítio é *em* Petoskey? Vamos fazer uma hora e meia de carro para ir comer batatas fritas?

– Não, elas têm o nome das pedras Petoskey.

– Que são...?

A estrada rural chegou a um cruzamento e ele para literalmente para olhar para mim.

– Daphne.

– Que ar de desilusão. Sempre que dizes o meu nome.

– O Peter mantinha-te fechada num *bunker*? – pergunta ele.

– Diz-me só que pedras são essas, Miles.

– São corais fossilizados – diz ele, como se isto devesse ser óbvio. Ele alivia o pé do travão e entramos na interseção vazia.

– E a que propósito é que isso está relacionado com batatas fritas...?

– Só vagamente – responde o Miles. – Mas são incríveis. As batatas fritas. São envolvidas em queijo e jalapenho.

– Bem, então, isso explica porque é que nunca as comi – digo. – O Peter não é de coisas gordurosas, ele é um tipo mais de *shots*-de-erva-de-trigo-e-carne-magra-depois-do-exercício.

– O quê? – diz o Miles, ligeiramente divertido. – Não podias comer sem o Peter?

Reviro os olhos.

– Não se tratava de «não poder». Eu não sei cozinhar. Ele sabe.

No nosso segundo encontro, ele fez-me o jantar. Salmão e espargos e uma salada de massa *keto*. Eu teria ficado menos impressionada se ele me dissesse que era atleta olímpico. Cozinhar era a única coisa que a minha mãe não fazia enquanto eu estava a crescer. Vivíamos de comida pronta e, uma vez por semana, fazíamos uma noite de nachos. Mas o Peter começava todos os dias com um *smoothie* verde e fazia o jantar de raiz quase todas as noites. Para mim, era o *ex-libris* da minha vida doméstica.

Dois meses depois de vivermos juntos, ele tinha tentado ensinar-me o básico, mas eu atrasava sempre muito as coisas e voltei a dedicar-me à lavagem dos pratos.

– Erva de trigo. – O Miles abana a cabeça. – Vocês eram um daqueles casais que vão ao ginásio, não eram?

– Quer dizer – digo, – éramos um casal inscrito no ginásio.

– E iam juntos – diz ele. – Seguindo uma agenda regular.

Íamos. Era uma das poucas coisas boas de termos acabado: já não me sentir culpada por *não* ir. O Peter adora todo o tipo de exercício físico, mas eu era mais lenta e menos coordenada do que ele, por isso, nas poucas vezes que tentámos fazer montanhismo ou andar de bicicleta, era mais frustrante do que gratificante. No ginásio, podíamos fazer cada um as suas coisas, mas passar tempo juntos.

Tendo em conta o quanto o trabalho o mantinha ocupado, aquele tempo era precioso.

– Somos os dois muito organizados – digo. – Fazíamos *tudo* de acordo com uma agenda regular.

Ele olha-me de soslaio. Sinto um arrepio na nuca.

– Okay, sim, também fazíamos isso com dia marcado – digo.

– Não tem nada de mal – diz ele. – A vida pode ser muito atarefada.

Olho para ele, a tentar perceber se ele acredita mesmo nisso, ou se pensa que sou incrivelmente aborrecida. Talvez o Peter também achasse que isto era aborrecido.

O Miles interpreta mal a minha expressão.

– Não, nós não tínhamos dia combinado para isso. Mas podia ter ajudado. Às vezes, eu e ela acabávamos a viver cada um a sua vida. Não sou contra as agendas. Só contra a erva de trigo.

Solto acidentalmente uma risada irónica, como um pequeno pónei incrédulo.

O Miles faz uma careta.

– Nunca comi erva de trigo na vida. Mesmo sob ameaça de vida, acho que não saberia dizer sequer o que é erva de trigo.

– Ninguém sabe – digo. – Mas eu ri-me foi por causa da agenda.

– Da agenda?

– Sim, da agenda.

Ele faz um ar inocente de desorientação.

– Estarás a referir-te ao quadro do tamanho de uma parede onde tu assentas os cheques de ordenado, os telefonemas para a tua mãe e o teu ciclo menstrual?

– Não – digo. – Estou a falar daquele onde anoto a tua completa indisponibilidade para planear e cumprir o combinado. O que indica que és anti-agenda.

– Não tinha percebido que era assim tão importante para ti saber onde é que eu estava – goza ele. – Devo partilhar a localização do meu telemóvel contigo?

– Não é preciso. Não quero cortar-te as asas, acorrentar o teu espírito e essas coisas.

– Eu ponho as minhas coisas na agenda – diz ele. – Se isso é mesmo importante para ti.

Encolho os ombros.

– Tudo bem. Só não fiques chateado se eu chegar a casa enquanto estás a entreter uma ami... Oh, meu Deus, esta canção é mesmo da banda sonora de *Nasce Uma Estrela*!

– Ai é? – diz ele suavemente. – Que estranho.

– Então, ainda não passaste à fase da raiva – digo.

Ele encolhe os ombros.

– Não sei se tenho essa fase dentro de mim.

– A sério? – digo, surpreendida. – Eu estou acampada na minha há várias semanas...

– Ficar zangado nunca resolve nada – diz ele.

– Ficar a *choramingar* também não.

– Não ando a choramingar. Só gosto de música triste.

Olhando para ele, tenho mesmo de acreditar. À exceção de alguns dias difíceis e de *um* telefonema tenso que eu ouvi, o Miles tem parecido mais ou menos bem, até mesmo animado desde a separação. Enquanto eu tenho vivido num estado de constante infelicidade.

Ele sai da estrada, em direção ao brilho fluorescente de um *drive-in* de hambúrgueres.

De ambos os lados do edifício, há uma fila de lugares de estacionamento à frente de menus instalados com um intercomunicador. Entre as duas filas estão dispostas várias mesas azuis de metal num pátio de cimento. O sítio está cheio de adolescentes bronzeados com ar de quem veio da praia, sentados em cima das mesas e a fazer fila na janela opcional de *takeaway* que tem um funcionário.

Nenhuma das pessoas que iam buscar comida, carregadas com bandejas vermelhas de plástico, parece ter mais de dezassete anos. Questiono-me se o Peter e o Scott e a Petra paravam por aqui quando andavam no secundário. O sítio tem um aspeto característico dos anos 1950, e tudo tem um ar antigo, para parecer que sempre ali esteve, o ponto de encontro dos esfomeados, dos bêbedos e dos excitados, desde tempos imemoriais.

O Miles abre a janela.

– O que é que queres?

– Sou uma turista aqui – digo. – O que é que recomendas?

– O batido de chocolate e cereja e as batatas fritas Petoskey – diz ele.

Aceno que sim e quando se ouve uma voz metalizada no intercomunicador, ele pede a mesma coisa para cada um de nós.

– Então, o que é que se passou com o tipo bêbedo no bar? – pergunto.

Ele fica a estudar-me durante um bocado.

– Oh, ele – diz, quando se lembra. – Estava só a tentar pedir outra dose, apesar de já não se aguentar em pé. Está sempre a acontecer. Só precisava de o acalmar.

– E como é que fizeste isso? – pergunto.

– Disse-lhe que se ele entrasse no táxi que tínhamos chamado para ele, nós não cobrávamos as duas últimas bebidas e *não* o baníamos das instalações.

– Uau – digo.

– Uau, o quê?

– Restabeleceste a ordem – digo – sem sequer deixar de sorrir.

– As coisas correm melhor se não deixares que as pessoas te irrite – diz ele. – Se lhes deres controlo sobre a forma como te sentes, eles vão usá-lo.

– Finalmente vejo o teu lado cínico – digo.

Ele sorri, mas com o queixo firme e sem o sorriso lhe chegar aos olhos.

– Não é cinismo. Se não entregares aos outros a responsabilidade pelas tuas emoções, podes ter um relacionamento razoável com a maioria delas.

Sinceramente, não está muito longe da minha forma de pensar. Só que, para mim, nunca se tratou de controlar os sentimentos em si. Não saberia como fazê-lo. É mais controlar as expetativas que tenho em relação a certas pessoas.

Se uma pessoa nos desilude, está na altura de reconsiderar aquilo que se está a exigir dela.

No pátio das mesas, os adolescentes barulhentos começam a recolher as suas coisas e a esvaziar as bandejas no lixo antes de enfiarem demasiadas

pessoas dentro de duas carripanas estacionadas lado a lado. Um minuto depois, uma rapariga vestida com calças de ganga rasgadas e uma *t-shirt* a dizer Come no Big Louie's sai de dentro do restaurantes com um saco de papel e dois copos grandes, com pequenos desenhos do estado do Michigan impressos a azul-esverdeado num padrão em linha.

O Miles observa a minha reação ao primeiro gole. Após o choque inicial que congela o cérebro, começo a sentir o sabor e solto um pequeno gemido. Só então é que o Miles bebe e coloca o batido no suporte dos copos.

– Sabes o que é que devíamos fazer?

– Não quero chorar contigo a ver a *Bridget Jones* – digo.

– Quando muito seria um ligeiro escorrer de lágrimas – replica ele. – E não era isso que eu ia dizer, mas se me vais mandar calar assim...

– Não, não! – Agarro-lhe o cotovelo. – Desculpa. Diz lá. O que é que devíamos fazer?

– Devíamos ir à praia – diz ele.

– A praia não está fechada depois de escurecer? – digo.

Ele semicerra os olhos.

– A que praias é que tens ido?

Encolho os ombros.

– Àquela defronte da biblioteca. Com as carrinhas de comida e as barracas de gelados e os campos de voleibol na areia.

– Aquela praia pequenina para onde vão os *fudgies* todos? – diz ele. – Com as cadeiras de madeira azul-esverdeado? Essa areia nem deve ser daqui. Aposto que veio de camião da Florida.

– O que é um *fudgie*? – pergunto.

– Daphne – Ele abana a cabeça. – Daphne, Daphne, Daphne.

– Deixa-me adivinhar: sou uma parvinha ignorante – digo.

Ele liga o carro.

– Não, só uma doce, ingénua, pequena e linda inocente, criada em cativeiro por um homem que adora erva de trigo.

– Então, a praia *não* fecha depois de anoitecer? – digo.

Ele recua para sair do estacionamento.

– Nenhuma das praias boas fecha.



Um *fudgie*, pelos vistos, é alguém que não é daqui. Uma pessoa que viaja pelo norte no verão, para comprar *fudge* e ir a praias medíocres e fugir antes do outono. Parece estranho o Peter nunca me ter falado no termo, mas o Miles ressalva que os Collins são, eles próprios, antigos *fudgies*, que vieram morar para o seu sítio de férias favorito quando o Peter estava no segundo ano.

Andamos vinte minutos pela escuridão até o Miles estacionar na berma poeirenta de uma estrada rural, atrás de duas SUV. Não há nenhuma placa, nem trilho, apenas carros e árvores.

– Isto é propriedade privada? – pergunto, ao saltar do carro para o seguir pela floresta iluminada pela lua, com um saco de batatas fritas numa mão e o meu batido na outra.

– É um parque natural – responde. – Área de conservação federal. Existem aqui alguns pedaços de praia mais conhecidos que ficam apinhados de gente, mas os melhores sítios são aqueles que só consegues encontrar se alguém te explicar o caminho.

– Ah, então é um sítio *exclusivo* – brinco.

– O Clube Mais Restrito do Norte do Michigan.

Ele oferece-me a mão quando passa por cima de uma árvore que está caída a meio do caminho improvisado.

– A Cherry Hill não lhe deve ficar muito atrás. – Largo-lhe a mão quando salto por cima do tronco. – Estava apinhada de gente.

– Tem muita gente durante o verão – diz ele. – Ainda estamos a tentar perceber o que fazer no inverno. – Ele lança-me um longo olhar de soslaio,

repleto de significado. – Portanto, tenho outros empregos na época baixa.

Sinto-me a corar e faço uma paragem sob o luar.

Ele também para.

– Foi um bocado *sno*b – digo. – O meu comentário sobre os biscates.

Ele encolhe os ombros.

– Não querias dizer nada com isso.

Não queria. Mas o Peter, posso agora admitir, queria de certeza.

Voltamos a caminhar em silêncio.

– Não precisas de justificar aquilo que fazes – clarifico, passado um bocado. – Acho que eu queria acreditar que o Peter tinha boas razões para pensar que não eras a pessoa certa para Petra. Porque se fosses, tipo, um parvalhão aproveitador, então, o Peter *estava* provavelmente apenas preocupado com uma amiga. Em vez de, tu sabes...

– Apaixonado por ela? – diz o Miles, calmamente.

– Pois. – A minha voz treme. Está mais fresco aqui, no bosque próximo da costa. Por alguma razão, sinto-me ainda mais sensível a falar sobre isto, demasiado exposta agora que estamos só os dois.

– Ei – ele dá-me um encontrão. – Escapaste de boa, não foi?

– Eu só me sinto muito estúpida – digo.

O Miles para.

– Não és estúpida.

Olho para os pés e a mão livre dele aproxima-se do meu cotovelo e afaga-me o braço, deixando-o mais quente.

– Ele disse-te para confiares nele e foi o que fizeste – insiste. – É isso que é *suposto* podermos fazer com as pessoas que amamos. Elas é que nem sempre estão à altura.

O Miles baixa a cabeça, para me fitar nos olhos, com um esgar engraçado.

– Queres voltar para o carro e ouvir Adele?

Rio-me, limpo os olhos húmidos com as costas do antebraço.

– Não, já concordámos: isso não vai resolver nada. É melhor ir antes ver esta praia. Partindo do princípio de que existe uma praia e não vais apenas atirar-me de um precipício.

– Isso gostavas tu de saber – diz ele, friamente. – Mas estragava a surpresa.

– Detesto surpresas.

Ele ri-se.

– Há uma praia.

Voltamos a caminhar. O solo transforma-se em areia à medida que subimos. As árvores ficam mais escassas até que, de repente, atingimos o topo e estamos a olhar sobre a encosta escarpada de uma duna. Aos seus pés, o lago escuro encontra-se com a areia e, ao longo da extensão da praia, várias fogueiras ardem na escuridão, com algumas tendas montadas em volta da mais distante.

O som da maré contra a costa sobrepõe-se às vozes e aos risos dos outros visitantes noturnos da praia e é fácil imaginar que este grupo aleatório de pessoas possa ser o último na Terra. Nómadas ao estilo *Estação Onze*. Ou, se calhar, estamos num planeta completamente diferente, estranhos numa terra estranha.

– Uau – sussurro.

– É a segunda melhor praia da zona – murmura ele.

– A *segunda*? – Viro-me para ele. – Trouxeste-me à tua praia de segunda?

– Ninguém conhece a outra – brinca ele. – Não posso revelar assim as coisas.

– A quem é que eu vou contar? – Abano os braços. – Toda a gente que conheço ou está aqui, ou é meu inimigo mortal, ou um amigo próximo ou parente do meu inimigo mortal.

– Pois, mas o teu inimigo mortal *acabou* de te mandar dar uma volta. – Ele empurra-me suavemente o ombro. – Quem é que me diz que se eu te levar hoje à Praia Secreta, tu não levas lá aquele parvalhão devorador de erva de trigo na próxima semana?

Abano a cabeça.

– Eu não reato com os meus exs. Quando alguém mostra ser como é, acabou.

Ele fica a estudar-me, com a cabeça ligeiramente inclinada para um lado.

– O que foi? – digo. – Não concordas?

– Só tive outra ex – diz ele. – E não reatámos, mas não tenho a certeza de que isso seja uma *orientação* pessoal.

– *Uma* ex? – Devolvo-lhe o olhar. – Que idade tens?

– Não sou um tipo de ter relacionamentos – diz ele, um pouco envergonhado. – A Petra foi a exceção, não a regra. Portanto, se ela quisesse reatar? Não sei. Mas não vale a pena pensar nisso, uma vez que ela está noiva do teu ex-namorado.

Sinto um nó no estômago. Viro-me e foco-me no luar que brinca com as ondas e no som do rebentar da ondulação.

– Parece mais barulhento do que durante o dia.

– Sempre adorei isso. – Ele faz-me sinal com a cabeça para o seguir e descemos pela duna e para a esquerda, para longe de qualquer tráfego que possa vir atrás de nós. Depois, sentamo-nos e enterramos os copos na areia. O Miles abre as travessas de papel das batatas fritas e coloca-as por cima do saco achatado.

Apanho-o a olhar para mim quando dou a primeira dentada.

– O que é? – digo, com a boca cheia.

Ele levanta um ombro em sincronia com um canto da boca.

– Estou à espera para ver se gemes outra vez.

A minha cara aquece quando mordo um jalapenho.

– Não sei de que estás a falar.

– O som que fizeste quando experimentaste o batido – diz ele. – Quero saber se as batatas estão ao mesmo nível.

– Sinceramente – digo – tenho a boca a arder neste momento.

Ele agarra no meu batido e oferece-mo. Inclino-me sobre a palhinha e sorvo.

– Melhor? – pergunta.

Os meus dentes começam a bater.

Ele ri-se, abre o fecho do casaco, despe-o e atira-o na minha direção. Menos *para* mim do que *contra* mim.

– Obrigada – digo, tirando-o da cara e enrolando-o por cima dos ombros e das costas nuas. O cheiro da madeira fumada da lareira da adega envolve-me. – Já percebi de onde é que vem o teu cheiro.

Ele hesita.

– Eu cheiro mal?

– Não – digo. – Quer dizer, eu achava que cheiravas a biscoitos de gengibre. Mas cheiras apenas à adega. É agradável.

Ele inclina-se para mim, para inspirar contra o tecido que me cobre o ombro.

– Devo estar demasiado habituado a ele para notar.

– Quer dizer, muitas vezes, está escondido debaixo do cheiro a erva – digo.

Ele olha para mim com um ar desconfiado, a troçar.

– Estás a *julgar-me*, Daphne?

– É só uma observação – digo.

Ele deita-se na areia, apoiado nos antebraços.

– Tenho fumado um bocadinho mais do que é costume. – Olha-me de soslaio, por entre as pestanas. – Não sei se ouviste dizer, mas fui abandonado.

– Soa-me vagamente familiar – admito.

– Vou reduzir – diz ele.

Naquele preciso momento, enfio as mãos nos bolsos do casaco e encontro um charro já feito. Pego nele com uma gargalhada.

– Tenho andado à procura disso. – O Miles arranca-me o charro dos dedos e enfia-o entre os lábios. – Tens lume.

– Infelizmente, não – digo.

– Não, quero dizer, *tu tens o lume* – diz ele. – Está no outro bolso.

– Ah. – Tiro o isqueiro cor de laranja e acendo-o, tapando o vento até a chama se aguentar. Ele inclina-se para eu conseguir acender a ponta do pequeno charro. Dá uma passa e depois passa-mo.

Hesito e a boca dele abre-se num sorriso rasgado.

– Ao contrário daquilo que te ensinaram na escola, no programa de educação contra as drogas, eu não te vou forçar. É só uma oferta.

Sendo uma defensora acérrima do controlo, nunca tive uma fase de fumar erva, mas, irritantemente, a voz que tenho na cabeça a *lembrar-me* disso não é a minha, é a do Peter. E eu não a quero ali. Não tem direito

nenhum de continuar a ecoar no meu cérebro.

Durante três anos eu comi como ele, fiz exercício como ele, esforcei-me imenso para fazer amizade com os amigos *dele* e impressionar a família *dele*, ir às cervejarias favoritas dele e, durante todo esse tempo, achei que a ideia era minha, que era a *minha* vida. Só agora, quando ele saiu de cena, é que a coisa deixou de fazer sentido.

Não sei que partes de mim são *ele* e que partes são mesmo eu. E quero saber. Quero conhecer-me, testar os meus limites e ver onde é que eu acabo e o resto do mundo começa.

Por isso, arranco o charro dos dedos do Miles e dou uma longa passa, a sentir a espiral a atravessar-me. Quando lho devolvo, ele inala outra vez e depois deixa sair o fumo.

– Este lugar tem nome? – pergunto.

Junto à fogueira mais próxima, um grupo de adolescentes mais velhos, ou que talvez já tenham vinte e poucos anos, estão a brindar com garrafas de cerveja e latas de *hard seltzers* enquanto uivam para a lua.

– Não sei – diz ele. – Só ouvi as pessoas chamarem-lhe *o sítio*.

– *O sítio* – digo – é *exatamente* onde os miúdos do secundário viriam fumar erva.

– Verdade – diz ele – mas ainda não consegui descobrir a zona da praia onde os trintões vão fumar erva.

– Estão todos a fumar cigarros eletrónicos na cama e a ver a HGTV.

– Nós, não – diz ele.

– Não, nós somos aventureiros – digo.

– *Okay*, diz-me uma coisa, Daphne. – Ele vira o rosto para as estrelas.

Apoio-me sobre os antebraços.

– O quê?

Ele olha para mim, com metade do rosto na sombra.

– Onde é que vais quando não estás em casa?

– Além do trabalho?

– Além do trabalho – assente. – Porque apesar da tua enorme dedicação ao que está marcado na agenda, na verdade, há alguns períodos de tempo em que não estás, mas nunca te vi na rua. E nunca estiveste na Cherry Hill, nem no MeatLocker, nem aqui. Então, onde é que vais?

– A lado nenhum – digo. – Sou uma seca.

– Não és uma seca – diz ele. – Tens é segredos.

Aquilo que a Ashleigh me disse vem-me à memória: *uma pessoa fechada*.

Houve uma altura em que não me importava de fazer amigos. Mas isso tinha sido, provavelmente, há umas quatro ou cinco relocalizações. Acabou por não valer a pena deixar entrar alguém para ter de arrancar essa pessoa à força meses depois quando a minha mãe fosse transferida outra vez.

– Sinceramente – digo, – se não estiver em casa ou no trabalho, estou geralmente a ler noutro sítio qualquer. Na praia, a praia *pública*, ou no Lone

Horse Café, na Avenida Mortimer. E se não estiver a ler, estou provavelmente a trabalhar nalgum programa da biblioteca ou assim. Muitas viagens à Staples.

Os olhos dele semicerram-se quando o sorriso dele cresce.

– Estás a pensar que isso parece tudo uma grande seca, não é? – digo.

Ele ri-se.

– Não – diz ele, com demasiada veemência. Perante a careta que eu faço, ele cede.

– Okay, um bocadinho. Mas lá porque isso parece uma seca para mim não significa que *tu sejas* uma seca.

– Pois, mas tu também aguentaste uma conversa de quinze minutos com o Craig-Greg acerca de impostos sobre o património, portanto, acho que os teus padrões são incrivelmente baixos.

– Ele era um tipo porreiro – diz o Miles.

– Está tudo dito.

– Eu gosto da maioria das pessoas. O que é que isso tem de mal?

– Não tem mal nenhum – digo. – Está, sem dúvida, a jogar a meu favor. Só torna mais difícil eu perceber, de forma realista, o grande fracasso que sou.

– Não és nada – diz ele com veemência.

Reviro os olhos. Ele senta-se direito, com uma cara séria, apesar das suas pupilas visivelmente dilatadas.

– Estou a falar a sério. Aquele parvalhão já te tirou a casa. Não deixes que te tire a autoestima.

– Não era realmente a minha casa – digo. – Estava no nome dele.

– Ainda assim, era o teu *lar* – diz ele.

A palavra não me deixa tão abalada como é costume.

A erva está a percorrer-me de forma agradável e o céu noturno é lindo e o ar cheira a pinheiros e fumo e água doce, com aquela pitada de gengibre que deve vir do gel de duche do Miles. A verdade parece mais fácil de gerir. Eu *quero* geri-la.

– É isso que eu começo a perceber – digo-lhe, enrolando melhor o casaco à minha volta. – Nunca foi um lar para mim. Quando tiro o Peter da *agenda*, não sobra grande coisa. Waning Bay não me *pertence*, como lhe pertence a ele.

– Ele pode ficar com a casa – diz o Miles. – Mas não vai ficar com a vila.

Lanço-lhe um olhar de soslaio.

– Não te incomoda saber que podes dar de caras com eles a qualquer momento? Não te chateia poderes estar a comprar papel higiénico e Alka Seltzer e encontrares os pais da Petra?

Ele encolhe os ombros.

– Por mim, tudo bem. – Ele senta-se. – Espera, estás a pensar ir-te embora?

– Mais a sonhar com isso. – Verifico o portal de emprego da American Library Association todos os dias.

– Voltavas para Richmond? – pergunta o Miles.

Aqui está aquela dor que a palavra *lar* não despoletou.

Foi o meu primeiro pensamento, quando a poeira assentou. E podia voltar. Para a minha antiga cidade, o meu antigo emprego, as minhas velhas amizades.

Depois, alguns dias depois de tudo ter acontecido, ergui-me do desespero durante tempo suficiente para atender uma das chamadas da Sadie.

Estou tão zangada com o Peter que podia literalmente dar-lhe um murro na cara, disse-me ela.

Ela estava desconsolada e isso era reconfortante. Mas depois disse o indizível: *Vocês são ambos tão importantes para nós. Não vamos escolher um lado.*

Como se fosse um jogo de basquetebol e ela e o Cooper tivessem decidido não fazer cartazes nem se sentarem em nenhuma zona específica das bancadas. Iam deixar as coisas acontecer e alguém acabaria por vencer e o outro por perder.

Eu disse-lhe que nunca *quis* que ela escolhesse nenhum lado.

Mas não queria sentir-me uma possível escolha. Queria que ela soubesse bem de que lado estava. Só que ela já não era a minha melhor amiga. Ela e o Cooper eram os *nossos melhores amigos*.

Eles eram uma unidade e nós éramos outra e era assim que encaixávamos.

Não me conseguia lembrar da última vez em que tínhamos feito alguma coisa só nós as duas.

E nesses dias em que eu estava a sofrer, o Peter estava a fazer controlo de danos. Portanto, se a nossa separação não era um jogo de basquetebol, talvez fosse uma corrida e eu era demasiado lenta.

A Sadie e eu pouco falámos depois daquele telefonema e eu tinha sofrido com essa perda tanto ou mais do que com o fim do meu relacionamento amoroso.

– Para Richmond, não – digo ao Miles. Isso podia ser ainda pior do que ficar aqui, o que já diz tudo. – Para Maryland, espero.

O Miles faz aquele ar de labrador dele.

– O que é que há em Maryland?

– A minha mãe – digo.

– Vocês são mesmo próximas – diz ele, meio observação, meio pergunta.

Puxo os joelhos contra o peito e envolvo-os com os braços.

– Ela e o meu pai separaram-se quando eu era muito nova, portanto, fomos sempre só nós as duas. Não de uma forma triste. Ela é maravilhosa. Então e tu? És próximo da tua família?

Ele coça a parte de trás da cabeça e dirige o olhar para a água.

– Da minha irmã mais nova, sim. Trocamos mensagens quase todos os dias. Ela vive em Chicago.

– E os teus pais? – pergunto.

– A uma hora de Chicago. – Ele não revela mais nada. É a primeira vez que sinto que há alguma coisa de que *ele* prefere não falar.

Sinto-me um nadinha desapontada. Ele torna tão fácil uma pessoa abrir-se. Gostava de saber fazer o mesmo.

– De qualquer forma – diz ele – acho que não te deves mudar para Maryland.

– Só vou quando encontrares outro colega de casa – digo.

– Não é por isso – diz ele. – Mudaste-te para aqui por causa do Peter. Não deixes que ele te obrigue a mudar outra vez.

– Então, estás a dizer que eu devo ficar, por despeito – digo.

– Acho só que seria merdoso teres de largar a tua vida toda duas vezes por causa deste tipo – diz ele.

– Miles – digo, – acabei de te dizer como é a minha *vida toda* e vi um pedaço da tua alma a morrer.

– Não foi isso que aconteceu – diz ele.

– Foi, sim – digo.

– Então é o teu trabalho?

A chama no meu peito acende-se.

– O que é que tem?

– Estás sempre a ensinar os miúdos a fazer alimentadores de pássaros e a fazer concursos de máscaras. É óbvio que isso é muito importante para ti.

– É muito importante para mim – admito. – Às vezes, durante a Hora do Conto, lembro-me de que estou a ser paga para fazer uma coisa que adoro e parece que estou a sonhar. E que posso acordar e perceber que estou atrasada para o turno na Dress Barn. E há esta miúda, a Maya, que vem uma vez por semana. Tem doze ou treze anos. Perfeitamente única e estranha. Ela lê de tudo, uns cinco livros por semana. E temos um clube de leitura informal, em que eu escolho uma coisa que acho que ela vai gostar e, depois, ela volta uma semana depois e falamos sobre isso durante uma hora enquanto estou a tratar de cenas administrativas. Ela é super inteligente. Tem alguns problemas na escola, mas dá para perceber que, um dia, vai ser uma grande escritora ou, tipo, uma realizadora de cinema.

– Tu *adoras* o que fazes – diz o Miles.

– Pois adoro – admito. É a parte da minha vida que ainda parece certa, mesmo com o Peter fora de cena.

– Então, não desistas – diz o Miles. – Não por causa dele.

– Claro que também há dias em que tenho de passar uma hora ao telefone com algum dos novos utilizadores habituais, porque ele quer que eu procure um poema de amor e que lhe soletre todas as palavras – digo.

– Porquê? – diz o Miles?

– Às vezes o trabalho de uma bibliotecária é simplesmente *não perguntar*. Seja como for, estou atenta às ofertas de trabalho noutras cidades, mas só posso ir-me embora daqui a oitenta e cinco dias.

– Isso é... extremamente específico – diz ele.

– É a data da Maratona de Leitura – explico.
– Ah – ele exhibe um sorriso trocista. – Reunião de preparação da Maratona de Leitura: terça-feira, das duas às três da tarde.
– Tens uma memória fotográfica? – pergunto.
– Tenho – responde ele. – Além disso, tem sido um compromisso constante na tua agenda desde que te mudaste.
– Tu tens andado a lê-la? – digo, incapaz de esconder a surpresa.
– Claro que sim. O que é a Maratona de Leitura, já agora?
– Uma angariação de fundos – digo. – Uma cena com leituras durante toda a noite, para as crianças, com concursos e prémios e esse tipo de coisa. Basicamente, é um evento para financiar *outros* eventos, porque não temos dinheiro. Nunca se fez um em Waning Bay, mas eu fui a um quando era criança e foi muito divertido. Tenho estado a trabalhar nisso desde que aqui cheguei.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– E é no final do verão?
– Meados de agosto – confirmo.
– Muito bem, eis o que vamos fazer. Vou ser o teu guia – diz ele, passado um instante.

– Não vou tomar ácido contigo, Miles – digo.
– Ainda bem que avisas – responde – mas não é desse tipo de guia que estou a falar. Vou mostrar-te Waning Bay. Podemos sair aos domingos, quando estamos os dois livres. Começamos na próxima semana. E depois, se no final de julho ainda quiseses dar uma de *Sarilhos com Elas* com a tua mãe...

– Tens noção de quão reconfortante é o *Sarilhos com Elas*? – intervenho, atingindo a parte da moca em que não contendo as gargalhadas. – Se eu me pudesse mudar para o cenário do *Sarilhos com Elas*, mudava.

– Isso é o que tu dizes agora – afirma o Miles – mas no fim do verão vais estar de cabeça perdida por este sítio, Daphne. Vais ver.

– Pois, pois... – digo.

– Estou a falar a sério – diz ele.

– Oh, estás a falar a *sério*? – digo. – Estás a falar a *sério* quando dizes que vais passar o verão a passear por aí com uma quase desconhecida, para ela não se ir embora?

– Não és uma desconhecida. – Ele bate na minha perna com a dele. – És a minha namorada séria e monógama, lembras-te?

Dou uma risadinha, com a moca quase a fazer-me explodir as veias.

O rosto dele permanece profunda e dolorosamente sério.

– Eu não quero que te vás embora. Eu *gosto* de ti.

– Tu gostas de toda a gente – relembro-lhe. – Sou altamente substituível. Ele revira os olhos.

– Tu achas mesmo que já me conheces, não achas?

– Estou errada? – pergunto.

Ele aguenta o meu olhar, sem sorrir. Estremecemos os dois quando o telemóvel dele toca no bolso. Ele retira-o e a cara dele ilumina-se enquanto lê a mensagem no ecrã, com uma ruga entre as sobrancelhas.

– Está tudo bem? – pergunto.

Morde o lábio de baixo com os dentes.

– A Petra.

– A sério? – digo. – Vocês ainda falam?

– Não muito. – Ele coça o queixo.

Penso na conversa tensa que ouvi através da porta do quarto dele e questiono-me se seria possível ele estar a falar com ela e o que é que o Peter pensaria disso.

– Pelos vistos, a Katya disse-lhe que estivemos juntos na Cherry Hill – diz ele.

Mudo de posição, sentindo-me desconfortável.

– E ela mandou-te mensagem por causa disso?

– Ela está feliz por nós – diz ele, com uma voz baixa e calma.

– Bem, isso é bom – digo. – A felicidade da Petra sempre foi a minha principal preocupação.

Ele olha para mim e começa lentamente a rir-se.

A erva deixa-me o coração a parecer manteiga derretida ainda que o meu *estômago* esteja a ferver de raiva. Do Peter e da Petra, não só por *minha* causa, desta vez, mas também por Miles. Este homem ridiculamente bom que me deixou ir viver para casa dele, sem fazer perguntas – nem sequer me cobrou renda no primeiro mês – e que me comprou a comida esta noite e um batido e me trouxe a uma praia onde eu nunca tinha estado e me emprestou o casaco.

Ofereceu-se para me fazer companhia durante o verão todo só para eu não me ir embora.

Depois de termos saído juntos *duas* vezes.

Por norma, não tenho grande confiança no charme de uma pessoa, mas acho que o dele pode ser mesmo a sério. Uma pessoa genuinamente boa que gosta de toda a gente e merece mais do que uma nota no balcão da cozinha e o *closet* da Petra esvaziado.

Tiro a mão do bolso para agarrar no telemóvel dele. Ele hesita durante um segundo e, depois, larga-o na palma da minha mão.

– Vem cá – digo, e abro a câmara.

As sobrancelhas dele sobem com uma expressão divertida.

– Vem cá?

Afasto os restos das nossas batatas fritas e bato com a mão no espaço entre nós.

– Para aí? – diz ele. – Trinta centímetros para a minha esquerda?

Ele não pergunta porquê, mantém apenas os olhos nos meus e arrasta-se até estar bem encostado a mim.

– Aqui?

Sinto o meu estômago apertado perante a proximidade da voz dele.

– Está bom assim. – Coloco o telemóvel à nossa frente, com o *flash* da câmara ligado, e inclino-me para ele. Ele abraça-me e sorri com tristeza, incapaz de mostrar verdadeira alegria. No último segundo, num impulso, viro-me e beijo-lhe a cara no momento em que a câmara dispara.

A cara dele fica vermelha, com os nossos narizes quase a tocarem-se, e pedaços do queixo e das bochechas dele escondidos atrás do brilho do *flash*.

– Pensei que podíamos deixar a Petra *mesmo* feliz – digo.

– É muito atencioso da tua parte – diz ele, com os cantos da boca a curvarem.

– Pois, bem – digo, – pensei em filmar-me a fazer-te uma *lap dance*, mas não tenho nada para segurar o telefone, portanto, foi o melhor que se arranjou.

– Tenho todo o prazer em voltar à floresta, apanhar uns paus e construir-te um tripé, Daphne – diz ele.

Rio-me, ocupada a dar outro gole no batido e o resultado é um calafrio por causa do gelo.

– Chega-te aqui. – Ele puxa-me contra o peito e ficamos encaixados quase como se estivéssemos num trenó, ele atrás e eu à frente, com os braços dele enrolados sobre os meus, a cortar o vento.

Tremo outra vez enquanto me encosto mais contra ele e continuo a tirar fotos.

Sinceramente, a minha cabeça está inundada de sensações estranhas e não sei se estou a tirar fotos só para não ter de reconhecer o bom que é estar enroscada contra ele. Há tanto tempo que não estou aninhada com *alguém*.

– Não precisas de fazer isto, sabes? – diz ele.

Baixo o telefone à minha frente e olho para ele por cima do ombro.

– Eu sei.

– Podes ter razão – diz ele. – Eles, se calhar, nem sequer têm ciúmes. E mesmo que ela tenha, e então? A verdade é que isso não me faz sentir menos mal.

– A *mim* faz-me sentir menos mal – digo.

A sobranceira dele levanta-se, com ceticismo.

– Faz mesmo?

– *Okay*, não propriamente – admito. – Mas fico furiosa que ela, tipo, pense que tu precisas da autorização dela para seguir em frente, ou o que quer que seja. Se ela estava assim tão apaixonada pelo Peter, nunca te devia ter andado a enganar, mas andou e deixou-te da pior forma possível, e depois ainda *insiste* para tu a veres com carinho. Tentar que não fiques furioso, em vez de te deixar seguir em frente... é egoísta. Portanto, talvez seja imaturo e estúpido. Mas faz-me sentir um bocadinho melhor pensar que talvez ela veja estas fotos e se lembre que, mesmo que não seja parvalhona *em geral*, neste caso foi uma parvalhona e não te deu o devido valor, mas devia ter dado. Mesmo que isso significasse apenas ter-se afastado *antes* de ter dito ao meu namorado que estava apaixonada por ele, em vez de te manter como suplente

caso o Peter a recusasse. Faz-me sentir um *nadinha* melhor pensar que ela pode ver uma imagem minha sentada no teu colo e a olhar para ti com adoração e lembrar-se que tu sempre mereceste isso.

O sorriso dele abre-se devagar, de um canto da boca. Após um longo instante, ele inclina-se para a frente e deposita um beijo na minha têmpora.

– Obrigado – diz ele, e aperta mais os braços à minha volta.

O meu corpo aquece como se tivesse saltado para dentro de uma piscina de água quente.

– É só a verdade.

Viro os olhos para a água, com o meu sangue a borbulhar com uma energia nervosa.

Já não estamos a tirar fotografias, mas nenhum de nós se mexe. É demasiado bom, estar assim nos braços de alguém, protegida do vento e a ouvir o ritmo fácil do lago, a sentir a respiração do Miles a percorrer-me, até a minha ficar sincronizada com a dele mesmo sem ter de tentar.

– Isto sabe bem – digo, meio a sonhar e *completamente* sem querer. Das poucas vezes em que fumei erva, este é sempre o efeito principal: uma sensação de que a ligação entre o meu cérebro e a minha boca foi cortada e já não tenho controlo sobre aquilo que digo.

O Miles assente contra o lado da minha cabeça.

– Pois sabe – concorda.

– Miles – digo.

– Hum?

– Acho que deves ser a pessoa mais simpática que já conheci – digo-lhe eu, e a erva.

– Não estou a ser simpático quando digo para não te ires embora – diz ele. – Gosto de estar contigo. E és, de longe, a melhor colega de casa que alguma vez tive.

– Porque limpo – digo.

– Aprende a receber um elogio – diz ele.

– Vês? – pergunto.

– Vejo o quê? – pergunta.

Viro-me para olhar para ele.

– Mesmo quando tentas ser mau, és simpático.

Os olhos dele parecem brilhar quando sorri.

– Vou tentar com mais força.

Voltamos a estar ali sentados, encostados, a ver as fogueiras dançarem e as ondas a bater na areia.



Sexta-feira, 24 de maio

77 dias até poder ir-me embora

Eu e o Miles passamos a semana seguinte sem sequer roçarmos os ombros na cozinha.

Acho que nenhum dos dois está ativamente a evitar o outro, é mais como se ambos nos tivéssemos lembrado, de repente, que não nos conhecemos nem temos nada em comum além das nossas separações incrivelmente más. Voltámos ao território dos cumprimentos educados, dos jantares separados e das conversas por monossílabos.

Quando chegámos a casa, depois da praia, ele tinha dado uma grande importância a escrever na agenda Turismo em Waning Bay, com uma seta que atravessava toda a coluna dos domingos, mas, desde então, não acrescentou mais nada.

Quando vou para o trabalho no sábado estou convencida de que a oferta para me mostrar a zona foi apenas resultado do charro que partilhámos.

Saio de casa ainda antes de ele acordar, com o sol a brilhar e os pássaros a chilrear, embora o ar continue fresco. Estou com tempo, como é hábito, por isso, decido ir a pé para o trabalho e até parar numa cafetaria caiada de branco e repleta de plantas, para beber um *chai latte* quentinho.

É estranho. Já passei aqui de carro dezenas de vezes, mas a pé apercebo-me de coisas novas.

Uma casa do estilo Tudor com um jardim magnífico, cheio de flores, e uma placa de madeira que anuncia tratar-se de uma escola Montessori. Uma

loja de passatempos chamada High Flyers, cuja temática parece ser uma mistura de papagaios de papel e de cânabis. Quando viro para uma rua residencial, vou lendo as placas nos quintais pelos quais passo: uma sobre o Bigfoot, outra a promover uma feira de artes e depois uma tabuleta torta onde se lê «Vende-se» num relvado malcuidado de um chalé verde-claro.

Tem a vedação branca degradada, com falta de algumas estacas, e as janelas, com pequenas vidraças em forma de diamante, estão cobertas de hera. Parece saída de um livro: mágica e acolhedora, mas, ainda assim, selvagem e misteriosa à maneira irresistível das casas dos contos de fadas.

No trabalho, ajudo o Harvey a trocar o quadro da programação da semana. A Biblioteca Pública de Waning Bay é uma operação suficientemente pequena para termos de nos ajudar todos uns aos outros. Fazemos aquilo que é preciso ser feito, independentemente do cargo.

Enquanto afixo um panfleto sobre a noite «Construa o seu próprio terrário», o Harvey diz:

– Tens estado mais animada esta semana.

Ele é muitíssimo parecido com o Morgan Freeman e a voz, embora mais áspera e não tão grave, tem o mesmo tipo de seriedade. É uma voz que faz com que queiramos deixá-lo orgulhoso.

– Desculpa – digo rapidamente. – Vou fazer melhor. E tentar não trazer essas coisas para o trabalho.

O Harvey parece discordar. Ajusta os óculos com armação dourada.

– É uma biblioteca, Daphne. Se não puderes ser humana aqui, onde é que podes?

Perante a bondade dele, sinto uma pontada de culpa por causa da minha procura de emprego, por *saber* que existe uma vaga de bibliotecária de serviços técnicos em Oklahoma, um sítio sobre o qual não sei nada a não ser o que se pode aprender com o musical *Oklahoma!*

– Temos muita sorte em te ter aqui – acrescenta o Harvey, ao pendurar a folha das inscrições para o torneio de sexta-feira de *Dungeons & Dragons*. – Continua apenas a dedicar todo o teu coração a estes miúdos. Só isso.

A pontada intensifica-se.

O Harvey dá uma pancadinha na parede e regressa ao gabinete, enquanto eu avanço para a desmontagem do expositor do Dia do Dinossauro, para criar espaço para o expositor do Mês do Orgulho LGBTQI+. A seguir, ajudo a Ashleigh a terminar os expositores para o Dia do Adolescente, em junho, e para a festa do Amor, enquanto me atualiza sobre o primeiro encontro a sério com o Craig-Greg (agora confirmado como Craig), revelando cada pedacinho de informação num tom monocórdico, enquanto eu tento não fazer chichi, de tanto rir.

(Quando chegaram a casa dele, depois do jantar, ele deixou-a sentada no carro durante vinte minutos, sem falarem, até terminar o álbum dos Phish que ele tinha posto a tocar e, depois, fez exatamente a mesma coisa quando a levou a casa.)

– Ainda bem que alguém se está a divertir com isto – diz ela, mas consigo perceber que ela também está a gostar de me contar. É engraçado e um bocadinho entusiasmante sentir que agora somos, tipo, amigas a sério.

Quando volto para a minha secretária, faço alguns telefonemas e, depois, ensino cerca de quinhentas crianças a entrar num jogo *online* pela milionésima vez.

Por essa altura está, finalmente, na hora do ponto alto da minha semana de trabalho, a Hora do Conto. Com um bónus adicional: está um dia quente e sem nuvens, por isso, podemos fazer a atividade ao ar livre.

Quando estamos dispostos num círculo na relva, pergunto:

– Quem é que está pronto para ouvir uma história?

Há mãos no ar em torno do círculo. Um entusiasmo sem vergonha. Expressões cheias de sentimento.

Tem graça, quando era criança, não sabia interagir com os outros miúdos. Sentia-me mais à vontade com a minha mãe e os amigos dela. Mas, agora em adulta, acho as crianças muito mais fáceis de compreender.

Elas dizem como se sentem e demonstram-no. Têm poucas segundas intenções e regras implícitas. Os silêncios não são tão insuportavelmente constrangedores e a transição abrupta para assuntos diferentes são a norma. Se queremos ser amigos, perguntamos e, se o outro não quiser, provavelmente diz que não.

Aclaro a garganta e abro o livro *Snappy the Alligator* para começar, e percorro com o olhar a minha audiência atenta quando inicio a leitura.

O Arham, claro, está vestido de Homem-Aranha, que é a sua imagem de marca. Outra criança de três anos, a Lyla, tem molho de esparguete na cara e nas jardineiras. Está também a chupar um gomo de limão como se fosse uma chucha.

Basicamente, está tudo bem no mundo.

A meio da nossa segunda história, reparo que alguém se aproxima vindo do parque de estacionamento, aparentemente trazido por uma brisa de verão e pela luz do sol. Está a olhar para a passagem de acesso à entrada, como se nunca tivesse visto nada assim. Possivelmente, nunca tinha visto uma biblioteca, ponto final.

Os olhos dele dirigem-se para nós e eu perco o fio à meada. A cara do Miles ilumina-se com um sorriso rasgado. Levanta o queixo à laia de cumprimento e para logo atrás do nosso pequeno círculo.

Aclaro a voz e foco-me no livro ilustrado que tenho nas mãos. Recupero o sítio onde fiquei na frase e volto a ler em voz alta.

Quando olho outra vez para cima, ele ainda ali está, com um ar encantado.

Com esta história. Sobre ratos antropomórficos. A aprender a fazer ginástica.

Desejo não me ter esforçado *tanto* a fazer vozes para todos os personagens antes de ele aparecer, porque agora tenho de as manter.

Portanto, uso o meu guincho mais agudo para o diálogo do pequeno rato e o grunhido grave para o rato corpulento mais velho, com o seu característico bigode. De cada vez que percorro com o olhar a multidão, o sorriso do Miles está mais rasgado e aparvalhado. Ele continua a olhar à volta, para as crianças, os pais e as amas, do género: *Já viram isto? Inacreditável!*

Quando chego ao Fim, os pais dos miúdos aplaudem baixinho, como é apropriado numa visita à biblioteca, enquanto o Miles enfia os dedos na boca e começa a assobiar, o que de alguma forma transforma logo quinze anjinhos ensonados em barulhentos piratas embebedados com rum. Algumas mães olham para o meu colega de casa desgrenhado, com ar lupino, com alguma estranheza.

Ele, felizmente, não se apercebe e dirige-se a mim, por entre a multidão, enquanto os outros participantes agarram nos seus sacos de fraldas e nas crianças com mãos pegajosas e se dirigem para o parque de estacionamento.

– Não fazia ideia de que conseguias fazer isto – diz ele.

– Pois é – digo, encaminhando-me para a porta de entrada. Abre-se automaticamente e sentimos o silêncio fresco e o cheiro dos livros. – Já leio desde os seis anos. Estou a ficar bastante boa.

– Estou a falar das vozes – esclarece. – Foste um rato ilusionista idoso muito convincente.

– Se ficaste impressionado com isso, devias ver-me a fazer de «velhota que vive num sapato» – digo.

– Vou manter os meus sábados livres – diz ele.

– Estava a brincar.

Ele sorri.

– Eu não.

Faço um gesto em direção às prateleiras.

– Posso ajudar-te a encontrar alguma coisa?

– Tinha esperança de que me pudesses soletrar todas as palavras de um poema de amor – diz ele, inexpressivo.

– Esse tipo já ligou hoje – solta a Ashleigh do balcão de atendimento.

– Sim, já atingi o meu limite diário de metáforas eróticas com flores, portanto, essa é a única coisa em que não consigo ajudar-te – digo-lhe.

Ele encolhe os ombros.

– Volto a tentar na segunda-feira. Na realidade, estava a caminho da Cherry Hill e queria só confirmar que ainda estamos combinados para amanhã. Teria enviado mensagem, mas esqueci-me do telemóvel em casa.

– Amanhã? – A Ashleigh levanta os olhos da manicure com verniz de gel que está a fazer a si mesma, incluindo um pequeno aparelho de luz ligado entre o computador e a impressora. O Harvey já saiu, para ir ao quadragésimo aniversário da filha, e o balcão de atendimento depressa ficou sem lei nem roque. – O que é que se passa amanhã?

– Não tencionava lembrar-te disso – digo ao Miles.

Ele troça.

- Está na agenda. É como se estivesse escrito nos anais da História.
- Não precisas de andar a passear-me. Eu posso, tipo, comprar um mapa. Ele revira os olhos e apoia-se sobre os antebraços no balcão.
- Basta estares pronta à uma da tarde, *okay*?
- *Okay* – respondo.

Ele alterna o olhar entre mim e a Ashleigh.

- Conto com vocês na Cherry Hill logo à noite?
- Preciso de preparar umas coisas para a Maratona de Leitura – digo.

– E o meu filho convidou amigos para virem jogar – responde a Ashleigh. – Portanto, vou estar a enfiar e a tirar pizzas do forno até de madrugada. Mas ele vai estar no pai outra vez no próximo domingo à noite, se vocês quiserem fazer alguma coisa.

– Contamos com o Craig também? – provoca o Miles, inclinado sobre o balcão, num tom ligeiramente sedutor.

A Ashleigh encolhe os ombros.

– Não, é melhor não. A Daphne pode atualizar-te sobre isso. Não consigo voltar a falar nisso em voz alta.

- Ele tinha demasiado Phish – explico.
- Ser demasiado fixe é um problema? – diz o Miles.
- Não, pósteres e pósteres dos Phish. A banda – digo.
- O que é que têm contra os Phish? – quer saber.
- Nada, com moderação – oferece a Ashleigh.

– Mas ele também tinha canecas comemorativas e bonecos e figuras de cartão. E... *lençóis*?

– Toalhas de mão – corrige-me ela. – Eu não nego um passatempo a um homem, mas se tens quarenta anos e o teu apartamento é *temático*, não estou a ver que a coisa vá funcionar entre nós.

– Caraças – diz o Miles. – Isso elimina quase toda a gente que eu conheço.

– Já vi a tua casa – diz a Ashleigh. – Não vi nenhum tema. A não ser que fosse *um episódio de depressão profunda*.

– Quando é que viste o meu quarto? – pergunta o Miles.

– Fui buscar a Daphne a casa – diz ela, aparentemente feliz por ter sido apanhada.

– Na realidade, o tema é «não voltas a ser convidada» – digo à Ashleigh. Depois, para o Miles: – A que horas é que tens de estar no trabalho?

– Merda! – Ele inclina-se ainda mais sobre o balcão, para ver as horas no meu computador. Volta a olhar para mim e aponta, para dar ênfase, o que acentua bastante a âncora estilo Popeye que tem tatuada no bíceps. – Amanhã. Uma da tarde. Não te atrases.

– Nunca me atraso – digo.



O Miles está quinze minutos atrasado.

Digo-lhe isso mesmo quando ele entra no apartamento.

– Eu sei – diz. – Desculpa. Fui beber café e estava uma fila enorme. – Entrega-me um copo de papel. Reconheço o logótipo da Fika, o café onde parei a caminho do trabalho ontem.

– Obrigada – digo.

Ele não responde, espera apenas que eu prove, suponho.

– Eu não costumo beber café – digo. – A não ser que esteja super cansada. Deixa-me muito agitada.

Ele franze o sobrolho com os lábios apertados.

– Tinhas um copo deles na tua secretária ontem, por isso pensei...

– *Chai* – digo.

Ele dá uma palmada na testa, como se estivesse a pregar a informação na cabeça.

– Vamos? – pergunto.

À saída do nosso prédio, a luz do sol repentina fere-me os olhos. Perco o sentido de orientação e acabo por dar um encontrão *no* Miles quando ele estava *simplesmente* ao meu lado.

Ele agarra-me nos ombros e vira-me em direção à *pick-up* dele, meio quarteirão mais adiante.

– Então, onde é que vamos? – pergunto.

– Às compras.

– A sério? – Viro-me para ele, e o vento atira-me o cabelo para a cara. Apanho uma madeixa, afasto-a dos olhos e prendo-a na testa. – Vais fazer uma mudança de estilo?

Ele olha para si próprio.

– Estás a tentar dizer-me alguma coisa?

– Quer dizer, quando apareceste ontem na Hora do Conto, apanhei a Sra. Dekuyper a olhar para ti e para um livro do Lobo Mau, como se estivesse a tentar encontrar as diferenças.

– Pois, pois – diz ele. – Ela achou que eu era giro.

– Nem sequer sabes qual era a Sra. Dekuyper – saliento.

– Todas elas acharam que eu era giro – diz ele. – As mulheres de uma certa idade adoram-me.

– Deves lembrá-las de quando eram jovens – digo – e o Abraham Lincoln era o «Homem Mais *Sexy* do Ano», na *People*.

Ele abre a porta do passageiro e mantém-na aberta com uma mão, enquanto coça o queixo barbudo com a outra.

– Achas que a devia cortar?

– Acho que deves fazer o que te apetecer. – Subo para o banco rasgado.

– Mas tu achas que a barba me fica mal. – Ele fecha a porta, com a janela aberta entre nós.

– Acho que a barba é um caos absoluto – digo. – Mas não te fica

necessariamente *mal*. É a tua cara, Miles. O que importa é como te sentes acerca disso.

Ele apoia os antebraços por cima da porta.

– Pois bem, Daphne, estou mais inseguro acerca de como *me* sinto acerca disso desde aquele comentário jocoso sobre o Lobo Mau.

– Não leves a minha opinião muito a peito – digo. – Já sabes que eu tenho um péssimo gosto em homens. – E, sinceramente, cada vez gosto mais da barba. O caos combina com ele. – Onde é que vamos às compras? À Family Fare?

– Ainda melhor. – Ele empurra o trinco da porta e depois dá a volta ao carro e entra.

– Ao Tom's Food Market? – pergunto.

– Ainda melhor – repete.

– Oh, já sei – grito. – À Meijer.

Ele olha para mim e o motor arranca com um engasgar.

– Faz-me um favor – diz ele, suavemente – e destranca a tua porta.

– Porquê?

– Para eu te poder empurrar para fora do carro quando arrancar deste lugar de estacionamento – diz ele.

– Não eras capaz – digo.

– Pois não – admite ele, e arranca. Leva-nos no sentido oposto da cidade e do lago, em direção ao campo.

A *playlist* dele para corações partidos continua em alta.

Ou talvez ele tenha voltado a seleccioná-la só para me divertir, porque ele *tem* um ar um bocadinho mais travesso do que o habitual.

O tráfego diminui quando seguimos mais para o interior, para longe do pitoresco centro da vila e dos *resorts* que acompanham a praia, com estilo vitoriano e colonial, e cores de algodão-doce.

É fácil esquecer o quão isolada Waning Bay realmente é quando se está lá dentro mas, passados poucos minutos, estamos a serpentear por uma paisagem campestre maravilhosamente ensolarada.

De repente, do nada, paramos na berma da estrada. Pelo para-brisas empoeirado, deteto uma banca de uma quinta, pintada de verde, atrás da qual se encontram duas senhoras idosas com calças de trabalho, camisolas de alças às flores e palas a combinar, a vender espargos.

– Então, só para perceber – digo, – quando disseste que íamos às *compras*, querias dizer *espargos*.

O Miles lança-me um olhar meio ofendido.

– Isto – diz ele – é apenas a primeira fase.

Salto do carro, com a poeira a levantar-se sob as minhas sandálias, e sigo-o até à banca.

– Olá, olá! – diz uma das senhoras. – Já de volta?

– Claro – diz o Miles. – Barb, Lenore, esta é a minha amiga Daphne Vincent. Daphne estas são a Barb Satō e a Lenore Pappas.

– Muito gosto – digo.

– A Daphne mudou-se há pouco tempo – continua o Miles – e nunca experimentou os vossos espargos.

– A sério? – diz, animada, a mais baixa das duas mulheres, a Barb. Começa a vasculhar as caixas. – Deixem-me encontrar-vos os melhores dos melhores.

– Tenho a certeza de que são todos bons – digo.

– Claro que sim – diz a outra mulher, vinte centímetros mais alta do que a primeira –, mas a Barb tem olho para escolher os melhores e queremos que os nossos novos clientes voltem, por isso, deixe-a fazer a sua magia.

– Muito obrigada – digo.

A Lenore inclina-se sobre a bancada.

– Como é que te tens estado a aguentar, querido?

– Bem – diz o Miles. – Estou bem.

Ela aperta-lhe o antebraço.

– És um bom rapaz e mereces ser feliz. Não te esqueças disso.

– Estes são os vossos. – A Barb levanta um molho de espargos que deve conter, pelo menos, uns vinte e sete talos.

– Ah, sim, que bom aspeto – concorda o Miles e abre a sacola que tinha trazido da *pick-up*. Ela coloca os espargos lá dentro e ele tira a carteira do bolso.

– Não, não, não – diz a Barb. – O teu dinheiro aqui não vale nada.

Ele enfia a nota de dez dentro do jarro das gorjetas perante enorme protesto.

– Seria um crime não pagar por isto.

– Tecnicamente, seria roubo – acrescento.

– Tome conta do nosso rapaz – diz-me a Lenore com firmeza, mas pisca-me o olho. – Ele é um dos bons.

– Tenho-me apercebido disso – respondo.

Elas elogiam-no e cumprimentam-no carinhosamente quando nos despedimos e voltamos à *pick-up* empoeirada e as minhas bochechas doem só de estar, inconscientemente, a igualar os radiantes sorrisos delas. Assim que estamos no carro, e elas já não nos conseguem ouvir, baixo a voz e murmuro:

– Não estavas a brincar acerca do efeito da barba nas nossas respeitadas anciãs.

Ele ri-se.

– Não, *elas* odeiam a barba. Só gostam de mim porque eu gasto fortunas nos espargos delas. E no milho delas, mais para o final do ano.

Solto uma gargalhada enquanto voltamos à estrada.

– Miles, tenho a certeza absoluta de que elas te davam toda a colheita e tudo o que está dentro do frasco das gorjetas. Quanto milho é que um homem tem de comer para ganhar aquele tipo de adoração?

– Não é um homem – diz ele.

– Uau – digo. – Um Walt Whitman dos tempos modernos.

– Não é isso, o que quero dizer é que elas são nossas fornecedoras.
– Nossas? – pergunto.
– Da Cherry Hill – diz ele. Quando não digo nada, olha para a estrada e depois volta a olhar para mim, e assim sucessivamente durante algum tempo.
– Sou o comprador.
– O que é que isso significa? – digo.
– Significa que o nosso *chef*, o Martín, faz uns menus diferentes para cada estação e eu procuro os melhores ingredientes para ele. Por isso, vou ao talho e às bancas de estrada e ao lagar de azeite, e à queijeira...
– *Queijeira!* – digo. – Tens uma queijeira na agenda?
– Uma vez que já não estamos em 1998 – diz ele, – não, não tenho o número dela numa agenda. Mas trocamos mensagens sempre que ela tem alguma coisa especial.
– Uau – digo. – Quem diria que eu tinha ido morar com o homem mais bem relacionado deste lado do Lago Michigan?
– Provavelmente, qualquer pessoa com quem me relaciono – responde. – Portanto, tipo, metade de Waning Bay?
– Então, se eu por acaso precisasse de... compota de morango...
– A Quinta da Família Reddy – diz ele. – Mas se eles não tiverem, a do Drake também é boa.
– E se eu quisesse abóbora manteiga... – digo.
– As Quintas Sustentáveis de Faith Hill – diz ele. Abro a boca e ele acrescenta: – Sem relação com a cantora de *country*, infelizmente.
Franzo o sobrolho.
– Que pena.
– Eu sei – diz ele.
– Então e se eu precisasse de feijão verde? – pergunto.
– A Quinta do Feijão Verde de Ted Granges – diz ele.
– E se precisasse de encomendar o assassinato de alguém? – digo.
– O Gill, do MeatLocker – responde, sem hesitar.
Quando olha para a minha cara, solta uma ruidosa gargalhada.
– É uma piada, Daphne. Mas o Gill mencionou que estava à procura de lares para uma ninhada de gatinhos.
– Não me parece que a clientela da Cherry Hill seja assim tão aventureira a nível de paladar – digo.
– E têm sorte, porque o *chef* Martín também não. Mas, por acaso, tenho andado a pensar em adotar um gato – diz ele.
– Mais uma razão para eu me mudar para Maryland – digo. – Sou alérgica.
– O gato está excluído – diz ele.
– Não desistas do teu hipotético gato por minha causa, Miles – digo. – A Barb e a Lenore são capazes de me matar se eu te roubar essa alegria.
– O gato é só um sonho – diz ele. – Depois de terem vivido com o Gill, eu nunca conseguiria dar a um desses gatinhos a vida a que está acostumado.

– Verdade. Não tens cabedal suficiente *nem* tens uma mota com um *sidecar* e um capacete minúsculo.

– Oh, meu Deus, isso seria tão fofo – diz ele, com a encantadora ideia a iluminar-lhe os olhos castanhos.

Ele liga o pisca quando nos aproximamos de uma banca de cerejas.

É basicamente uma repetição do que aconteceu na banca dos espargos, só que a Barb e a Lenore são substituídas pelo Robert pai, um tipo robusto na casa dos quarenta anos, e o Rob júnior, um miúdo desengonçado que tem entre onze e doze anos. Desta vez, sou eu que insisto em pagar os dois sacos de cerejas e, quando voltamos a entrar na cabina da *pick-up*, o Miles olha para mim com expectativa, o cinto de segurança por colocar e o motor ainda desligado.

– Não vais provar uma?

– Tens alguma tara com isto? – digo.

A parte de cima das bochechas dele, a única que não está escondida pela barba de lobisomem, cora de repente.

– Só quero saber se as achas tão boas quanto eu.

– *Okay, okay.* – Agarro em duas cerejas carnudas com um longo caule e dou-lhe uma. Como se houvesse algum tipo de cronómetro invisível, mantemos o contacto visual e enfiámos as cerejas na boca ao mesmo tempo.

É doce, mas não demasiado. Ácida sem deixar um sabor metálico. E sumarenta. Mais sumarenta do que qualquer outra cereja que alguma vez comprei num supermercado. Tão sumarenta que, quando a mordo, escorrem gotas pegajosas entre os meus lábios, que pingam para o meu queixo.

E apesar de, *há dois segundos*, eu estar determinada a não dar um pio, sai-me um entusiástico *hummm*, seguido por um «uau».

Com um sorriso de orelha a orelha, o Miles tira da consola central um guardanapo com o logótipo do Big Louie's e limpa-me o queixo antes que fique com sumo de cereja por todo o lado. Amarrota o guardanapo dentro de um copo de papel vazio que está no suporte dos copos e, depois, cospe o caroço da cereja dele e agarra no copo para eu fazer o mesmo, um gesto estranhamento íntimo que faz com que as minhas entranhas sintam que estiveram a cozinhar ao sol durante demasiado tempo e vão esturricar se não forem viradas em breve.

– A melhor cereja que já comeste – adivinha o Miles.

– Sinceramente, nem sabia que gostava de cerejas até agora – digo.

– Também não faziam parte das minhas preferências até me mudar para aqui – diz ele.

– De onde és mesmo? – pergunto. – Desculpa, esqueci-me.

Os olhos dele desviam-se de mim.

– Não faz mal, tudo bem. – Liga o carro. – Sou de Illinois.

– E como é que vieste aqui parar? – pergunto.

Ele olha por cima do ombro antes de voltar a entrar na estrada.

– Vim atrás de uma rapariga.

– Da Petra? – digo.

Ele abana a cabeça.

– Aaaah, a *outra* namorada – digo.

– A número um de duas – confirma. – A Dani. Ela é prima do *chef* Martín. Ele e o marido abriram a Cherry Hill e ele ofereceu emprego à Dani na sala de provas. Então, ela arranhou um lugar para mim também e viemos de Chicago. Separámo-nos alguns meses depois. Nessa altura, eu já não me queria ir embora, e ela queria, portanto, voltou para a cidade.

– Então é por isso que achas que eu não me devo ir embora? – sugiro. – Por causa da hipótese remota de o Peter e a Petra decidirem ir primeiro?

– Já te disse – diz ele. – Acho que não te deves ir embora porque eu não quero que te vás embora. E a minha felicidade é *muito* importante. Ouviste o que a Barb e a Lenore disseram.

– Pois ouvi – digo. – Lembro-me da letra do segundo verso da balada que elas cantaram sobre ti.

– Isso não foi nada – diz ele. – Espera até conheceres o Clarence da quinta de alfazema.

– Ou és o homem mais amigável do planeta – digo – ou um assassino em série de alto nível.

– Porque não ambos?



O Clarence não deve ter mais cinco anos do que nós e é um tipo de falinhas mansas com cabelo ruivo encaracolado. Ele não é agricultor, é empregado de uma pequena loja, na casinha caiada que encontramos por detrás de fileiras de flores com um lilás vibrante, densamente populadas por abelhas.

Eles vendem *tudo* o que existe com alfazema.

Ambientador e sabonete de limão e alfazema. Panos de cozinha com um delicado padrão de alfazema, feitos por um artesão local, e um roupão fofinho com alfazema bordada nos bolsos, feito por outro artesão local *diferente*.

Mas suponho que a verdadeira razão por que o Miles me trouxe aqui sejam os biscoitos de manteiga e alfazema e a limonada de mirtilos e alfazema. Ele compra um biscoito para cada um. O Clarence coloca seis no saco.

– Talvez devesse comprar alguma coisa para a Ashleigh – digo. – Não, espera, devia comprar-lhe *tudo*, para a obrigar a ter uma casa com a temática alfazema.

– Não sei porque é que ela estava tão assustada com o amor do Craig pelos Phish – diz ele, agarrando no saco da pastelaria e no seu copo de limonada e dirigindo-se ao terraço com vista para os campos de alfazema. – É óbvio que o homem é dos que sabem assumir um compromisso. Isso é uma

coisa *boa*. – Ele para, passa-me um biscoito e depois tira um para ele.

Afasta o olhar enquanto eu mordo o biscoito e eu interrogo-me se o terei deixado constrangido com o comentário da tara. Há uma semana, eu teria achado que não era possível perturbá-lo.

– Divinal – digo. Fica tão *visivelmente* contente que não consigo deixar de sentir uma pontada de carinho por ele.

Que é rapidamente abafada por outra sensação muito mais avassaladora. Porque, no parque de estacionamento, um tipo alto, ágil e musculado está a sair de um *BMW* familiar, com o sol a refletir no seu cabelo dourado perfeitamente penteado e nos cintilantes olhos verde-esmeralda.

O olhar dele passa por nós em direção à loja, enquanto começa a encaminhar-se para lá e, depois, repentinamente, volta atrás e foca-se em mim.

Fitamo-nos.

O meu estômago contorce-se.

O Peter hesita e, durante um segundo, parece que vai tropeçar e cair de cara no chão, na gravilha descorada pelo sol.

Mas trata-se do Peter. Nada tão vulgar como a gravidade consegue derrubá-lo.

O Miles segue o meu olhar no preciso momento em que o Peter recomeça a andar.

Ouçó o Miles dizer entredentes:

– Merda.

Já é suficientemente mau eu estar a dar de caras com o Peter tão cedo, mas encontrá-lo *aqui*, neste sítio de que ele nunca me falou, quanto mais *trazer-me cá*, parece uma bofetada de luva branca.

Como que um lembrete de que ele nunca esteve muito interessado em saber se eu era feliz aqui, se eu me apaixonava pela zona. Como se eu devesse estar feliz por o ter a ele e só a ele, apesar de *eu* nunca poder ser o suficiente para *ele*.

Ele está a desviar-se do caminho. E a dirigir-se propositadamente para nós.

Merda, mesmo.



Domingo, 2 de junho

76 dias até poder ir-me embora

Quando o Peter chega ao pé de nós, há dois segundos inteiros de silêncio, como se estivéssemos os três à espera que fosse o outro a falar primeiro.

– Oi – acaba por dizer o Peter.

– Olá – digo.

O Miles continua calado. Provavelmente, é melhor assim. Acho que ele é demasiado amigável por natureza para dar ao Peter a receção gélida que ele merece.

Após um instante, o Peter olha para as portas abertas da loja, como que à espera que alguém o chame, ou que o edifício entre em combustão espontânea e lhe dê alguma coisa de que falar além do tempo.

Podíamos tão facilmente ter-nos ignorado, que me irrita o facto de ele ter decidido vir ter connosco.

Mas é claro que ele não ia querer parecer indelicado.

– É um bom dia para vir apanhar alfavema – solta.

O Miles responde com um «Iá».

O Peter ignora-o.

– Será que podemos conversar um segundo, Daphne?

O Miles aproxima-se mais de mim, protetor, a relembrar-me de que não *tenho* de dizer sim, que podemos seguir para a *pick-up* e fingir que isto nunca aconteceu. Voltar para o nosso apartamento e beber e chorar a ouvir Céline Dion.

– Já vou ter contigo ao carro – murmuro-lhe.

O Miles fita-me durante um momento antes de assentir. Não diz mais nada ao Peter, dirige-se apenas para o parque de estacionamento.

Outro silêncio incómodo. Belisco a palma da mão para não o quebrar.

– Então – diz o Peter – como é que estás?

Questiono-me se o meu queixo terá caído.

– A sério?

O Peter inspira, olha de soslaio por cima do ombro para a *pick-up* ferrugenta e para o homem encostado a ela.

– Olha – diz ele, com a voz mais suave quando me encara. – Eu sei o quanto te magoei. Eu sei que aquilo que fiz foi horrível...

Sai-me uma gargalhada.

– Uau, já me sinto muito melhor.

Estou à espera de que ele fique altivo, armado em superior, como aconteceu durante a separação. Tenho de lhe reconhecer o devido mérito quando não é isso que acontece.

Ele franze o sobrolho e os cantos dos lábios carnudos viram-se para baixo.

– Eu mereço isso e tudo o resto que não estás a dizer. Eu sei. Mas isso não muda o facto de que eu gosto de ti.

Gostava de ter conseguido rir outra vez, mas parece que os meus órgãos estão a ser atacados por uma película de gelo, o que torna impossível mover-me.

– E sei que isto deve estar tudo a ser péssimo para ti – diz ele. – Estar aqui, sozinha.

– Não estou sozinha – digo.

– Eu sei – diz ele. – É isso que estou a dizer. Pode parecer mais fácil estar... simplesmente com alguém. Mas tu mereces melhor do que isso.

Estou outra vez boquiaberta.

– O que eu quero dizer é para teres cuidado – diz ele. – Aquele tipo é uma confusão e não quero vê-lo a arrastar-te nela.

Como se eu ainda pudesse descer mais fundo.

– Sabes porque é que ele veio morar para aqui? – diz ele. – Sabes que a família dele nem sequer fala com ele? Aquele tipo não vale nada, Daphne. Podes arranjar muito melhor.

Isto apanha-me de surpresa. Sou atacada por uma ligeira dúvida. Seguida de imediato por uma onda de furiosa superproteção.

É óbvio que há muita coisa que desconheço acerca do Miles. Só somos colegas de casa há um mês e meio e amigos há menos do que isso. Ele não tem de me contar a história de vida dele nem nenhuma verdade sem filtros.

Mas o *Peter*, o Peter pediu-me em casamento.

Pediu-me para desistir da minha vida toda e colar-me à dele.

Pediu-me para aceitar a sua lindíssima melhor amiga hétero porque *não havia absolutamente nada entre eles*, e eu disse que *sim*, a tudo aquilo que ele

pediu, porque confiava nele. Eu *decidi* confiar nele. Prometi. Um voto pessoal, feito muito antes do nosso casamento.

E agora ele está a olhar para mim, com uma mistura perturbada de preocupação e esperança, como que a pensar: *Consegui! Ela percebeu! Salvei-a da ruína!*

– Sabes que mais, Peter? – digo – Obrigada por teres falado comigo hoje.

A cara dele ilumina-se, com o alívio a inundar-lhe a expressão.

– É sempre bom quando nos relembram que o nosso ex *é* um parvalhão tão grande quanto nós pensávamos que era.

Dito isto, viro-lhe as costas e atravesso com determinação o parque de estacionamento ensolarado em direção ao tipo encostado ao carro, com a porta do passageiro aberta à minha espera.

– Estás bem? – pergunta o Miles, assim que eu me lanço nos seus braços e enrolo os meus à volta do pescoço dele. As sobranceiras dele erguem-se numa surpresa divertida.

– Ele está a olhar? – sussurro.

O Miles assente.

– Posso beijar-te?

Um sorriso meio divertido, meio escandalizado, toma-lhe conta do rosto.

– *Okay.*

Então, inclino-me para ele e levanto o queixo e ele baixa a testa e damos um dos piores cinco beijos da minha vida, incluindo a escola preparatória.

O problema é que eu vou com muita sede ao pote, enquanto ele aposta numa coisa mais casta, do género atores-adolescentes-numa-peça-escolar, portanto, acabo por lhe morder a boca toda, o que o faz rir-se para dentro da minha, o que por sua vez *me* faz rir, só que por esta altura ele já adaptou a abordagem dele à minha e o meu riso morre-me na garganta quando ele me agarra a anca com uma mão e o queixo com a outra e me beija *a sério*.

Impaciente, bruto, mas não *desajeitado*.

A boca dele ainda está fresca da limonada, o hálito dele cheira a alfazema e a mão dele desliza para o fundo das minhas costas e entra pela minha camisola. A outra percorre-me o cabelo quando ele me puxa contra si, e as minhas costas curvam-se até estarmos encaixados um no outro.

A língua dele entra-me na boca, a explorar, e depois um bocadinho mais profundamente, a brincar com a minha. Uma explosão de entusiasmo percorre-me o peito quando ele nos vira cento e oitenta graus, encostando-me contra o banco do passageiro e pressionando as ancas contra as minhas.

Já li entrevistas com atores sobre a filmagem das cenas de sexo não ser *sexy*, ser apenas um desempenho mecânico. Um bocado constrangedor, mas profissional. Mas não é isso que me está a acontecer. O que está a acontecer é biológico, não é superficial.

Os meus mamilos estão espetados contra o peito dele, sinto um calor a descer do estômago em direção às coxas e, quando o sinto a ficar excitado

contra mim, o choque dá de imediato lugar a um desejo confuso e nervoso.

Não me lembro de pôr as mãos no cabelo dele, mas sinto-o escorregar entre os dedos e ouço um leve som de desejo na minha garganta quando ele passa a língua pelo meu lábio superior.

Ele afasta-se devagar e o beijo permanece entre nós, como a bonança após a tempestade, que chega de forma gradual e não abrupta.

Tenho a respiração agitada e consigo sentir o coração dele acelerado.

– Que tal? – pergunta ele em voz baixa.

– Sim – consigo dizer. – Foi bom.

– Ele ainda está a olhar? – pergunta o Miles.

Ah, é verdade. O Peter.

Como o Miles nos tinha virado, sou eu que estou de frente para a loja e o terraço adjacente.

O Peter *não* está a ver. Nem sei sequer se ele ainda *aqui* está.

Ou entrou na loja ou meteu-se no carro e foi-se embora. Sem torcer o pescoço para observar o parque de estacionamento, não consigo ter a certeza.

O calor sobe-me da garganta para a testa.

– Não.

Os dedos do Miles afastam-se do meu queixo e a outra mão liberta-me as costas.

– Vamos andando? – pergunta.

– Vamos! – guincho e esgueiro-me entre ele e a *pick-up*. Ainda bem que viemos no carro dele, porque não estou em condições de conduzir.



Lavamos as cerejas e comemo-las enquanto grelhamos os espargos para os usarmos numa salada enorme para o jantar.

Nenhum de nós se refere ao beijo e eu não sei sequer se ele voltou a pensar nisso desde que saímos da quinta de alfazema. No entanto, sempre que me distraio, vêm-me fragmentos à memória e a minha pele fica quente com a lembrança.

Por um lado, é quase como se tivesse tido um sonho sexual muito vívido com ele e só precise de agir de forma normal até que um sonho maroto com, sei lá, o Pai Natal, supere este.

Por outro lado, tenho *a certeza* de que aconteceu mesmo porque se eu tivesse de *imaginar* como é que seria beijar o Miles, teria sido doce e brincalhão e divertido, talvez um bocadinho desleixado. Porque *ele é* doce, brincalhão, divertido e um bocadinho desleixado.

Mas não foi absolutamente nada assim.

Claro que se o beijo tivesse ocorrido em circunstâncias menos vingativas, talvez tivesse sido diferente. Talvez seja assim que ele beija

quando foi recentemente confrontado pelo homem por quem a namorada o deixou. Como uma vingança.

– Estás bem? – pergunta.

Levanto os olhos do pepino e dos tomates que tenho estado a cortar em modo piloto automático.

– Sim!

Ele franze o sobrolho, com as ancas encostadas à bancada.

– Queres falar sobre isso?

Levanto a cabeça de repente.

– Sobre o que ele disse para te deixar chateada – esclarece o Miles.

Levo a tábua de corte até à taça da salada e arrasto os ingredientes lá para dentro.

– Ele estava só a ser estúpido.

O Miles vira-se para o grelhador e vira os espargos.

– Tudo bem se não me quiseres contar.

Apos vários segundos, respondo.

– Tinhas razão quando disseste que ele ainda tem ciúmes. Ele não suporta mesmo o facto de alguém poder gostar de ti. Ele acha que é, tipo, um repúdio direto à personalidade dele. E sabes que mais? Se calhar, é.

A cabeça do Miles assume um ar trocista e conhecedor.

– Não se trata de *mim*. És *tu*. Ele quer as duas. Está com a Petra, mas continua a querer que estejas apaixonada por ele.

– Certo, porque se eu gostar de alguém que é completamente diferente dele, isso dá-lhe cabo do ego – continuo, de imediato. – Percebes, se ele *pensar* que estou a sair com alguém que é super diferente dele.

O Miles abana a cabeça.

– Não acho que seja isso. Ele arriscou muito e agora que o entusiasmo inicial está a passar, está a questionar se fez a coisa certa. E ver-te com outra pessoa relembra-o de como era estar contigo.

Dou comigo a morder o lábio inferior. Quando o olhar dele segue o movimento, paro.

– Ele falou sobre ti – revelo.

Arrependo-me logo.

As sobrancelhas do Miles erguem-se.

– Ele estava só a ser parvo – repito. – E deixou-me furiosa. E foi por isso que...

Ele cruza os braços, com uma expressão neutra. O rosto dele quase nunca é neutro.

– O que é que ele disse?

Tenho um nó na garganta.

– Primeiro que tudo, é bom que saibas que não me deves *nenhum* tipo de explicação.

– Daphne – diz ele, – *deixa-te de rodeios*.

– Ele disse que a tua família deixou de falar contigo.

A reação é instantânea e nada subtil. Choque. Mágoa.

Ele vira-se e mexe outra vez nos espargos.

– Ele estava a ser parvo – digo.

Ele acena com a cabeça, sem me encarar, com os ombros rígidos, o que não é habitual na sua postura relaxada.

– Tal como eu disse, não me debes explicações. Ele só falou nisso para ser mauzinho e eu não tenho nada a ver com isso – continuo.

Ele volta a concordar com a cabeça, ainda tenso.

Merda. Entrei no jogo do Peter. Ele arranjou uma forma de magoar o Miles à distância, por ele ter tido a *audácia* de amar a sua melhor amiga e depois, alegadamente, a ex.

Estou atrás do Miles e coloco as minhas mãos nos ombros dele, empurrando-os suavemente para baixo. Ele solta um suspiro profundo e cansado. Resisto ao impulso de apoiar o meu rosto entre as omoplatas dele.

– Miles? – digo.

Ele olha para mim por cima do ombro e a luz ilumina os laivos de castanho-escuro nos olhos dele, tornando-os dourados, da cor do xarope de ácer.

– Desculpa ter falado nisso – digo.

– Sem problema, tudo bem.

Ele vira-se para mim e as minhas mãos deslizam-lhe pelas costas até ficarem de novo assentes sobre os ombros. Ele envolve-me os pulsos com uns círculos largos e baixa o olhar.

– Desculpa, eu... – inspira. – Acho que estou surpreendido por a Petra lhe ter contado isso. Eu... mal falei sobre isso com ela.

Pressiono as palmas da mão sobre os músculos trapézio, a tentar libertar-lhe a tensão. Os polegares dele movem-se para cima e para baixo nos meus pulsos, irrequietos. Sinto que ele está a tentar acalmar-se e distrair-se. A mim, está a provocar-me o oposto.

– Desculpa – repito.

A cabeça dele inclina-se ligeiramente para um dos lados.

– É verdade. Não tenho, de facto, um relacionamento com os meus pais. É o que é e não posso mudar isso. Há tanta coisa boa na vida. Para quê ficar a matutar naquilo que não é?

– Uau, eu não podia ser mais diferente – brinco suavemente. – Sou queixosa por natureza.

Ele sorri, só um bocadinho.

– Não és nada.

– Estás a brincar? – digo. – Eu e a minha mãe costumávamos fazer um jogo a que chamávamos Bebés Chorões. Alternávamos a queixar-nos de pequenas coisas parvas até não nos lembrarmos de mais. Como a rapariga que se sentava ao meu lado na aula de Inglês e que roía o lápis muito ruidosamente. Quem tivesse a queixa mais insignificante podia escolher o jantar.

Os cantos da boca dele sobem.

– Parece espetacular.

– Por acaso, era – digo. – Às vezes, queixarmo-nos das coisas e termos alguém para nos ouvir e compreender retira-lhes a importância.

– Isto não tem importância – diz o Miles. – Está tudo bem. Tenho a minha irmã. Ela é a minha família.

– Suponho que todas as famílias sejam complicadas, de uma maneira ou de outra.

Penso na minha casa vazia. De estar descalça junto ao aquecedor, a deixar que o calor me atravessasse o pijama enquanto olhava pela janela e esperava. Ser merecedora, ser escolhida.

O canto da boca do Miles agita-se.

– A Petra era, basicamente, um quadro do Norman Rockwell.

Suspiro.

– Pois, o Peter também.

O Miles ergue o olhar, sob uma sobrancelha ligeiramente franzida, com os polegares ainda a acariciar-me os pulsos.

– Eras próxima? – pergunta ele. – Dos pais do Peter?

Sinto uma pontada no peito.

– Mais ou menos. Quer dizer, talvez não se possa dizer que era próxima. Mas eles sempre foram muito simpáticos. A mãe dele foi comprar o vestido de noiva comigo e com a minha mãe. E mandou fazer-me uma meia de Natal com monograma, para condizer com a do Peter e do irmão. São o tipo de família com milhões de tradições. Certos pratos e sobremesas específicas para cada um dos aniversários. Tudo o que têm em casa é uma herança com uma história ótima, e ele e o irmão, Ben, discutiam sobre quem é que iria herdar o quê um dia, mas de forma brincalhona. A família extensa vem sempre cá para a Passagem de Ano e eles fazem um jogo de troca de prendas inúteis e é tudo muito... não sei. Eu só queria mesmo...

– Fazer parte disso? – adivinha o Miles.

Aceno que sim com a cabeça.

– Pois – diz ele.

Não tinha sabido nada dos amigos locais do Peter desde a separação, nem mesmo o Scott. Mas tanto a mãe como a namorada do irmão, a Kiki, me enviaram mensagens nas primeiras semanas. A Kiki disse para eu aparecer se alguma vez estivesse para os lados de Grand Rapids, e eu sabia que ela estava a ser sincera.

A mensagem da Sra. Collins, porém, dizia apenas: a pensar em ti, com um coração roxo ao lado.

– Vale o que vale – digo, – mas quando o Peter disse aquilo, parecia que não sabia bem do que estava a falar. Como se tivesse recebido uns resumos sobre a Petra e inventado o resto. Duvido que ela tenha falado mal de ti.

– Sim, eu sei – diz ele. – Ela não o faria.

Há uma leveza na voz dele, mas ele parece invulgarmente distante, como

se metade dele estivesse aqui comigo e a outra metade virada para dentro.

É surpreendente o quão forte é o meu impulso para o reconfortar, o quão confortável me sinto encostada a ele, apesar de se poderem contar pelos dedos da mão os abraços que trocámos nos meses em que vivemos juntos.

As mãos dele descem pelos meus braços e cruzam-se nas minhas costas. Ficamos ali entrelaçados durante vários segundos.

– Queres atirar ovos ao carro dele? – murmuro contra o peito dele.

– Parece um desperdício de ovos – diz ele.

– Concorde – digo. – Só gostava que a minha ginecologista me tivesse dito isso antes.

Estou a brincar, mas o Miles afasta-se o suficiente para conseguir ver a minha cara.

– Tu serias uma ótima mãe.

É o tipo de coisa que toda a gente diz aos amigos, mas eu acredito nele quando o diz e fico estranhamente sensibilizada.

– Então e tu? Queres ter filhos?

– Eu não saberia o que fazer. – O sorriso dele é vago, enquanto me prende o cabelo atrás da orelha. Faz-me sentir como uma garrafa de dois litros de gasosa virada de pernas para o ar, com as bolhas todas a correr na direcção oposta. – Diz-me alguma coisa.

– O quê? – pergunto.

– Alguma coisa sobre ti – diz ele. – Que não tenha nada a ver com *ele*.

– Bem – rio-me. – Suponho que só precisas de saber que acabei de ter uma branca. Isso traduz bem o quão segura estou atualmente sobre «quem sou por estes dias».

– E a tua família? – diz ele. – Tens irmãos?

– Que eu saiba, não – digo.

Ele inclina a cabeça.

– O meu pai teve *muitas* namoradas ao longo dos anos – digo. – Não ficaria muito surpreendida se tivesse alguns meios-irmãos por aí.

– Nenhum dos teus pais voltou a casar? – pergunta.

– A minha mãe nem sequer voltou a namorar depois do meu pai – digo.

– Demasiado magoada? – pergunta ele, o que me faz logo rir.

– Demasiado ocupada. Quando eu era criança, ela trabalhava muito para nos sustentar e dizia sempre que preferia passar o tempo livre comigo. Achei que assim que eu fosse para a faculdade ela iria tentar. Em vez disso, dedicou-se ao CrossFit e fez imensos amigos. Está sempre a fazer exercício com uma senhora chamada Pam ou a frequentar aulas de arte com uma mulher chamada Jan, ou a beber *smoothies* com as duas. Mas ela é muito feliz. Isso é que importa.

Assim que acabo de dizê-lo, sinto uma pontada de tristeza. Eu sei que ela estava a falar a sério sempre que disse que eu podia ir viver com ela, mudar-me para o apartamento minúsculo dela. Mas é a primeira vez, desde que me lembro, que ela tem uma vida cheia, para além de tomar conta de

mim.

Na semana em que o Peter me deixou, passei duas horas ao telefone a convencê-la a *não* cancelar a viagem de cinco dias «com a mochila às costas» que tinha programada com a Pam, para vir fazer de enfermeira do meu coração partido. Ela já tinha passado demasiado tempo da sua vida a abandonar tudo por minha causa, sabendo que tudo dependia dela.

Eu podia muito bem chorar nos braços dela no final do verão, durante a minha planeada visita pós-Maratona de Leitura.

– CrossFit – diz o Miles pensativo. – Isso explica tudo.

– Isso explica o quê? – pergunto.

– Os gritos e o chocalhar de metal que eu ouço no outro quarto quando estás a falar ao telefone.

– Ah, não – digo. – Isso não está relacionado.

– Não preciso de mais informação – alinha ele. – Não estou minimamente curioso.

– Os meus telefonemas agendados regularmente com o Christian Grey são perfeitamente triviais.

Ele franze o sobrolho.

– Quem?

– É de um livro – digo. – Esquece.

– Ah – diz ele. – Não leio muito.

– Sei que isso é uma possibilidade – digo – mas, sinceramente, nem consigo imaginar.

– De que é que gostas assim tanto na leitura? – diz ele.

– De tudo – digo.

A boca dele esboça um sorriso.

– Fascinante.

– Gosto de sentir que posso viver quantas vidas quiser – digo.

– O que é que esta tem de errado?

Perante a minha expressão, ele solta uma gargalhada.

– *Okay*, mas nós não somos apenas aquilo que aconteceu em abril. Vamos focar-nos nas outras coisas.

– Tipo o quê?

– Como é que começou? – pergunta ele. – A cena da biblioteca.

Viajo até ao passado, ainda antes da faculdade, até ao primeiro momento em que me *lembro* de adorar uma história. De sentir que estava a vivê-la. De ficar espantada, mesmo em criança, com o facto de uma coisa imaginária se tornar real, me conseguir arrancar todas as emoções ou criar-me saudades de sítios onde nunca tinha estado.

– Nárnia – digo-lhe.

– Desse já ouvi falar – diz ele.

– Desde que o Sr. Tumnus apareceu naquele poste de iluminação cheio de neve, este mundo nunca mais foi suficiente para mim.

– Quem é o Sr. Tumnus? – pergunta ele.

– Pensei que o tinhas lido! – gritei.
– *Não*, ouvi falar dele– corrige-me. – Quando era miúdo nunca lia por prazer. Sou disléxico e demorava demasiado tempo.
– E audiolivros? – digo.
– Isso conta? – pergunta ele.
– Claro que conta – respondo.
Ele semicerra os olhos.
– Tens a certeza?
– Sou bibliotecária – digo. – Se alguém pode decidir se conta ou não, sou eu.

Ele esboça um sorriso e os olhos enrugam-se nos cantos.

Durante um segundo, estamos só ali parados, um bocadinho perto demais um do outro. Ou talvez seja uma quantidade perfeitamente normal de espaço, mas o *beijo* passa-me de repente à frente dos olhos, em repetição uma e outra vez.

As mãos dele a envolver-me. Alfazema e limão na língua dele. As nossas costas curvadas juntas. Ele a ficar com tesão. Tenho quase a certeza de que o vejo em repetição nos olhos *dele* também.

– Merda! – Ele afasta-se repentinamente de mim. – Os espargos!

Tenta tirar um caule fumegante do grelhador, mas recolhe a mão com um silvo, à procura das pinças, antes da segunda tentativa de os colocar no prato.

Entretanto, eu fico ali parada, à espera que a agitação amaine.



Quinta-feira, 6 de junho

72 dias até poder ir-me embora

Mesmo num bom momento da vida, não é aconselhável começar a cobiçar um colega de casa, e nós nem sequer estamos perto de estar num bom momento.

Tento afastar a memória do beijo, juntamente com qualquer curiosidade relacionada com a boca do Miles, mas não é fácil.

Na quinta-feira, vou buscar um copo de água a meio da noite no preciso momento em que o Miles está a encher o seu próprio copo de água na cozinha, às escuras, só de calções de desporto vestidos, com as tatuagens desconetadas espalhadas pelo peito reduzidas a manchas escuras, pedaços dele que já vi antes, mas não *desde o beijo*, e que agora me deixam insaciavelmente curiosa.

Sobre os pratos perfeitamente equilibrados da Balança, sobre o Homem na Lua, sobre a ferradura mal desenhada e a pequena peça de fruta vermelha... um morango, talvez?

– Oi – diz ele com a voz sonolenta. – Precisas de alguma coisa?

Fito o olhar culpado no rosto dele.

– Não! – Já estou a voltar para o quarto quando me apercebo que sim, preciso do jarro de água que o Miles está a agarrar, mas não vou voltar à cozinha de maneira nenhuma.

No domingo, vamos de carro até Sleeping Bear Dunes e é mais fácil ser normal, porque está um calor abrasador e estamos ambos completamente

vestidos e, além disso, este é, talvez, o pedaço mais bonito de costa turquesa que alguma vez vi. Mesmo que seja o sítio onde vou acabar por morrer prematuramente, já que o Miles decidiu que devíamos alugar um *buggy*.

– Vai correr bem – promete-me ele, enquanto me passa um capacete.

– Eu diria que, provavelmente, não é aconselhável fazer-se nada que exija usar um capacete.

Ele aproxima-se, com a brisa a agitar-lhe o cabelo, e enfia-me o capacete na cabeça.

– Ou então – diz ele, com os olhos enrugados por causa do sol – tudo o que vale a pena fazer-se acarreta algum risco.

O esgar trocista dele lança-me um arrepio pela espinha. O pavio está a ficar cada vez mais curto, e não sei o que é que acontece quando arder todo.

Ele aponta com a cabeça para o *buggy*.

– Prometo ir devagar por tua causa.

A forma como o diz, de forma lenta e brincalhona, faz com que os meus pensamentos saiam disparados como bolas de bilhar numa tacada de abertura perfeita. Não consigo pensar em nenhuma resposta. Em silêncio, subo para o *buggy*.

O lado bom da experiência de acelerar por colinas num veículo sem portas, com o vento a esvoaçar pelo cabelo e a areia a agarrar-se à pele, é que é uma boa distração para deixar de olhar para a boca do Miles durante demasiado tempo.

A desvantagem: sempre que passamos por uma lomba, agarro acidentalmente a coxa direita dele com *ambas* as mãos, até que, por fim, ele desacelera e coloca a mão sobre a minha.

– Está tudo bem, eu protejo-te – sussurra ele num tom de veludo, que eu presumo pretender ser *tranquilizador* em vez de provocante.

Sempre que chegamos a um sítio mais panorâmico (o que é quase constantemente), ele insiste em parar para tirarmos uma foto juntos, e eu tenho de desligar o cérebro para evitar que a sensação de ter os braços dele à minha volta e o queixo dele no meu ombro, me atire novamente para a memória de estarmos aos amassos encostados à *pick-up*.

O domingo seguinte corre um pouco melhor. Começamos por conduzir até ao mercado de agricultores preferido do Miles, a três localidades de distância. Andamos por ali durante horas e saímos com aquilo de que precisamos para fazer pizzas.

Em casa, naquela noite, fazemos uma *Margherita* simples (a minha contribuição), bem como uma piza de queijo de cabra, alcachofras e uma mistura de *pesto* (a do Miles). Depois, ele mantém-na debaixo de olho no forno, enquanto eu aproveito a oportunidade para tomar um duche muito necessário.

Quando volto, enfiada num dos meus pijamas de seda favoritos, ele está a colocar as pizzas na mesa.

– *Timing* perfeito.

Ele levanta o olhar na minha direção, baixa-o e, depois, volta a olhar.

Sigo o olhar dele e percebo, horrorizada, que não sequei o cabelo convenientemente antes de me vestir. A parte de cima do pijama está molhada, quase transparente em vários sítios e – por falar em *timing* perfeito – os meus mamilos escolheram aquele momento para se manifestar, como se fossem suricatas curiosas.

Cruzo os braços sobre o peito.

Os olhos do Miles regressam ao meu rosto.

– Vou buscar os pratos – ofereço-me.

– Vou buscar as bebidas – tosse ele.

Na cozinha, pego em dois pratos florais diferentes e viro-me, chocando com ele. Os pratos ficam esmagados entre as nossas barrigas, e as mãos dele, numa tentativa de agarrar nos meus antebraços e evitar a colisão, estão pressionadas contra as minhas clavículas.

Pedimos os dois desculpa ao mesmo tempo.

Ou melhor, ele pede. *Eu* guincho.

Afastamo-nos atabalhoadamente para o mesmo lado. Depois ele dá um passo atrás, com uma mão esticada, num gesto que significa *tu primeiro*, e eu fujo para a mesa, para o deixar à vontade na cozinha. Quando ele volta, traz dois copos de vinho.

– Graças a Deus – digo acidentalmente quando ele me entrega um copo. Mas felizmente ele ignora o comentário.

Serve-nos uma fatia de cada piza e seguimos para a sala de estar, onde nos sentamos em pontas opostas do sofá. Dou uma dentada na de alcachofra primeiro.

– Aí está – diz o Miles.

Abro os olhos. Porque, pelos vistos, eu tinha fechado os olhos e depois gemido um bocadinho. Ele está a lutar contra um riso trocista enquanto morde a sua fatia.

– O gemido característico da Daphne – diz ele.

Coro.

– Há muito tempo que não como piza.

O Miles sorri sarcasticamente.

– É verdade, estiveste a fazer a dieta da erva de trigo. – Ele inclina a cabeça com os olhos a cintilar. – Então, que mais devemos fazer agora que estás solteira?

Quase me engasgo, ao mesmo tempo que uma onda de calor me desce até ao estômago.

Sinto a sensação fantasma de *mãos fortes na base da minha coluna, de uma barriga pressionada contra a minha, de lábios frescos que sabem a limão e alfavema.*

Tusso com força.

– O que é que queres dizer? – pergunto.

– Quero dizer – avança o Miles, – coisas de que o teu ex não gostava. E

que podes fazer agora.

Não sei como, mas isto soa-me ainda mais lascivo.

– Como comer piza – gaguejo, determinada a provar que não estou a ver segundas intenções nisto.

– Exato – diz ele. – Ou, por exemplo... andar de caiaque ao nascer do sol. Sempre quis fazer isso e nunca fiz.

– A Petra não gostava de andar de caiaque? – pergunto, incrédula.

– Ela não gostava de manhãs – diz ele. – Mas não estamos a falar *deles*. Estamos a falar de *nós*.

Basta a palavra *nós* para eu voltar a corar. Todo o meu sangue pode muito bem estar aprisionado na parte superior do meu corpo, porque assim que se espalha volta a ser chamado.

– Eu nunca andei de caiaque ao nascer do sol, mas não me importo de experimentar. Num dos nossos domingos, se quiseres.

– A sério? – pergunta ele.

– Não vou ser *boa* nisso – aviso, – mas posso tentar.

– E que mais? – murmura o Miles, a apertar suavemente o meu joelho.

Ignoro o relâmpago que me atinge o abdómen.

– Sempre quis aprender a fazer bolos, mas...

– Estavas a viver com um assassino em série – termina ele.

Rio-me, o que faz com que ele se ria também. Ainda tem a mão sobre o meu joelho e parece que tenho formigas-de-fogo a espalhar-se em todas as direções. O olhar dele desce até ao meu botão de cima e depois volta ao meu rosto.

– Então e tu? – deixo escapar.

Ele desvia o olhar, a morder o lábio de cima enquanto pensa.

– Filmes de ação – diz. – Há provavelmente uns três anos que não vejo um filme de ação.

O Peter também não gostava.

– Nem eu.

– Então, talvez devêssemos – diz ele.

– Talvez agora – digo, porque preciso de alguma coisa para onde olhar, outra coisa em que pensar.

– Talvez agora – diz ele, com um sorriso.



– Estou tão feliz por ti, querida – diz a minha mãe entre a respiração ofegante. Ela telefonou-me a caminho de casa, depois do CrossFit, e ou ainda está sem fôlego por causa do exercício ou, o que é mais provável, está a manter a caminhada a uma velocidade de oito quilómetros por hora.

Eu, entretanto, estou deitada no meu tapete felpudo cor de marfim, a

olhar para o teto com uma caneca de *chai latte* em cima da anca. É o máximo que consigo viver perigosamente: com um chá com leite num tapete quase branco.

– Feliz por mim? – repito. *Estou feliz por ti* não é a reação que se espera de uma história acerca da nossa colega ter tido de banir temporariamente um utilizador da biblioteca por este ter arrancado um computador da parede.

– Quero dizer, estou contente por te teres tornado amiga dos teus colegas – clarifica.

– Eu também. – Acho que ainda não tinha percebido o quanto me sentia sozinha aqui, mesmo antes da separação.

A Ashleigh e eu não tivemos outra grande noite desde que fomos à adega, porque o Duke é um pai envolvido, mas ela é que tem a guarda e o horário do Mulder está recheado de atividades extracurriculares. Mas só partilharmos os almoços na carrinha de comida estacionada do outro lado da rua, em frente à biblioteca, tem-me feito sentir muito mais em casa em Waning Bay.

– Estou tão feliz por te estares a abrir ao mundo – diz a minha mãe. – A tua vida pode ser muito feliz sem um relacionamento romântico. Acredita em mim.

Ou ela tem uma libido muito menor do que eu, ou está a conseguir gastar a energia a empurrar pneus em pisos de cimento.

Talvez ela tenha descoberto a pólvora. Talvez seja melhor eu inscrever-me em algum tipo de aula de exercício. Não no CrossFit, mas nalguma coisa que implique estar mais tempo deitada de costas a olhar para o teto. Ioga? Podia, *pelo menos*, começar a ir a pé para o trabalho, regularmente, agora que moro mais perto.

– Sabes uma coisa, querida? – continua a minha mãe – Há mesmo sempre sítio aqui para ti.

A um nível meramente espacial, é falso.

– Obrigada, mas tenho de ficar durante o verão.

– É verdade – diz a minha mãe. – A Maratona de Leitura.

Não lhe falei na outra coisa. No Posto de Turismo de Waning Bay com pernas, que dorme no quarto do outro lado do corredor. A minha mãe é demasiado perspicaz para eu falar nisso sem ela se aperceber da minha paixoneta de transição, e pôr lenha na fogueira só vai fazer durar mais a cena.

– E, entretanto, tens dinheiro suficiente para a renda? – pergunta ela.

– Não te vou pedir dinheiro emprestado, mãe.

– Não me importo nada – diz ela.

– Não é preciso. – É a verdade, mas mesmo que não fosse, nunca aceitaria um cêntimo dela. Durante anos, depois de se ter separado, o meu pai tratou-a como se fosse uma caixa multibanco e ela ajudava-o sempre, até eu fazer dezoito anos. Uma espécie de pensão de alimentos invertida, em que *ele* é que era a criança que ela era obrigada a sustentar.

Ela disse-me que não podia deixar o meu pai ao Deus dará, que não era

correto. Mas aconteceu uma coisa engraçada quando ela deixou de o financiar: ele ficou bem.

A minha mãe já cuidou dos outros o suficiente para duas vidas e se o meu pai consegue sobreviver sem ela, eu também consigo. Quando me mudar será porque encontrei um bom emprego e a minha própria casa, que posso pagar com o *meu* dinheiro.

– Está tudo sob controlo – prometo.

Ela parou de caminhar e está a recuperar o fôlego, provavelmente à porta de casa.

– Sempre tiveste uma força de ferro.

– A quem será que eu saio? – digo.

– Não faço ideia – responde com voz séria.

Despedimo-nos, fazemos a nossa cena do *Amo-te; Eu amo-te mais*, e volto a dedicar-me à leitura da cópia da biblioteca de um livro do género de *Os Goonies*.

No entanto, após um minuto, agarro no telemóvel e envio uma mensagem à Ashleigh: Conheces alguma aula de ioga boa para principiantes?

Ela responde apenas com umas reticências. Eu devolvo um ponto de interrogação. Ela diz: Não acredito em exercício organizado.

Não faço ideia do que é que ela quer dizer com isso.

Ela acrescenta: Queres ficar em forma?

Digo que estou à procura de um passatempo, porque dizer *mais amigos* parece demasiado desesperado.

Tem de ser exercício?, pergunta a Ashleigh.

Não. Quando a vejo a escrever, adianto-me. Mas não estou interessada no grupo de tricô da biblioteca.

Tenho uma coisa melhor, diz ela. Estás livre na próxima quarta-feira depois do trabalho?

Batem-me à porta do quarto e eu largo o telemóvel e sento-me.

– Entra.

A porta abre com um ranger e o Miles inclina-se para o interior, com o cabelo molhado depois do duche e a barba espetada em todas as direções.

– Oi.

– Oi – digo, e depois fico surpreendida. – É sexta-feira.

– Pois é – diz ele.

– Não devias estar a trabalhar?

Ele encolhe os ombros.

– A Katya precisava de fazer mais horas. Queres ver outro *filme*?

Vimos um filme todas as noites desde domingo. Nomeadamente comédias de ação exageradas que eu pensava que só serviam para quando estamos altamente embriagados. Afinal, também são bastante boas para quando estamos super sóbrios e a tentar *não* pensar em curtir com o colega de casa.

Estar sentada no chão do meu pequeníssimo quarto, enquanto ele está de pé sobre mim, por exemplo, é o menos indicado. Endireito-me rapidamente e, quando o faço, entorno o meu *chai latte*.

– Merda!

O Miles desaparece e, depois, regressa com uma toalha de mão, que atira na minha direção. Não para mim. A mim. Atinge-me na cara.

– Bem apanhada – diz ele.

– Obrigada. – Agarro na toalha e limpo o que verteu. – Quando é que começa a sessão?

– Quando quiseres – diz ele.

– Dá-me dois minutos – digo.

– Vou fazer pipocas – avisa.

Cinco minutos depois, estamos instalados para o nosso ritual.

Os pares estranhos são um cliché tão grande, tão previsível. Mas, mais uma vez, *funcionam*.

O tipo enorme e o pequenino.

O assassino treinado e o tipo comum que acaba envolvido com ele.

O personagem sério que franze o sobrolho e o parceiro brincalhão que é sempre o Ryan Reynolds ou alguém quase igual ao Ryan Reynolds quando se fecha os olhos.

– Este homem deve fazer sessenta filmes destes por ano – digo.

– E o Dwayne Johnson só entra em trinta deles – diz o Miles, da outra ponta do sofá.

– Gostava de lhes poder mandar um cabaz para lhes agradecer o serviço. – Sento-me para tirar outra goma minhoca da Travessa de Más Decisões que o Miles preparou para nós.

– Há qualquer coisa nos filmes em que há coisas a explodir durante as perseguições de carro que me faz sentir que vai ficar tudo bem – diz ele.

Quando me rio, ele olha para mim e estica uma perna até o pé ficar encostado à minha coxa.

– Uau, foi a sério.

Viro-me para ele, com as costas contra o braço do sofá e levanto as pernas para cima do assento.

– A sério o quê?

– Um riso a sério – diz ele. – Tens os teus risinhos educados e depois tens aquela gargalhada esquisita e profunda de quando achas mesmo que eu tenho graça.

– Não são risos educados – digo. – É uma manifestação de diversão apenas ligeira. Eu nunca faria um riso falso. Eu não finjo nada.

Ele olha-me de lado.

Sinto calor em vários sítios.

– Então, se o riso é de diversão ligeira – diz ele –, a gargalhada está reservada a...

– Quando tens mesmo graça – digo.

Sem aviso, ele agarra-me os tornozelos e puxa-me pelo sofá. Fico com as pernas em cima do colo dele, o rabo encostado à sua coxa e a cara dele sobre mim.

– Está bem! – digo, com o coração acelerado pela proximidade dele. – Tu *até tens graça* na maior parte das vezes.

Ele levanta o canto da boca.

– E a gargalhada é...?

– Acho que é quando estou mesmo descontraída – digo. – Fui sempre insegura com o meu riso, mas esta atenção toda centrada nele está a ajudar imenso.

Perante o sarcasmo, o sorriso irónico dele aumenta. Agarra-me pelos pulsos.

– Não, não fiques insegura – diz ele. – É muito fofinho.

– Deu para perceber pela maneira como o descreveste – solto, inexpressiva.

– Estou a falar a sério. – Ele levanta-me os pulsos e pousa as minhas mãos sem reação nas faces dele, uma versão adulta e barbada do Macaulay Culkin em *Sozinho Em Casa*. – Nunca teria dito nada sobre isso se não achasse que era fofinho.

Há semanas que não nos tocávamos assim tanto. Todos os pontos de contacto vibram.

Ele pousa cuidadosamente as minhas mãos cruzadas sobre o meu peito, como se eu estivesse deitada num caixão, e embora os nós dos dedos dele mal me toquem, os meus mamilos espetam-se contra a camisa.

Vejo que ele repara.

O poder anestésico do género comédia de ação já não está a funcionar. Estou uma enorme confusão de impulsos nervosos e de desejo.

Olha para cima de repente.

– Merda, desculpa – diz ele. – Desculpa.

Começa a endireitar-se, mas agora sou eu que lhe agarro nos pulsos, sem o deixar afastar-se muito.

– Tudo bem – digo. – A sério, não precisamos de tornar a coisa estranha.

– Acho que é só por nos termos beijado – diz ele.

– Também acho – digo-lhe.

Nenhum de nós se mexe.

– Tenho estado a tentar não pensar muito nisso – diz.

Perceber que ele tem estado a pensar nisso é o suficiente para aumentar a minha temperatura corporal alguns graus.

– Eu também – confesso.

Já passaram quase três semanas e, em vez de o beijo estar a desvanecer-se no espelho retrovisor, parece que todos os dias desde então tenho estado a aproximar-me cada vez mais de uma escada invisível, sempre mais desejosa de saber o que há para lá dela.

Ele encontra o meu olhar, com o maxilar tenso quando engole. Um calor

percorre-me, a começar no sítio onde as palmas da minha mão rodeiam os pulsos dele e a subir para o abdómen.

Preciso de o largar.

Em vez disso, as minhas mãos sobem-lhe pelos braços. A sensação é fantástica. Não são braços de ginásio, apenas braços que têm bastante uso diário. Para alguém tão desgrenhado, a pele dele é suave, os pelos dos antebraços são finos e macios. Os meus dedos seguem, instintivamente, o desenho das veias dele até aos bíceps, com a tatuagem da âncora num e o pássaro à moda antiga no outro. Sigo a curva dos ombros dele, impulsionada por uma corrente imparável.

Quando chego à nuca, ele inclina-se sobre mim, devagar, com uma das mãos a pressionar-me suavemente a cintura. Há um instante de hesitação quando as nossas bocas se aproximam.

Devia dizer alguma coisa, aligeirar a tensão que está a acumular-se.

Em vez disso, o meu queixo sobe na direção dele.

O primeiro roçar dos lábios dele é ligeiro, não o beijo fervoroso e vingativo que demos encostados à *pick-up*. Não no início. Mas depois as minhas mãos descem-lhe pelas costas, ele começa a mudar de posição para ficar sobre mim e eu penso que o meu sistema nervoso pode entrar em sobrecarga com todas as sensações: as ancas dele pesadamente contra as minhas, o peito dele a esmagar-me, o som baixo e sedento que emana dele quando o beijo se aprofunda, mais honesto face ao nosso desejo.

Ele puxa um dos meus joelhos contra a anca dele e eu vejo estrelas, pequenas explosões de cor contra as pálpebras. As minhas ancas sobem em direção às dele e a minha timidez desaparece quando a boca dele desce pelo meu queixo e os dentes dele percorrem o meu pescoço.

Não há espaço para me preocupar com aquilo que ele está a pensar ou com a imagem que estou a transmitir. Porque agora tenho a certeza de que ele me deseja como eu o desejo a ele. Mais nada importa.

As minhas mãos descem até ao rabo dele e ele lambe a pele por baixo da minha orelha. Fico sem ar e ele inclina as ancas contra as minhas, fazendo-me arquear. Isto já não me parece que seja apenas uma *curte*. É o prelúdio de alguma coisa maior.

– Não devíamos mesmo ter sexo – silvo.

– Eu sei – concorda, enquanto me beija o pescoço.

– Não estou preparada para isso – digo, mais para mim própria do que para ele.

– É demasiado cedo – concorda ele.

Mas também não paramos. As mãos dele viajam a partir da minha anca e as pontas dos dedos dele tocam na parte inferior do meu seio. Ele continua a beijar-me, com os dedos a provocarem a curva, mas sem ousarem subir.

Então, a mão dele desliza para o botão de cima do meu pijama. Quando o abre, sou atravessada por um calafrio.

– Sempre tão abotoada – murmura ele, suave e provocadoramente.

Os dedos dele descem pelo meu peito e eu subo sob o seu toque, como uma onda puxada pela maré dele. Desaperta o segundo botão e toca-me na pele sensível, traçando a linha do meu externo.

Quando já não aguento mais, contorço-me debaixo dele até a mão dele estar sobre mim. O toque dele torna-se mais intenso e o polegar acaricia-me o mamilo.

– Caramba, obrigada – diz ele.

Encosto-me ainda mais a ele. Ele desaperta apressadamente o botão seguinte e beija o espaço entre os meus seios, ainda com a mão bem apertada em volta de mim.

Tentamos mudar de posição, com ele a passar para as costas do sofá e eu a deslizar para a frente. Quase caio. Ele apanha-me e volta a apertar-me contra si, ambos a rir, ligeiramente histéricos.

– Estou com falta de prática – diz, com voz rouca. – De curtir no sofá.

Acho que ele não o diz como um convite, mas seria tão fácil transformá-lo nisso. Estamos a quatro metros dos nossos quartos.

Se nos aproximarmos de uma cama, vou dormir com ele.

Quero tanto dormir com ele.

Só que *não* quero destruir as minhas atuais condições de vida, tipo, nem um por cento mais.

O que é que estou a fazer?, penso.

Ele puxa-me para cima dele, com os meus joelhos a ladear-lhe as ancas. Os olhos escuros e brilhantes percorrem-me e não consigo pensar em mais nada a não ser nele.

As almofadas decorativas acabam debaixo do pescoço dele e forçam-lhe a cabeça num ângulo estranho. Quando me inclino sobre ele para retirar duas delas, ele agarra-me as ancas e ergue-se o suficiente para beijar a parte do peito a que consegue chegar apenas com os meus botões de cima abertos. O som que sai de dentro de mim nem parece humano, mas só o encoraja. Ele puxa o meu seio para dentro da boca e o calor da língua dele cola-se a mim através do tecido, deixando-o húmido e agarrado à minha pele quando ele muda para o outro lado.

Aperto-me contra ele, colocando o peso para a frente, sobre as minhas mãos, pousadas no sofá, de ambos os lados do seu corpo. Ele percorre-me com as palmas das mãos e começamos a baloiçar-nos juntos, em ondas lentas. Depois, puxa a abertura do meu pijama para um lado e fico com metade do peito nu.

– Meu Deus, Daphne – diz ele, arrastando o decote aberto para o outro lado e erguendo-se o suficiente para apanhar, desta vez, pele nua com a boca.

Grito com desejo. As mãos frias dele trepam pela minha pele febril, sob a parte de cima do pijama, e o toque dele quase se torna doloroso quando ele começa a mover a língua com mais urgência. Desce as mãos para me apertar a cintura e, quando se afasta, o ar fresco atinge-me a pele.

– És tão *sexy* – diz, com voz rouca.

Sou atingida por ondas de calor, desde o couro cabeludo até às minhas coxas.

Não é uma palavra que eu oiça muito. Gira, bonita, às vezes linda. Nunca *sexy*.

– Também tu – mal consigo sussurrar.

Os olhos dele estão escuros e inebriados quando me levanta um pouco e coloca as mãos entre nós, com as palmas entre as minhas coxas. Os meus olhos vibram, fechados, enquanto ele se pressiona contra mim. Empurro-me contra o toque dele, inclino-me e mordo-lhe o pescoço. Sinto-me como se fosse outra pessoa, alguém que está sempre a fazer isto. Como se não fosse nada de especial montar o meu colega de casa e deixá-lo lambe-me e morder-me.

O abdómen dele sobe e afunda-se com um inspirar profundo.

– Daphne? – murmura ele contra a minha orelha.

– Hum? – Sai-me um som agudo, a tremer.

Ele sussurra contra o meu pescoço, com as mãos ainda a mover-se devagar, mas com força.

– Eu sei que disséssemos sem sexo, mas posso tocar-te?

A minha cabeça acena que sim, com a garganta demasiado apertada para conseguir falar. Ele leva a mão outra vez à minha barriga, antes de a enfiar dentro dos meus calções de pijama.

– Tão *sexy* – sussurra outra vez, a beijar-me o pescoço enquanto a mão desce por mim, com as pontas dos dedos a dobrar-se para cima e para dentro. Perco o fôlego e mexo-me contra ele. Com a outra mão, ele agarra-me o rabo e conduz-me em direção ao seu toque.

– Adoro os sons que fazes – sai-lhe, com voz rouca.

Estou só ligeiramente consciente de que, noutra vida, isto seria insuportavelmente embaraçoso. Nesta, tudo o que consigo fazer é mover-me ao ritmo dele e deixar que ele extraia de mim o som desesperado que bem quiser. Atrapalho-me com as calças de ganga dele e ele ajuda-me. Um segundo depois, a minha mão está em volta dele e a dele dentro de mim e ele também está a gemer e é, possivelmente, o som mais *sexy* que já ouvi.

De repente, o telemóvel dele começa a tocar sobre a mesinha de apoio.

Olhamos os dois para lá. Aguardo para ver se ele quer parar.

Ele beija-me com força. Eu mordo-lhe o lábio. Estamos enlouquecidos e a mover-nos desenfreadamente.

O telemóvel para de tocar e volta a tocar novamente.

Ele endireita-se e puxa-me contra ele, a beijar-me impetuosamente, da forma como nos beijámos no parque de estacionamento, só que com muito mais toques, mais *privacidade*, mais *pele* e mais de tudo. Todos os pedaços dele sabem tão bem, tão convidativos.

Em pano de fundo, o nosso filme continua a dar. Alguém está a ser irónico e cético enquanto alguém está a ser fixe e calmo e, entretanto, nós estamos a tentar estar tão próximos um do outro quanto fisicamente possível.

Uma parte de mim quer desacelerar, fazer este momento durar, mas essa parte já perdeu a batalha. Estou a perder o controlo. As minhas mãos trepam pelas costas do Miles para sentir a pele suave dele e uma das mãos dele ainda está entre as minhas coxas, a levar-me à loucura, até que grito, enfio-lhe as unhas na pele e me perco. Perco a noção da sala, do mundo e de qualquer outra coisa para além desta sensação.

Do cheiro a gengibre e a madeira fumada...

A pele e o músculo sob as minhas mãos. O ar fresco a beijar o meu peito. A pressão do desejo a abater-se sobre mim em ondas. Uma mão a deslizar-me pela nuca, lábios a roçar os meus, a guiar-me ao longo do desenrolar da onda.

É como sair de dentro de água, a forma como as coisas voltam a ficar focadas, sobretudo ele. Os lábios dele nos meus, as nossas línguas a deslizar juntas, o roçar da barba no meu queixo. A pulsação dele lateja em todo o lado que nos tocamos, e ele ainda está duro. Apesar do agradável peso que já se abate sobre os meus membros, sinto uma onda de desejo a atravessar-me.

Volto a agarrá-lo. Os olhos escuros dele erguem-se, a cintilar sob a luz suave, e ele coloca a mão em volta da minha.

O telemóvel começa a tocar. Outra vez.

– Merda – diz ele, com a voz arrastada. – Desculpa. Vou só... – Ele inclina-se para desligar o telefone. A palavra Julia aparece no ecrã.

– Merda! – diz ele outra vez, mas desta vez é, claramente, um tipo diferente de merda.

Não é um *Merda*, deixa-me atirar o telefone ao mar para voltarmos a isto, mas sim um *Merda*, devia ter atendido o telefone logo à primeira.

– Desculpa – diz, desviando-me suavemente do colo.

– Tudo bem! – sai-me demasiado alto. A ausência repentina do calor dele, do sangue vibrante dele e do coração acelerado dele, faz-me sentir como se uma fumaça alucinogénica estivesse a ser sugada para fora da janela.

Ele agarra no telemóvel.

– É a minha irmã.

Mais um empurrão para a realidade, vindos da bruma da lascívia.

Sai-me um *Ah* muito estranho.

– Ela não ligaria tantas vezes se não fosse importante – diz ele.

– Claro, sim. – Faço-lhe sinal para se afastar, *mal* conseguindo fitá-lo. Questiono-me se as minhas bochechas, queixo e garganta estarão vermelhos. Ardem depois da esfoliação dos pelos faciais dele.

O Miles esboça um sorriso apologético e belisca-me o queixo.

Até este pequeno gesto é intensamente sensual para mim.

O telemóvel ainda está a tocar na mão dele. O olhar dele está em cima de mim.

Aclaro a garganta.

– Atende.

Afasto-me dele, a abotoar-me.



Mudo para a televisão em direto, numa tentativa de não ouvir a conversa, mas o soalho range quando o Miles se dirige para o quarto e o murmúrio indistinto da sua voz está repleto de algo parecido com frustração ou, pelo menos, com uma versão de frustração descontraída, típica do Miles.

Depois, algo menos indistinto.

– Não, não, quer dizer, é claro que eu quero. Só que...

Uma pausa.

– Merda, Julia – diz ele. – Da próxima vez, pergunta-me. Não finjas que me estás a perguntar depois de a coisa já estar feita.

Passado um bocado, ele abre a porta do quarto.

– Okay – está a dizer. – Vemo-nos depois, então. – Mais um segundo. – Também te adoro.

Ele inspira fundo e depois aparece, com um ar exausto.

– Está tudo bem? – Tiro o som à televisão: outro programa sobre um casal perfeito à procura de casa num subúrbio, com um orçamento de quatro mil milhões de dólares.

O Miles atira o telefone para o cadeirão e esfrega a cara com as duas mãos.

– A minha irmã consegue ser muito impulsiva.

Sento-me mais direita e puxo uma almofada para cima das pernas.

– Ela está bem?

Ele senta-se no sofá, com espaço entre nós. Suspira antes de falar.

– Está no aeroporto. Em Traverse City.

O aeroporto mais próximo de nós.

– O quê? – digo. – Porquê?

Ele deixa cair a cara nas mãos, e massaja-a durante uns segundos antes de me encarar.

– Ela... – Um sorriso exasperado. – Não sei. Ela diz que está aqui para me «ajudar a pensar noutras coisas».

Bem, é um belo lembrete da situação em que estamos.

O maxilar e a testa dele estão tensos.

– Mas passa-se mais alguma coisa. A Julia é espontânea, mas não ao ponto de *atravessar vários estados sem avisar*.

Ele grunhe e massaja os olhos outra vez.

– Desculpa. O problema não é teu. Só que... ela já aqui está. Portanto, se não te importares, vou buscá-la e trazê-la para casa. Não precisamos de a deixar ficar a semana toda. Ou se não quiseses mesmo que ela fique aqui, possa arranjar-lhe um hotel. Eu teria perguntado o que é que tu achavas se soubesse...

– Ei, Miles. – Agarro-lhe no braço para lhe pedir atenção. – É óbvio que ela pode ficar aqui. A não ser que queiras que eu diga que não, para não teres de ser o mau da fita. Nesse caso, é que nem pensar.

Ele sorri.

– Ela vai-me dar na cabeça por causa da barba.

– Oh, a barba da lamentação? – brinco. – A barba ir-viver-para-a-floresta-e-nunca-mais-amar-outra-vez? Porque é que ela haveria de ter um problema com isso?

– Podes fingir que gostas? – pergunta ele.

O meu coração fica apertado quando confirmo com a cabeça. É agradável, sentir que somos coconspiradores.

– Mais alguma coisa? – pergunto. – Queres que eu finja que o teu cachimbo de água é meu? Precisas de esconder as tuas revistas de miúdas nuas debaixo da minha cama?

A cabeça dele inclina-se para trás com uma gargalhada.

– Não há revistas dessas – diz ele – e, para tua informação, eu não tenho um cachimbo de água.

– Que tipo de gizado é que não tem um cachimbo de água? – pergunto.

– O tipo que geralmente só fuma charros quando precisa de fazer uma limpeza profunda do apartamento, tirar os borbotos ao sofá ou ver *Prehistoric Planet*.

– Okay, então, o tipo que eu nunca conheci – digo.

Ele aponta ambos os polegares para si mesmo.

– Este tipo.

– És mesmo uma ave rara, não és? – digo.

Estava a tentar ser brincalhona e divertida, mas o rosto dele suaviza-se, ele agarra as minhas mãos e passa os polegares pelos meus. Uma pontada de desejo relampeja por mim.

– Se ela exagerar e precisares que eu a expulso – acrescenta ele – basta dizeres a palavra secreta.

A minha garganta está mais seca do que o deserto.

– E que palavra é essa?

– Ryan Reynolds – sugere ele.

O meu riso acaba com parte da tensão crescente.

– Isso são duas palavras e, além disso, surge *demasiadas* vezes nas conversas normais.

– *Okay*, então, basta gritares *já chega*, o mais alto que conseguires, e eu vou tentar usar pistas de contexto para tentar perceber o que é que queres.

– Porque é que estás tão preocupado com isto? – pergunto.

– Bem, para começar – diz ele – ela tem vinte e três anos.

– Estás a dizer que eu sou velha? – pergunto.

– Estou a dizer que tens trinta e três – diz ele.

– Que desagradável – digo.

– Ela é ótima – promete. – Mas tem muito de irmãzinha mais nova. Vai pôr-se completamente à vontade. Se a tua escova de dentes desaparecer, é melhor assumires o pior e comprares outra.

– Nem consigo imaginar o que será o *pior* nesta situação.

– Seja o que for – diz ele – é mau. Provavelmente, o melhor é não deixares na casa de banho nada de que gostes.

Ficamos presos ao olhar um do outro durante demasiado tempo.

– Então... – começo a falar ao mesmo tempo que ele.

– Provavelmente é melhor nós não...

Ele ri-se. O meu abdómen parece um daqueles candeeiros de lava, com o líquido lá dentro a movimentar-se sem parar. Tenho a certeza de que estou a corar.

– Tu primeiro – digo.

Ele coça a cabeça com a mão.

– Foi uma má ideia, certo? – Ele está a observar-me atentamente, como se não fosse uma pergunta retórica. – Quer dizer, estamos os dois a sair de separações horríveis.

Ele tem razão. Estou um bocado fora de mim. Não costumo fazer este tipo de coisas.

Mas a Daphne que eu sempre fui, prática e deliberada, não me tem trazido nada de bom. Durante alguns minutos, eu quis que a Daphne divertida e descontraída assumisse as rédeas.

Ela nem sequer estava ao comando quando eu tinha vinte e um anos, a levar a Sadie às festas e a puxá-la para os arbustos quando a polícia aparecia para acabar com aquilo. Eu nunca era aquela que ia *só* para se divertir. Eu era a que antecipava as consequências.

Não é que eu queira voltar a ter vinte e um anos, mas a minha vida desmoronou-se e tenho experimentado coisas novas, e aquilo que acabou de acontecer foi novo e divertido.

O Miles continua a observar-me, como que a tomar uma decisão. Sinto a minha coragem a crescer, as palavras a surgirem. Quando estou prestes a dizer-lhe que *não* acho que tenha sido um erro ou, mesmo que tenha sido, que quero apreciar uma pausa nas decisões inteligentes, ele suspira profundamente.

– Vivemos juntos. Se as coisas derem para o torto...

Todo o entusiasmo no meu peito se transforma em chumbo.

Se as coisas derem para o torto, ele vai precisar de um novo colega de casa e eu vou precisar de um novo apartamento. Por mais preparada que esteja para fugir do estado, tenho de aqui ficar até a biblioteca realizar a Maratona de Leitura, e não posso estragar tudo antes disso.

– Sinceramente – diz ele – por norma não sou do tipo de pensar muito nas coisas. Mas gosto mesmo de ti e a última coisa que quero neste momento é dar cabo desta amizade. Ou magoar-te.

Que altura maravilhosa para a minha crise de identidade: ele quer fazer a coisa mais ajuizada e eu quero ter sexo à maluca com ele.

– Eu também gosto muito de ti – digo-lhe. Perante o sorriso ligeiramente confuso dele, aclaro a voz e acrescento: – És um bom amigo. Eu também não quero dar cabo disto.

Esta parte, pelo menos, é verdadeira. Só gostava que pudéssemos «não dar cabo disto» na cama, juntos.

– Então – diz ele, com um pequeno sorriso entre o apologético e o confuso –, amigos?

Aclaro a voz.

– Claro.

Ele levanta-se e ergue o sobrolho, a acompanhar o sorriso.

– E apoias-me com a Julia, por causa da barba.

– É para isso que servem os amigos – digo, impassível.

O sorriso desconcertado dele alarga-se.

– Queres vir ao aeroporto comigo?

– Não, passa algum tempo sozinho com a tua irmã e eu vejo-vos aqui.

O meu olhar desce e, depois, regressa rapidamente aos olhos dele. Coro.

– O que é?

– Nada, ainda... tens o fecho aberto.

– Oh, merda – diz ele com calma, e arranja-se sem um pinga de embaraço. Infelizmente, agora até *isto* acho incrivelmente *sexy*. – Estou a esquecer-me de mais alguma coisa? – pergunta, com os braços abertos ao lado do corpo.

Ele parece exatamente aquilo que é: um homem em quem eu estava recentemente encavalitada.

– Está tudo bem – chilreio.

Ele sorri, belisca-me o queixo mais uma vez e, depois, vira-se para sair sem olhar para trás.

Quando eu era criança, a minha mãe era uma ótima anfitriã.

Não sei como é que ela fazia aquilo, com o trabalho a tempo inteiro, mas *de alguma forma*, a casa estava limpa quando eu precisava que estivesse, o frigorífico e a despensa abastecidos com *coisas boas*, como cereais açucarados, batatas fritas de marca e bolachas de marca branca melhores que as originais. Ela encomendava pizzas gordurosas para o jantar e, de manhã, servia-nos salada de fruta e ovos mexidos, uma das suas poucas especialidades.

Antes de nos mudarmos pela primeira vez, ela, o meu pai, e eu vivíamos num pequeno apartamento com dois quartos e uma casa de banho. A nossa televisão antiquada às vezes tinha umas riscas às cores por cima da imagem, até lhe darmos uma pancada de lado, mas a nossa mobília tinha o conforto das coisas usadas e a casa cheirava sempre a manjerição e limão.

Quando o meu pai saiu de casa, não tínhamos dinheiro suficiente para continuar a pagar aquele sítio, por isso, mudámo-nos para um T1 já no extremo da cidade. Era no quarto andar, com uma alcatifa castanha e paredes que pareciam ocas. O seu principal ponto forte era uma varanda minúscula com vista para um lago castanho artificial, e virada para centenas de outras varandas iguais.

Ainda assim, durante todo o ensino básico, aquele pequeníssimo apartamento foi, entre as minhas amigas, o *sítio* preferido para passar a noite.

Depois, fui para a escola secundária e a minha mãe foi promovida, de caixa de uma sucursal local para bancária noutra, a uma hora e vinte minutos de distância.

Durante os primeiros dois meses, ela trazia-me de carro aos fins de semana, ou a mãe da minha amiga Lauren levava a Lo lá a casa na sexta-feira à noite e nós devolvíamos-na no domingo.

Mas as viagens, os telefonemas e as mensagens foram diminuindo quando ela se ambientou na nova turma e eu fiz amizade com algumas das raparigas do comité do anuário da minha.

Depois, mudámo-nos para St. Louis no oitavo ano, para a minha mãe poder ajudar a abrir uma sucursal. Correu tão bem que a enviaram para fazer a mesma coisa no leste da Pensilvânia, um ano mais tarde.

No penúltimo ano, mudámo-nos duas vezes, primeiro para a Carolina do Norte e depois para um subúrbio de Alexandria.

Os apartamentos foram ficando cada vez melhores, com paredes suficientemente grossas para não ouvirmos os vizinhos a discutir (nem a fazer as pazes apaixonadamente), tetos lisos em vez de areados, quintais com árvores e vedações de madeira onde antes havia gravilha e correntes de metal. A minha mãe começou a trabalhar para obter a licença de agente de crédito e, com o curso além do emprego, as tarefas domésticas recaíram sobre mim.

Por essa altura, raramente tínhamos convidados. A minha mãe não tinha tempo para ter vida social e eu tinha desistido de fazer amigos. Não via qual era o objetivo. Nenhuma das amizades tinha durado além da mudança seguinte.

Um ano mais tarde, fui para a universidade, em Columbus, onde conheci a Sadie.

O meu coração fica apertado quando penso nela.

A pequenina e espertalhona Sadie. Sentámo-nos ao lado uma da outra numa aula opcional que era mais um clube de leitura de Jane Austen, com a duração de um semestre, logo no primeiro dia da faculdade. O professor pediu para nos apresentarmos, dizer com qual das personagens de Austen mais nos identificávamos e porquê. Noventa por cento das nossas colegas de turma disseram algumas variações de «Sou completamente uma Lizzie». O único rapaz entre nós declarou, corajosamente, que era um Darcy. Algumas raparigas escolheram a Elinor Dashwood ou a Jane Bennet.

Provavelmente fui demasiado sincera para um jogo de apresentação mas, quando chegou a minha vez, disse:

– Infelizmente, é provável que eu seja uma Charlotte Lucas.

Era a personagem mais prática de que me lembrava, ainda que o pragmatismo dela a tenha levado a casar com o Sr. Collins.

Ao meu lado, a Sadie desatou-se a rir:

– Não te sintas mal. Eu sou, provavelmente, a Lydia.

Depois da aula, ela perguntou-me se queria ir beber um café com ela, a caminho da próxima aula. Eu não conseguia sequer imaginar ir ter com alguém e meter conversa, quanto mais perguntar-lhe do nada se queria fazer alguma coisa comigo.

Tinha tentado fazer isso uma vez, depois da mudança de casa no oitavo ano. Acho que a resposta da rapariga foi:

– Bah. Porquê?

A Sadie fazia amizade praticamente com todas as pessoas que conhecia mas, naquele dia, senti que ela me tinha escolhido de uma forma que nunca me tinha sentido escolhida.

Ela levou-me à minha primeira festa numa república universitária. Eu levei-a ao minúsculo Cellar Cinema, na cave de uma livraria, a que eu e a minha mãe tínhamos ido durante a nossa visita ao *campus* no ano anterior. A Sadie conseguiu fazer-nos entrar em bares, apesar de não termos identificação que nos permitisse beber, e eu arrastei-a para uma leitura de poesia ao ar livre, em que um tipo de quem eu gostava interpretava uma homenagem horrível ao poema *Uivo*, de Allen Ginsberg, que deu rapidamente por terminada a minha paixoneta por ele.

Sempre brincámos a dizer que a Sadie teria sucesso como aristocrata na Regência inglesa, porque ela bordava e tricotava, tinha uma postura de bailarina e falava fluentemente tanto castelhano como francês. Gozávamos que *eu* teria sucesso em caso de apocalipse, porque era aguerrida, já habituada

a sobreviver com *noodles* e poderia, provavelmente, ser muito feliz sem falar com ninguém durante dias consecutivos, desde que tivesse livros suficientes à minha volta.

Durante os quatro anos seguintes, raramente tive de fazer amigos ou arranjar os meus próprios convites. Mas sempre que a Sadie organizava saídas em grupo ou festas de Halloween, a *minha* tarefa era encarnar a minha mãe e fazer de anfitriã.

Portanto, assim que o Miles sai de casa para ir buscar a Julia ao aeroporto, a memória muscular entra em ação.

Limpo a cozinha, varro as migalhas para um canto e aspiro-as. Trago umas velas do meu quarto e acendo-as, abrindo as janelas para entrar ar. Com uma inspiração profunda preparatória, abro o roupeiro do *hall*, ignorando o lado direito e o excesso de toalhas de mesa de renda *vintage*, velas e o Temido Vestido do meu casamento cancelado, e procuro toalhas e lençóis lavados, que coloco em cima do sofá.

Aspiro debaixo das almofadas, esfrego o lavatório da casa de banho e coloco os pratos na máquina de lavar louça.

De repente, ocorre-me que temos muito pouca comida disponível, por isso, agarro na mala e nas chaves e vou percorrer os corredores praticamente vazios do Tom's, sob a iluminação fluorescente.

Não posso comprar aqui muitos frescos sem destruir o coração do Miles, que ama produtos de quinta, mas agarro nalgumas maçãs e num molho de brócolos, num pão e num frasco de manteiga de amendoim, e em mais uns quantos essenciais.

A caminho da caixa, faço um desvio para comprar quatro escovas de dentes novas.

Não vá o diabo tecê-las.

Consigo chegar a casa antes deles e estou a acabar de arrumar tudo quando ouço duas vozes muito altas ao fundo do corredor e a porta se abre.

Vejo o Miles primeiro.

– Oi – diz ele, parando e sorrindo como se estivesse agradavelmente surpreendido por me ver aqui. Como se se tivesse esquecido que vivemos juntos. Não sei se é um elogio ou um insulto.

A irmã entra pela cozinha logo atrás dele. É alta. Tão alta ou ainda mais alta do que ele, e magérrima, com o mesmo nariz arrebitado, dentes perfeitos e cabelo escuro, embora o dela esteja cortado num *bob* francês feminino com uma franja.

– Oi! – diz ela alegremente, atirando, lançando *mesmo*, a mala algures na direção da sala. – Deves ser a colega de casa, Daphne.

– E tu deves ser a irmã, Julia – digo.

– O que é que me denunciou? – Engancha um braço à volta do pescoço do Miles e encosta a cara contra a dele. – Não somos *nada* parecidos.

– Foi um tiro no escuro – concordo.

Ela afasta-se dele a coçar o queixo.

– Tens de rapar esse bicho morto que tens na cara – diz ela, dirigindo-se ao frigorífico. – Acho que apanhei pulgas.

Ela abre a porta e olha para mim por cima do ombro, embora não a tempo de ver o Miles a desenhar com a boca qualquer coisa que parece um «Eu disse-te».

– Já viste o meu irmão sem barba? – pergunta a Julia. – É adorável. Tipo uma versão quinze por cento menos sensual que eu.

– Não sei, eu por acaso gosto da barba – digo.

Ela semicerra os olhos na minha direção. Depois endireita-se, os lábios franzidos com azedume enquanto me avalia, como se eu fosse um adversário particularmente difícil. Mas não sou. Sou péssima a mentir, exceto quando aquele demónio me possuiu para inventar o raio de um namorado.

De repente, a Julia rodopia em direção ao Miles, e aponta o dedo para a cara dele.

– Pediste-lhe para me dizer isso! – grita, vitoriosa.

Ele afasta a mão dela do caminho.

– Jules, *mais* baixo. O nosso vizinho rabugento ainda vem gritar connosco.

– Admite – grita ela, a golpear-lhe a mão.

Vira-se na minha direção, com uma expressão entusiasmada, uma versão mais extrema do ar iluminado-a-partir-de-dentro que o Miles tem, do seu sorriso encantado-com-tudo.

– Dou-te vinte dólares se me disseres a verdade, Daphne.

– Daphne – avisa o Miles, a tentar passar por ela. A Julia estica os braços para o lado e apoia-se numa posição defensiva que nos impede de passar a mentira entre nós.

– Daphne – guincha ela, entre risadas, enquanto o Miles tenta passar por ela. – Diz-me a verdade!

– Já disse! – grito e passo a correr por eles, até à ponta mais afastada da bancada. – Eu gosto da barba! Foi-me conquistando!

– *Daphne*. – A Julia endireita-se, com as mãos nas ancas. – É suposto sermos uma *equipa*.

– Acabaram de se conhecer – diz o Miles, dando a volta à bancada para ficar ao meu lado. – Nós já vivemos juntos há mais de dois meses.

– Pois, pois, pois – diz a Julia, e volta-se para continuar a remexer no frigorífico. – Cum caraças, têm comida. Quero dizer, tipo, não são restos.

– Temos? – diz o Miles no momento em que eu digo que temos.

Ele olha para mim com um «obrigado».

A Julia agarra numa água gaseificada com sabor a toranja e vira-se para nós enquanto abre a lata.

– Então, há quanto tempo é que vocês estão juntos?

Engasgo-me.

– O quê?

– Não estamos – diz o Miles, obviamente um bocadinho constrangido.

As sobrancelhas pretas dela sobem quando dá um gole e, depois, bate com a lata na bancada. Se ele é um labrador, ela parece mais um *pit bull* desastrado, a ladrar pelos cantos e a bater com a cabeça nas mesinhas de apoio sem hesitar, completamente à vontade. Gosto logo dela.

A cabeça da Julia inclina-se.

– Não foi o que a Petra disse.

– Falaste com a Petra? – diz o Miles.

– Não de uma forma tipo Judas Iscariotes – atira ela. – Dei-lhe cabo do canastro por mensagem há umas semanas e ela nunca me respondeu. Depois, na semana passada, mandou-me uma mensagem do nada a dizer que está *feliz por ti*.

– Que atenciosa – resmungo.

O olhar da Julia volta a focar-se em mim.

– Há alguma razão para ela achar que vocês andam a dormir juntos?

Questiono-me se estarei a ficar com urticária visível no pescoço.

Também me questiono se terei marcas no sítio onde o Miles me mordeu.

– A culpa é minha – digo. – É uma longa história, mas o Peter, o meu ex, telefonou-me e eu, acidentalmente...

O sobrolho dela ergue-se enquanto espera que eu continue. É uma expressão exatamente igual à do Miles Nowak mas, por alguma razão, é muito mais acutilante nela.

– Menti-lhe – termino.

Ela fica a olhar para mim durante uns instantes e depois desata a rir, dobra-se sobre si mesma e apoia a cara e os braços em cima da bancada enquanto se agita com as gargalhadas. Quando, por fim, levanta o rosto do granito, diz:

– Isso é espetacular.

– Tive a mesma reação – diz o Miles com um ligeiro sorriso.

Julia bate com as mãos na bancada durante um bocado.

– Então, vamos embebedar-nos?

Rio-me.

– A Daphne trabalha de manhã – diz o Miles. – Ela faz a Hora do Conto na biblioteca aos sábados. Faz as vozes todas.

Acho que ele não me está a tentar envergonhar. Acho que ele acredita mesmo que isto é um facto interessante e até talvez *impressionante* para partilhar com a sua irmãzinha hiper-confiante e super na moda.

– Oh, uau, temos de ir ver isso – diz ela.

– Não têm nada – digo. – O livro de amanhã é *The Stinky Cheese Man*.

– Não me consegues demover. – Ela inclina-se em direção ao Miles. – E tu? Queres ir curtir esta noite? Tenho a certeza de que precisas de libertar alguma tensão, tendo em conta... – Faz um gesto em direção ao maxilar dele.

Ele agarra na ponta da bancada e deixa as ancas afundarem para trás, alongando as costas com um grunhido.

– Julia – diz ele – eu tenho trinta e seis anos. Se me embebedo, o corpo

ressente-se.

– Tretas – brinco. – Da última vez já andavas por aí à cata de sanduíches para o pequeno-almoço enquanto eu ainda estava a tremer com os suores na cama.

– Ha, ha! – grita a Julia. – Apanhado.

– Consigo fazer isso de vez em quando – admite ele –, mas é suposto irmos sair no domingo à noite com a nossa amiga Ashleigh.

Fico surpreendida por ele se lembrar. Depois, olho por cima do ombro e vejo que ele adicionou a saída à agenda, mesmo ao lado da longa seta que atravessa a coluna dos domingos.

– Vais gostar dela – diz o Miles à irmã. Depois, franze a testa. – Ou vais odiá-la. Na realidade, não tenho a certeza.

– Só o tempo dirá – responde a Julia, com um encolher de ombros e mais um gole na água. – Encomendamos piza?

Ele olha para mim e a voz sai-lhe com um tom provocador.

– Tenho a certeza de que a Daphne iria adorar.

Um calafrio percorre-me a espinha: *Adoro os sons que fazes.*

– Não, vamos pedir antes outra coisa – digo.

Tento pensar na comida menos *sexy* de todas. A maioria da comida, percebo, é, pelo menos, um *bocadinho* sensual.

– Nachos? – digo.



Sábado, 22 de junho

56 dias até poder ir-me embora

Infelizmente, a Julia estava a falar a sério acerca da Hora do Conto.

Chegam tarde, claro, mas ainda a tempo. Cheira-me a relva aquecida pelo sol e sinto uma nota de especiarias e madeira fumada e, quando olho para cima, eles estão ali.

A Julia abre caminho entre os anéis concêntricos de pais, amas e miúdos, com o Miles a sussurrar pedidos de desculpa no seu encalço.

Ele cortou a barba. Sem dúvida devido à intimidação da Julia, que tinha pontuado a nossa conversa até bem tarde, quando ela aceitou finalmente a minha quinquagésima oitava tentativa de ir para a cama.

Algumas pessoas deixam crescer a barba para esconder ou acentuar algumas características, da mesma forma que eu mudei o risco do cabelo de lado quando tinha dezanove anos, ao ver que compensava o meu nariz ligeiramente torto, e nunca mais voltei atrás.

Pelos vistos, aquilo que o Miles tinha andado a esconder este tempo todo é que é incrivelmente bonito, com maçãs do rosto angulosas e um maxilar que quase parece que te pode cortar a ponta do dedo se lhe passares a mão por cima. Ou a língua. Bem, o que for.

É uma altura bastante cruel para termos acordado não cruzar a nossa fronteira da amizade platónica.

Os olhos dele encontram os meus e a boca dele faz um trejeito. *Essa* parte dele ainda é suave, brincalhona, mesmo com o novo *look*. Faz-me sentir

como se tivesse engolido uma espada *dentro* de um balão de hélio.

Mesmo na melhor das alturas, *não* reajo bem a surpresas. Mas, no caso de ter de ver inesperadamente o homem com quem estive a curtir na noite anterior, preferia que não acontecesse a) enquanto estou a ler em voz alta e b) no dia em que *ele* está com melhor aspeto que nunca e *eu* decidi ir a pé para o trabalho, tendo ficado com o cabelo todo cheio de *frizz* e o rímel todo esborratado por causa de um chuveiro-surpresa.

Fiz o melhor que pude para me limpar quando cheguei ao trabalho e, claro, parou *imediatamente* de chover, mas tínhamos ficado no interior durante a Hora do Conto, não fosse o diabo tecê-las, e tenho a certeza de que a iluminação do teto não me está a conferir nenhum brilho divino.

Quando chego ao Fim, a Julia põe-se de pé a aplaudir com imenso entusiasmo. Todos os restantes aplaudem da forma educada a que estou habituada. Depois de um coro de vozes estridentes a dizer «obrigado», sob o incentivo dos pais, a multidão dispersa e a Julia corre para mim.

– O Miles não estava a exagerar – diz ela. – És *mesmo* boa com as vozes.

Espreito por cima do ombro, para ver onde é que o irmão parou para «dar direções» a uma mãe que eu tenho a certeza que *nasceu* aqui. Uma mãe *jovem*. Parece que ele tinha razão acerca do efeito da barba nas senhoras de idade, porque não são *essas* que lhe estão a tirar as medidas desta vez.

A Julia segue o meu olhar e dá umas gargalhadas.

– Olha, fez mais uma amiga. Que surpresa.

– Ele foi sempre assim? – pergunto.

– Desde que eu existo, sim – responde ela. – Sei lá a quem é que ele saiu. De certeza que não foi aos parvos dos nossos pais.

Fico surpreendida com a referência casual aos pais deles. É como virar ao contrário uma caixa trancada e constatar que havia uma racha no fundo durante todo este tempo.

– Uma vez, o Miles deu de caras, no supermercado, com a professora da banda do secundário e saiu de lá com um convite para o casamento dela – conta-me. – Ele nem sequer *estava* na banda.

Vem-me à cabeça a imagem de um papel grosso com inscrições num tipo de letra elegante.

A expressão da Julia suaviza-se.

– Merda, desculpa. Ele contou-me da cena do convite.

– Tudo bem – digo.

A Julia abana a cabeça, com curiosidade.

– A sério? Está mesmo *tudo bem*?

– Não – digo. – Mas estou a tentar queixar-me menos.

Ela apanha-me a olhar para o Miles e ronca.

– Se estás a tentar imitar o meu irmão, desejo-te muita sorte. Ninguém consegue reprimir as emoções negativas como ele. Teve demasiada prática.

Ele parece, como sempre, um raio de sol humano, completamente envolvido, totalmente interessado nesta estranha, e isso provoca-me uma

pontada no peito.

– Pensava que a boa disposição dele era inata.

– Quer dizer – diz ela, – tivemos a mesma educação e *eu* não me tornei Cronicamente Boa, portanto, acho que, de certa forma, é inato. Quando era criança, e ele já se tinha mudado para a cidade, ele costumava vir buscar-me todos os sábados para irmos tomar o pequeno-almoço ao McDonald's. Eu tentava passar o tempo todo a irritá-lo, porque eu era do piorio. Mas nunca consegui tirá-lo do sério. Ele é excelente a ignorar as coisas más.

– Então e tu? – pergunto.

A Julia engasga-se com uma gargalhada.

– Oh, eu convido as coisas más a tentarem lizar-me.

Tendo finalmente conseguido libertar-se da Mãe Jeitosa, o Miles junta-se a nós.

– O que é que eu perdi?

– Nada – diz a Julia, com ar inocente, ao mesmo tempo que eu falo.

– A tua irmã quer começar uma rixa.

– Vou telefonar ao Gill – diz o Miles. – Podemos arranjar-lhe um gatinho ao mesmo tempo.

– O que é que eu não estou a apanhar? – pergunta a Julia.

A Ashleigh aparece ao lado deles.

– É só uma das adoráveis piadas de *melhores amigos* que eles têm – diz à Julia. – Deves ser a irmã.

– Tu deves ser a amiga que eu vou amar ou odiar – diz a Julia.

Os ombros da Ashleigh agitam-se, numa espécie de arrepio.

– Intrigante.

– De qualquer das formas, vai ser divertido – diz a Julia. – Então, que tal irmos todos até à Cherry Hill atirar pequenos *pretzels* ao Miles enquanto ele trabalha?

– Nós não servimos *pretzels* – diz o Miles, visivelmente ofendido.

– Por mais fantástico que isso pareça – digo, – preciso de terminar umas cenas promocionais para a Maratona de Leitura.

– E eu estava a pensar passar a noite a preparar refeições, para poder estar livre de preocupações amanhã... – A Ashleigh interrompe-se com uma arfada e olha para o Miles. – Acabei de descobrir onde é que temos de ir. Temos de as levar ao Celeiro.

– Celeiro? – digo. – A um edifício... numa quinta?

– Um celeiro, celeiro – diz o Miles. – Numa quinta.

– Não há mais sítio nenhum na Terra – digo – como Waning Bay.

– O Celeiro tem cabras – explica a Ashleigh, afastando-se de nós para ajudar um casal a registar a saída antes de fecharmos as portas. – Vocês vão adorar.

O telemóvel da Julia recebe uma notificação e ela olha para ele.

– Não devias estar no trabalho às quatro e quarenta e cinco? – pergunta ela ao Miles.

– Merda! – Ele dirige-se para as portas, e a Julia, ainda a escrever uma mensagem, segue-o. Ele vira-se sobre o ombro e exclama para mim: – O nascer do sol é antes das seis. Está pronta às cinco e meia.

– Às cinco – contraponho. – Também vens, Julia?

– Às cinco da manhã? – diz ela, divertida. – Preferia comer folhas de alumínio. Mas divirtam-se muito.



Saio do quarto às quatro e cinquenta e oito da manhã, passo em bicos dos pés pela Julia, que está a rressonar no sofá, e dirijo-me à cozinha com as sandálias na mão. Ligo a luz por baixo do micro-ondas encastrado e bebo um copo de água enquanto espero que o Miles saia do quarto dele.

As cinco horas chegam e vão.

Depois as cinco e cinco.

Cinco e onze.

Estou a tentar não ficar demasiado rabugenta, mas isto é mesmo muito cedo, até para mim, e se há uma coisa que eu detesto é esperar por pessoas.

Passam por mim várias dezenas de memórias infelizes, um resumo com as *piores cenas*, e estou demasiado cansada para as afastar de forma adequada.

Portanto, enquanto dou um bocejo tão grande que estalo o maxilar, estou também de volta ao meu apartamento com a minha mãe e sem o meu pai, à espera junto à janela da frente, a olhar para cima sempre que passa um calhambeque.

À espera no passeio com neve, à porta da minha escola primária, a arrastar a ponta da bota pela neve encardida, a dizer a mim própria que se contar até cem o meu pai chega. E que, se não chegar, chega quando contar até duzentos e cinquenta. A contar e a esperar, até a minha mãe aparecer, stressada e ainda com os saltos altos do trabalho, a pedir desculpa em nome dele, através da janela aberta do carro: *Desculpa, desculpa, surgiu um imprevisto, pelos vistos*.

À espera junto à caixa de correio pelos cartões de aniversário.

À espera de um telefonema no Natal.

À espera.

À espera.

À espera de alguém que raramente aparecia, a sentir-me sempre cada vez pior, até que, por fim, percebi que os sentimentos não desapareceriam a não ser que a espera acabasse.

Não é possível obrigar uma pessoa a aparecer, mas pode aprender-se uma lição quando ela não aparece.

Confia nas ações das pessoas e não nas palavras.

Não ames ninguém que não esteja preparado para te amar também.

Abre mão das pessoas que não ficam ao teu lado.

Não esperes por ninguém que não tenha pressa para vir ter contigo.

Penso em voltar a enfiar-me na cama e acabar de polir a mensagem publicitária da Maratona de Leitura que se aproxima. Nesse instante, a porta da frente abre-se e entra uma nesga de luz do corredor.

– Então – sussurra o Miles, com dois termos na mão. – Estás pronta?

– Estou pronta desde as cinco – respondo.

Ele inclina-se para a frente e espreita para o armário, para ver o relógio do forno.

– Merda – passa-me um dos termos. – Dei-me quinze minutos extra e não havia fila, mas depois fiquei preso a conversar com o empregado e... desculpa, Daphne.

Abano a cabeça, com a rabugice a desaparecer. O Miles está a fazer-me um favor.

– Tudo bem. – Enfio os pés nas sandálias. – Vamos.

Está mais fresco lá fora do que dentro do apartamento, e um formigueiro percorre-me os braços e as pernas. Sinto os pelos das pernas a crescer e pergunto-me porque é que me dei ao trabalho de me depilar na noite anterior.

Porque tens uma paixoneta pelo teu colega de casa, oferece-me o meu diálogo interior, e queres que ele olhe e toque e, provavelmente, até lamba as tuas pernas.

Não, discuto comigo própria. É porque quero usar saia no trabalho amanhã.

Nem eu acredito em mim mesma: na última vez que levei uma saia para o trabalho, o Stanley Mãozinhas disse-me que eu ia provocar-lhe um ataque cardíaco.

A saia chegava a meio dos gémeos.

Felizmente, a Ashleigh estava a passar pelo balcão nesse preciso momento e foi emitida uma interdição de três meses.

Sinto-me tão cansada que estou disposta a beber combustível de aviação juntamente com o café, mas, para minha surpresa, quando sorvo um gole do termos que o Miles me deu, é a perfeição: doce, cremoso, com especiarias.

– É um *chai latte* – digo.

Ele destranca a porta e entra.

– Pensei que era isso que querias.

Entro também.

– Não, e é, só que... obrigada.

– Boa. – Enfia a chave na ignição e o motor grunhe, mas o carro não pega. Tenta mais duas vezes antes de pegar e depois afastamo-nos da nossa rua silenciosa, com a cidade adormecida, preta e azul, como uma nódoa negra.

No sítio de aluguer dos caiaques, já está outro casal – ambos louros, mas comicamente desproporcionais em altura – e, a julgar pela conversa animada que ela está a ter com o homem ensonado, estão num primeiro encontro. Na realidade, também podem estar de férias.

Ela mantém uma sucessão constante de perguntas, às quais ele responde rapidamente, acerca dos empregos de ambos (finanças e gestão de parque de diversões, respetivamente) e sobre os animais de estimação de cada um (três gatos, dois pastores alemães), desde a receção até à carrinha de transporte e ao cais de embarque.

Sem ter de falar, o Miles e eu ficamos para trás e deixamo-los lançar os caiaques, a fingir que estamos ocupados a colocar tudo nos sacos herméticos e a vestir os coletes salva-vidas até eles se afastarem.

– Lembras-te quando disseste que eu gosto de toda a gente? – pergunta-me ele quando arrastamos para a água o primeiro dos nossos caiaques.

– Sim – digo.

– Não gosto deles. – Estica o queixo em direção aos nossos companheiros de viagem, cada vez mais longe enquanto dão rapidamente às pagaias.

Controlo um sorriso.

– *Conhece-los?*

– Depois daquela viagem de sete horas na carrinha, conheço o suficiente – diz ele.

Desato a rir.

– Demorámos seis minutos a chegar aqui.

– São meus inimigos.

Ele estabiliza o caiaque e faz-me sinal para entrar.

– Então, tudo o que preciso de fazer para me manter nas tuas boas graças é não snifar anfetaminas antes das seis da manhã. É bom saber.

– Ou arranjar três gatos e chamar a todos eles *Deusa* – acrescenta ele.

– A sério? Essa era a minha coisa favorita no Keith.

– A minha coisa favorita foi quando a Gladys teve aquele ataque de tosse e não conseguiu falar durante uns onze segundos.

– É divertido quando és petulante – digo-lhe, entrando no caiaque e sentando-me no banco molhado e escorregadio.

– Desfruta – diz ele. – Não tenciono voltar a levantar-me a esta hora. Detesto admitir, mas a Petra tinha razão.

Inclino-me para fora do caiaque e salpico-o com água. Fica com os olhos esbugalhados.

– Que raio!

– É o teu imposto Petra – digo. – Voltas a falar nela e eu chamo aqui a Gladys e o Keith e transformo isto numa excursão de caiaques.

– Pronto, pronto – concorda ele, e volta à margem, para puxar para a água o seu próprio caiaque. – Mas se tu falares no Peter, eu atiro-te à água.

– De quem? – digo de forma inocente.

A verdade é que, cinco minutos depois de nos afastarmos da margem, o Peter regressou à minha mente, porque já tenho os braços e os ombros a latejar de cansaço e o Miles só consegue dar duas pagaiadas antes de parar e esperar por mim.

O horizonte escuro só agora começou a suavizar-se, com a luz a espalhar-se ao longo da superfície da água e eu já me apercebi de que isto foi um erro colossal.

Tínhamos planeado fazer uma volta de nove quilómetros em redor de uma pequena ilha da baía, onde os habitantes locais mais aventureiros, pessoas como o Miles e a Petra, provavelmente, gostam de acampar.

A baía não tem grandes correntes, nem ondas para superar, não como haveria mesmo no lago mas, mesmo assim, estou terrivelmente impreparada.

– Podes continuar – grito-lhe.

O Miles ri-se.

– Porque é que eu faria isso?

– Porque tenho quase a certeza absoluta de que estou a andar para trás – digo.

– É água – aponta ele. – Por todo o lado. Não há nenhum sítio para onde ir. A não ser que queiras mesmo apanhar o Keith e a Gladys.

– Não tenho nem vontade, nem capacidade emocional para fazer isso – digo.

– Então, vamos descontrair – diz ele. – Não temos pressa.

– Bem, se mudares de ideias, podes abandonar-me à vontade.

– Sim, Daphne, se tiver de fugir de um tubarão de água doce, vou remar ao máximo e deixar-te aqui à tua sorte.

– Há mesmo tubarões no lago?

– Fico ofendido por perguntares isso – diz ele.

– Suponho que alguém tenha de defender a honra do Lago Michigan – digo.

– E porque não eu? – concorda ele.

Remamos devagar, ao lado um do outro, com o sol ascendente a pintar, gradualmente, tudo em tons de rosa e dourado.

– Sei que é um cliché – diz ele após um minuto – mas estar na água faz-me sentir aquilo que eu acho que muitas pessoas sentem na igreja.

– Percebo isso – digo. – Aqui, és pequeno e não há mais ninguém à tua volta, mas não estás sozinho. É como se estivesses ligado a toda a gente e a tudo.

– Exatamente – diz ele. – E deixamo-nos deslumbrar. É tão fácil esquecermos o quão incrível este planeta é.

Deito-lhe uma olhadela rápida.

– Acho que és bastante bom no deslumbramento diário.

– Às vezes – diz ele, e depois: – Tu também.

Sai-me um ronco.

– Sou mais do género rabugento e pessimista, e ambos sabemos disso.

– Gemes sempre que comes – diz ele. – Acho que não és tão pessimista quanto pensas.

Coro e desvio muito bem a conversa.

– Acho que, quando era criança, era a biblioteca que me deixava

deslumbrada. Nunca me sentia só ali. Sentia-me ligada a toda a gente. Sinceramente, acho que também me fazia sentir ligada ao meu pai.

Aqui está, uma verdade incrivelmente embaraçosa atirada para o meio de uma conversa. Um facto que nunca admiti em voz alta.

Pode ser uma simplificação excessiva, mas é a verdade.

– É por causa dele que adoro bibliotecas.

– Ele lia muito? – tenta adivinhar o Miles.

Rio-me.

– Não. Só que ele nunca planeava as visitas, nem tinha dinheiro, portanto, quando aparecia, levava-me à biblioteca para ver os livros ou fazer alguma atividade. Quando eu era pequenina, associava mesmo os livros a ele. Sentia que era «uma coisa nossa».

– Vocês são próximos? – pergunta.

– De todo – digo-lhe. – Ele vive na Califórnia há muito tempo e as visitas dele são imprevisíveis. Não vem quando diz que vem e aparece quando não estamos à espera. Mas ele era um pai bastante *divertido* quando eu era criança. E as idas à biblioteca pareciam uma prenda fantástica, dele para mim, sabes?

Como se fosse ele o detentor da chave para qualquer coisa que eu quisesse ler.

– A minha mãe nunca tinha tempo para lá ir comigo e eu tinha medo da bibliotecária da escola, por isso, quando passei a ter idade suficiente, ia a pé até à biblioteca local depois das aulas e a minha mãe apanhava-me lá quando saía do trabalho.

Ele sorri com ironia.

– Uma boa bibliotecária faz *toda* a diferença.

Viro-me para ele.

– Estás a gozar, mas é verdade.

– *Não* estou a gozar – diz ele. – Se tu tivesses sido minha bibliotecária, tinha lido muito mais.

– Porque te teria dito que os audiolivros também contam? – digo.

– Por exemplo – responde ele. – Além disso, eu teria querido impressionar-te.

Sinto a minha cara a aquecer.

– A Julia é fantástica. – digo.

– Pois é – concorda ele. – É do melhor que há.

– Vocês sempre foram próximos? – pergunto.

– Sim – diz ele. – Quer dizer, eu tinha treze anos quando ela nasceu, por isso, passava muito tempo fora de casa, mas quando lá estava, ela andava atrás de mim como um cachorrinho. Seguia-me mesmo para todo o lado, a gatinhar.

Sorrio, a imaginar a cena. Uma bebé Julia de olhos castanhos e cabelo escuro a reboque de um Miles adolescente e magricela de olhos castanhos.

– Ela só tinha cinco anos quando me mudei para a cidade – diz ele. – Mas tentei visitá-la o máximo possível.

– Ela disse que a visitavas todos os sábados, para a levar a passear.

Apanho uma careta subtil.

– Só precisava de a tirar de casa de vez em quando.

Ali está outra vez, a racha na caixa. No entanto, muito rapidamente, assim que a viramos, o conteúdo esconde-se.

Ficamos a remar em silêncio. Tenho suor na testa, gotas a escorrer nas costelas e entre as omoplatas.

– Podes falar comigo sobre isso, sabes? – acabo por lhe dizer.

– Falar sobre o quê? – diz ele.

– Tudo – digo. – Qualquer coisa que te esteja a chatear. Sou melhor a ouvir do que a falar.

– És ótima a falar – diz ele. – Mas não tenho nada a chatear-me. Estou bem. Só tenho de perceber de que é que ela está a fugir.

– Ela disse que estava a *fugir* de alguma coisa? – Acabei de a conhecer, mas é difícil imaginar a Julia a fugir *seja do que for*. – Mesmo que ela desse de caras com aquele urso negro viciado em cocaína, imagino-a lutar com ele e a sair-se muito bem.

– Ela continua a insistir que veio para «estar aqui para mim» – diz ele.

– Bem – digo – talvez seja mesmo isso.

Ele encara-me.

– Ela nunca me diz quando as coisas não estão bem, mas também não é boa a escondê-lo. – Desvia o olhar, em direção à ilha, e abana a cabeça. – Eu vou acabar por descobrir. Tudo bem.

Quando volta a olhar para mim, está sorridente, aparentemente descontraído, mas desta vez não fico totalmente convencida.

– Ainda estás bem ou queres voltar para trás? – pergunta-me, encerrando claramente o tema Julia.

Portanto, não insisto.

– Estou bem.

Quando o sol já está suficientemente alto para a água adquirir o seu verde cristalino habitual, o Miles para de remar e tira a *t-shirt* e a camisola de uma só vez, pousando-as sobre o colo. Aguento durante mais vinte minutos até já não suportar a forma como a minha camisola de alças se cola a mim e, depois, cedo e tiro-a de cima do fato de banho.

– É incrível – diz o Miles.

Olho para ele enquanto volto a colocar o colete salva-vidas. Ele está a olhar na direção da ilha arborizada, com os últimos resquícios matinais de nevoeiro agarrados a ela, e o caiaque dele embate no meu.

– Pois é – digo, sentindo necessidade de o sussurrar, por alguma razão.

Ele olha para mim.

– Obrigado por teres vindo comigo.

– Obrigada por me teres convidado – digo.

Ele levanta o queixo, com uma curva provocadora nos lábios.

– Apesar de estares a detestar?

– Não estou a detestar – digo.

Ele não parece convencido.

– Acho mesmo que gosto – digo. – Só não sou boa nisto e fico stressada a pensar que estou a obrigar alguém a esperar por mim.

– Porquê? – pergunta ele.

Encolho os ombros.

– Não sei.

– Mas eu não me importo – diz ele.

– Isso é o que tu *dizes* – respondo.

– Não estou a treinar para os Jogos Olímpicos, Daphne – diz ele. – Porque é que me importaria com isso?

– Quando tentávamos fazer montanhismo juntos, eu ficava sem fôlego e o Peter... – Percebi o meu erro quando já era demasiado tarde.

O Miles provavelmente não teria dado por isso, se a minha frase não tivesse parado de repente.

O canto da boca dele contorce-se enquanto ele se aproxima do meu caiaque.

Eu abano a cabeça, mas ele não desacelera.

– Não! – guincho quando ele me empurra para um dos lados. – Eu não disse!

– Ai isso é que disseste – argumenta ele.

– Era outro Peter! – grito, a rir, enquanto lutamos um com o outro durante um minuto. – Outro Peter!

– Então, devias ter-lhe chamado Pete – diz o Miles.

Ele dá mais um empurrão forte ao caiaque e eu caio na água fria. Cobre-me a cara durante um breve segundo, até o colete salva-vidas me trazer à superfície.

– Estás a brincar? – guincho, a nadar na direção dele. Agora sou eu que agarro o barco dele de lado.

– Eu não quebrei as regras – defende-se.

– Lançaste-me ao lago – digo, a tentar atirá-lo à água e a falhar. – Isso é muito pior.

– Pronto, pronto – diz ele. – Eu também vou. – Mas, enquanto o diz, agarra na pagaia, enfia-a na água e tenta fugir.

Agarro o caiaque de lado e abano com todas as minhas forças.

Exige alguns segundos de luta, mas, no final, consigo.

O Miles cai ao lago. Reaparece, ensopado e engasgado e afasta o cabelo do rosto, com os olhos enrugados por causa do sol.

– Nem sequer me perguntaste se eu sabia nadar ou não – queixa-se, com um aborrecimento fingido.

– Eu tinha-te salvado – digo.

– Tu? – diz ele. – Tenho pelo menos mais vinte quilos que tu.

– Antes de mais – digo, – de certeza que não tens. E, depois, tenho um colete salva-vidas. Tínhamo-nos safado.

Ele nada na minha direção, envolve-me as costas com um braço e o estômago quase me sai pela boca quando sinto a pele dele contra a minha, ao mesmo tempo que o peso dele nos arrasta para baixo e o coração me palpita na garganta.

– As tuas noções de física não são grande coisa, Daphne – diz ele contra o meu ouvido enquanto afundamos.

Contorço-me para o encarar e afasto-me dele antes que alguma coisa me mantenha ali.

– Eu sabia que sabes nadar, Miles.

– Como? – pergunta ele.

– Primeiro, conhecendo-te, é óbvio – digo. – Depois, já vi fotografias.

– Quando tu e a Ashleigh andaram a bisbilhotar? – provoca ele.

– Sim, quando andámos a bisbilhotar – admito.

Ele assente, a afastar a água à minha frente.

– Bem me parecia.

– Alguma vez bisbilhotaste? – pergunto.

– Não – diz ele.

Fico a analisá-lo até ele se rir, voltar a olhar para a ilha e, depois, fitar-me.

– Pronto, *okay*, uma vez, quando deixaste a porta aberta, eu *espreitei* lá para dentro. Mas não andei a remexer as tuas gavetas.

– Desculpa? – digo. – Eu não andei a *remexer* nas tuas gavetas. Não que fosse preciso, porque estavam todas abertas.

– Olhaste lá para dentro. – Ele nada para mais perto.

– Não olhei nada – digo.

– Caso estejas na dúvida – diz ele, – as tuas gavetas nunca estavam abertas quando a porta estava.

– Eu não estava na dúvida – digo.

– O quarto está impecável – diz ele. – Nem uma única pista sobre quem tu és.

– Que aborrecido da minha parte – digo.

– Misterioso – contrapõe ele. – Como um quebra-cabeças.

– Ou um tabuleiro de talheres altamente organizado – digo.

Debaixo de água, os nossos gémeos roçam um no outro. Sobe-me uma vibração pela coxa, até ao abdómen.

– É o mesmo com a forma como te vestes.

– Como um tabuleiro de talheres? – digo.

Ele abana a cabeça. Outro toque das nossas pernas, desta vez um bocadinho mais acima.

– Como um segredo.

Um pico estonteante de tensão. Tento neutralizá-lo.

– Como se estivesse a esconder mais um par de braços.

– Acho que teria notado – diz ele.

As nossas mãos roçam-se debaixo de água. Da segunda vez, os nossos

dedos deslizam juntos e encostamos os nós dos dedos antes de nos afastarmos.

Distancio-me dele a nadar de costas, com o rosto virado para cima, para o sol. Falo só quando a minha pulsação acalma.

– Vamos remar mais um bocadinho?

– Se quiseres – diz ele.

Olho ao longo da água turquesa até à margem da ilha. Não está tão longe quanto pensei. Agora parece alcançável.

– Quero – digo.



– Adoro – digo.

– Eu disse-te! – A Ashleigh passa por mim, em direção ao terraço coberto de luzes do CELEIro, que agora sei que se escreve assim. O meu cabelo ainda está húmido do duche pós-caiaque, doem-me os ombros onde as alças do vestido roçam o escaldão e os músculos dos meus braços parecem gelatina misturada com cimento fresco.

Eu e o Miles nem sequer conseguimos chegar à ilha, quanto mais *contorná-la*, antes de eu aceitar que não conseguia continuar.

Foi também quando me apercebi do maior erro do dia. Não tinha poupado energia absolutamente nenhuma para remar de volta. Tivemos de parar a cada poucas remadelas para eu recuperar as forças, enquanto o Miles remava para a frente e para trás num ziguezague alargado.

Tão cedo não volto a andar de caiaque, nem antes nem depois do nascer do sol.

Até agora, o CELEIro faz muito mais o meu estilo.

A Julia e o Miles saem do banco de trás do carro da Ashleigh no parque de estacionamento que é, ao mesmo tempo, um campo verdejante.

– Oh, meu Deus, uma carrinha de tacos – diz a Julia, a correr para apanhar a Ashleigh, a caminho do terraço.

À direita da carrinha de tacos estacionada, há uma pista de dança e um palco, onde uma banda de *covers* canta *The Boys of Summer*. Continuando para a direita, há um celeiro vermelho enorme, com as portas abertas e pessoas a entrar e a sair com bebidas alcoólicas servidas em frascos e garrafas

de cerveja nas mãos. Também existe um bar parcialmente coberto anexado ao celeiro, que está a abarrotar.

– Já gostei menos de namorados do que gosto deste sítio! – grita a Julia para nós enquanto o Miles tranca as portas do carro.

– É só por causa do nosso medo do compromisso – diz-me ele.

– Ah, sim? – Olho para ele. – Tu também tens? Que bom.

– Ela uma vez deixou um tipo porque ele achava que o *Mamma Mia 2* era melhor que o original – conta-me.

– Uau, uma verdadeira fã – digo.

– Ela não viu nenhum dos filmes – diz ele. – Achou só que ter uma opinião tão forte acerca disso era um sinal de alerta.

Sai-me a infame gargalhada grave e o sorriso dele é tão carinhoso que deajo poder enrolar-me nele como se fosse um cobertor.

– Bem, pelo menos ela e a Ashleigh-que-odeia-os-Phish já têm alguma coisa em comum – digo.

– Pois, provavelmente vão abandonar-nos no final da noite – concorda ele.

Os nossos olhares cruzam-se. O meu sangue agita-se. Sinto o corpo a aquecer com sensações fantasma, memórias de há duas noites.

Ele roça as pontas dos dedos no meu ombro vermelho.

– Dói? – murmura.

– Um bocadinho – admito. – Mas é o que mereço por tentar ser a rapariga fixe e desconfiada que não precisa de esfregar o corpo com protetor solar a cada meia hora.

Parámos de andar, ainda antes de chegarmos às luzes cintilantes do CELEIRO, à procura da Julia e da Ashleigh, que estão perdidas algures no meio da multidão.

– Ela pode ser fixe e desconfiada agora – diz ele, – mas vai sentir-se menos estilosa quando tiver de ir todos os meses ao dermatologista.

– *Nã*, as raparigas fixas e desconfiadas nunca sofrem as consequências da sua espontaneidade. É por isso que conseguem continuar a ser fixas e desconfiadas. São geneticamente saudáveis. Não são alérgicas a hera venenosa, nem ao marisco, e nunca têm enxaquecas, mesmo que só durmam três horas numa tenda fria, e nunca apanham escaldões.

– Aaaah – diz ele.

– O que é? – pergunto, no exato momento em que descubro a Julia na fila da carrinha de comida, a fazer-nos sinal.

– Acabei de perceber que sou uma rapariga fixe e desconfiada – diz o Miles.

Começo a dirigir-me para a Julia e a Ashleigh, em busca de proteção, enquanto digo por cima do ombro:

– Eu já te podia ter dito isso.

Comemos os quatro tacos de peixe frito numa das mesas de piquenique, de madeira, instaladas em frente à carrinha da comida. Pedimos *bourbon* e chá doce no bar exterior, depois de espetarmos a cabeça dentro do celeiro e concluirmos que está demasiado cheio. Damos a volta ao edifício, até às traseiras, onde está o recinto com as cabras, e uma delas está a esfregar o focinho contra a vedação, enquanto as outras estão recolhidas numa área coberta inacessível aos clientes do bar. Coçámos a cabeça da solitária cabra durante um bocado e, depois, usámos uma quantidade generosa do desinfetante de mãos que eles providenciam, antes de voltarmos à pista de dança desmontável.

A banda está a tocar *covers* de sucessos de música *country* de diferentes décadas e nós dançamos até o meu cabelo estar completamente seco e, depois, até estar suado.

A certa altura, o Miles vai buscar cervejas fresquinhas – e uma cidra para mim – e regressa com uns quantos colares feitos de tubo luminoso ao pescoço, e uma marca esborratada de batom cor-de-rosa na cara.

– Está *claro* – grita a Julia por cima da música, sem interromper minimamente a sua dança e sem demonstrar estar nada cansada.

Oh, ter vinte e três anos.

Volta a cabeça na direção do Miles.

– Vai buscar uma cerveja, volta com um chupão!

Acho que ela deve estar a usar a palavra figurativamente, mas isso não me impede de inspecionar o pescoço dele enquanto ele distribui as bebidas. Quando acaba de as entregar, coloca um dos colares luminosos ao pescoço da Ashleigh, depois dá outro à Julia, que ela ajeita para ficar mais pequeno e poder usar como se fosse uma tiara. A seguir, põe o último à volta do meu pescoço.

– Obrigada – grito. A banda acabou de arrancar com um *cover* de *Crimson and Clover* e metade da audiência à nossa volta canta ao mesmo tempo, embriagada.

– De nada – diz ele.

– Estou a *ver* isto. – Toco-lhe na bochecha mesmo por baixo da marca do beijo. Espero ter soado amigável e brincalhona, como pretendia, e não incandescente de ciúmes.

– Faz parte de uma caça ao tesouro de uma despedida de solteira, ou algo assim – explica ele. – Consegues limpar?

Passo os dedos pela condensação do exterior da garrafa de cerveja dele e, a seguir, esfrego a marca até desaparecer da pele.

– Não te posso levar a lado nenhum.

Ele inclina-se, para eu o conseguir ouvir.

– Se eu tivesse barba – grita – isto nunca teria acontecido.

– Podias estar a usar a máscara do fantasma do *Scream* e isto acontecia à mesma – digo.

Ele vira-se para mim, com a boca quase a tocar a minha orelha, e a nota de gengibre picante da cerveja entra-me pelo nariz.

– Estás com ciúmes? – solta ele.

Ponho-me em bicos de pés e colo uma mão no ombro dele, suficientemente tocada para alinhar na brincadeira, mas *não* bêbeda o suficiente para dizer a verdade.

– Seria bom ganhar os meus próprios tubos luminosos de vez em quando.

Ele toca-me na cintura. O calor percorre-me, da cabeça aos pés. Automaticamente, encosto-me ao toque e os dedos dele envolvem-me a anca quando ele volta a baixar a cabeça.

– A despedida de solteira ainda está no bar. Posso apresentar-te.

– E perder esta música? Não há tubos luminosos suficientes no mundo que valham a pena isso!

Viro-me para ele e o meu coração acelera quando vejo a forma como os olhos escuros dele se dilatam e como o canto da boca dele sobe, num sorriso irónico.

Olho para a boca dele e esqueço-me do que estávamos a falar. Engulo o nó que tenho na garganta e toco no canto anguloso do maxilar dele.

– A barba está quase de volta.

A mão dele envolve-me suavemente o pulso e uma descarga elétrica dispara dele para mim.

– A Petra também a detestava – diz ele, num sussurro meio ocultado pela música.

O meu estômago fica apertado.

– Não a detesto – digo. – Foi-me conquistando.

O canto da boca sobe mais e o polegar dele desliza pelo meu pulso.

– Então, deixa crescer?

Aclaro a voz.

– Tu é que sabes.

– E estou a perguntar-te a ti – defende-se, com um sorriso ligeiramente malicioso, mas o olhar escuro suficientemente sério para me manter no sítio.

O momento parece uma paragem na respiração, ou uma bola de sabão, qualquer coisa que não pode durar, que tem de desaparecer de alguma forma.

E assim acontece. A canção acaba e a Julia corre para nós, com a franja colada à testa e o rímel esborratado à volta dos olhos.

– Quem quer um *shot*? – pergunta, e o Miles afasta-se de mim.

– Eu vou buscar – oferece-se, e afasta-se por entre a multidão aglomerada, lançando-me um olhar sobre o ombro, um olhar turvo que me faz sentir como uma prenda de Natal que ele está prestes a desembulhar.

– Tu e o Miles andam a dormir juntos? – pergunta a Ashleigh junto à carrinha dos pãozinhos *bao*, na segunda-feira à hora de almoço.

Eu tinha acabado de dar um gole na limonada e de esticar a mão para receber a fatura, e mal consigo desviar a cara antes de cuspir a bebida.

– Ashleigh! – repreendo, e puxo-a para longe do balcão.

– O que é? – diz ela. – Aquele tipo tem uns sessenta anos. Não me parece que o consigamos surpreender. A não ser, claro, que ele também ande a dormir com o Miles – acrescenta, pensativa.

– Não ando a dormir com o Miles – digo-lhe.

– Pronto, está bem. Devo ter lido mal os sinais.

O tom dela deixa bem claro que não acredita em mim.

O empregado chama os números dos nossos recibos. Pegamos na comida ao balcão e depois dirigimo-nos para as mesas de piquenique, no relvado com vista para a praia pública.

– Uma vez – admito. – Aconteceu qualquer coisa uma vez.

Espalha-se um sorriso pelos lábios da Ashleigh, pintados de cor-de-rosa.

– Eu sabia. Conta-me tudo.

– Não há nada para contar – digo.

– Foi assim tão mau?

– *Não* – digo com um bocadinho de ênfase a mais. Perante o sorriso trocista dela, acrescento: – O que quero dizer é que nem sei como é que aconteceu.

– Bem, continuas a saber mais do que eu, porque eu nem sequer sei *o que é* que aconteceu.

– Só demos uns amassos – digo.

– Em que contexto? – pergunta.

– Em casa – digo. – Estávamos a ver um filme e, não sei como, aconteceu.

– O que é que estavam a ver? – questiona.

– Isso importa? – digo.

– Faz um retrato da cena – diz ela. – Sinceramente, Daphne, *nunca* tiveste uma amiga próxima antes?

A última conversa que tive com a Sadie passa-me pela cabeça como gás lacrimogénio. Mas, estranhamento, também sinto umas borboletas no estômago perante a insinuação da Ashleigh de que é isso que nos estamos a tornar: *amigas próximas*.

– Já não tenho há algum tempo, não – digo-lhe.

Ela agarra-me no cotovelo.

– Sabes bem que a minha vida social também não está muito ativa ultimamente. Só queria dizer que é suposto ser *divertido* lembrar estas coisas e não embaraçoso. Estamos num ambiente sem julgamentos. Estamos a

dezoito metros da biblioteca, por amor de Deus. Ontem tive de pedir a um tipo para parar de conduzir os pombos lá para dentro com um trilho de migalhas de pão.

– *Outra vez?*

– Não foi o Larry – responde. – Outro tipo.

– Bem, eu não tive de atrair o Miles com migalhas de pão – digo.

– O que é sempre um bom sinal – diz ela.

– Estávamos a ver um dos filmes *Velocidade Furiosa* – solto.

– Qual deles? – pergunta ela de imediato.

– Não te consigo dizer. Um com o Vin Diesel.

– Isso deixa qualquer uma excitada – diz ela. – E então, foi estranho?

– Não. Foi... – Baixo a voz, não vá o empregado tentar ouvir. –

Estranhamente *bom*.

– O que é que isso tem de estranho? – diz a Ashleigh. – O Miles é sensual.

– É estranho porque há uns cinco anos que não beijo mais ninguém sem ser o Peter e não pensei que quando o fizesse seria o ex-noivo da atual noiva do meu ex-namorado.

– Quando pões as coisas assim...

– Mas pronto, concordámos que tinha sido um grande erro – digo.

– A sério? – diz. – Porquê?

Encolho os ombros.

– Por todas as razões possíveis e imaginárias. Vivemos juntos. Estamos os dois a sair de relacionamentos de longa duração.

Ela revira os olhos.

– Não tens de te lançar em nada sério. Eu finalizei o meu divórcio há mais de um ano e ainda não fui a nenhum terceiro encontro com ninguém.

– Não, eu sei – digo. – Nem sequer podia ser sério, já que...

As sobrancelhas dela arqueiam.

– Já que...?

Suspiro. Não ia contar isto a ninguém da biblioteca, até as coisas estarem mais definidas, mas agora a Ashleigh é minha amiga.

– Estou à procura de outro emprego.

Ela fita-me, como se não estivesse a perceber.

– És obcecada pelo teu trabalho. Às vezes apanho-te a olhar para as folhas de cálculo como se fossem bilhetes de lotaria premiados.

– *Okay*, estás a exagerar um bocado – digo, – mas sim, adoro o meu trabalho. É desta cidade que gosto menos. Quer dizer, gosto dela enquanto *cidade*. Mas só me mudei para aqui por causa do Peter. A minha mãe está na costa leste e... não sei. Não sei se consigo ficar aqui. Desculpa não te ter contado antes.

Ela abana a cabeça e pousa o pão *bao*.

– Ouve, eu percebo. Somos adultas. Temos de fazer aquilo que é melhor para nós. É uma *chatice* para mim, mas eu percebo.

– Obrigada, Ash. A sério.

Ela encolhe os ombros, agarra no pão e dá uma enorme dentada. Depois fala de boca cheia.

– Mas se não vais ficar por cá e não queres nada sério, então, não estou mesmo a ver qual é o problema com o Miles.

– O problema é – começo, – que *ele* disse que não devia acontecer outra vez.

– Ahh – diz ela.

– Ahh, o quê? – digo logo, com um pequeno ataque de pânico.

– Nada – garante. – Só fiquei surpreendida. Na noite passada havia um clima.

– Acho que o Miles podia estar sozinho num quarto com um saco de papel e, ainda assim, haver um clima – digo, embora, sinceramente, esteja aliviada por mais alguém ter percebido. Não foi apenas na minha cabeça.

Afasto o pensamento. Com clima ou não, o importante não mudou. Não vou ter uma aventura de uma noite com o meu colega de casa.

– Posso perguntar... – hesito, a tentar decidir como formular a questão. – É demasiado cedo para perguntar o que é que aconteceu entre ti e o Duke?

– Bem, uma vez que acabas de me contar sobre o teu caso clandestino com o teu colega de casa – diz ela, dando uma enorme dentada no pão *baio*, – acho que acabámos de passar de amigas do *trabalho* a amigas a *sério*.

O meu coração derrete perante a ideia. Gostava de ter feito um esforço para a conhecer mais cedo. Mesmo antes da separação, teria sido bom ter uma amiga como a Ashleigh.

– O Duke era o meu namorado no liceu – diz ela e, depois, faz uma pausa para mastigar durante um bocado. – Acabámos quando fomos para a faculdade. Depois, voltámos os dois para aqui. Acabámos por nos cruzar na YMCA, depois *encontrámo-nos* no carro dele, no estacionamento, como te contei.

– Exato.

– Portanto, nove meses depois, nasceu o Mulder – diz ela. – E o Duke foi fantástico durante a gravidez. Não estávamos mesmo *juntos*, mas ele estava presente. E acho que ficámos embriagados com o nosso recém-nascido, portanto, quando ele me disse que queria casar comigo, eu pensei, do género, porque não? Vamos a isso. Já somos uma família, certo? E, durante uns cinco anos, estivemos bem. Depois, o Mulder começou a fazer karaté e ginástica e o Duke inscreveu-se numa equipa de hóquei e... – Encolhe os ombros. – Não sei. Ainda funcionávamos bem. Mas toda a nossa relação girava em torno do nosso filho. Até os outros casais com quem nos dávamos tinham filhos da idade do Mulder. Era assim que escolhíamos os amigos. Era assim que escolhíamos os programas que víamos. Só falávamos sobre isso. E assim que o nosso filho ficou mais atarefado, a relação... deixou de me parecer suficiente. Tentámos fazer saídas a dois e isso ajudou. Ter tempo só para nós os dois. Mas mesmo assim faltava alguma coisa. Parecia que... tínhamos

estagnado. Do género, eu pedia-lhe para fazermos umas aulas de culinária e ele dizia «Não gostamos de cozinhar», ou eu sugeria: «E que tal mudarmo-nos para Portugal?», e ele respondia: «Não temos empregos em Portugal.»

– Mas... Não sei se devo dizer isto, mas parecem respostas razoáveis.

– Ah, claro que sim – concorda ela. – Mas a conversa acabava sempre ali. Não havia um *E se fôssemos a Portugal no verão?* Não havia sequer um *Porque é que queres ir viver de repente para Portugal?*

– Porque é que querias? – pergunto.

– Não queria – diz ela, como se isso fosse óbvio. – Só me queria sentir menos... acomodada.

Dou uma gargalhada.

– Devíamos ter trocado de vidas.

A Ashleigh abana a cabeça.

– Existe *estabilidade e fiabilidade*, e isso é ótimo. Mas ficar acomodado? Decidir que já sabemos tudo acerca daquilo que gostamos e não gostamos no mundo, daquilo que fazemos bem, de todos os amigos que vamos fazer e de todas as comidas que vamos comer? Ele nem sequer me deixava pintar o nosso quarto! Eu queria conhecer novas partes dele e queria encontrar novos pedaços de mim. Por isso, pedi-lhe para irmos fazer terapia de casal.

– Não funcionou? – digo.

Ela sorri, mas de alguma forma é a primeira vez que a sinto triste.

– Para mim, funcionou. Mas ele não quis ir. Ele estava disposto a ser bom para mim, mas não estava disposto a ser *melhor*. Aguentei o mais que pude. Depois, um dia, acordei e já não aguentava mais. E disse-lhe. Parte de mim estava à espera que ele finalmente percebesse. Que dissesse que ia à terapia, que *tentava*. Mas não.

– Merda – digo. – Lamento imenso, Ashleigh.

Ela encolhe os ombros, com indiferença.

– Às vezes, é péssimo, mas a escolha foi minha. Acho que muitos dos meus amigos acharam que eu era uma idiota egoísta, a desistir de uma coisa boa só pela esperança de conseguir uma coisa *mesmo* boa. Mas como é que posso ensinar o meu filho a não se acomodar se eu não estiver disposta a lutar pela vida que quero ter? Tentei imenso gostar da que tinha, e se o Duke também tivesse tentado, eu tinha-a agarrado. Mas ele é um daqueles tipos que não acredita em partilhar as suas «cenas» com um estranho, portanto, a terapia está fora de questão. Ele nem sequer queria que eu falasse sobre isso com os nossos amigos, por isso, quando nos separámos, parece que aconteceu do nada. Toda a gente ficou do lado dele e, sinceramente, até os que *não* ficaram deixaram de me convidar para as coisas. Suponho que seja *estranho* ter uma pessoa solteira numa sala cheia de casais.

Sinto um peso no peito.

Penso na Sadie e na nossa última conversa: *Vocês são ambos tão importantes para nós*. Tinha-me magoado ser enfiada no mesmo saco que ele. Mas o que doeu mais foi eu não acreditar que isso fosse verdade.

Se éramos ambos tão importantes para ela e para o Cooper, ela não me teria telefonado pelo menos uma vez durante os últimos dois meses e meio? Ela já não me queria. Não sozinha.

– Meu Deus – a Ashleigh sacode a cabeça. – Deve ser por isso que estou tão desejosa de bisbilhotices. *Nunca* senti que podia contar a ninguém o que se passava connosco. Raios, acho que fiz progressos, Vincent.

– Além disso, já sabes o meu apelido completo – digo.

– Vês? – Ela dá outra dentada. – Amigas oficiais.



Terça-feira, 25 de junho

53 dias até poder ir-me embora

O Miles está a sair porta fora quando chego a casa, com um bocado de torrada enfiado na boca e as chaves, o telemóvel e uma garrafa de água numa mão.

– Atrasado? – suponho, e agarro na porta para ele conseguir sair.

Ele assente e tira a torrada de entre os lábios.

– Tive de dar boleia à Julia. Teve um *encontro*.

– Ela está aqui há, o quê, três dias? – digo, perplexa.

– Eu sei. Parece que o conheceu no CELEIro.

Passam alguns segundos em que nenhum dos dois parece ter nada para dizer. É a primeira vez que estamos sozinhos juntos no apartamento desde que a Julia apareceu. Eu quebro o silêncio primeiro.

– *Okay*. Vemo-nos logo.

Ele vira-se para sair, mas quase de imediato faz uma careta.

– Esqueci-me de te dizer. Este domingo, não posso.

– Oh – tento não parecer desiludida. Tento não *ficar* desiludida. É provavelmente melhor se passarmos menos tempo juntos. – Sem problema.

– É que... – começa ele.

– Miles, a sério, não há problema – prometo.

– Sim, eu sei, é que... – Ele para. – Tenho de fazer uma coisa no sábado à noite.

Aceno com a cabeça, com entusiasmo, como se não fosse nada comigo

e, ao mesmo tempo, estivesse felicíssima por ele ter planos.

– Mas tenho dois bilhetes – diz ele. – Por isso, estava a pensar que talvez quisesse ir comigo?

– Ah – digo.

Devo demorar muito tempo a responder, porque surge-lhe um ligeiro sorriso na boca e os olhos brilham, divertidos.

– Não há pressão nenhuma, Daphne – diz ele. – Se não queres...

– Não – digo. – Não é isso.

É isso *mesmo*.

– Posso ter de trabalhar um bocado – digo.

Sendo o trabalho *não* ficar sozinha com o Miles Nowak num sábado à noite e incapaz de manter as fronteiras da amizade que estabelecemos.

– Desculpa – força-me a dizer. – Talvez numa próxima.

Ele assente.

– Claro – diz. – Até logo.

Também aceno com a cabeça.

– Até logo.

Ele volta a enfiar a torrada entre os lábios e desaparece nas escadas ao fundo do corredor.

Fecho-me no apartamento e espero que o arrependimento me inunde o corpo.

É melhor assim. Estou aqui presa durante, *pelo menos*, mais cinquenta e três dias e não vou dar cabo da vida *outra vez* durante esse período.

Largo a mala e entro no apartamento. Os sapatos da Julia estão no *hall*, as roupas por todo o lado na sala de estar e a cama ainda desfeita no sofá. A bancada da casa de banho está manchada com maquilhagem e ela deixou dois aparelhos do cabelo ligados.

Tirando o perigo de incêndio, não me importo. Quando era criança, tinha muita inveja das minhas amigas que tinham irmãs. As minhas melhores memórias eram das noites de cinema com a minha mãe ou dos nossos longos passeios ao sábado de manhã pelas lojas *kitsch* e de discos, mas muita da minha infância foi passada num apartamento vazio, a desejar o tipo de barulho, tralha e permanência que acompanha o ter uma família, em vez de apenas uma mãe sobrecarregada com trabalho.

A Julia pode ser desarrumada, mas ter as coisas dela espalhadas torna o apartamento um pouco menos solitário.

Desligo o ferro de alisar e começo a limpar. Depois, tomo um duche e preparo macarrão com queijo. Enquanto como, envio *e-mails* a potenciais patrocinadores, juntamente com alguns para autores conhecidos que recebemos na biblioteca de Richmond, para lhes perguntar se podem gravar uns vídeos para irmos passando quando formos atingindo os objetivos de angariação de fundos ao longo da noite. A seguir, comparo a agenda do telemóvel com a da parede. Para minha surpresa, o Miles acrescentou a azul os seus turnos na adega e a Julia (pressuponho eu) adicionou a vermelho, na

próxima quinta-feira: *cometer suicídio*.

Por baixo, escrevo com a letra mais pequenina que consigo: *Ligar ao FBI por causa da Julia*.

Depois, enfio-me na cama e tento ler, sem conseguir. A seguir, tento ver um filme de ação e depressa percebo que não tem graça ver esse tipo de coisas sozinha, portanto, passo a navegar pelas redes sociais, a ver os anúncios de gravidez de amigas da faculdade, a viagem recente de um colega de Richmond à Tailândia para visitar a família e, depois, sem qualquer aviso, ali está, no meu ecrã.

A Petra.

E, claro, isso já é suficientemente chocante. Mas não é isso que me faz atirar o telefone pelo quarto fora, com a pulsação acelerada.

É quem publicou a fotografia. É quem mais *aparece* nela.

A pequena mulher com ela, de braço dado com a Petra, ambas a cintilar à frente de pratos de *waffles* de chocolate sobre uma toalha de mesa de xadrez cor de laranja.

Só vi a imagem durante um segundo, mas ficou-me gravada na memória.

Como é que podia não ficar se eu *reconheço* a toalha de mesa, as *waffles* e até a amiga da Petra?

Gatinho pela cama, com o coração na boca, e preparo-me psicologicamente antes de virar o ecrã do telefone para mim.

Foi o Cooper quem publicou a foto. Não preciso de ver a localização – *Richmond, Virgínia* – para saber onde é que a fotografia foi tirada. É no nosso sítio de *brunch*. Aquele a que ele, a Sadie, o Peter e eu, costumávamos ir quase todos os sábados.

O Peter e a Petra foram visitá-los.

Não consigo respirar. As roupas parecem-me demasiado apertadas, sinto a pele quente e com comichão. Tropeço até à janela e os meus braços estão demasiado fracos para conseguir abri-la à primeira. Quando finalmente consigo, não há brisa nenhuma.

Uma coisa é ser substituída por uma ex. Outra é sentir que toda a tua vida foi entregue a outra pessoa.

Penso que posso estar prestes a vomitar. Pelo sim, pelo não, entro na casa de banho.

A culpa é tua, sussurra-me uma voz dentro da cabeça. *Tu é que construístes tudo à volta dele*.

Mudei-me para a terra *dele*. Deixei a relação entre mim e a Sadie ser absorvida pelos quatro, com as nossas saídas semanais de raparigas a tornarem-se encontros a quatro, as nossas viagens de fim de semana substituídas por férias de casal, as nossas conversas a decorrerem no *chat* de grupo em vez de longos telefonemas. Fui eu que coloquei os meus ovos todos no cesto incrivelmente estranho de fazer amizade deliberadamente com o Scott e os outros amigos do Peter em Waning Bay, em vez de conhecer as minhas próprias pessoas. Já para não falar da dificuldade de entrar num grupo

que está sobretudo interessado em reacender memórias partilhadas. Mudei-me para uma casa que só pertencia ao Peter.

O Miles tinha razão. Preciso de parar de me focar naquilo que perdi e concentrar-me em construir algo novo. Eu já sabia que a minha antiga vida tinha acabado. Ficar aqui sentada a pensar nisso não vai trazer-me nada de bom.

Baixo a tampa da sanita, sento-me em cima e abro as mensagens com a Ashleigh. Escrevo: Disseste que tinhas um passatempo que me podias emprestar?

Todas as quartas-feiras do mês. AKA amanhã, escreve ela. Queres ir?

Pergunto: O que é? Só disseste que não é exercício organizado.

E não é, responde ela. Não apareças de fato de treino.

É exercício DESorganizado?, pergunto.

Estás mais perto, diz ela.

Ótimo, digo. Depois envio também uma mensagem ao Miles. Pode ser um erro, pode não ser a coisa mais *inteligente* a fazer, mas ser «inteligente» não me tem compensado.

Posso ir no sábado, digo-lhe.



Não foi assim que imaginei a noite mensal de póquer da Ashleigh.

Primeiro, o homem que me abre a porta da casa de dois andares, a oito quilómetros da vila, não é um desconhecido.

É um sósia do Morgan Freeman com setenta e tal anos, desde que ignoremos o fato de treino da Red Wings, com uns chinelos a combinar, que não me parece uma escolha lá muito Freemanesca.

– Até que enfim aparecem! – Cumprimenta-nos e afasta-se para nos deixar entrar.

– Harvey! – digo, demasiado surpreendida para me mexer.

– Desculpa o atraso. – A Ashleigh inclina a cabeça na minha direção. – A culpa foi da Daphne, claro.

O Harvey ri-se.

– Sei que tenho um brilho jovem, mas não nasci ontem. Entrem, entrem. Tirem os sapatos. Está toda a gente no cantinho do pequeno-almoço.

Coloco os mocassins ao lado das botas de cano alto da Ashleigh e seguimos o Harvey por uma parede revestida a madeira até ao som de *jazz* e ao cheiro intenso de fumo de charuto. Todos os centímetros das paredes estão dedicados a, pelo menos, três gerações de fotos de família, desde as mais recentes dos torneios de futebol das netas, até aos retratos de casamento dele com a falecida mulher, já esbatidos pela passagem do tempo.

– Então, há quanto tempo é que esta noite de póquer se realiza? – pergunto.

– Literalmente desde que eu nasci – diz a Ashleigh – mas só me deixaram participar a partir dos meus dezoito anos.

– Vocês conhecem-se assim há tanto tempo? – digo, surpreendida. Eles dão-se bem no trabalho, mas nunca me pareceu que se *conhecessem* de facto.

– Desde que ela tem dois palmos de altura – diz-me agora o Harvey.

– Portanto, no oitavo ano – digo, e ele solta uma risada.

– O Harvey faz questão de «não mostrar favoritismo» no trabalho. – A Ashleigh faz o sinal das asas. – Até pediu ao diretor distrital para me entrevistar em vez de me contratar logo.

– Não terias detestado não saber se realmente merecias o cargo? – pergunta ele.

– Não, nem por isso – diz ela.

O Harvey sai do corredor para nós conseguirmos entrar no recanto do pequeno-almoço atrás dele.

– Olhem quem decidiu finalmente aparecer – diz ele, – e trouxe-nos uma quinta jogadora!

– Está à experiência – diz a Ashleigh. – Vamos ver se ela se aguenta. Esta é a Daphne. Daphne esta é...

– Lenore! – digo, chocada por ver a alta e desengonçada Lenore, da banca dos espargos, recostada na cadeira mais próxima da janela com vista para a baía. E, mesmo ao lado dela, a última participante na noite de póquer, a pequenina morena: – Barb!

Estão as duas a usar as mesmas viseiras de quando as conheci. E têm ambas charutos a condizer no canto da boca. A Lenore tira o dela de entre os lábios quando se levanta para me cumprimentar.

– Que agradável surpresa!

A Ashleigh olha para uma e para outra.

– Vocês conhecem-se?

– Já nos encontrámos – digo.

– É a nova miúda do nosso amigo Miles! – solta ela.

Terras pequenas.

– Como é que conhecem o Miles? – pergunta a Ashleigh.

Exatamente ao mesmo tempo que eu digo que somos só amigos.

No preciso momento em que o Harvey diz:

– Quem raio é o Miles? – Senta-se numa das cadeiras com costas de verga. É a primeira vez que o ouço praguejar. Ainda assim, é menos chocante do que os chinelos Red Wings.

Agora é a Lenore que faz perguntas à Ashleigh.

– E como é que tu os conheces aos dois?

– A Daphne trabalha connosco na biblioteca – responde a Ashleigh.

– Quem é esse Miles? – insiste o Harvey.

– O Miles é o meu colega de casa – clarifico, e nesse momento a Lenore

e a Barb trocam um olhar conhecedor.

A Ashleigh pousa a enorme mala no chão e cai na cadeira ao lado do Harvey, deixando-me livre a que está ao lado da Barb. Harvey tira um charuto de uma pequena caixa de madeira que se encontra no centro de uma mesa laminada e empurra-a na nossa direção.

– Não, obrigada – digo. A Ashleigh agarra logo num e pega no cortador que está na tampa da caixa.

– Então, e como é que vocês se conhecem todos uns aos outros? – pergunto.

O Harvey começa a baralhar as cartas.

– Oh, temos uma longa história.

– Grace Episcopal. – A Lenore acena com a cabeça, como que a dizer *tu percebes*.

Não percebo.

– A minha mãe era lá sacerdotisa – explica a Ashleigh. – A minha madrastra, tecnicamente, mas o meu pai morreu quando eu era pequenina e a minha mãe casou com a Adara quando eu tinha seis anos, portanto, ela sempre foi minha mãe desde que eu me lembro.

A tristeza inunda a sala. O Harvey coloca a mão em cima da mão da Ashleigh e aperta-a.

– Ela era uma boa mulher.

– A melhor – A Lenore exala um anel perfeito de fumo em direção à janela aberta sobre a baía. – É uma ótima jogadora de póquer.

Antes de eu conseguir perguntar, ou decidir se devo perguntar, a Ashleigh esclarece-me.

– Cancro do estômago. Há cinco anos e meio.

Penso na minha própria mãe e sinto um aperto no peito.

– Lamento muito, não fazia ideia.

– É difícil. – Ela envolve o charuto com a mão enquanto o acende. – Quando perdemos a Adara, a minha mãe precisava mesmo de ir para um sítio novo e mudou-se para Sedona, onde vive a irmã. Eu e o Mulder sentimos muito a falta de ambas mas, pelo menos, sem a minha mãe e a Adara no jogo, posso finalmente sacar o dinheiro todo a estes velhotes.

A Lenore zomba.

– Boa sorte.

– Ela ensinou-me tudo o que sabia – diz a Ashleigh, com as mãos no ar e o charuto pendurado no canto da boca, como uma personagem de Hunter S. Thompson. – Sou eu a herdeira dela aqui.

– Serias – responde a Barb – se tivesses sido o tipo de filha que dá ouvidos àquilo que os mais velhos lhe dizem.

Elas reclamam, resmungam, insultam-se. Continuam a acusar-se umas às outras de adiarem o inevitável até que, finalmente, começamos a primeira ronda.

Desisto logo, com apenas dois pares de duques na mão. Para celebrar ter

conseguido um *royal flush*, o Harvey vai à cozinha e regressa com uma garrafa de um bom *whisky*. Serve um bocadinho a cada uma de nós e a Barb põe um novo disco a tocar.

– Segunda ronda – diz a Lenore, a esfregar as mãos.

No final da noite, perdi quarenta dólares, ganhei onze de volta, fumei o meu primeiro charuto e prometi ir à festa do septuagésimo-quinto aniversário do Harvey, que é só em outubro, daqui a três meses e meio, mas para a qual já se começaram os preparativos.

– Vamos alugar um autocarro para ir ao casino! – diz-me a Barb, com os olhos a brilhar de rir, beber, fumar e de nos dar cabo do canastro no póquer.

– Partindo do princípio de que não bato a bota até lá – diz o Harvey.

– Mesmo assim, alugamos o autocarro – diz a Lenore. – Só que será um funeral em vez de um aniversário.

– Vou desta para melhor em grande estilo – diz o Harvey.

– Devemos garantir que estás vestido com a tua imagem de marca? – pergunto, fazendo um gesto para as vestimentas dele. Assim que o digo, sinto aquela pontada *Oh, merda* no estômago, sem saber se a piada ultrapassou alguma linha invisível.

Mas o Harvey tosse uma gargalhada juntamente com uma nuvem de fumo.

– Podes voltar – diz-me o Harvey e, depois, aponta para a Ashleigh. – Trá-la outra vez.

Depois, vira-se de novo para mim.

– Mas escusas de pensar que vais ter tratamento especial no trabalho.

Prometo que não.

À porta de entrada, trocamos todos abraços e, a seguir, a Ashleigh e eu calçamo-nos e saímos para a praceta silenciosa. A maioria das outras casas ou estão completamente às escuras, ou têm uma lâmpada solitária a brilhar sobre a porta, mas a acreditar na Ashleigh, a noite de póquer ainda só agora começou.

– Partilhamos um táxi? – pergunta ela, cambaleando um bocadinho enquanto chama um com o telemóvel.

Nenhuma de nós está em condições de conduzir.

– Primeiro um *hobby* e depois um táxi – digo. – O que é que virá a seguir?

– Um segredo mortal – diz a Ashleigh, a brincar a sério.

Pelo menos, acho que é a brincar.

– Diverti-me imenso – digo. – Já não ia a uma festa desde... – Penso durante um bocado. – Desde a minha festa de noivado, parece-me.

– Achavas que isto era uma festa? – diz ela. – Precisas mesmo de sair mais.

Encolho os ombros.

– Sempre fui a reboque de alguém. Só que, ultimamente, não tinha ninguém a quem me atrelar.

– Não andas a reboque – diz ela. – És uma rapariga que prefere «nós».

– Uma moça cheia de nós?

– Não, do género: *Nós gostamos daquele restaurante. Nós vamos sempre para ali de férias. Nós não gostamos de filmes de terror.* Uma mulher que se sente mais à vontade sendo parte de um todo, que nunca vai a lado nenhum sozinha.

– Merda – digo. – Tens razão.

– Claro que tenho razão – diz ela. – Sou sábia.

O primeiro *nós* era a minha mãe e eu e, depois, a Sadie e eu, e a seguir o Peter. Sempre me associei às pessoas de quem gosto e tentei orientar a minha órbita em torno delas. Talvez, percebo agora, tenha estado a tentar tornar-me «inabandonável». Mas não funcionou.

– Não quero fazer apenas parte de um *nós* – digo. – Quero ser um *eu*.

– Já és um *eu*. A questão está em quanto o adotas.

– Suponho que sim – digo.

A Ashleigh avalia-me.

– Portaste-te bem hoje à noite.

– Bem, tenho a sensação de que eles me facilitaram a vida – digo.

– Sim, eles trataram-te como se fosses feita de vidro – concorda ela, com a cabeça levantada e o olhar perscrutador. – Mas tu não és assim tão delicada, Vincent.

– Pois não. – Parece-me ser verdade, pelo menos agora. Não sou assim tão delicada. Solitária, magoada, zangada, um bocadinho queixosa? Sem dúvida.

Mas não delicada.

Talvez consiga aguentar ficar por aqui, onde a minha vida se desmoronou. Talvez pudesse recomeçar, construir alguma coisa minha desta vez.

O táxi chega.

– Ashleigh – digo.

– Hum? – diz ela.

– Obrigada – digo. – A sério.

Ela revira os olhos.

– Precisávamos de um quinto jogador.

Abano a cabeça.

– Não é só por isso. Por seres minha amiga. Por ainda me dares uma oportunidade, apesar do último ano.

A expressão sempre contundente dela suaviza-se.

– Sabes – diz ela, – é que eu também precisava de uma.

– Ainda bem que pude ser eu – digo-lhe.

– Sinto o mesmo.

O taxista faz-nos sinais de luzes e, com os braços por cima dos ombros uma da outra, cambaleamos pelo caminho de acesso até à estrada.

Por razões que não compreendo totalmente, apetece-me chorar.



Sábado, 29 de junho

49 dias até poder ir-me embora

— Porque é que não me dizes? — pergunto ao Miles enquanto o sigo até à cozinha.

— Porque — diz ele a abrir o frigorífico — já concordaste que ias.

— E tens medo de que eu volte atrás quando me disseres o que é? — pergunto.

Ele tira o jarro de água, enche o copo e bebe-o de uma só vez, enquanto sorri para mim de forma trocista.

— Vá lá, Miles — digo. — Eu detesto surpresas.

— Então devias ter feito perguntas *antes* de teres dito que ias comigo — diz ele.

— Vamos saltar de paraquedas? — pergunto.

Ele volta a encher o jarro no lava-louça.

— Duvido muito.

— Aquilo que vamos fazer envolve trabalho físico? — pergunto.

Ele volta a colocar o jarro dentro do frigorífico.

— Veste uma coisa bonita, Daphne. Temos de sair daqui a pouco.

Encolhe-se para passar por mim e sai da cozinha.

— Funeral? — digo, atrás dele.

Ele para e olha para mim.

— Estás mais perto.

— Por favor, diz-me que estás a gozar — digo.

O ar trocista dele transforma-se num sorriso rasgado.

– Podes usar vermelho, se é isso que estás a perguntar.

– O funeral de alguém que *odeias*? – digo.

Ele ri-se e afasta-se.

– Tens de estar pronta daqui a meia hora – diz ele, algures longe da minha vista.

No meu quarto, visto o único vestido bonito que tenho, o mesmo sem costas que usei na minha festa de noivado *e* na Cherry Hill, quando fui lá com a Ashleigh naquela primeira noite. Ela e a Julia foram hoje a um clube de *jazz*, por isso, envio-lhes uma mensagem no *chat* de grupo: alguma de vocês sabe onde é que eu e o Miles vamos?

A Julia escreve: ele ainda não te disse?

A Ashleigh responde: lol eu sei.

Envio uma data de pontos de interrogação.

A Julia diz: OMD ela acabou de me contar.

Onde é?, pergunto.

A Ashleigh responde apenas com um *smile* a piscar o olho. A Julia acrescenta: tira muitas fotos, POR FAVOR.



Baile de finalistas sénior, pode ler-se no cartaz prateado. Está pendurado entre as duas colunas que enquadram as portas de entrada do *resort* de praia, pintado de cor-de-rosa bebé, com um arranjo de balões pretos e prateados de cada lado.

A *pick-up* do Miles para à frente deles.

– O quê? – digo.

– Não te preocupes. – O Miles desliga o carro. – Vai ficar ainda muito mais estranho.

Um arrumador adolescente sai a correr do hotel e o Miles sai do carro para lhe entregar as chaves. Eu saio também e ele encontra-me junto à porta.

– Estamos a meio do verão – digo.

– Vinte e nove de junho – concorda ele.

– Nós temos, tipo, trinta e cinco anos – realço a seguir.

– Pois temos – diz o Miles.

– Como é que estamos num baile de finalistas? – pergunto.

– Como é que qualquer um de nós está em qualquer lugar? – brinca ele.

– Vamos.

Encosta uma mão às minhas costas e sobe-me um formigueiro pelas vértebras enquanto deixo o toque suave guiar-me para dentro do imponente átrio do hotel.

Um soalho com mosaicos brilhantes, coberto com tapetes grossos

floridos, e um papel de parede geométrico que faz um ousado contraste, cadeiras de veludo a criar áreas de repouso de ambos os lados e um cartaz montado mesmo em frente: *Baile de Finalistas Sénior da Sociedade Histórica de Waning Bay*.

A seta por baixo aponta para a esquerda.

Olho de soslaio para o Miles, que parece encantando com a minha total perplexidade. Agarra-me na mão e leva-me pelo corredor atapetado. A música está a tocar quando chegamos às portas duplas que estão abertas ao fundo.

Entramos, passando por debaixo de um arco de balões prateados, num salão de festas decorado com fitas brilhantes e balões cheios de purpurinas. Mesas com toalhas brancas, enfeitadas com *bouquets* de rosas brancas, circundam uma pista de dança luminosa, atrás da qual uma série de portas dão para uma varanda coberta de luzes cintilantes, onde vários casais já se encontram em volta de mesas altas, a conversar com *cocktails* na mão.

É então que reparo nos convidados em si, todos vestidos de forma extravagante, alguns daqueles que estão mais próximos de nós *extravagantemente perfumados*, a maioria com uma característica em comum.

– Oh, meu Deus – viro-me para o Miles e baixo a voz. – O que é isto?

– É um baile de finalistas séniores – diz ele, a sorrir para mim.

Aqui, a palavra *séniores* tem uma conotação completamente diferente. Somos provavelmente um dos únicos três casais que não assistiram em direto à aterragem na Lua.

Ele retira duas *flutes* de champanhe da bandeja de um empregado em movimento.

– Isto vai ajudar com o choque – diz o Miles, enquanto leva uma das *flutes* de champanhe aos lábios.

Eu mal consigo engolir sem cuspir tudo.

– Por favor – digo – explica-me isto como se eu tivesse cinco anos.

– És nova em Waning Bay – diz ele – portanto dá quase no mesmo.

– Para que escola é isto? – pergunto.

– Não é uma escola – diz ele. – É uma angariação de fundos que a Sociedade Histórica faz todos os anos. Estão aqui carradas de empresários. Achei que podia ser um bom sítio para conheceres patrocinadores. Para a Maratona de Leitura.

Fico tão estranhamento comovida com isto que todo o meu corpo parece cinco graus mais quente do que há um segundo. Mas pode ser do champanhe que acabei de emborcar.

– Que querido – digo-lhe, – mas isso não explica porque é que *tu* estás aqui. Já tinhas estes bilhetes.

– Bem, antes de mais... – Ele aproxima-se mais, baixa a voz para um sussurro contra a minha orelha. – Adoro idosos.

– Já *reparei* que tendes a dar-te bem com o pessoal com mais de setenta anos – admito. – Mas, na realidade, também não te saís nada mal com o pessoal abaixo dos setenta.

Ele revira os olhos, mas está a sorrir.

– É bom estar com pessoas que já passaram por muita coisa, sabes? – Encolhe os ombros. – E provável que todos os seus maiores erros já tenham acontecido e, agora, eles sabem quem são e como ser quem querem ser.

Sinto o meu sorriso a esmorecer e o meu coração a suavizar-se. Há alguma melancolia na voz dele. E eu não estou habituada ao Miles melancólico.

– Além disso – diz ele, mais animado – a Lenore está na administração da Sociedade e ela pressionou-me a «contribuir» e a comprar bilhetes.

Ele toca-me nas costas e aponta com o queixo para o bar de mogno do outro lado do salão.

– Anda, vamos buscar uma bebida a sério.

Enquanto percorremos a sala e nos juntamos à cauda da fila felizmente curta, há uma coisa que me incomoda.

– Disseste «antes de mais».

O Miles franze o sobrolho.

– O quê?

– Disseste que, antes de mais, adoras... – digo silenciosamente *idosos*, para ninguém na fila nos ouvir – mas não compraste dois bilhetes para isto só porque...

Paro assim que percebo.

Bem, em parte, paro porque de repente percebo.

Sobretudo, paro porque no preciso momento em que me ocorre por que razão o Miles pode ter dois bilhetes para este evento, a segunda razão entra pelo arco de balões do salão.

Loura, esbelta, espetacular num vestido verde cor de mar, com uma mão delicadamente apoiada no braço do acompanhante igualmente deslumbrante dentro do seu *smoking*.

O Miles e eu olhamos um para o outro, espelhando o nosso choque e horror, num ciclo interminável de *Oh, meu Deus, tudo menos isto*.

– Parti do princípio de que ela não viria – cospe o Miles.

– Uh-uh – é tudo o que consigo dizer. O meu cérebro está ocupado a planear rotas de fuga. Com o Peter e a Petra ainda apenas à entrada, a nossa melhor hipótese seria correr para a varanda, saltar por cima do parapeito e cair de cabeça na areia da praia lá em baixo.

– Fui eu que comprei os bilhetes – está o Miles a dizer. – Por isso, parti do princípio de que ela não viria.

– O que é que fazemos agora? – pergunto.

– Quer dizer – diz o Miles, – podemos cumprimentá-los. Ou ignorá-los? O salão é muito grande.

De repente, todo o Estado do Michigan parece demasiado pequeno para nós os quatro.

Volto a olhar para as portas. O Peter e a Petra avançam, a serpentear entre as mesas, em direção a um grupo de pessoas num canto.

- A avó Comer está aqui – resmunga o Miles.
- A avó Comer? – repito, horrorizada.
- A avó da Petra – explica ele.
- Sim, eu percebi. Só não consigo acreditar que é isso que lhe chamam.

Eles *odeiam-na* secretamente?

- Não, adoram-na – diz ele. – Era a mim que eles odiavam secretamente.
- Então, têm tão mau gosto como a Petra – deixo sair.

Ele esboça um sorriso, mas só por instantes. Depois desaparece.

– Queres fugir?

É óbvio que sim.

Mas também estou a pensar na imagem do Peter e da Petra com a Sadie e o Cooper, em todos aqueles sítios sagrados em Richmond que já não me pertencem, na casa que nem sequer era realmente minha e no facto de a Petra trazer aqui o Peter, mesmo sabendo que o Miles já tinha bilhetes.

– Minha senhora? – A empregada de bar dirige-se a nós.

Chegámos à frente da fila e ela está à espera do nosso pedido. Fito o Miles.

– Se precisares, podemos fugir – diz ele. – Mas... – Inclina a cabeça, com os olhos a brilhar sob as pestanas escuras.

– Mas? – digo.

– Também podíamos ficar – responde o Miles. – Beber. Dançar. Divertirmo-nos.

– Num salão com os nossos ex – reforço. – Que pensam que nós estamos a namorar.

O sorriso do Miles alarga-se.

– Vês? – diz ele. – Não parece divertido?

– Minha senhora? – insiste a empregada de bar, desta vez um pouco mais alto.

Não deveríamos ser nós a ter de sair. Se *elas* estiverem desconfortáveis, eles que saiam.

Viro-me para ela.

– Dois *shots* de *whisky*, por favor.



Como é habitual, o Miles conhece toda a gente.

Assim que percebemos que existe uma mesa de banquete coberta de sobremesas na varanda e nos começamos a dirigir para lá, não conseguimos avançar mais de dois metros de cada vez sem sermos abordados por mais um super fã, grisalho ou de barba branca, do Miles Nowak.

O meu estômago está suficientemente vazio para o *shot* de *whisky* socializar por mim, e ainda bem, porque quando o Lance, o dono da loja de passatempos, responde às perguntas do Miles sobre como é que o negócio vai indo («assim-assim – os miúdos hoje em dia não gostam de *construir* como gostavam antigamente»), o Miles contra-ataca rapidamente com um «Aposto que os miúdos da biblioteca adorariam. Já pensaste em doar alguns *kits* de montagem para a Maratona de Leitura?»

Ao que o Lance responde, «Claro, o que é a Maratona de Leitura?» e o Miles empurra-me para a frente muito suavemente com um tranquilizador sinal de cabeça.

Geralmente, preferiria rapar as pernas com uma garrafa de cerveja partida do que fazer uma apresentação improvisada, mas ele preparou tão bem o caminho e já estou na mesma sala que o meu ex-noivo, portanto, o que é que pode acontecer mais?

– É uma angariação de fundos – digo-lhe.

E quando acabo de lhe contar tudo acerca do evento, dou por mim a falar dos miúdos, do pessoal, da nossa necessidade desesperada de atualizar o *stock* de literatura infantil e, no final da nossa conversa, o Lance não só prometeu

dez kits de construção de papagaios de papel para oferecer como prémios, mas também se ofereceu para nos dar uma aula de pintura de miniaturas no outono.

Quando, finalmente, conseguimos chegar à mesa das sobremesas, também já conheci a queijeira favorita do Miles, o dono da Cherry City Cherry Goods, a Molly da Molly's Popcorn Emporium, e o tipo que gere a loja de gelados Frosty Dips. Também tive uma conversa excecionalmente curta com a Barb e a Lenore, mesmo antes de um voluntário vir a correr pedir a ajuda delas para «ir acabar com as intimidades de um casal» na piscina interior.

Durante a última hora, a Maratona de Leitura conseguiu: uma tábua de charcutaria para os voluntários, cem sacos de oferta de cerejas cobertas de chocolate, um fornecimento de pipocas, e um donativo avultado (livre de impostos).

Eu, entretanto, acumulei uma enorme quantidade de admiração e fome. Quando estamos a pairar sobre a mesa das sobremesas, a carregar um prato partilhado com bolachas e fatias de bolo e copos de ganache de chocolate, digo, ainda meio abananada:

– Não compreendo como é que conseguiste fazer aquilo.

Ele oferece-me um *macaron* cor-de-rosa que enfio diretamente na boca.

– Não fiz nada – diz ele. – As pessoas interessam-se por aquilo que estás a fazer.

– Talvez – digo com a boca cheia. – Mas há bastante tempo que ando a tentar entrar em contacto com alguém da Frosty Dips.

– Bem, o *irmão* do Dillard, da Frosty Dips, gere a loja de ferragens, que também é barbearia, onde eu vou cortar o cabelo – diz o Miles.

– Já aqui vivo há tempo suficiente para aceitar essa frase com naturalidade – digo. – Também mandei um *e-mail*, em março, para o Popcorn Emporium.

O Miles franze o sobrolho e adiciona ao prato um *macaron* dourado.

– Eu sei que é lixado, mas às vezes as pessoas precisam de associar um rosto às coisas antes de estarem dispostas a ajudar. Um *e-mail* não faz isso.

– Obrigada por seres o rosto – digo.

Ele vira-se para mim.

– Foste tu que os fizeste interessar-se, não fui eu.

– Bem, acho que ser a falsa namorada do autarca de Waning Bay ajudou. Portanto, obrigada. A sério.

Ele vira-se para mim a sorrir, sob as luzes cintilantes, e enfia um *macaron* verde limão entre os meus lábios.

– Sempre às ordens – diz ele.

Consigo não gemer, mas, ainda sim, a cena parece demasiado íntima. A varanda está quase vazia e mais escura do que o salão e, apesar da brisa, sinto-me corar.

Aclaro a garganta.

- Entramos?
- Se quiseres – murmura.
- Vamos – digo, e avanço.

Mas ao escolher entre ficar aqui fora na escuridão eletrizante sozinha com ele ou voltar para uma sala apinhada de gente, esqueci-me de contar com uma variável importante.

Aquela com a qual chocámos assim que entrámos.

Os olhos verde-mar da Petra abrem-se muito, durante um milissegundo, antes de a expressão se transformar num sorriso caloroso e ela ronronar num tom de mulher fatal.

- Oh, meu Deus, é tão bom ver-vos.

Ao que eu não respondo, em grande medida porque ela já me envolveu num abraço que cheira a sândalo, e uma cortina de louro brilhante me obscurece completamente a visão até ela se afastar.

Dirige-se a seguir ao Miles. Não se enrola nele como fez comigo, em vez disso, põe-se em bicos dos pés e aperta-o contra si.

Um dos braços dele sobe-lhe pelas costas, enquanto a outra mão pousa o prato das sobremesas na mesa ao nosso lado.

Ele consegue soltar um normal «Vocês também» e eu desejo que o chão se abra e me engula inteira ou que a bebida me faça perder os sentidos.

- Estás linda – diz a Petra a apertar-me o braço.

- Obrigada – forço-me a dizer. – Tu também.

– Adoro este vestido – diz ela. – É tão diferente! O teu estilo habitual é muito... abotoado.

Au.

O Miles toca-me nas costas, a mão pousa na minha anca e ele puxa-me para junto de si.

- Como um segredo – diz ele.

Olho para cima, para ele, com a gratidão no peito a dar azo a uma dor, um desejo.

– Ou uma *bibliotecária* – acrescenta o Peter com sarcasmo e, embora eu tenha *noventa por cento* de certeza de que ele não o disse para *me* picar, a mostarda chega-me ao nariz por ser relembrada da disparidade que existe entre mim e a mulher que *ambos* os homens presentes amaram.

A mão do Miles desliza da minha anca e envolve-me o estômago, puxando-me contra ele, de modo a que as minhas costas fiquem coladas ao peito dele.

- Sim, sempre tive um fraquinho por isso – diz ele.

- Por quê? – diz a Petra.

– Bibliotecárias *sexy* – diz ele, olhando para mim com um ligeiro sorriso que me atinge no coração como o primeiro choque de um desfibrilhador.

- Então e tu, Daphne? – diz o Peter.

Estremeço e devolvo-lhe o olhar. Não sei se eles se apercebem de estarem a fazê-lo, mas o Peter e a Petra também se aproximaram mais um do

outro, como se estivéssemos numa competição à moda do *Dança Comigo*.

Ele tem um braço em volta da cintura dela e ela colocou uma mão possessiva no peito dele.

– Tens mantido uma fantasia secreta com empregados de bar? – pergunta o Peter, secamente.

E, mais uma vez, tenho quase a certeza de que ele não está a tentar ser parvo *comigo*, mas também tenho a certeza de que *tem* intenção de ser parvo com o Miles.

Tendo em conta a boca entreaberta da Petra e o sobrolho franzido, ela pensa o mesmo.

E depois está ali o Miles, que eu sinto tenso atrás de mim, embora ainda esteja a sorrir com uma mão a acariciar gentilmente o osso da minha anca, como se estivesse perfeitamente imperturbável.

Mas eu não estou. Não estou imperturbável.

– Não – digo com firmeza ao virar-me para o Miles. Lanço os braços em torno da cintura dele, esmagando basicamente os seios contra o peito dele, fito-o profundamente e digo:

– Mas a cena do colega de casa é bastante *sexy*.

As pupilas do Miles abrem-se quando ele percebe a dica. Agarra o meu queixo com uma mão e beija-me.

E eu já beijei o Miles à frente do Peter antes – um beijo que foi uma *jogada* – mas este parece diferente.

Este é o primeiro prémio.

Suave, lento e familiar. Um beijo de apoio e, francamente, demasiado cedo para mim, embora pela forma como a Petra está embasbacada a olhar para nós, pareça que acabámos de realizar um sessenta e nove à frente de Deus e do mundo.

O Miles entrelaça a mão na minha, e os dedos dele apertam-me quando ele aclara a voz.

– Peço desculpa – diz ele, – mas estive a semana toda à espera para dançar com a Daphne.

Puxa-me para longe deles e eu sigo-o, com o cérebro enevoado, mas o coração acelerado com a repetição da cena.

O roçar leve dos lábios dele, a pressão da língua, a forma como a mão dele me acariciou o osso da anca enquanto a outra inclinou o meu queixo para o ângulo perfeito.

Paramos perto do centro da pista, e as luzes cintilantes parecem dançar no rosto dele quando a bola de espelhos rodopia sobre nós.

– Estás bem? – pergunta.

– Sim, tudo bem – digo, com a garganta apertada.

– Boa – diz ele, e entrelaça outra vez os dedos nos meus, puxando-me para si, já a balançar-se ao ritmo de *Harvest Moon*, do Neil Young. Coloca a outra mão nas minhas costas, sempre muito devagar, muito educadamente, e cada segundo fica gravado na minha memória.

– Desculpa – digo. Ele franze o sobrolho. – Por aquilo que o Peter disse.

– Ah. – Um encolher de ombros. – Não faz mal.

– Faz, sim – digo.

– Não é nada que eu não tenha ouvido da família da Petra durante os últimos três anos – responde.

A minha mão aperta involuntariamente o tecido da camisa dele, como se isso fizesse alguma coisa, o protegesse de alguém que não percebe o tipo de dádiva que ele é.

– Pensei que tinhas dito que eles eram simpáticos – digo.

– E eram. – Outro encolher de ombros, um olhar de soslaio antes de fechar os olhos. – No entanto, de vez em quando, havia comentários. «Deve ser bom não ter de crescer.» Coisas assim.

– Miles. Isso *não* é simpático.

– Ela sempre achou que eu estava a dar demasiada importância a isso – diz ele. – Acho que eles estavam preocupados que eu não conseguisse dar à Petra tudo o que querem para ela.

– Então, não são só mauzinhos, mas também estúpidos.

– Tinham alguma razão – diz ele. – Nunca fui muito bom sob pressão. Ia acabar por estragar tudo mesmo.

– Com base em *quê?* – exijo.

O sorriso dele é triste.

– Historial.

Durante vários segundos, nenhum de nós fala. Só nos balançamos e rodamos ao som da música.

– Já agora, obrigado – murmura. – Por aquilo que disseste ao Peter.

Demoro um segundo a lembrar-me daquilo que disse e, depois, a lava começa a percorrer-me a cara.

– Desculpa lá isso.

O Miles ri-se.

– *Não*, não fiques envergonhada. – Toca-me na face durante um segundo e, a seguir, sente o meu rubor com as costas dos dedos.

– Foi fantástico. Acho que a alma do Peter abandonou o corpo durante uns instantes.

A agitação nervosa e de *flirt* que sinto no peito morre quando ouço o nome do Peter. Sei que tenho participado voluntariamente neste jogo, mas quanto mais me aproximo do Miles, mais difícil se torna perceber o que é real.

– Bem, que vergonha é que há em entrar numa fantasia sexual de colega de casa depois de a tua ex noiva sensual dizer que eu sou simplória?

– Ela não te chamou *simplória* – diz o Miles. Faz-me rodopiar e volta a puxar-me para ele até os nossos corpos ficarem bem encostados, como se cada ponto de fricção fosse o seu próprio sol, calor e gravidade, calor e gravidade.

– Podes defendê-la quanto quiseres, Miles...

– Não estou a defendê-la – diz ele. – Sei que ela não disse isso, porque não é possível que ela pense isso. Quero dizer, obviamente, tu és... – Os olhos

dele percorrem-me de cima a baixo.

– Tudo bem – prometo. – Não me preocupo com o meu aspeto, exceto quando tenho de ficar ao lado da namorada super sensual do meu ex e ser o exemplo vivo do *upgrade* que ele fez.

O Miles para repentinamente de se mexer.

– Não digas isso.

– É verdade – digo. – Aparece sempre alguma coisa melhor. É a minha maldição.

– Daphne. – Ele dá uma gargalhada rouca, mas os olhos continuam sérios. – Não o consegues ver agora, mas o Peter está, literalmente, de pé ao fundo da pista, a observar todos os teus movimentos e, daqui a um segundo, vou virar-te noventa graus e beijar-te outra vez e, quando parar, quero que olhes para a esquerda e vejas a cara dele. Depois podes dizer-me se ele acha que a sua nova vida, sem ti, é *melhor*.

E assim que ele diz a última palavra, faz o que disse. Dá-nos meia-volta, baixa o nariz até junto do meu e é como se recomeçássemos onde o último beijo parou, agora com mais urgência e intensidade, devido à espera.

E não estou preocupada com aquilo que o Peter pensa sobre tudo isto quando o Miles me abre os lábios com a língua e a mão dele desliza com firmeza até à curva do meu rabo. E, quando a outra mão do Miles se enfia no meu cabelo e a minha coluna se arqueia contra a dele por vontade própria, estou a pensar apenas no aroma picante do gengibre, no sabor do *macaron* de café na boca dele, na sensação da ereção dele entre nós.

Durante alguns segundos, sou apenas um corpo a querer mais.

Só recupero a consciência quando duas velhotas sentadas numa mesa próxima de nós, e vestidas como se fossem a mãe da noiva, começam a incentivar-nos e a aplaudir-nos.

O Miles toca-me no queixo com o polegar quando me deposita um último beijo sobre a boca. Endireita-se.

– Olha para a esquerda – diz ele, baixinho.

Mas não olho. Em vez disso, dou um passo atrás. Depois viro-me e fujo.



O meu plano é esconder-me numa casa de banho, recuperar o fôlego e convencer o meu cérebro a parar de rodopiar. Mas não *passo* por nenhuma casa de banho e, em vez disso, dou por mim a sair do edifício de forma tão intempestiva que o arrumador dá um pulo com a surpresa.

– Desculpa! – gaguejo a caminho do parque de estacionamento.

– Daphne! – chama o Miles, a correr atrás de mim. – Daphne?

Desacelero até parar e tento parecer e *estar* tão normal quanto possível.

– Estou bem – digo, encarando-o. – Só um bocadinho tonta.

– Merda. – Ele aproxima-se e toca-me na cintura enquanto se debruça para observar os meus olhos.

– Provavelmente, estás desidratada. Vamos sentar-nos e vou-te buscar água.

Abano a cabeça.

– Não, eu estou bem. Acho que devo ir para casa.

– Vou pedir as chaves ao arrumador – diz ele.

– Não – insisto. – Apanho um táxi.

Ele estuda-me com a preocupação cautelosa de um veterinário a examinar um cão que acabou de vomitar um bolo de chocolate.

– Se te vais embora, eu também vou.

Ah, claro.

Porque enquanto o *meu* cérebro estava a rodopiar de forma claustrofóbica com o Miles, *ele* não se esqueceu que o amor da vida dele está lá dentro com outro homem.

– Então, esperas aqui? – Baixa outra vez a cabeça. – Não vais fugir se eu for buscar as chaves?

Abano a cabeça. Ele larga-me os cotovelos e volta a atravessar o estacionamento, a correr. Quando regressa, já estou um bocadinho mais calma.

Abre-me a porta primeiro e, depois, entra no lugar do condutor e liga o carro.

– Quando é que começou?

– Quando é que começou *o quê?* – digo.

Formam-se rugas entre as sobrancelhas dele.

– As tonturas.

Demoro um bocado a perceber de que é que ele está a falar.

– Ah. Enquanto estávamos a dançar. Já me sinto muito melhor.

Ele estuda-me durante bastante tempo e depois assente e recua para sair do lugar de estacionamento. Conduzimos em silêncio durante vários minutos, contornando a curva da península em direção à vila, e eu mantenho os olhos fixos na Lua, a vê-la brilhar e desaparecer por detrás da linha de árvores antes de voltar a ficar visível.

O carro desacelera, desviando-se para a berma de terra e eu olho para o para-brisas, à espera de ver um veado a bloquear o caminho, mas a estrada está vazia, sossegada.

O Miles desliga o motor.

– Vais dizer-me o que é que se passa, Daphne? – pergunta, confuso.

– Nada – digo.

– Não é nada – diz ele. – Aconteceu alguma coisa? Com o Peter?

– *Não* – insisto.

– Podes contar-me – diz.

Mas não posso. Aquela sensação claustrofóbica voltou: vergonha e desejo misturados. Abro a porta da *pick-up* e tropeço na escuridão.

O Miles sai também.

– Onde é que *vais*?

– Só preciso de apanhar ar. – É a versão mais simples da verdade.

Ele contorna o carro para ficar à minha frente.

– Eu fiz alguma coisa?

– Não. – Nunca fui boa a mentir.

– Daphne – diz ele suavemente. – Por favor, diz-me o que é que eu fiz.

E apesar da minha intenção de manter todos os meus sentimentos em segredo até ao final do verão, deixo escapar:

– Tu *beijaste-me*.

As sobrancelhas dele sobem.

– Pensei que era isso que tu querias. Pensei que era isso que íamos fazer.

– Sim, eu sei. – Recuo e a minhas costas encontram o lado do banco do passageiro. – E era. Só que... agora é diferente.

– O que é que isso quer dizer?

– Não quero continuar com este jogo – digo. – Não quero que digas coisas que não sentes e faças coisas que não queres fazer. É confuso.

– Quem é que disse que eu fiz coisas que não queria fazer? – pergunta ele.

– Disseste *tu* – reajo. – Tu é que disseste que não queres que aconteça nada entre nós...

– Eu nunca disse isso – contesta ele, e aproxima-se.

–... e eu não quero ser um adereço para fazeres ciúmes à tua ex e sei que fui eu que comecei...

– Tu não és um *adereço* – diz ele, e parece magoado.

– Foi isso mesmo que eu fui – contesto. – Só me queres beijar quando eles estão a ver. E sei que fui eu que comecei, mas as coisas agora são diferentes.

O olhar do Miles transforma-se numa gargalhada alta, com um abanar de cabeça. Aproxima-se até as nossas ancas se roçarem.

Depois olha para mim, pega-me no rosto com ambas as mãos e volta a beijar-me.

Com força, profundamente, ofegante.

Sem ninguém para nos ver.

Nada para nos impedir.

As ancas dele prendem as minhas contra o banco do passageiro. As mãos dele deslizam para as minhas costas, percorrem-me a coluna nua, os nossos peitos colam-se, o calor dele abafa o frio da noite.

– Eu quero beijar-te – murmura ele, recuando apenas um centímetro – sempre que bebes um gole de qualquer coisa e fazes aquele barulho.

Puxo-o para mim e deixo *aquele barulho* sair-me da boca contra a dele. As minhas mãos sobem-lhe até ao cabelo. O abraço envolve-me os lados e a coxa dele enfia-se entre as minhas.

– Quero beijar-te sempre que passo pelo teu quarto e te ouço a rir do outro lado da porta – diz ele. E as mãos dele enfiam-se por baixo da bainha do meu vestido e sobem até tocar as minhas ancas. A minha pele lateja como se todas as células quisessem estar um bocadinho mais perto dele.

Desentalo-lhe a camisa de dentro das calças. As minhas mãos sobem-lhe pelas costas, a tocar avidamente todas as curvas que encontram.

– Quero beijar-te sempre que ouço o duche a ligar e desligar e sei que estás lá dentro – solta com voz rouca.

Toco-lhe na barriga, no peito, nos músculos que se contraem quando os meus dedos os percorrem, e ele agarra-me nas ancas e levanta-me para dentro do carro.

– Estou sempre a querer beijar-te, Daphne – diz ele. – Só que às vezes é mais fácil arranjar uma desculpa.

Puxo-o para mim junto aos encaixes dos cintos e as mãos dele passeiam pelas minhas coxas enquanto ele se posiciona entre elas. As curvas dos nossos corpos derretem juntas. Os lábios entreabertos dele roçam-me o pescoço.

Enfio-me mais para dentro do carro, sempre a puxar por ele, e depois subo-lhe para cima do colo.

Os olhos dele estão profundamente escuros, quando as mãos me agarram.

– Daphne – diz, com um som gutural.

Levo a mão à parte de trás do pescoço e abro o vestido, deixando a parte da frente cair até à cintura.

Ele grunhe e agarra levemente os meus seios, baixando a boca para os lambar e depois os receber entre os lábios.

Fico sem ar, agarro-lhe a nuca e o meu corpo arqueia-se contra o dele.

– O que é que estás a fazer? – murmura ele contra a minha pele.

– O que é que queres fazer? – pergunto.

Testa-me, com um movimento lento das ancas contra o meu corpo, que me deixa sem conseguir raciocinar.

A boca dele volta ao meu pescoço, com um hálito quente.

– Quero – diz ele com voz rouca – despir-te. E saborear-te. Quero ouvir-te vir outra vez e senti-lo também.

Quem é que precisa de raciocinar quando sente fogo de artifício, um caleidoscópio de sensações e de desejos?

Tenho o cabelo escuro e sedoso do Miles entre os dedos.

E as mãos fortes dele debaixo do meu vestido, a encontrar a renda da minha roupa interior.

A pressão da boca quente dele no meu peito e o ar fresco que beija todos os outros milímetros de pele nua, enquanto o desejo e o prazer se acumulam.

– Miles – arquejo, enquanto me movimento contra o corpo dele.

Os olhos dele sobem, sem tirar a boca de mim, e estão quase pretos. É uma imagem insuportavelmente sensual.

– Diz-me para parar – diz ele.

– Eu não quero que pares – suspiro. – Quero despir-te. Quero saborear-te. Quero-te sentir a vir.

– Foda-se, Daphne. – Ele pressiona a testa contra o meu ombro, o coração bate contra o meu, as mãos envolvem suavemente as minhas costelas, a criar espaço entre nós. O gemido grave dele transforma-se numa risada triste.

Ele endireita-se, volta a prender-me o vestido atrás do pescoço e pouisa as mãos sobre as minhas coxas.

– Não tenho jeito para isto – diz com aspereza.

– Jeito para *quê*? – pergunto.

– Quando as coisas ficam complicadas – arranha ele – entro em pânico e desligo e não quero fazer isso agora. Não posso.

O meu estômago contrai-se.

– Não precisamos de complicar.

– Já *está* – diz ele.

– Por causa da Petra? – pergunto.

– Não – diz ele, prendendo carinhosamente uma madeixa de cabelo atrás da minha orelha. – Não é só isso.

Saio de cima do colo dele, a corar furiosamente.

– Ei. – Ele vira-se para mim e agarra-me na mão.

– Tudo bem – digo baixinho. – Não me debes nenhuma explicação.

– Daphne – diz ele com uma voz suave de partir o coração.

Olho para cima, para encontrar os olhos dele, agora sem qualquer tipo de brilho.

– Há muita coisa de que eu não gosto de falar. – A voz dele quebra. – O que acontece é que eu tenho o mau hábito de decepcionar as pessoas de quem gosto. Nem sempre penso bem nas coisas e não posso confiar nos meus sentimentos.

– O que é que há para confiar? – Abano a cabeça. – Sentes aquilo que sentes.

Ele olha para as nossas mãos e entrelaça os dedos nos meus. Após vários segundos, aclara a garganta, mas o rosto permanece contorcido, com os olhos completamente focados nas nossas mãos.

– Quando era criança... – Ele hesita durante um bom bocado, a pesar visivelmente as palavras. – Os nossos sentimentos, os meus, os da Julia, os do meu pai, não tinham grande importância.

Os músculos do maxilar dele contraem-se quando engole. A pulsação acelera contra a palma da minha mão.

– A única coisa que interessava era como é que isso afetava a minha mãe – diz ele. – Se a deixávamos bem vista, então, ela amava-nos. Se não deixássemos, então, estávamos a «tentar tramá-la». Uma vez tive uma intoxicação alimentar e ela ficou super *furiosa* comigo por ter vomitado durante a noite. Disse que eu estava a fingir para não ir à escola e que se continuasse a fingir ficava de castigo durante um mês, por isso, fui à escola no dia seguinte e sempre que ia à casa de banho vomitava o mais baixinho que conseguia. Para a escola não a mandar chamar, para me vir buscar. Sempre que eu fazia alguma coisa que ela achava que a deixava mal vista, isso transformava-se numa coisa importantíssima sobre como eu a devia odiar para a tentar magoar daquela forma. Se eu estava chateado, ou ansioso, ou com fome, ou mesmo *doente*, ela agia como se fosse uma coisa que eu estava a fazer-lhe a ela e eu acreditava nisso.

– Caraças, Miles – puxo a mão dele para o meu colo e aperto-a entre as minhas.

Ele levanta os olhos para mim.

– Tudo bem.

– Nem pensar – digo.

– A questão é essa – ele deixa sair. – Eu preciso que esteja tudo bem. Porque preciso de estar bem. Quando era miúdo, sentia-me sempre tão assustado e impotente e, agora, *preciso* mesmo de estar bem. – Ele abana a cabeça. – Penso sinceramente que, em parte, é por isso que eu e a Petra

funcionávamos bem juntos. Nunca conheci ninguém que vivesse tão... «no momento», e é aí que eu tenho de estar, porque se pensar demasiado sobre o passado ou o futuro, desmorono. Portanto, mantenho tudo isso guardado, onde não tenho de pensar nas coisas.

Baixo o olhar.

– Lamento muito. Não estou a tentar intrometer-me.

Os olhos dele encontram os meus e a voz é um sussurro.

– Não estás – diz. – Eu quero contar-te. Só que...

– O quê?

Olha por cima do meu ombro.

– Não quero que olhes para mim como se eu estivesse danificado.

– Miles. – Toco-lhe no pescoço e procuro o olhar dele com o meu. – Tu *não* estás danificado. Tu estás bem. Mas o que te aconteceu, não. É de doidos.

– Já passou – diz ele baixinho, com as mãos a rodear-me os ombros.

– Isso não quer dizer que não possas ter sentimentos acerca disso – digolhe.

Os cantos dos lábios dele sobem, só por um segundo.

– Mas esse é que é o problema. Sempre que qualquer um de nós tinha emoções negativas, isso só piorava as coisas. Ela virava tudo contra nós e acabávamos a pedir desculpa por estarmos magoados ou zangados ou tristes e eu nunca soube o que era normal ou correto. Quer dizer, toda a gente que conhecia a minha mãe a adorava. Os professores, os outros pais, os meus amigos. Quando ela quer, consegue fazer-te sentir o centro do universo, o *favorito* dela. Eu costumava adorar ter amigos lá em casa, porque ela transformava-se numa pessoa diferente. Numa mãe engraçada e calorosa, que me amava. A única coisa que eu queria era que *essa* versão dela se mantivesse. Portanto, deixei de demonstrar quando estava chateado e fazia tudo o que ela dizia e queria. Consequentemente, como que... deixei mesmo de ficar chateado. Deixei de sentir as coisas más. E as coisas melhoraram. Pelo menos para mim.

Ele olha para baixo, com os olhos turvos.

– Lamento muito – sussurro, passando o polegar pelo queixo dele. – Eu percebo porque é que não querias falar sobre isso.

– Não é só isso. Quer dizer, eu detesto mesmo desenterrar esta porcaria, mas... – A maçã de Adão dele agita-se. – Eu deixei-a magoar muito a Julia. Quando a Julia está por perto, é difícil eu não me odiar. Todos esses sentimentos regressam logo. E os meus pensamentos começam a atropelar-se e a ficar negativos. Só quero fugir.

Sinto uma facada no coração. Envolvero-o nos meus braços e enterro o rosto no peito dele. Não quero que ele continue a falar, mas ele continua, como se tivesse aberto as comportas e agora estivesse tudo a sair.

Imagino aquilo tudo a descer por um cano abaixo e espero que a confissão dele tenha esse efeito, em vez de reabrir uma velha ferida.

– Ela era muito pior com a Julia do que alguma vez foi comigo.

Comparava a Jules às nossas primas, dizia-lhe quem é que era mais bonita ou mais inteligente ou mais bem-comportada. Comparava a Jules a *si mesma* com aquela idade, coisas que provavelmente nem eram verdade. – A voz dele vacila. – Gritava com ela pelas coisas mais parvas, desde que me consigo lembrar. E eu deixei tudo isso acontecer.

Afasto-me um pouco.

– O que é que podias fazer?

– Impedi-la – diz ele de imediato, como se já tivesse pensado muito nisso e soubesse a resposta certa. – Defender a Julia em vez de me fechar. Não fugir para a cidade assim que fiz dezoito anos e voltar só uma vez por semana, como se isso fizesse uma grande diferença.

– E *fez* uma grande diferença – digo. – Senão ela não estaria agora aqui.

– Talvez. – Quando ele olha para mim, tem os olhos cansados e sombrios. – Mas eu nem sequer sei porque é que ela está aqui, porque ela não me diz. Por mais que tente, tomo *sempre* a decisão errada. Faço asneira e as pessoas magoam-se.

– Miles – Agarro-lhe nos ombros, viro o tronco dele para mim e aproximo-me tanto que quase me sento no colo dele. – Ela libertou-se.

– Sozinha. – Abana a cabeça. – Ela resolveu as coisas muito antes de mim. Escolheu uma universidade num outro estado e, quando a nossa mãe lhe tentou dizer que não podia ir, ela foi à mesma. Pediu os seus próprios empréstimos, pediu-me para ser seu fiador e mudou-se para o Wisconsin. A nossa mãe deixou de falar com ela, para a castigar, o que lhe saiu pela culatra, e então fez a versão *dela* de um pedido de desculpas. *Desculpa não ser perfeita, mas vais compreender um dia quando fores mãe. Não consegues fazer tudo bem e os teus filhos vão-te odiar por isso.*

– Caramba, Miles – digo. – Lamento imenso. Foi nessa altura que deixaste de falar com ela?

Ele ri-se grosseiramente.

– Não. Eu queria imenso que as coisas estivessem bem. Portanto, tentei mediar a paz. Mais uma má decisão. A minha mãe continuou a tentar pôr-me contra a Julia e, por mais que eu tentasse impor limites, ela não parava. Não assumia culpa nenhuma. Não pedia desculpas nem admitia que fez alguma coisa errada, por isso, acabei por ter de cortar relações com ela também.

– E o teu pai vive *bem* com isso? – digo.

– Bem, não – diz o Miles. – Só evita ao máximo a situação. Viaja muito em trabalho.

– Portanto, deixou-vos sozinhos a lidar com tudo – digo – e tu é que achas que *és* o mau da fita por arranjares uma forma de sobreviver. Por «só» iras a casa uma vez por semana para levar a Julia a descontrair ao McDonald's?

Ele franze o sobrolho.

– Como é que sabes que íamos ao McDonald's?

– Porque ela me contou, Miles – digo. – Ela contou-me que tu a salvaste,

que a levavas a um sítio de brincadeira onde podia ser uma criança irritante e que permanecias completamente imperturbável por mais horrível que ela fosse.

– Não sou imperturbável. – A voz dele torna-se mais grave. – Sinceramente, às vezes é difícil até olhar para ela, porque me faz pensar em tudo o que devia ter feito de maneira diferente, e em toda a porcaria em que tento não pensar, e começo a sentir que estou prestes a autodestruir-me.

– Não eras tu o adulto, Miles – digo.

– Era tudo o que ela tinha – contesta.

– E fizeste o que podias – digo-lhe.

– Aí é que estás. – Ele abana a cabeça. – Não sei se fiz. Não confio na minha perceção das coisas. Foi isso que a minha infância me fez. Transformou o meu cérebro num raio de um parque de diversões onde posso *pensar* que estou com os pés no chão, mas na realidade estou colado a uma parede. Nunca sei se estou a sentir a coisa certa e estou cansado de dar cabo das coisas com as pessoas de quem gosto.

– Acho que não há uma forma certa de sentir – digo. – E, de qualquer forma, não consegues controlá-lo. Os sentimentos são como a meteorologia. Acontece e depois passa.

Ele coça outra vez a cara.

– Desculpa. É por isso que não falo sobre estas coisas.

– Não peças desculpa. – Abraço-o pela cintura e os olhos dele procuram outra vez os meus. – Sou tua amiga, Miles. Eu quero saber isto tudo. *Quero* apoiar-te.

Eu sabia que era verdade, mas quando o disse as engrenagens começaram a rodar, a apertar-me o coração. É disso que o Miles precisa agora. De uma amiga.

E agora percebo aquilo que ele disse, sobre como isto é arriscado, não só para mim, para ele também.

Isto já não é apenas uma distração divertida ou uma relação para ultrapassar outra. Ele é importante para mim e, se isto entre nós der para o torto, nenhum de nós tem para onde fugir neste momento.

– Devias falar com a tua irmã sobre tudo isto – digo-lhe. – Porque eu sei que tu achas que falhaste com ela, mas olhando de fora, aquilo que eu vejo é que se passa alguma coisa com a tua irmã e ela meteu-se no avião para vir ter contigo. Nem sequer perguntou primeiro, porque sabia que arranjavas espaço para ela. Foi para *ti* que ela correu quando precisou de se sentir segura.

– Talvez ela não tivesse mais nenhum sítio para onde ir – murmura ele.

– Talvez – concedo. – Mas eu também não e tu cuidaste de mim. É assim que tu és. Se tinha de ser abandonada, estou feliz por ter sido contigo.

– Eu também – diz ele baixinho e, depois, no segundo seguinte: – Não quero estragar isto. As coisas já estão uma confusão neste momento, para ambos.

– Eu também não quero estragar isto – prometo. Desta vez, sou sincera.

Não é só por agora o conhecer muito melhor e a nossa amizade ser muito mais importante. Mas também porque consigo admitir aquilo que não conseguia antes: gosto o suficiente do Miles Nowak para ele conseguir magoar-me a sério.

– Então... – diz ele calmamente, afastando uma madeixa da minha sobranalha e prendendo-a atrás da minha orelha. – Esta foi a *minha* queixa. Qual é a tua?

Apesar da dor que sinto, o meu coração rejubila perante a prova de que ele me conhece, de que sou tão importante para ele como ele é para mim.

– Estamos a jogar ao Bebés Chorões? – pergunto.

Ele assente.

– Tens alguma reclamação a fazer?

– Bem – penso durante um bocado. – Não sou grande apreciadora do aquecimento global.

Os cantos dos olhos dele enrugam-se finalmente e o meu coração alegra-se com isso.

– Ouvi dizer que a Grande Barreira de Coral está em risco – diz ele.

– O fosso entre ricos e pobres está ridículo – devolvo.

– E os seguros estão demasiado caros – acrescenta ele.

– Já para não dizer que, durante todo o dia, tive a meia enrodilhada debaixo do calcanhar – digo.

Ele ri-se durante um bocado e depois toca-me no queixo. O momento parece o rebordo de um copo, sob risco de transbordar a qualquer instante.

– Acho que é melhor irmos para casa.

Concordo com a cabeça. As mãos dele afastam-se.

– Obrigado – diz ele.

– Pelo quê? – pergunto.

– Apenas obrigado.



Quinta-feira, 4 de julho

44 dias até poder ir-me embora (se ainda quiser)

Talvez as coisas estejam complicadas, mas também estão boas.

A Julia decide ficar mais tempo e o apartamento nunca está vazio e raramente está silencioso. O Miles entrega-me *chai* na biblioteca a caminho do trabalho. A Ashleigh conta-me sobre o drama que foi desistir da escola quando estamos num bar a beber *smoothies*. Uma noite, eu e a Julia vamos à Cherry Hill ver o Miles a deslumbrar os clientes na outra ponta do bar. Sempre que ele olha para nós, é como se o sol espreitasse por detrás de uma nuvem e faço o melhor que posso para me sentir satisfeita, para ser apenas mais uma pessoa iluminada pelo brilho dele.

Na quinta, ele, a Julia e eu vamos a Traverse City assistir à parada do Quatro de Julho e depois sentamo-nos em fila, numa relva tão fria que parece molhada, para vermos o fogo de artifício rebentar e brilhar sobre a baía. É o tipo de noite de verão perfeita que não me lembro de ter tido desde que era criança, nem sequer durante o último ano, quando eu e o Peter fomos ao churrasco anual em casa dos pais dele.

Porque lá, no lindíssimo jardim cheio de pirilampos, com todos os amigos de longa data ligeiramente embriagados e corados e felizes nas suas espreguiçadeiras, ainda havia uma parte de mim que sofria.

Eu conseguia sentir que ainda era uma estranha, à espera do momento

em que passaria a fazer parte de tudo aquilo.

Porém, hoje, aqui, estou no centro de tudo. Este momento, embora efêmero, pertence-me a mim também.

No domingo, voltamos a Traverse City com a Ashleigh, para o Festival da Cereja. Percorremos os corredores de tendas e de carrinhas de comida, a empanturrar-nos com tartes e folhados até de noite e, sempre que deixo escapar um Gemido da Daphne, os meus olhos e os do Miles procuram-se e o esgar trocista na boca dele funciona como um para-raios.

Mas depois desvio o olhar, porque isto é bom. Somos amigos.

Quando já não conseguimos dar nem mais uma dentada, a Julia dá-nos uma abada num jogo de feira de basquetebol e depois convence-nos a irmos andar nas Cerejas Rodopiantes, das quais saímos profundamente enjoados, a maldizer os batidos de cereja que ainda emborcámos antes de entrar, além de tudo o resto que já tínhamos no estômago.

Verifico ocasionalmente as ofertas de emprego, mas agora apenas para empregos de que acho que posso mesmo gostar. Outros cargos de bibliotecária infantil ou de programadora em cidades em que estou minimamente interessada.

A Julia decide ficar mais uma semana e usamos o nosso domingo para uma detalhada viagem de compras pelos mercados de produtores, seguida de uma visita a um salão de jogos, onde mais uma vez ela alegremente nos dá uma abada, desta vez no *Ms. Pac-Man*.

Todas as noites dessa semana, cozinhamos juntos – ou melhor, o Miles cozinha, enquanto a Julia está sentada na bancada, a tratar da *playlist* de música *country* e a cantar ao mesmo tempo a plenos pulmões, usando qualquer utensílio de cozinha que o irmão tenha pousado. Eu corto aquilo que ele coloca à minha frente e lavo os pratos que ele acabou de usar.

Na maior parte das noites, comemos no chão, à volta da mesinha de apoio, com as janelas todas abertas, o som dos grilos e das cigarras a envolver-nos e o cheiro dos ciprestes a entrar, mas às vezes sentamo-nos em fila no sofá, a comer enquanto vemos um filme de espões ou sobre algum assalto, com as minhas veias a latejar sempre que o Miles se debruça sobre mim para agarrar uma mancheia de pipocas ou o comando, e o coração apertado sempre que os nossos olhos se cruzam no escuro.

Por vezes, à noite, do outro quarto, ele envia-me atualizações em tempo real enquanto ouve o audiolivro *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, coisas do género: quero viver c os castores e oq delícia turca e o edmund t de se acalmar. Às vezes ficamos a trocar mensagens durante uma hora seguida, como se as nossas portas não estivessem a três metros de distância.

Estamos, basicamente, sempre juntos, mas nunca os dois sozinhos, a não ser uma vez em que ele acidentalmente deixou as chaves dentro do carro e tive de lhe levar as suplentes à adega.

Já estava de pijama, por isso, ele saiu para vir ter comigo ao

estacionamento, com um sorriso rasgado e um abraço que cheirava a fogueira e *pareceu* um gancho no meu coração.

Na sexta-feira, dia dezanove, fico a saber do lugar de bibliotecária infantil em Worcester County, Maryland.

Uma rápida pesquisa *online* diz-me que a Ocean City Library fica a vinte minutos da minha mãe e parece um adorável farol cheio de livros.

Quase mando mensagem à minha mãe, mas há qualquer coisa que me faz hesitar. Parece bom demais para ser verdade. Deve haver dezenas de candidaturas e não vale a pena alimentar as minhas expectativas e as dela antes mesmo de ter ido a uma entrevista.

Ainda assim, envio por *e-mail* a minha carta de apresentação e o currículo, durante a pausa de almoço, e vou ver os *e-mails* obsessivamente durante o resto do meu turno.

Quando chego a casa, *sei* que a Julia não está.

Sinto-o como uma alteração barométrica. Provavelmente porque geralmente *ouço* a Julia antes de a ver. O que é menos claro é como é que o meu sistema nervoso *sabe* que o Miles está em casa, embora as Crocs dele não estejam ao lado da sapateira, como é costume, e seja sexta-feira à noite, quando é habitual estar a trabalhar.

Penduro as minhas malas nos ganchos junto à porta, atiro os mocassins para a sapateira e dou a volta à bancada para entrar na cozinha. Ele está de pé ao lado do forno, a ler qualquer coisa no telemóvel, com umas rugas entre as sobrancelhas, enquanto espera que a água ferva.

– Então, fechaste finalmente a tua irmã na despesa – digo.

Ele levanta o olhar e rasga um sorriso.

– Ela está a trazer encomendas do átrio.

Inclino-me para trás, para espreitar para fora da cozinha, em direção à sala de estar. Já estão três caixas de cartão grandes empilhadas ao lado da mesinha de apoio.

Sinto uma onda de pânico quando penso que me posso ter esquecido de cancelar alguma encomenda cara para o casamento, e que o Peter a tenha reenviado para aqui. Uma estátua de mármore em tamanho real de nós os dois abraçados, talvez.

Não me lembro de ter encomendado isso, mas quem sabe? Estava num estado de total embriaguez com o casamento.

A água no tacho começa a borbulhar e o Miles atira lá para dentro *noodles*. No robô de cozinha, ao lado dele, vejo aquilo que parece ser pesto acabado de fazer e as minhas glândulas salivares entram em hiperatividade.

– Tens fome? – pergunta ele.

– Não – digo.

– Estás a babar – brinca ele.

– Chega para os dois? – pergunto.

– Claro – diz.

– Não trabalhas hoje? – digo por cima do ombro enquanto saio da

cozinha em direção às caixas.

– Saio assim que isto ficar pronto – responde ele.

Olho para os rótulos de envio e encontro o nome do remetente: *Julia Nowak*. Uma morada em Chicago.

E depois o nome do destinatário: *Julia Nowak*, mas com a nossa morada.

Volto à cozinha.

– O que é que está nestas caixas?

– Não faço ideia – diz o Miles.

Nem de propósito, a porta da frente abre-se e a Julia aparece em casa com mais caixas.

– Oi, Daphne – diz ela, ao passar por mim.

Sigo até à sala e ela pouisa as caixas com um suspiro.

– O que é que tens aí? – pergunto.

Ela passa por mim a caminho da cozinha.

– Só o essencial.

Espreito pela porta enquanto ela tira do frigorífico uma garrafa de água com gás.

– Essencial para *quê*? – pergunta o Miles.

Já está a espremer-se entre nós para sair da cozinha outra vez e a voz dela vai ficando mais longínqua quando se retira em direção à coleção de baús do tesouro instalados na outra ponta do apartamento.

– Para conseguir viver – diz ao longe. – Paguei à minha colega de casa para empacotar isto. Assim que arranjar casa, vou buscar o resto.

A cabeça do Miles levanta-se repente do tacho da massa.

Os nossos olhos encontram-se. Ele abana a cabeça, com uma pantomina de *não faço a mais pálida ideia*.

– Não faz mal – digo, baixinho.

Ele abana a cabeça e chama-a alto e em bom som.

– Jules? Vem cá, se faz favor.

Ela espreita para dentro da cozinha.

– Sim?

– Uma pergunta rápida – diz ele. – De que raio estás a falar?

Ela devolve um olhar inocente.

– Como assim?

– Porque é que precisas de mais tralha? – diz ele. – As tuas coisas já estão a entupir o apartamento.

– Eu disse-te que estava a pensar ficar mais tempo – responde ela.

– A pensar ficar mais uma semana – diz ele. – Foi o que disseste. Há uma semana.

– Exato. Vou ficar mais alguns dias. E depois voar para Chicago para empacotar o resto das minhas coisas e trazê-las de carro para cá. Mas precisava das minhas roupas *boas* para as entrevistas de emprego, por isso pedi à Riley para enviar algumas coisas.

– Entrevistas de emprego? – diz ele.

– Vou precisar de um novo emprego – diz ela. – Não posso viver convosco para sempre.

Ele passa uma mão pelo rosto.

– Quando é que decidiste isso tudo?

– Quando cheguei e percebi que estavas em negação total acerca daquilo por que passaste e, obviamente, precisavas de mim.

– Julia, eu estou...

–... ótimo – termina ela com um revirar de olhos. – Estás sempre ótimo.

– Eu vou... para o quarto – digo, a escapulir-me.

– Não vás – diz a Julia, alegremente, já a recuar para a porta da frente. – A Ashleigh está estacionada em segunda fila lá em baixo, à minha espera, por isso, tenho de ir!

Sai apressada, assim como entrou.

Após um momento de silêncio, eu e o Miles olhamos um para o outro.

– Eu arranjo-lhe um hotel – diz ele. – Ou arranjo-te um hotel a *ti*.

– Primeiro, qualquer hotel que tenha uma vaga de última hora agora no verão *não* é um sítio para onde eu vá – digo. – E, segundo, consigo aguentar mais uma semana de placas de alisar e bronzeador no chão.

Ele ergue as sobancelhas.

– Tens a certeza?

– Absoluta – digo. – Mas como é que *tu* te sentes?

Ele aclara a garganta e volta-se para os *noodles*, retirando um com o garfo para experimentar antes de levar a panela até ao escorredor que está no lava-louça.

– Não sei – diz ele. – Ela continua a agir como se tudo estivesse normal, mas eu conheço a minha irmã. Está a esconder-se de alguma coisa e ela geralmente não se esconde.

– Talvez esteja mesmo preocupada contigo – digo-lhe.

Ele volta a deitar os *noodles* para dentro do tacho.

– Porque é que ela haveria de estar preocupada comigo?

Fito-o.

– Foi há três meses e meio – ressalva ele. – O que é que ela precisa que eu faça para provar que estou bem? Uma tatuagem na testa a dizer *feliz solteiro*?

– Isso diria *mesmo* «estou bem», não há dúvida! – exclamo.

– Sabes o que quero dizer. – Deita o *pesto* nos *noodles* e mistura tudo dentro da panela. – Tenho mais treze anos do que ela. Estou sozinho desde que ela é criança. Não preciso que a minha irmãzinha se preocupe comigo. Sobre tudo quando *preocupar-se comigo* consiste, basicamente, em deixar a roupa suja no chão do corredor, pôr o alarme no volume máximo e depois adiá-lo quinhentas vezes.

Tiro do armário duas taças e uns garfos e passo-lhos para ele servir.

– Queres que a expulse?

Ele deita-me um olhar breve e, depois, volta a concentrar-se em deitar a

massa nas taças.

– Não posso – diz. – Não, enquanto não souber o que se passa.

Adiciona umas folhas frescas de manjerição a cada taça e passa-me uma.

Deixo-a de lado e toco-lhe nos ombros, para o acalmar.

– Se precisares de te queixar – digo – manda-me mensagem. Sabes que adoro reclamar e não é divertido ser a única.

O maxilar dele descontrai. Também pousa a massa dele e puxa-me para um abraço que me deixa derretida, com a respiração quente dele contra o meu pescoço. Fecho os olhos e inspiro-o, e não é complicado: desejo-o, gosto dele, e preocupo-me com ele o suficiente para afastar os dois primeiros pensamentos.

A porta da frente abre-se de repente, com o riso da Ashleigh e da Julia a competir pelo prêmio *Mais Provável De Irritar o Sr. Dorner*, e nós afastamo-nos quando elas entram, carregadas com sacos da *Target*.

– Cheira divinalmente – diz a Ashleigh quando passa por nós. Troco um olhar com o Miles. Pelos vistos, estamos ambos a pressentir que elas estão a aprontar *alguma* coisa.

Agarramos nas nossas taças e seguimo-las até à sala de estar, onde esvaziam os sacos no tapete. Caem lá de dentro um colchão de ar, uma bomba, duas almofadas seladas a vácuo, um casaco azul, um cobertor dourado peludo e duas mini ventoinhas de secretária, seguidas de alguns produtos de banho e um cinto.

– Estão a planejar um assalto muito específico? – pergunto.

– Pensei em comprar um sofá-cama para substituir esta porcaria de divã – diz a Julia – mas não quis ser presumida.

– Sem dúvida. Não queiras ser *presumida* – diz o Miles, muito sério.

– Ei, não sejas mau – diz a Julia. – É temporário. Assim que tiver emprego, começo à procura de casa.

Ele coça a sobancelha.

– Tenho de ir trabalhar. Vou chegar tarde.

– Sabes onde eu estou – diz ela, inclinando-se sobre o sofá para apanhar a roupa.

O Miles vira-se, a abanar a cabeça e ainda a enfiar garfadas de pesto na boca enquanto se dirige para a porta de casa.

Pouso a minha taça de massa na mesinha de apoio.

– Precisas de ajuda com isso?

– Não – diz a Julia. – Só estou à procura de outro sítio para pôr isto. A sala de estar começa a estar um bocadinho atravancada.

A Ashleigh desata-se a rir.

– Um *bocadinho*.

A Julia dirige-se ao roupeiro. O roupeiro. Onde eu tenho o vestido.

O meu coração desata aos pulos na caixa torácica, como foguetes de Ano Novo. Ela agarra o puxador da porta, aparentemente em câmara lenta.

– Não, espera... – Lanço-me a ela.

Não chego a tempo.

Nem por sombras.

Pela primeira vez desde o dia em que o Miles me ajudou a trazer as minhas coisas para aqui, a porta do roupeiro abre-se toda, do lado errado. Do lado atafalhado de tralha, como num jogo de Tetris, que perante a ausência de porta se desmorona com uma avalanche de branco, creme e marfim.

Sacos com prendas. Caixas de velas cónicas. Velas perfumadas. Uma grade de talheres biodegradáveis. Pratos de folha de palmeira. Organza, uma quantidade incrível de organza. A quantidade necessária para gravar um filme em que o predador da vila era um vestido de casamento senciente, dedicado a engolir mulheres inteiras.

Eu. Era eu a mulher que era suposto ser engolida por aquele vestido que está agora a cair em cima da cara da Julia, numa violenta cascata dos meus erros.

Demora vários segundos, durante os quais ela fica completamente congelada, a cair tudo por ali abaixo. Parece uma coisa saída de *I Love Lucy* ou do *The Dick Van Dyke Show*.

Quando, por fim, o desabamento termina, ficamos as três paradas a olhar.

– Oh, *querida* – diz a Ashleigh. – Diz-me que não *guardaste* o vestido.



— Só ainda não tive tempo de pensar no que é que vou fazer com ele — digo, passando pela Julia para começar a empilhar tudo outra vez.

— Não! — exclama a Julia, arrancando das minhas mãos uma caixa de guardanapos de pano cor de marfim. — Não podes voltar a enfiar estas coisas ali. A caixa de Pandora foi aberta, Daphne.

— E os conteúdos da Pandora não vão caber nesta sala juntamente com o teu enorme barco salva-vidas — digo.

— Vais ter de te livrar disto antes de te mudares — salienta a Ashleigh.

O olhar da Julia salta para mim.

— Vais-te mudar?

— Possivelmente — digo. — Mas só depois do verão, no mínimo. Tenho tempo de lidar com esta tralha.

A Ashleigh fita a Julia.

— Talvez possas mudar-te para o quarto dela.

Para bem do Miles, fico aliviada ao ver que a Julia torce o nariz à ideia.

— Nem pensar. Ficar aqui é só uma solução de curto prazo.

— Já agora, porquê o súbito interesse em mudares-te para aqui? — pergunto, agora que tenho uma aberta.

A Julia inspira por entre os dentes durante uns instantes.

— Posso contar-te uma coisa *sem* que isso chegue aos ouvidos do Miles?

— Oh, coscuvilhice! — A Ashleigh faz a pantomina de puxar um fecho sobre os lábios.

— Está bem — digo. — Mas se me podes contar a *mim*, de certeza que lhe

podes contar a ele.

A Julia resmungava.

– Adoro o meu irmão mais do que qualquer outra pessoa no mundo, mas há coisas que é melhor ele *não* saber.

– Como por exemplo? – pressiona a Ashleigh.

– Há anos que ando para me mudar para aqui.

– Não estavas na faculdade, no Wisconsin? – pergunto.

– Estava infelicíssima – diz ela. – E não podia dizer ao Miles, porque ele foi fiador dos meus empréstimos.

– Ele teria compreendido – insisto.

– Eu sei – diz ela. – Ele trata-me como um bebé. E, francamente, não sou grande fã de resolver os meus próprios erros. Só que, quando cometo um e o Miles vem a correr para me salvar, acaba sempre por ter de deixar alguma coisa para trás.

Abano a cabeça.

– Não percebo.

– Quando ele acabou o secundário – diz ela – era suposto ir para o Colorado com alguns amigos. No último minuto decidiu não ir. E eu *sei* que foi por minha causa. Porque eu teria ficado presa com os meus pais. Ele até esperou que eu fosse para a universidade para sair do Estado. Mudou-se para aqui e *adorou*. Portanto, quando a escola começou a ser um frete, eu também queria vir. Mas depois ele começou a namorar com a Petra.

– Vocês não se davam bem? – pergunto, surpreendida.

– A Petra dá-se bem com toda a gente – replica a Julia. – Mas também é muito inconstante. E digo isso sendo uma pessoa inconstante. Farto-me dos empregos. Farto-me dos colegas de casa. Farto-me de ter franja quatro dias depois de a fazer.

A Ashleigh intervém.

– Bem, isso acontece com *toda a gente*.

– Mas a Petra, ela está num outro nível. Uma vez, ela e o Miles foram de férias para a Islândia e decidiram ficar lá indefinidamente. Durante uns dois meses. Nem sei se era legal. E depois, no último inverno, a viagem deles de *duas semanas* ao Uruguai durou cinco. Eu não queria mudar-me para aqui se ele não quisesse mesmo que eu estivesse *aqui* – explica ela. – Porque eu conheço-o, e ele ia sentir-se preso. Mas mudaram algumas coisas na minha vida recentemente e, agora, parece ser a altura certa. Mas se acontecer alguma coisa, se o Miles *quiser* mudar-se para a Islândia, não quero que ele deixe de o fazer por minha causa. Não posso. Ele desistiu de demasiadas coisas por mim nos últimos anos.

O meu coração fica apertado. Eu sei o que é ter a família toda concentrada numa única pessoa, querer o melhor para ela depois de nos ter dado muito. Mas depois de ter ouvido o lado do Miles, só penso como seria bom se ele soubesse como a irmã se sente.

Para Miles, ele é o irmão que fugiu. Para ela, ele é o que fica, mesmo

quando não devia.

– Devias contar-lhe como te sentes – digo.

– Que sentimento interessante. – Ela agarra na garrafa de água e dá um longo gole. – Estou a pensar noutros cenários em que isso também se pode aplicar.

A Ashleigh salva-me com um firme bater de palmas.

– *Okay*, voltemos ao que interessa. Esta *tralha*.

– Certo – diz a Julia. – Eis o que vamos fazer: fotografamos e colocamos tudo o que conseguirmos à venda na internet. Depois eu envio as coisas quando forem compradas. Como agradecimento por me deixares ficar aqui.

– Entretanto, tenho imenso espaço em minha casa para colocar isto tudo – oferece a Ashleigh. – Portanto, catalogamos, colocamos à venda, e eu armazeno as coisas até se venderem.

– A sério – diz a Julia. – Não seria bom simplesmente... abrir mão desta tralha toda?

Passo os olhos pela tralha em questão. De que é que *estou* à espera?

Disto, acho. *Delas*. De não estar sozinha. De ter amigas que testemunhem a morte deste sonho.

Tiro a caixa das mãos da Julia.

– Estou pronta.

Ela aplaude.

– Vou buscar o vinho.

A Ashleigh prepara a *playlist* a que ela deu o título de *Estás divorciada, não estás morta*, e tem o ritmo de uma banda sonora para uma aula de *spinning*. A Julia serve-nos um copo de *sauvignon blanc* a cada uma, enchendo o meu até cima, e absolutamente tudo o que está dentro do roupeiro é retirado e disposto no chão da sala de estar.

Movemos os candeeiros para ter uma boa iluminação e tiramos fotografias como se cada uma das peças fosse um elemento de uma cena de crime.

Escrevo descrições curtas, que a Julia promete publicar numas quantas *apps* de revenda e, sinceramente, é bastante divertido.

Três copos de vinho e muitas horas depois, chegamos por fim ao vestido em si.

– Bem, é óbvio que tens de o experimentar – diz a Ashleigh.

– Sim. – A Julia bate palmas outra vez.

Atiro-lhe o tecido.

– Podes experimentar tu, se quiseres.

– Não foi ela que o escolheu – interrompe a Ashleigh. – Foste *tu*. Não queres vê-lo pela última vez?

– Mais importante ainda – atalha a Julia – não queres que as *tuas amigas* te vejam lindíssima dentro dele antes de ser Halloween e passares por uma república universitária e veres alguma adolescente com uma peruca de Noiva do Frankenstein a vomitar o vestido todo?

Ela tem uma certa razão. Nunca ninguém me viu com o vestido, exceto a minha mãe e a minha quase sogra. Se me vou ver livre dele, posso ao menos fazê-lo com pompa a circunstância.

– Experimenta. Veste-o – entoa a Ashleigh. A Julia junta-se ao coro.

– Veste. Veste! Veste!

– *Okay!* Pronto! – concedo. – Vou vesti-lo.

Com um guincho aparvalhado, a Julia empurra o vestido para os meus braços e a Ashleigh inclina-se para me voltar a encher o copo.

– É assim mesmo – diz ela.

Viro-me e enfio-me na casa de banho para tirar a roupa do trabalho.

São precisas algumas tentativas para conseguir passar o vestido pela cabeça, com as camadas de seda e de organza a enrolar-se à minha volta de formas cada vez mais absurdas até que, por fim, consigo enfiar a cara como se estivesse, desengonçadamente, a chocar de um ovo de três mil dólares.

Eu nem sequer queria um vestido de casamento. Tinha planeado encontrar um vestido de seda ou cetim por duas centenas de dólares. Mas a mãe do Peter insistiu para que eu ao menos *experimentasse* alguns vestidos de noiva e, para minha surpresa, a minha mãe concordou. Tinham ambas vindo de avião até à Virginia, durante um fim de semana, e passámos as três – a minha mãe, a Melly e eu – seis horas cansativas a beber champanhe e *Perrier* grátis nas melhores lojas de vestidos de noiva de Richmond.

Estava preparada para lhes agradecer pelo tempo delas e seguir com os meus planos de comprar um vestido que não fosse de casamento, até à nossa última paragem do dia, uma loja especializada em vestidos *vintage*, sobre a qual a Melly tinha lido *online*.

A minha mãe ajudou-me a vestir e, quando acabou de o apertar na minha nuca, olhámos as duas para o espelho e ficámos em silêncio. Ela apertou-me os ombros e suspirou longa e tremulamente, a versão dela do desatar a chorar.

Depois, disse numa voz baixa e vacilante:

– Pareces a Grace Kelly.

– Não pareço nada a Grace Kelly – murmurei de volta.

– É este – disse a minha mãe. – Não é?

O vestido custava três mil dólares e eu já tinha deixado, após muitos protestos, o Peter e os Collins pagarem quase tudo. Teríamos de fazer um casamento no registo civil se fôssemos eu e a minha mãe a pagar as contas, e eu não me importava, mas a família do Peter era tradicional e eu queria que eles ficassem felizes.

– Acho que vou usar alguma coisa mais simples – disse, com um nó na garganta.

A minha mãe suspirou e abraçou-me por trás, com o queixo dela no meu ombro e o olhar no meu, através do espelho.

– Vamos fazer isto.

– Já fizeste tudo – disse-lhe eu. – Tudo mesmo. E nem sequer acreditas nisto.

– Querida. – Ela acariciou o meu cabelo sobre o ombro. – Acredito em ti. Acredito que deves ter e vais ter tudo aquilo que sempre desejaste, se não tiveres medo de lutar pelas coisas.

Foi a primeira vez, uma de muito poucas, em que me questioneei se a minha mãe *seria* mesmo assim tão feliz sozinha quanto parecia ser.

– É este – disse ela outra vez, e beijou-me na têmpora. – És a minha pessoa.

– Tu também és a minha – disse eu.

Ela sorriu.

– Não, querida – disse ela. – Agora tens duas.

Não tinha havido do lado dela nenhum *Sempre te disse para não confiares nos homens*, quando as coisas se desmoronaram. Só tinha havido carinho, conforto, críticas mordazes ao Peter.

Ainda me sentia culpada por causa do vestido, mas sempre que levantava a hipótese de lho pagar, ela brincava a dizer que, na realidade, me *devia* dinheiro a mim, uma vez que eu nunca tinha precisado que ela me tirasse da prisão nem substituísse um portão de garagem que eu tivesse abalroado a conduzir, como «uma adolescente normal».

A forma como a minha mãe falava dos «adolescentes normais» deixava claro que ela tinha sido uma daquelas sobre as quais se fazem filmes, que salta pela janela dos quartos e atira latas de cerveja nos bosques.

Quando estou a enfiar o vestido pelos ombros, a Ashleigh bate à porta e grita qualquer coisa que parece uma pergunta, mas que não consigo compreender através do casulo de tecido com que estou a lutar.

– Espera! – respondo. – Dá-me um minuto!

Outra resposta abafada.

Consigo, por fim, ultrapassar todas as camadas de tecido e viro as costas para o espelho, para procurar o fecho. Encrava três vezes antes de o conseguir ajustar às omoplatas.

Volto-me para examinar, no espelho sobre o lavatório, o corpete de seda suave. O decote subido e os braços nus. O volume da saia. Os *bolsos* que a costureira da loja acrescentou. Tinha ficado tão entusiasmada com os bolsos.

Durante um segundo, permito-me sentir tristeza.

Estou a fazer o luto da casa vitoriana com o seu alpendre, e da maravilhosa nova cozinha onde o Peter me fazia o jantar. Dos filhos que podíamos ter tido e dos pais que nos tornaríamos. Da forma como entrar pela porta criaria a sensação de um abraço apertado.

Mas sinceramente, o vestido já não tem em mim o mesmo efeito de antes. Possivelmente porque agora está um tamanho abaixo, as costuras estão em esforço, e o meu decote está a empurrar o peito para cima como se fosse uma heroína da Tessa Dare que causa escândalo na corte. Só que os modelos das capas dos livros da Tessa parecem *sexy* e corajosas e eu pareço frustrada e ridícula.

Saio da casa de banho e deslizo até à sala de estar com um dramático:

– Tcharam!

É um enorme anticlímax usar o justíssimo vestido de noiva numa sala vazia.

– Pessoal? – Vou até à cozinha. Está vazia, embora o telemóvel da Ashleigh esteja sobre a bancada, com a *playlist* dela ainda a tocar *Love is a Battlefield* através da coluna *bluetooth*.

Desloco-me novamente para a sala, mas nem sinal delas. Atrás de mim, a porta da entrada abre-se.

Viro-me e fico imóvel. O Miles também.

– Oi – digo.

– Oi? – Ele formula-o como uma pergunta, com uma expressão de horror na cara.

Provavelmente porque ando pelo apartamento dentro de um vestido para um casamento que nunca aconteceu, enquanto a Pat Benatar me faz uma serenata a partir da cozinha.

– Não estou a usar isto – digo rapidamente.

– *Okay* – diz ele.

– Quer dizer, *estou* mas não sozinha – explico.

Ele olha à volta, para o apartamento vazio.

– A tua irmã e a Ashleigh estavam aqui! – *Também* olho à volta, pelo apartamento vazio, à procura de provas de que não estou a ter um momento à Miss Havisham e, em vez disso, encontro materiais de casamento por todo o lado. – Elas queriam ver o vestido, por isso, experimentei-o e agora elas estão... algures.

Ele acaba finalmente por sorrir, despe a camisola e atira-a para cima de uma cadeira.

– Vi-as a entrarem num táxi lá em baixo. Pelos vistos, precisavam de batidos.

O que explica por que razão a Ashleigh estava a gritar para mim quando eu estava a lutar com o vestido.

– Ah – cruzo os braços à minha frente.

– Pago-te para usares isso no casamento do Peter e da Petra – diz ele.

– Pago-te mais – digo.

O sorriso dele rasga-se.

– É um vestido bonito. Estás bonita.

Coro imenso.

– Pareço um *cannolo* demasiado recheado.

Ele inclina a cabeça.

– O que é um *cannolo*?

– O singular dos *cannoli* – digo.

– Então, pareces deliciosa – diz ele.

– Costumava ficar-me melhor. Ou a minha visão é que está a melhorar. Ou talvez, quanto mais tempo ele me corta a circulação do oxigénio, mais bonita a alucinação se torna.

– Estás linda – diz ele, então, com um ligeiro esgar no canto da boca. – Ainda melhor que uma massa italiana.

Quando o olhar dele me percorre, sinto uma pitada do seu cheiro agridoce e fujo para a casa de banho.

– Vou-me despir.

Lá dentro, tranco a porta e olho para o espelho. Manchas vermelhas espalharam-se do decote à garganta.

Basicamente, elas soletram: Ainda desejo o Miles Nowak. Afasto pensamentos sobre aquilo que aconteceu entre nós na *pick-up* e lanço a mão ao fecho do vestido, entre as omoplatas. Desliza alguns centímetros e para. Viro as costas para o espelho e olho por cima do ombro enquanto luto com o fecho por cima do alto no tecido. Consigo subi-lo dois centímetros, mas quando o volto a descer, emperra ainda mais.

Não se mexe e o corpete parece mais apertado do que há um minuto. Quanto mais me debato com o fecho, mais em pânico fico.

Sinto a pele sensível sob as costuras, dói-me a caixa torácica e não consigo respirar bem. O Vestido. Está. Preso.



Saio disparada da casa de banho e choco com o Miles, que tem estado no corredor à espera, como um pai pela primeira vez, nervoso, a aguardar no hospital.

– Ainda não o despiste – diz ele.

– Está preso – digo. – Acho que estraguei o fecho e o vestido é demasiado apertado e não consigo respirar e está *preso*.

– Está tudo bem.

– A sério? – digo. – Já me sinto melhor.

Ele está a virar-me pelo cotovelo.

– Eu trato disso. Tenta respirar. – Afasta-me o cabelo do pescoço com tanto cuidado que os dedos nunca me tocam a pele. – Podes segurar aqui?

Agarro o cabelo contra a nuca, com os braços e os ombros a latejar, enquanto o meu coração bombeia demasiado sangue para as minhas extremidades.

O Miles aproxima as duas partes do tecido e abana o fecho até ele ceder. A meio das costas, prende.

– Merda. Espera.

Mais uns apertões, uns puxões e uns abanões. Fecho os olhos e concentro-me na respiração.

O fecho sobe e volta a descer até ao mesmo sítio.

– Tenta ficar quieta – diz ele.

– Estás a desequilibrar-me – digo.

– Tens batom do cieiro? – pergunta ele.

– A hidratação da tua boca não pode esperar? – grito.
– Nã, não pode. É para o *fecho*, Daphne.
– No armário dos medicamentos – digo-lhe. Deslizamos juntos para dentro da apertada casa de banho, com ele a agarrar-me o vestido. Passo-lhe o batom e ele faz aquilo que está a pensar fazer com ele e depois volta à luta com o fecho.

A mão foge-lhe e quando bate com o cotovelo na parede solta um grunhido de dor.

– Está demasiado apertado aqui.

Regressamos de costas para o corredor. Tenta novamente e os seus suspiros de frustração transformam-se em riso.

– O que é? – pergunto por cima do ombro.

– Agora não consigo ver nada.

Arrasta-me pela saia através da porta do quarto dele e liga as luzes.

– Podes inclinar-te sobre a mesinha de cabeceira? – pergunta.

– A sério? – digo.

– Preciso de fazer força e sempre que puxo tu vens atrás.

Meu Deus, o que é que eu fiz para merecer isto?

Ah, pois é. Menti sobre estar num relacionamento com este homem, depois saltei-lhe para cima numa quinta de alfazema para fazer ciúmes ao meu ex-noivo. Deve ter sido isso.

Agarro no tampo da mesinha de cabeceira com as mãos. Ele coloca uma mão na minha anca, para me manter imóvel enquanto volta a puxar, e consegue que o fecho se mova alguns abençoados milímetros antes de voltar a ficar preso e de ele me agarrar com mais força ainda.

– Distrai-me – digo-lhe baixinho.

– Prometo que te tiro de dentro disto – diz.

Foi o tipo errado de distração.

– Estou a sentir-me insuportavelmente estúpida neste momento, Miles, portanto, vais ter de fazer melhor do que isso. Diz-me alguma coisa horrível.

Ele ri-se.

– *Okay*. E que tal isto: quando a Petra e eu recebemos no *e-mail* o teu *save the date*, ela disse-me que não queria casar e eu fiquei do género: *tudo bem, sem problema*. Porque pensei que ela estava a falar *em geral*, e não especificamente que não queria casar comigo.

Baixo a cabeça em direção à mesinha de cabeceira. O meu grunhido de dor dá lugar a algo mais poderoso e a emoção sacode-me os ombros.

– Merda – diz ele. – Desculpa. Não ajudou. – Agarra-me nas duas ancas.
– Ei.

Endireito-me a abanar a cabeça, enquanto o riso toma conta de mim e os olhos se me encham de lágrimas.

– Daphne – murmura ele atrás de mim, ainda meigo e doce, a puxar-me contra si, as minhas costas no peito dele enquanto me envolve a cintura com os braços.

– Miles – consigo dizer, finalmente, e dou meia-volta dentro do abraço dele. – Para que é que usaste o batom do cieiro? – Outro ataque de riso atropela-me a voz.

Ele fica a pensar. Abre e fecha a boca.

– Pensei que podia amaciar os dentes do fecho.

– Tu lubrificaste o meu fecho – digo.

– Na realidade – diz ele. – Eu pedi-te *especificamente* batom do cieiro para que nenhum dos dois alguma vez tivesse de dizer essa frase.

A minha testa bate-lhe na clavícula quando o riso me faz dobrar. As mãos dele sobem-me pelas costas e a pele de galinha acompanha o trilho do toque dele até à base do meu pescoço. O riso dele percorre-me também.

– Estavas *preparado* para isto – digo. – A quantas colegas de casa é que tiveste de fazer isto?

– Dezenas. – Os braços dele libertam-me e ele vira-me outra vez. – Mas foste a primeira que levou com o batom do cieiro. – Ele agarra no fecho e dá-lhe um puxão suave.

Depois de todos aqueles esticões e apertões, o fecho desliza para o fundo das minhas costas com os nós dos dedos do Miles a roçar a minha pele ao longo de todo o percurso.

Tremo com a sensação, com o formigueiro provocado pela minha total percepção dele.

Ele não se afasta logo e dou por mim a empurrar o meu peso contra o toque dele. Desenrola os dedos e a palma da mão dele fica estendida sobre o fundo das minhas costas.

O corpete do vestido está solto e a gravidade puxa as alças pelos meus braços abaixo, com o peso da saia a arrastar tudo para o chão.

Seguro a parte de cima contra o peito quando me viro para ele.

– Obrigada.

– Toma. – Afasta-se de mim a evitar os meus olhos e agarra numa *t-shirt* larga cinzenta na gaveta aberta da cómoda. Quando a enfia na minha cabeça e a puxa por cima do vestido, sou envolvida pelo cheiro a biscoitos de gengibre.

Largo o corpete e todo aquele emaranhado de renda cai aos meus pés. Enfio os braços pelas mangas da *t-shirt* e o Miles ajuda-me a sair de dentro da saia, afastando o meu cabelo suavemente do decote.

Os olhos dele encontram os meus e o quarto rodopia.

– Obrigada – digo outra vez, desta vez num sussurro.

– Vou precisar dela de volta – brinca ele baixinho. – É a minha *t-shirt* favorita desde que tenho dez anos.

Analiso-a pela primeira vez: a estampa já estalada de um camelo a fumar um cigarro gigante.

A rir, encaro-o também.

– Esta é a tua *t-shirt* favorita desde a infância? Um anúncio ambulante à nicotina?

O sorriso dele alarga-se. Move os dedos, distraidamente, até ao meu

queixo, e eu sinto-me a ser arrastada para ele. As nossas barrigas tocam-se, o batimento cardíaco dele ecoa por mim.

– É um *camelo*, Daphne – diz com ironia. – De *óculos de sol*.

– Vou já tirá-la – digo, alinhando.

– Não, não – diz ele. – Podes ficar com ela o tempo que quiseres. O que é meu é teu.

Reprimo o riso.

– Vês, é por isso que todos os habitantes locais te adicionaram ao testamento deles.

Ele franze o sobrolho.

– Às vezes, fazes-me parecer um vendedor de banha da cobra.

Agarro-lhe no braço.

– Não é *nada* disso.

– Então, o que queres dizer? – pergunta.

– Quero dizer que és simpático.

Ele ri-se.

– Isso outra vez.

– Quero dizer – digo de forma mais veemente – que és, provavelmente, a única pessoa que eu conheci que é genuinamente curiosa acerca das pessoas que conhece. E que as faz sentirem-se interessantes e bem-vindas e como se... como se devessem ser confiantes naquilo que fazem. Fazes as pessoas sentirem que plantar milho ou fazer molho de cereja ou recomendar livros é um super poder.

– Se fores bom nessas coisas – diz ele, – é mesmo.

– Exato – murmuro. – É aquilo que tu sentes *mesmo*.

A única outra pessoa que alguma vez conheci com esta capacidade particular usa-a como um escudo. Ou um imposto que nos está a pagar, um pedaço suficientemente grande e brilhante dela, para garantir que não pedimos mais.

– Acho só – digo ao Miles – que gostas de pessoas quase tanto quanto elas gostam de ti. E isso faz com que estar contigo seja como... como estar à luz do sol.

O contorno da boca dele suaviza-se. Por instantes, ele estuda o espaço entre os nossos pés.

– Tu também pareces um raio de sol.

Rio-me.

– Não pareço nada.

– Não. – Ele concorda. – Não pareces. És mais como o Lago Michigan.

– Frio e tonificante – digo.

A voz dele baixa.

– Fresco e refrescante.

– Chocante e doloroso – digo.

– Surpreendente e excitante – contrapõe, agora tão próximo que eu consigo cheirar-lhe no hálito os copos de vinho pós-turno. Suficientemente

perto para eu me tornar a traça atraída pelo seu brilho irresistível, a tentar lutar contra o desejo de me aproximar. Ele inspira fundo e dá meio passo atrás.

Inclino a cabeça para a sala, a desarrumação, minha e da Julia.

– Conseguiu falar com ela? Sobre o porquê de ela estar aqui?

Ele expira profundamente.

– Tentei. Ela ainda está a fingir que não há razão nenhuma além de me apanhar do chão. – Força um sorriso que me derrete o coração. – Estás pronta para a expulsar?

– Eu gosto de a ter aqui – prometo.

Ele assente.

– Posso fazer alguma coisa? – pergunto.

O sorriso dele fica mais suave. Toca-me no queixo.

– Não – diz. – Isto é o suficiente.

– Não estou a fazer nada – saliento.

O canto da boca dele treme.

– Então, porque é que me sinto melhor?

O momento ganha dimensão. Dou um passo atrás, com o chão gelado sob os pés.

– Mais uma vez, obrigada – digo. – Por lubrificares o meu fecho.

– Sempre às ordens – diz ele.



Quarta-feira, 24 de julho

24 dias até à Maratona de Leitura

Apesar do silêncio acerca da minha candidatura à biblioteca de Ocean City, estou numa maré de sorte invulgar.

No domingo, o Miles surpreendeu-me a mim e à (nada entusiasmada) Julia com um passeio de carro até uma pequena localidade chamada North Bear Shores, para um evento numa livraria com um romancista com que a Sadie me tinha conquistado há uns anos. Depois dos autógrafos, a dona da livraria e a sua mulher, professora de geologia, acabaram por se apaixonar pelo Miles (obviamente) e fazer um donativo para a Maratona de Leitura.

Na segunda-feira, dois autores de livros infantis concordaram em enviar vídeos para os prémios da Maratona de Leitura, e um terceiro ofereceu-se para fazer uma chamada de vídeo em direto com as crianças.

Na terça-feira, o nosso torneio mensal de Fortnite arrancou com o maior número de sempre de participantes e hoje, quando a Maya passou pelo balcão para levantar os pedidos, consegui finalmente convencê-la a participar, na próxima semana, no Clube do Livro para Jovens Adultos.

A minha mãe grita com entusiasmo quando lhe conto isto durante a nossa chamada, enquanto caminho para casa.

Isso, ou deixou cair algum peso perto dos dedos dos pés.

– Que bom, querida – diz ela. – Eu sei que essa miúda tem sido um osso duro de roer.

– Ela é só tímida. Mas os outros miúdos do grupo são muito queridos –

digo. – E alguns têm aulas em casa, portanto, ela provavelmente nunca os conheceu, o que pode ser bom. Um recomeço.

– Meu Deus, uma vez, quando estavas a ter dificuldades numa escola nova, lembro-me de te perguntar se querias ter aulas em casa – diz a minha mãe.

Rio-me.

– Quando é que ias ter tempo para me dar *aulas em casa*?

– Não ia – diz ela. – Mas estavas tão infeliz na escola. Não sabia o que fazer. Queria salvar-te da tua infelicidade. Lembras-te daquilo que me respondeste?

– Eu nem sequer me lembro de o ensino em casa ter estado em cima da mesa – digo.

– Disseste que irias ter demasiadas saudades dos professores. – Desata às gargalhadas, o que se transforma num grunhido de esforço seguido pelo tilintar de pesos a cair ao chão. – Eras tímida, mas corajosa.

– Era uma pequena *nerd*, podes dizê-lo.

– Naquela altura, os professores costumavam dizer que era «um prazer ter-te na aula» – diz-me ela.

O meu telefone apita e paro debaixo de um toldo.

– Espera aí – digo-lhe, e bloqueio o brilho para conseguir ler o ecrã. – Que *raio*?

– Está tudo bem? – pergunta a minha mãe.

– Sim! – digo demasiado animada.

Está tudo ótimo, à exceção de o meu pai me estar a tentar ligar e não terem passado duas semanas de nenhuma data importante, que é quando normalmente tenho notícias dele.

Mando-lhe uma mensagem: **Desculpa, estou ao telefone.**

Ele responde de imediato, uma enorme raridade: **Liga quando puderes. Notícias divertidas.**

A ansiedade apodera-se de mim. *Notícias divertidas*, no Idioma Jason Roberts, quer geralmente dizer: *Olá, estou a namorar com uma miúda de vinte e seis anos!* (Não durante muito tempo.)

Ou *Fiz um amigo que tem um catamarã, por isso, vou estar fora do país durante uns tempos. Envio-te um postal quando chegar a terra!* (Não envia.)

– Daphne? – pergunta a minha mãe.

– Está tudo bem. – Ela e o meu pai não são inimigos mortais, nem nada disso, mas ela deixou de ter contacto com ele mais ou menos quando eu fiz dezoito anos e, como a minha mãe é boa para os outros e a rir das porcarias que se passam na vida, sempre se esforçou por *não* tratar mal o meu pai. Por mim, eu sei, mas às vezes desejo apenas que ela deixe de ser uma supermãe e concorde comigo que ele é do piorio.

– Olha – diz ela, – estou feliz por ti e estou orgulhosa e adoro-te.

– E tens de desligar? – completo.

– Sim – diz ela. – Vou amanhã à praia com alguns amigos, mas falamos

na próxima semana?

– Okay – digo-lhe. – Amo-te.

– Amo-te mais – diz ela, e desliga antes que eu a consiga contrariar.

Quando passo pelo chalé verde-claro que parece saído de um conto de fadas, as glórias-da-manhã enredadas na vedação estão completamente floridas e há pequenos pássaros a chilrear nos seus ramos, como que mais um bom presságio.

Num capricho, verifico *online* o anúncio de venda. O preço desceu recentemente cinquenta mil dólares, mas continua muito acima das minhas possibilidades. Ainda assim, sabe bem sonhar acordada.

Imaginar-me num sítio como aquele. A organizar jantares e a ver filmes de ação. A comprar *chai latte* no café ao cimo da rua e a encher jarras com alfazema acabada de apanhar. A beber vinho nas traseiras com os amigos durante a época dos pirilampos.



– Vais fazer alguma coisa de especial no teu aniversário? – pergunta o Harvey à Ashleigh quando nos instalamos com as outras à volta da mesa de póquer, várias horas mais tarde.

– Fazes anos? – digo. – Quando?

Ela grunhe.

– De sábado a oito. Quarenta e três. E *não* tenho planos. Por acaso, calha no fim de semana em que o Mulder e eu voltamos de visitar a minha mãe em Sedona, portanto, ele vai estar em casa do pai, e eu estarei em casa a estupidificar o cérebro a ver *reality shows*.

– Porque é que haverias de ficar em casa? – digo. – Devíamos fazer alguma coisa.

Com o charuto na boca, a Lenore diz:

– Não vais ganhar essa batalha.

– Sempre detestei o meu aniversário – explica a Ashleigh. – É apenas mais um lembrete dos poucos progressos que fiz. Estou exatamente no mesmo sítio onde estava por esta altura no ano passado. A olhar para as mesmas quatro paredes na mesma casa, na mesma vila, mas com menos um marido.

– Oh, querida, isso não é nada verdade! – intervém a Barb. – *Deixaste* um casamento estagnado. Começaste a fazer terapia. Conseguiste que o Mulder ultrapassasse um mau ano e, agora, trouxeste a *Daphne* para o nosso pequeno círculo!

– E, de qualquer forma, não é um dia para celebrar progressos – insisto. – É um dia para celebrar a *existência*. Temos de fazer alguma coisa.

– Os papéis não estão invertidos? – Ela franze as sobrancelhas. – *Eu* é que sou a divertida e mandona.

– Pois és – concordo. – Mas não podes dar uma de Ashleigh contigo mesma, portanto, tem de ser outra pessoa.

– Não quero sair. – Faz beicinho.

– Então não saíamos – cedo. – E se eu aparecesse e nos puséssemos a pintar?

A cara dela contorce-se, com uma expressão semelhante a nojo.

– Tipo paisagens do Bob Ross?

– Tipo um quarto – digo. – Na tua casa. Tu disseste que o Duke nunca quis que o fizesses, não foi? E estás farta de olhar para as mesmas quatro paredes. Portanto, escolhe uma cor e eu vou ajudar-te a pintar.

– Sou *péssima* a pintar – diz ela. – Fico demasiado impaciente e dou cabo dos cantos.

– Bem, então estás com sorte, porque eu sou *fantástica* a pintar cantos – digo.

Ela ri-se.

– Deves ser.

– Não me sinto insultada – digo-lhe.

Ela pensa no assunto durante um bocado.

– Então, vens fazer as partes difíceis e eu sirvo o vinho, *enquanto* vemos as donas de casa a atirar bebidas e a gritar umas com as outras?

– Combinado – digo. – Mais alguém quer vir?

A Lenore dá uma gargalhada.

– Passo, mas vocês divirtam-se.

O Harvey e a Barb concordam.

– Muito bem, Vincent – diz a Ashleigh, depois de refletir um pouco. – No sábado a seguir a este, à noite. Eu escolho a cor. Tu vestes as tuas adoráveis jardineiras da amizade.

– Não tenho disso – digo.

– Bem, tens a semana toda.

– Conheço uma ótima loja de produtos de jardinagem – oferece amavelmente a Barb.

– Podemos voltar às cartas? – diz o Harvey. – Estou a sentir-me com sorte esta noite.

E tem muita sorte esta noite. Ganha seis mãos.

Eu ganho o jogo.



No domingo, somos presenteados com chuva. O Miles não nos disse *o que é* que íamos fazer, só que exigia bom tempo.

– Achas que podes tirar folga na quinta-feira? – pergunta-me quando estamos a fazer o nosso chá e café, respetivamente, na cozinha. Por norma, eu

detestaria não ir trabalhar, mas com a Ashleigh fora durante toda a semana, o trabalho está um bocado aborrecido e não há grande coisa para fazer na agenda da biblioteca naquele dia, portanto, acedo.

Acordo às sete na mesma, sem alarme, e decido pôr a minha leitura em dia e beber um chá gelado numa das mesas da esplanada da Fika. Num impulso, peço *matcha* e gosto mais do que esperava, mas, ainda assim, decido entrar para beber o habitual antes de voltar a pé para casa.

O empregado, com o rosto cheio de *pierings*, olha para cima e diz alegremente:

– Voltaste!

– Voltei – digo.

– Outro *matcha*? – diz ele. – Ou *chai* gelado com leite?

– *Chai*, por favor – digo. – Mais um galão gelado com mel e um *latte* gelado de avelã.

– É um dia especial? – brinca ele.

– Para os meus colegas de casa – digo.

– Percebido. – Está a escrever o meu nome nos três copos, sem ter de perguntar. Sinto um embaraçoso orgulho por me ter tornado uma cliente habitual num sítio novo, por mim própria.

– Quanto é? – pergunto, quando ele me traz as bebidas.

– Hoje são por conta da casa – diz ele.

– O quê? Tens a certeza? – questiono.

Ele olha à volta e depois inclina-se para mim.

– O gerente não está, não há ninguém na fila atrás de ti para pedir bebidas grátis e dás boas gorjetas. Tenho a certeza.

– Bem, obrigada. – Enfio a nota de dez dólares que tenho na mão, parte dos ganhos da última quarta-feira, no frasco das gorjetas.

– Jonah – oferece ele, sem eu ter perguntado.

– Obrigada, Jonah.

Ele ilumina-se.

– Tem um bom dia, Daphne.

A caminho de casa, o meu pai tenta ligar-me e eu desligo por acidente. Esqueci-me de lhe telefonar na semana passada, o que nem parece meu. Mas também não é habitual ele ligar-me, portanto...

Nesta altura, estamos numa relação mais de *mensagens casuais duas a três vezes por ano*.

Num semáforo, envio-lhe uma mensagem: Desculpa, posso ligar-te mais tarde? Sou péssima a fazer várias coisas ao mesmo tempo até quando as duas tarefas não são nada exigentes como a) fazer conversa de circunstância com o meu pai distante e b) andar no meio de multidões de turistas com gelados e aos ziguezagues em todas as direções.

Não é preciso, responde o meu pai. Só queria confirmar a morada que a tua mãe me deu.

Portanto, ele vai enviar-me alguma coisa pelo correio. Justamente na

altura em que comecei a ver-me livre da tralha do casamento.

Se esta encomenda-surpresa for semelhante às anteriores, posso esperar uma seleção intrigante de vitaminas para curas milagrosas, óleos essenciais e gomas de cânabis *que não pedi* e, provavelmente, é mesmo ilegal enviar pelo correio. Tenho de admitir que, às vezes, ele envia alguma coisa vagamente nostálgica, mas sempre errada. Como um gorro amarelo, que ele encontrou no sótão e está convencido que me pertencia quando era criança.

Dessa vez, como eu não reconhecia de todo o gorro, a única explicação lógica é que pertencia ao proprietário da casa anterior ao meu pai e, uma vez que ele só conseguiu comprar a casa porque tinha lá sido cometido um *crime violento*, podem crer que o gorro foi direto para o lixo.

No entanto, queimei mesmo a sálvia que ele me enviou, nas imediações da lata do lixo, antes de a deitar lá para dentro a seguir ao gorro. Suponho que tenhamos ficado a zeros com aquela «prenda» em particular.

Dentro do prédio, volto a olhar para o telemóvel. A morada que o meu pai me enviou para confirmar é, de facto, a do Miles. Ainda assim, marco o número dele quando estou a subir as escadas, determinada a demovê-lo de me enviar alguma coisa.

Não atende. Tento outra vez. Quando chego à porta do apartamento, já está uma voz a convidar-me a deixar uma mensagem após o sinal.

Depois do *bip* digo: Olá, pai. A minha chave emperra na fechadura e é preciso dar-lhe um jeito para conseguir que rode. Desculpa o desencontro. Liga-me quando...

A porta abre-se.

Não sou *eu* que a abro.

É outra pessoa lá dentro.

Uma mulher de meia-idade, com o cabelo apanhado num estilo *beehive* dos anos 1960 e um decote profundo.

Ela parece tão surpreendida por *me* ver entrar no apartamento como eu estou por a ver a *ela* lá dentro.

– Daphne! – grita ela, em êxtase.

– Oi!!! – digo, a tentar furiosamente lembrar-me dela e sem conseguir.

O meu pai sai da cozinha e coloca uma mão em cima do ombro da mulher.

– Olá, miúda – diz ele. – Surpresa!



Quinta-feira, 1 de agosto

16 dias até à Maratona de Leitura

O meu instinto é recuar para o corredor, fechar a porta e tentar outra vez. Ver se sou recebida por outra coisa qualquer.

O meu pai agarra-me logo num abraço, com umas pancadas nas costas tão fortes que me provocam tosse.

– Estás doente, miúda? – Recua, com as mãos nos meus ombros, enquanto os seus olhos verdes brilhantes me inspecionam rapidamente.

– Um bocadinho – digo, porque, de repente, sinto-me *mesmo* febril.

– Entra, entra – diz ele, como se esta não fosse a *minha* casa. Vira-me para a cozinha. – Por fim conheceste a Starfire.

Um guincho sem palavras produz-se atrás dele. Dá um passo ao lado e apresenta com um gesto dos braços a mulher que me abriu a porta do apartamento.

Uns metros atrás dela, o Miles está parado, com o ar mais atrapalhado que alguma vez lhe vi. O que significa que, tecnicamente, não é muito. Para o Miles é o que equivale a um homem que foi forçado a deixar dois estranhos entrarem-lhe em casa.

Mal tenho tempo de registar o *gloss* cor de pastilha elástica da Starfire antes de ela me envolver num abraço de partir os ossos, que cheira ao interior de uma Bath & Body Works, minutos depois de passar por lá um grupo de adolescentes eufóricas.

– Tu. És. Tão. Gira! – Abana-me para um lado e para o outro ao ritmo da

enunciação.

– Está bem – digo. – Obrigada.

Quando me larga, mantém uma das minhas mãos nas dela, com as suas longas unhas azul-bebé ligeiramente cravadas em mim.

– *Finalmente* – diz ela com lágrimas nos olhos. – No início pensei que eras a mais alta. – Inclina a cabeça sobre o ombro em direção à Julia, cujo rosto projeta, claramente, um *Já passei por aquilo que estás a sentir*.

Os meus olhos viram-se para o meu pai, a tentar comunicar-lhe que não faço a mínima ideia de quem seja esta mulher.

Mas eu e o meu pai nunca tivemos tempo para desenvolver qualquer coisa que se assemelhasse a uma linguagem não verbal.

Ele sorri apenas.

– Não fazes ideia do que significa para mim ver as minhas duas miúdas juntas.

Durante um segundo, questiono-me mesmo se a Starfire é uma meia-irmã que não sabia que existia.

Mas embora todas as namoradas anteriores do meu pai *pudessem*, facilmente, dar azo a esse erro, a Starfire tem de estar a apenas uma década da idade do meu pai, apesar de a quantidade de botox tornar impossível dizer se é dez anos mais nova ou dez anos mais velha do que ele.

– Vamos para a sala de estar – sugere o Miles, já a encaminhar o meu pai pelo *hall*. – Eu e a Daphne vamos buscar vinho e uns *snacks*.

– Ótima ideia! – contribui a Julia, passando um braço em volta da Starfire.

A Starfire, por sua vez, faz outro som de bebé com a garganta e aperta-me as bochechas antes de ela a arrastar. Mantém um enorme sorriso por cima do ombro durante todo o caminho e, por isso, vai aos encontros à Julia e quase tropeça com os saltos agulha de dez centímetros.

O Miles puxa-me para a cozinha e sussurra:

– Eles apareceram sem avisar.

– E tu deixaste-os *entrar* – sussurro de volta.

– Ele disse que era teu pai! – silva ele. – E que estavas à espera dele! Não sabia o que fazer.

– Quer dizer, numa interpretação vaga do mundo – digo, – ele é meu pai, mas eu *nunca* estou à espera dele.

– E a Starfire? – pergunta.

– O sexto membro desaparecido das Spice Girls – digo.

– Nunca a tinhas visto – adivinha ele.

– Nem nunca ouvi falar dela – digo.

O Miles suspira e vira-se para abrir o armário do vinho. Agarro em alguns copos do outro armário. Quando me viro, ele está a rir sozinho e a abanar a cabeça.

– Vamos apostar quem é que vai aparecer a seguir?

– A este ritmo – digo, – não me surpreendia se a minha falecida tia-avó

Mildred entrasse pela janela.

– Nem a parte da janela te surpreendia? – diz ele. – Ela era contorcionista?

– Estou a partir do princípio de que os fantasmas têm o efeito Pai Natal, e que se conseguem transformar em gelatina e passar por espaços apertados.

– Estás pronta? – pergunta ele. Embora eu não lhe tenha contado muito acerca do meu pai, é óbvio que ele percebeu o suficiente nos últimos três minutos.

– Não – digo. – Mas assim que eu emborcar a primeira garrafa de vinho, vou ficar melhor.

Ele cheira o ar.

– Estou a sentir... o cheiro...

Confirmo com a cabeça.

– É o meu pai. A fumar charros no teu apartamento.

Ele estremece.

– Queres que lhe peça para pôr a cabeça fora da janela?

– À vontade – digo. – Daqui a quinze minutos ele esquece-se e acende outro a meio de uma frase e tu sentes que não o podes interromper. A frase vai durar vinte minutos.

Ele toca-me no cotovelo.

– Manda-me uma mensagem se precisares de uma saída.

Ergo uma sobancelha.

– Provocas uma distração?

– Se for preciso.

Viro-me para o *hall*.

– Ele nunca fica muito tempo. Isto é, provavelmente, um interlúdio de trinta minutos antes de ir para outro sítio melhor. Vamos *lá* despachar isto. Ou melhor, vou eu, tu não és obrigado a...

– Eu fico – diz ele. – A não ser que não queiras?

– Não, eu quero – admito. – Só não espero que tenhas de aguentar isto.

Ele passa a mão pelo meu cotovelo e eu faço os possíveis para não tremer.

– Uma pessoa disse-me, uma vez, que eu sou *muito* bom com desconhecidos. Vamos.

Quando entramos na sala, o meu pai está a soltar uma baforada. As coisas da Julia foram todas colocadas numa pilha, ao canto, e o colchão de ar esvaziado a três quartos está enrolado por baixo de tudo, para que os nossos visitantes se consigam sentar no sofá, dois pares de dentes super brancos a flutuar numa pele bronzeada pelo sol.

– Aqui está ela! – diz o meu pai, e depois é atravessado por um ataque de tosse.

– Aqui estou eu! – Pouso os copos de vinho na mesinha de apoio antes de me sentar no cadeirão perpendicular ao sofá. – E tu. E a Starfire.

A Starfire sorri para mim. O meu pai sorri para a Starfire. O Miles e a

Julia trocam um olhar confuso.

– São para ti – diz o meu pai, inclinando-se para a frente. Pousa o charro na esquina da mesinha de apoio e pega num ramo de flores, francamente bonito, do tapete. – Achámos que eram parecidas contigo.

– Com a tua aura, claro – explica a Starfire. – É difícil avaliar pelas fotografias, mas o JayJay foi atraído para essas e comparámo-las com a fotografia que ele tem na carteira.

Perante o meu olhar inexpressivo, o meu pai acrescenta:

– A tua foto da formatura do secundário.

É novidade para mim que o meu pai tenha uma foto dessas. Tenho a certeza de que eu e a minha mãe concordámos que estavam tão más que não valia a pena imprimir nenhuma e enviámos apenas a menos esquisita para a minha escola usar.

– Obrigada – digo rapidamente, e inclino-me para aceitar o ramo.

– É uma coisa de que gostei logo nele – diz a Starfire com ar sonhador, a olhar para o meu pai como se ele tivesse um halo sobre a cabeça. Vi aquele olhar em muitas das antigas namoradas. – Ele nunca aparece de mãos vazias.

Quando eu era criança, também adorava isso nele.

Até ter percebido que as prendas eram prémios de consolação: *Sim, cancelei a nossa visita das férias da Páscoa, mas o meu amigo deu-nos bilhetes para um parque de diversões!*

Não fui ao concerto do teu coro, mas este chocolate que a minha namorada faz é fantástico, não é?

O Miles, que é um génio, começa a encher os copos e pergunta:

– Então, como é que vocês se conheceram?

Senta-se no outro cadeirão, com a mesma postura pronto-a-fugir com que eu estou.

– A Starfire é a minha *life coach* – diz o meu pai, depois dá um gole.

A Starfire assente, ainda com um sorriso nos lábios.

– Mas já nos conhecíamos antes disso.

– Aparentemente, fomos casados numa vida passada – diz o meu pai, do género: *Já viram a coincidência?*

A Starfire assente.

– Várias vezes.

– Oh – diz o Miles. – Bem, parabéns.

– Eu era uma herdeira no *Titanic* – explica a Starfire. – E o Jason era um artista atraente, mas tão, tão pobre. O meu círculo social nunca teria aprovado. Mas tivemos um caso tórrido e ele salvou-me a *vida*. – Volta a acenar com a cabeça e parece um daqueles bonecos cabeçudos com uma mola.

Eu e o Miles trocamos um olhar. Ele parece estar a fazer um esforço tão grande para não se rir que pode acabar por vomitar.

– Então – digo, – exatamente como a história do filme.

A cabeça da Starfire inclina-se para um lado.

– Qual filme?

– O que é que vos traz aqui? – pergunta Miles, e acrescenta: – Vivem na Califórnia, não é?

– Exato. – O meu pai volta a acender o charro. – Mas estamos na nossa...

– Desculpe – interrompe o Miles, com um sorriso agradável. – Importa-se de esperar para fumar quando estiver lá fora? – Diz isto de forma tão calorosa e natural. Ele tem mesmo um superpoder.

O meu pai responde de forma igualmente afável.

– Oh, claro! Claro. – E volta a enfiar o charro no bolso da *t-shirt*.

– Então, Califórnia? – diz o Miles.

– Exato – diz o meu pai. – Mas estamos a viajar pelo país para celebrar.

– Celebrar o quê? – pergunto.

– Oh, *Daffy* – diz a Starfire, o primeiro adulto a alguma vez abreviar o meu nome desta forma. – A nossa união.

O meu pai franze o sobrolho, com um ar ligeiramente magoado em volta dos olhos.

– Não recebeste o nosso postal?

– Que postal? – digo.

– O postal de aniversário – diz ele. – Em que te disse que nos casámos!

– Disseste-me isso num postal de aniversário? – digo.

– Não o viste? – diz ele outra vez, ainda com ar de vítima.

– Quando é que foi o teu aniversário? – pergunta o Miles com o sobrolho franzido.

– No final de abril – respondo.

Ele faz uma careta, sem dúvida a fazer as contas e a perceber que eu já vivia com ele.

– Devo ter perdido o cartão – digo ao meu pai.

Na realidade, como os cartões de aniversário dele raramente contêm mais do que o meu nome e a assinatura dele, e é quando vêm, opto por os colocar no mesmo sítio onde coloquei o gorro da casa do homicídio, que me enviou no ano passado: no lixo.

A última coisa de que precisava era de outro gesto bacoco de um homem que me ama *mais ou menos*.

A outra coisa de que não precisava era de um lembrete de que estava a fazer trinta e três anos e não tinha ninguém para celebrar comigo.

A Starfire ainda está a sorrir, como se, por acaso, deixar os lábios tocarem-se pudesse despoletar o apocalipse.

E depois de tudo aquilo que ela passou no *Titanic*, quem é que a pode recriminar por ser cautelosa?

– Portanto, estão de passagem – digo. – Vão para algum sítio divertido?

– A dada altura – diz o meu pai – vamos ter com a família da Starfire em Vermont. Mas vamos ficar por aqui até segunda-feira, se nos conseguirem aguentar esse tempo todo.

A minha pele fica eriçada. O meu sangue gela. Questiono-me se será

assim que os animais se sentem quando se está a formar um tornado.

Tinha-me preparado para isto ser uma paragem breve. Agora percebo que é muito pior. Somos um sítio grátis para ficarem durante a sua viagem transcontinental: *Toma umas flores lindas que me lembram de ti; podemos dormir no teu sofá?*

Este apartamento está a tornar-se rapidamente no cenário de uma comédia péssima.

O meu pai ainda está a falar, mas eu estou a ouvir a voz dele como se fosse o blá, blá, blá da professora do Charlie Brown.

– Desculpa – consigo dizer por fim. – O que é que disseste?

– Estamos com tempo – diz a Starfire. – Por isso, podemos ficar durante o tempo que quiseses!

Pelo canto do olho vejo a Julia a entrar na sala com as flores numa jarra. Muito inteligentemente, ela vira-se e dirige-se de novo para a cozinha.

– Estamos tão felizes por estar aqui, miúda. A Sandra, a prima da Starfire, diz que temos de ir ver as dunas enquanto aqui estivermos.

– Ela também é vidente – diz-me a Starfire com entusiasmo.

– Quem? – digo.

– A Sandra – diz ela. – Ela tem o dom.

Foi pena ela não os ter avisado de que não havia espaço para eles no apartamento.

– Eu também tenho um bocadinho – continua a Starfire. – O meu terapeuta diz que sou simpática.

– Queres dizer empática? – pergunto, distraída, por instantes, do meu objetivo geral.

Ela abana a cabeça.

– Não, o meu dom é do outro tipo. Eu projeto emoções *poderosas*.

Paro para refazer os meus passos e perceber onde é que a conversa descarrilou.

– Nós não temos quarto de hóspedes – digo ao meu pai. – Nem sequer temos um sofá neste momento. A Julia está a viver connosco. – Aceno levemente em direção à pilha de roupas, almofadas e roupa de cama.

As sobrancelhas louras escuras do meu pai juntam-se, com um ar confuso, provavelmente por lhe estarem a negar uma coisa que ele ainda nem se tinha dado ao trabalho de pedir. Depois solta uma gargalhada.

– Oh, não – diz ele, a abanar a cabeça. – Nunca pensaríamos impor a nossa presença.

Desde quando?

– Não, não, reservámos um quarto num motel – diz ele. – Fica um bocado longe da vila, mas não nos importamos de andar para a frente e para trás.

Isto é mesmo uma surpresa.

– Espera aí. – Os olhos da Starfire abrem-se muito. – Pensava que havia dois quartos.

– E... há? – Os olhos do Miles estreitam-se, como se focar lhe permitisse ver a lógica dela a percorrer a sala.

– E não usam um como quarto de hóspedes? – pergunta ela.

– Nós somos dois – saliento.

– Vocês não partilham o quarto? – diz o meu pai, consternado.

Pela primeira vez, o sorriso da Starfire desaparece.

– Oh, não. – Parece quase que ela vai chorar. Olha para mim e para o Miles. – Querem falar sobre isso? Podemos ser, tipo, os vossos mentores. Os vossos mentores para o *amor*.

– O quê? – digo.

– Amor? – diz o Miles.

A Starfire baixa a voz, até se tornar um sussurro, como se isso fosse impedir os restantes de a ouvirem, e inclina-se para dar uma palmada no joelho do Miles.

– Vocês vão superar isto.

– Superar o quê? – O Miles abana a cabeça, outra vez com os olhos semicerrados.

Infelizmente, eu não estou tão à toa quanto ele.

– Nós não estamos juntos.

Ele pestaneja quando finalmente percebe.

– Oh, não – grita a Starfire. – Vocês *acabaram*? – Os ombros dela levantam-se. Estou em crer que esta mulher que eu nunca vi antes está prestes a começar a chorar por causa de uma relação que nunca aconteceu.

– Somos amigos! – clarifica o Miles, com um bocadinho de veemência a mais. – Só amigos. Quartos separados.

– Oh, boa! – O meu pai olha para mim e dirige um polegar para cima ao Miles. – Gosto deste tipo. Ainda bem que não tenho de lhe fazer um *dislike*. Especialmente depois do que aconteceu com o último tipo! Então, alguém tem fome? Adorava ter uma pequena festa de anos atrasada, miúda.

– É claro que não queremos incomodar. – A Starfire pouisa a mão bem cuidada no cotovelo do meu pai. – Uma vez que não estavam à nossa espera.

– Absolutamente – diz o meu pai. – Vamos adaptar-nos ao vosso horário. Disponham do tempo que puderem para um casal de velhotes.

A Starfire troca e aperta-lhe o braço.

– Retira o que disseste, JayJay. Só temos a idade que sentimos.

– Esta sente-se com vinte e dois anos na maioria das vezes – diz-me o meu pai, com adoração no olhar.

Isso despoleta uma série de emoções confusas no meu peito.

O meu coração amolece perante esta nova versão dele, com uma parceira com uma idade apropriada e a clarividência de reservar um quarto.

Mas, ao mesmo tempo, a velha mágoa é reacendida. A lembrança de que o meu pai nunca encontrou uma pessoa que não conseguisse amar mais do que alguma vez me amou a mim ou à minha mãe, nem um sítio onde não quisesse estar mais do que queria estar em casa.

– O que é que dizes, miúda? – pergunta ele. – Tens tempo para fazer de guia turística para o teu pai e a tua madrastra?

O Miles lança-me um olhar, de sobrolho erguido, à espera do meu sinal *Salta por cima da mesinha de apoio e pega fogo a qualquer coisa enquanto eu fujo pela janela!*

E talvez o devesse fazer. Talvez o meu pai só esteja a colocar uma caixa de *cupcakes* em cima de uma armadilha para lobos.

Mas ele está *aqui*. Com uma nova *mulher* e um quarto reservado e é a primeira vez que me lembro de ele *perguntar* se eu estou livre, em vez de assumir que vou abandonar tudo porque ele se dignou a aparecer.

– Há espaço para mais dois nos teus planos? – pergunto ao Miles.

Ele inclina a cabeça. Percebo que está à espera de um sinal mais claro do que este, por isso, acrescento:

– Se calhar conseguimos organizar as coisas, não?

Ele fita-me durante um segundo, para me dar a hipótese de mudar de ideias, de gritar «Ryan Reynolds!» a plenos pulmões.

Não o faço.

Ele oferece-lhes uma versão mais desmaiada do seu sorriso charmoso.

– Trouxeram fatos de banho?

A Julia volta a enfiar a cabeça na sala, sem vergonha nenhuma de percebermos que ela esteve a ouvir tudo às escondidas.

– Eu sabia! Vamos andar de barco, não é?



«O barco» é um velho barco de pontão que pertence a um amigo do Miles. O dono da loja de ferragens e barbearia, onde ele compra as ferramentas e corta o cabelo. O Miles tem um convite para o usar sempre que está disponível. Eu conduzo e o meu pai senta-se à frente comigo, enquanto o Miles, a Julia e a Starfire vão apertados no banco de trás, com o Miles a dar instruções verbais em vez de usar o GPS, porque não se lembra da morada.

Tinha partido do princípio de que íamos andar de barco no Lago Michigan, mas existem dezenas de lagos mais pequenos, mais para o interior que os cinquenta e sete mil milhões de metros quadrados do Lago Michigan. Vamos para um deles, um *lago* no sentido mais tradicional do termo, com chalés rústicos junto à água e juncos nas zonas baixas.

Estacionamos numa estrada arborizada, à frente de uma casa com telhado bicudo que ou está a meio da construção ou a meio de uma renovação. Tendo em conta a relva por cortar em volta de uma caravana e de uma velha *pick-up*, suponho que seja a última hipótese. Que este sítio pertence a alguém que gosta de fazer as coisas com as próprias mãos e que está a demorar o seu tempo. Exatamente o tipo de pessoa que teria uma loja de ferragens que é também uma barbearia.

– Vão andando e entrem no barco – diz-nos o Miles quando saímos para o calor. – Vou buscar as chaves lá dentro.

– Pensei que o teu amigo não estava em casa – digo, mas ele já vai a caminho das traseiras e abre uma porta que estava, aparentemente, destrancada. Eu e a Julia tiramos a geladeira do porta-bagagens e carregamo-

la a meias pela encosta verde em direção à beira da água.

– Que belo dia para isto! – diz a Starfire alegremente. Já o disse sete vezes. Estive a contar.

– Não podíamos ter pedido um tempo melhor – concorda a Julia, pela quarta vez. Temos estado a revezar-nos e, agora, *acho* que ela percebeu e está a transformar a coisa num jogo.

– Como se o Michigan nos tivesse estendido o tapete vermelho – diz o meu pai, pousando uma mão no meu ombro assim que eu e a Julia pisamos a curta doca perpendicular aos juncos. Cambaleio, mas felizmente consigo recuperar o equilíbrio antes de cair do pontão estreito e levar a geladeira e a Julia comigo.

O pontão já viu melhores dias. Falta-lhe uma tábua e outras duas estão partidas ao meio, mas o barco parece estar em bom estado. Não que eu saiba o que é que deixa um barco em *bom estado*, mas não está a arder nem nada disso.

O meu pai descalça os sapatos, agarra neles e sobe a bordo, ajudando cada uma de nós a subir. A Starfire é a última e ele faz um grande espetáculo de lhe beijar a mão. Ela solta risadas e olha para mim e para a Julia do tipo: *Estão a ver isto? Que homem!*

Tento parecer agradável e vagamente encorajadora: *Sim, vi o meu pai dar uma de Gomez Addams contigo e acho ótimo!*

Sinceramente, *é* querido. Mais uma vez, sinto o peito cheio de uma mistura de emoções.

Gosto de o ver assim. E também me sinto ressentida e questiono, pela milionésima vez, porque é que a minha mãe e eu nunca inspirámos este tipo de atenção ou de compromisso.

– Já a tenho – exclama o Miles, a correr em direção à doca. Ele desamarra o barco e salta lá para dentro. Liga o motor e depois tira a camisola.

A Starfire arfa perante a quantidade de tatuagens que isso revela. A minha tática inicial, de corar e não olhar, depressa desaparece, para procurar um coração gigante com o nome da Petra, mas, aparentemente, essa não foi uma das muitas escolhas de tatuagem com que ele se comprometeu.

Percebo, porém, pela primeira vez, que além da âncora do Popeye, ele também tem um Popeye inteiro na barriga da perna. Isto não contribui, surpreendentemente, para diminuir o impulso que sinto de atravessar o barco e de lhe passar a língua pela pele.

– Que *linda* arte corporal! – solta a Starfire. – O que é que isto significa?

Ela toca-lhe nos bíceps quando ele está a começar a manobrar para nos levar para dentro do lago. Ele controla o sorriso.

– Bem – diz, – é uma sereia.

Ela assente, com uma curiosidade que lhe esbugalha os olhos.

– E?

– Achei bonita – diz ele.

– É linda. – Ela dá-lhe uma palmadinha.

O lago é surpreendentemente ondulado. Por cima do som do nosso motor apanhamos pedaços de música que vêm dos barcos por que passamos: *Cruel Summer*, da Taylor Swift, *Soak Up the Sun*, da Sheryl Crow, e (*Sitting On*) *The Dock of The Bay*, do Otis Redding.

Após dez minutos de navegação, com o vento no cabelo, e o matraquear do motor nos nossos ouvidos, encontramos um bom sítio para parar e descontraír. O Miles liga o nosso rádio, solta a âncora e distribui latas de água gaseificada e de cerveja que tira da geladeira. A Julia e eu besuntamo-nos em protetor solar, mas a Starfire não perde tempo a tirar a roupa e a saltar das traseiras do barco, numa explosão de fato de banho cor-de-rosa choque e um *iuppii!*

O meu pai assobia e aplaude quando ela volta à superfície. A Julia tira os calções e salta atrás dela.

– Está fria? – grito para elas.

– Um bocadinho – grita a Julia de volta.

– Parece que renascemos! – diz alegremente a Starfire ao mesmo tempo.

Após alguns minutos de persuasão, o meu pai também já lá está dentro e, depois, começa a chatear-me a mim e ao Miles de dentro de água, enquanto a Starfire nada de costas com uma elegância impressionante.

– Vais entrar? – pergunta-me o Miles, a proteger os olhos do sol para olhar para mim. Faz o momento parecer estranhamente privado, íntimo.

– Que profundidade tem? – pergunto-lhe.

– Não sejas covarde! – grita o meu pai, e a ilusão de privacidade estilhaça-se.

A Starfire faz um cacarejar hiper-realista. Está mesmo no elemento dela.

– De que é que – caminho para as traseiras do barco – eu teria exatamente medo neste cenário?

– Dos peixes! – grita o meu pai, como se devesse ser óbvio.

– Dos peixes? – repito.

O meu pai faz um ar de incredulidade.

– Estás a brincar? Tinhas terror deles quando eras criança! Lembras-te? Levei-te a pescar e tu tiveste aquele ataque de pânico?

Não me lembro de alguma vez ter ido pescar na minha vida, mas se fui, suponho que o ataque de pânico tivesse menos a ver com os peixes e mais com ter de lhes arrancar um anzol de metal da boca.

– Tens a certeza de que era eu?

Ele ri-se.

– Acho que me lembro da minha própria filha! Levei-te a pescar, esquecemo-nos do protetor solar e eu sabia que a tua mãe ia ficar furiosa, então fomos à mercearia e eu comprei-te um chapéu amarelo brilhante. Combinava com o teu fato de banho. Parecias o Piu-piu – diz ele a abanar a cabeça. – Eras obcecada por aquele chapéu.

Penso no gorro que ele me enviou e questiono se ele não o terá

confundido com o chapéu desta memória.

Sinceramente, duvido até que seja uma memória real. Pode ser apenas uma cena de um filme, a que ele adicionou depois a minha cara.

– Não te lembras mesmo? – pergunta ele.

Abano a cabeça. É óbvio que isso o incomoda, mas não consigo pensar em nada para dizer que o reconforte. A realidade é que as partes mais memoráveis da minha infância são as que ele perdeu, sendo que foi a ausência dele que lhes deu esse peso.

– Foi um dia mesmo muito especial – murmura ele, a chapinhar a água, com a boca a transformar-se num ar carrancudo.

Detesto sentir culpa neste momento. Não quero perceber que o meu pai ainda me consegue fazer sentir isso. Como se o mais importante fosse fazê-lo feliz, deixá-lo orgulhoso, merecer a sua atenção.

O Miles encontra o meu olhar, o sorriso dele desapareceu e a mão a tapar o sol dos olhos volta a criar a ilusão de isolamento.

É um olhar que pergunta *Estás bem?*

Ou talvez um *Estou aqui*.

E sei que ele não estará aqui sempre, ou talvez nem sequer muito mais tempo, mas ajuda saber que neste momento está. Isso pode ser o suficiente.

Viro-me para a água, puxo o vestido por cima dos ombros e o sol acaricia-os.

– Vendo pelo lado positivo – digo, – como não me lembro disso, não tenho medo nenhum dos peixes.

Lanço o vestido para o banco, atravesso o gradeamento aberto e salto para a água.

O frio submerge-me, como alfinetes a espetarem-se em cada poro.

Quando volto à superfície, quando o sol me atinge o topo da cabeça e eu vejo o Miles de pé nas traseiras do barco e a Julia e a Starfire e o meu pai a nadarem em círculos preguiçosos na água brilhante, penso naquilo que a Starfire disse.

Parece mesmo um renascimento.

As pessoas podem mudar, penso.

Eu estou a mudar.



Jantamos no Jesse's Table, um sítio do prado ao prato com uma esplanada com vista para a água. Estou com as bochechas e o nariz avermelhados, do dia passado ao sol, enquanto o bronzeado do meu pai, da Julia e do Miles só ficaram mais escuros. A Starfire parece uma lagosta, mas não está nada preocupada.

– Amanhã transforma-se em bronze – disse-me quando lhe ofereci aloé

vera, já no apartamento, entre o passeio de barco e o restaurante.

Assim que nos sentamos, o meu pai convence a empregada a trazer-nos uma garrafa de vinho. Quando ela chega, um minuto mais tarde, o meu pai pede a recomendação dela para as entradas e ela enumera umas seis. Ele pede uma de cada, «para partilharmos».

Pela primeira vez em várias horas, sinto o meu primeiro sinal de ansiedade, a imaginar o meu pai a dizer à empregada, despreocupadamente, para dividir a conta por todos no final da noite. Estou a tentar fazer contas de cabeça, para perceber se consigo pagar a parte do Miles e da Julia destas coisas que eles não decidiram pedir.

Mas está toda a gente muito bem-disposta, embriagada pelo sol, pelo vinho e pelo quarteto *a cappella* que está a cantar no pátio de gravilha da gelataria que fica duas portas a seguir.

Quando terminamos as entradas, já deitámos abaixo o *pinot blanc*. O meu pai levanta-se para ir à casa de banho (*fumar às escondidas*) e volta a anunciar que encomendou champanhe para podermos brindar ao meu aniversário, juntamente com as núpcias dele e da Starfire.

Ela mal tocou no primeiro copo, dedicando o seu foco completo a bombardear-me com perguntas sobre a minha infância. Sinto que o Miles tem razão, que a chave para ser capaz de falar com os outros pode ser apenas a curiosidade.

Mas também é precisa uma certa coragem, para convidar alguém para o nosso espaço e para pedir para sermos convidados para o deles. Consigo, demasiado facilmente, imaginar-me a pendurar um bordado onde se pode ler a frase motivadora: *Sê mais como a Starfire*.

Mesmo quando as perguntas dela apontam para provas de que o meu pai, de facto, não esteve presente durante a minha infância, ela não demonstra sinais de desilusão, dispara apenas mais uma pergunta na minha direção.

Tento perguntar-lhe coisas também, e ela responde com facilidade. *Sim, ela cresceu em Vermont, esteve na equipa de esqui da escola, é vegetariana desde que nasceu, tem seis irmãos, todos eles homens*, mas termina todas as respostas com uma pergunta para *mim*.

Entretanto, a nossa empregada de mesa, que obviamente adora o meu pai, traz três ofertas do *chef* que não estão no menu. Por conta da casa.

Enquanto estamos a comer o prato principal, a Julia e a Starfire comparam as cartas astrais e eu vejo-me envolvida no tipo de conversa acerca de signos de água que é indecifrável para pessoas que não ligam à astrologia. O meu pai pergunta ao Miles acerca do trabalho e, com imenso entusiasmo, lança a ideia de ir jantar amanhã à adega, assim que eu sair do trabalho.

– Se não estiverem muito fartos daquilo – diz-me o meu pai. – Não sei quantas vezes é que lá comem.

– Podemos lá ir, se quiseres – digo.

– Oh! E temos de ir ver a Daffy à biblioteca – solta a Starfire.

– Deviam ir no sábado, para poderem ver a Hora do Conto – oferece a

Julia.

– O que é a Hora do Conto? – pergunta o meu pai.

– É quando leio para um grupo de crianças – digo.

– Ela faz as vozes – acrescenta a Julia.

– Ai, faz? – O olhar do meu pai ilumina-se. – Como aquela rapariga na antiga biblioteca a que costumávamos ir! Como é que ela se chamava? Leanna?

Ele *devia* definitivamente saber o nome, uma vez que andou durante pouco tempo a sair com ela. Depois, reparei que começámos a ir a outra.

– Como é que começaste a trabalhar na biblioteca, já agora? – pergunta a Starfire. – Sempre quiseste fazer isso?

Não me sentiria mais exposta se tivesse tirado o fato de pele e expelido as entranhas para cima da mesa.

– Aposto que sei a resposta a isso – diz o meu pai.

Não consigo decidir se isto torna as coisas melhores, ou piores.

Ele apoia os cotovelos na mesa e inclina-se para a frente.

– Quando a Daphne era pequenina, ela lia imenso. E eu tinha uma namorada que trabalhava numa livraria e tinha um enorme desconto. Então, eu trazia-lhe sempre livros quando a visitava. Mas eu e a Holly, a mãe da Daph, não nadávamos exatamente em dinheiro. Portanto, eu metia-me sempre em sarilhos com ela. Eu comprava à Daphne o primeiro volume de uma série, ou pior, o segundo, e depois a Holly tinha de comprar o primeiro. Ela acabou por me dizer que queria que eu deixasse de trazer presentes. Pensava que eu estava a tentar comprar a Daphne.

Ele revira os olhos quando diz isto, mas também pisca o olho à Julia.

– Talvez um bocadinho. De qualquer forma, chegámos a acordo. Eu levava a Daphne à biblioteca sempre que viesse de visita. Parecia que a levava à Disneylândia. É pôr esta rapariga numa sala cheia de livros e ela fica mais feliz do que qualquer pessoa que eu já tenha conhecido. Pessoalmente, nunca percebi porquê, mas era super fofo vê-la a empilhar o máximo de livros que conseguia carregar e a pousá-los num balcão mais alto do que a cabeça dela, para os registar.

A Starfire coloca a mão sobre o coração quando ouve isto.

O meu está um bocado acelerado, desconfortável.

A história dele parece tão diferente da minha própria memória. O que mais me marcara, ainda mais do que a magia de estar rodeada de cores vivas e livros grátis, fora a excitação de lhe mostrar aquilo que tinha encontrado. De percorrer os corredores à procura dele. E de, finalmente, o encontrar a *flirtar* com uma bibliotecária, quase sem reparar em mim ali, à espera da atenção dele.

Uma das minhas primeiras memórias de felicidade, e uma das primeiras vezes em que percebi que viria sempre em segundo lugar.

– Com licença. – Afasto a cadeira da mesa e levanto-me. – Preciso de ir à casa de banho.

Serpenteio entre as mesas da esplanada e entro no restaurante, adaptando-me à iluminação mais suave dos candelabros antes de virar para o corredor das casas de banho.

Estão ambas ocupadas, mas, na realidade, eu precisava menos de fazer chichi do que de respirar, enquanto espero que esta avalanche de sentimentos passe. Encosto-me ao papel de parede dourado e fecho os olhos, a tentar que o meu coração abrande.

– Estás bem? – diz uma voz suave.

Abro os olhos. O Miles entra, hesitante, no corredor.

– Sim, hum-hum. Estou! – digo. – A casa de banho está ocupada.

Ele assente.

– Então não te incomodo. – Ele vira-se e sinto um desespero enorme.

De desabafar, ou apenas de o manter aqui mais um bocado.

– Nunca sei como me devo sentir quando ele está por perto – deixo escapar.

O Miles volta-se e pensa durante um instante. Regressa e encosta-se à parede ao meu lado.

– Houve uma pessoa que me disse, há pouco tempo, que os sentimentos são como o clima. Acontecem.

Tento forçar um sorriso.

– Parece que ela não sabe mesmo do que está a falar.

– Ela é muito inteligente – diz ele. – E sensual, se isso for relevante.

O brilho no meu peito não é suficiente para afastar todas as nuvens negras que ali se acumulam.

– Ele está a ser tão simpático – digo, sem forças.

O Miles pensa sobre isso durante uns instantes.

– Sim, parece que sim.

– Então, porque é que eu estou chateada? – digo.

– Talvez porque... quando ele é simpático, é difícil ficares zangada com ele. – Agarra-me na mão devagar. – E estás, por isso, sentes-te mal acerca disso.

– Talvez – digo. – Talvez seja mesmo isso.

Ele puxa-me contra o peito e envolve-me com os braços. O Miles caloroso, amigável, familiar. E sou surpreendida pelo quanto me dói estar assim próxima dele. Pelo facto de isso apenas frisar que nunca estarei mais perto.

– Podemos fugir, se quiseres – murmura ele.

– Comer e correr? – digo. – Não tens vergonha, Miles Nowak?

– Talvez pagar à saída – diz ele – e apanhar um táxi para onde eles não nos consigam encontrar.

– Não podemos fazer isso. A Julia acabaria a apanhar boleia para o Vermont. Quando dessemos por isso, estava a tomar esteroides e a treinar para a equipa olímpica de esqui.

– Ela aguenta-se bem sozinha – diz ele.

– Também eu – argumento.

Ele volta a olhar para o meu rosto.

– Eu sei – diz. – Só não quero que tenhas de o fazer.

Olho para a esplanada e pestanejo para esconder a emoção crescente.

– A verdade é que ele parece diferente.

– Isso é mau?

Abano a cabeça.

– Não. Só que...

Não quero confiar nele.

Não quero ficar dececionada.

– Acabei por aceitar a forma como as coisas sempre foram entre nós – admito. – Demorei imenso tempo até deixar de esperar mais do que aquilo que ele me dava.

– Isso faz sentido – diz o Miles, e prende-me o cabelo atrás da orelha.

Não quero voltar a sentir-me insegura. Não quero que doa sempre que ele me desilude.

Já estou a senti-lo outra vez: o vazio doloroso onde devia estar o amor do meu pai. Só que agora não tenho a minha mãe por perto, nem o Peter e os Collins para tapar o buraco.

E, por mais verdadeiramente simpática que a Starfire seja, isso não muda o facto de que ela é uma mulher que pagou a alguém para lhe recontar o enredo do *Titanic* como se fosse uma profecia, e que ela é merecedora do amor do meu pai, quando eu nunca fui.

Tal como a Petra é merecedora do amor do Peter.

Tal como o Peter é merecedor do compromisso de todos aqueles amigos que me esforcei incansavelmente por conquistar, desde que nos mudámos para aqui. Aqueles que deixaram de ter tempo para mim desde a separação. Os que ainda merecem o amor da Sadie quando eu deixei de merecer.

A vida não é uma competição, nem o amor, mas sou sempre eu que perco.

A testa do Miles enruga-se quando me agarra o queixo.

Abano a cabeça.

– Só quero que seja real.

– O quê? – diz ele.

– As memórias que ele tem de nós – sussurro. – Esta visita. Quero acreditar que tudo tem significado para ele.

– Talvez tenha – diz.

A porta da casa de banho abre-se atrás de nós e a mão dele afasta-se enquanto nos apertamos contra a parede, para deixar passar o homem que acabou de surgir. Enquanto caminha, termina de enfiar a camisa nas calças e olha para nós com desconfiança.

– Tenho cem por cento de certeza que ele acha que estamos a negociar droga – digo.

– Não seas ridícula – diz ele. – Pelo menos, *cinquenta por cento* dele

acha que estamos a ter um romance ilícito.

Olhamos os dois para os pés.

– Então, para onde é que queres ir? – pergunta ele. – Outra vez para a mesa ou para a porta da saída?

– Mesa – inclino a cabeça em direção à porta aberta da casa de banho. – Dá-me só um minuto.

– Eu deixava a casa de banho respirar um minuto – diz ele. – Aquele tipo tinha cara de quem deixou mau ambiente.



Paro a nossa empregada quando atravesso o restaurante a caminho da esplanada.

– Pode colocar as entradas na minha conta? – peço.

– Gostava de poder. – Ela lança as mãos ao ar, num sinal de rendição. – O senhor mais velho já pagou tudo.

– A sério? – digo. – Tem a certeza?

– Ele foi inflexível, que a conta não podia chegar à mesa – responde ela.

Agradeço-lhe e volto ao meu lugar, ligeiramente aturdida. Assim que acabo de me afundar na cadeira, uma multidão de empregados sai em fila pela porta das traseiras do restaurante, em direção à esplanada, com um bolo de chocolate com um *sparkler*.

– Feliz aniversário atrasado, querida – diz o meu pai, mesmo antes de o pessoal começar a cantar.

– Obrigada, pai – digo, com o som a ser engolido pelo coro de vozes.

– De nada – murmura ele, a apertar-me o braço. Mas parece aliviado, ou talvez feliz.

Como se a minha felicidade o tivesse deixado feliz. E, de repente, os meus olhos estão a latejar e o calor está a acumular-se no fundo do meu nariz. Foco-me nas faíscas azuis e douradas que saem do bolo, para não me ir abaixo.



Depois da sobremesa, descemos as escadas da esplanada em direção à praia. O Miles trouxe toalhas numa mochila e estendemo-las, à espera que o céu escureça, com as estrelas a começarem a espreitar. Na água, alguém decidiu disparar fogo de artifício a partir do barco.

Um zumbido, um arquejo, um suspiro, percorre o pessoal que está na

praia. Uma série de luzes explodem numa dança de brilho roxo. Seguem-se mais duas explosões, uma de cada lado, cor-de-rosa e dourada.

As crianças guincham e gritam e correm aos círculos à volta dos adultos, com os gelados a derreter e a escorrer pelos pulsos abaixo. O meu pai e a Starfire metem conversa com um casal mais ou menos da mesma idade que está perto de nós, e a Julia está deitada no chão, a tirar *selfies* com um peludo cão de montanha dos Pirenéus esparramado na areia. Mesmo com o cheiro do fogo de artifício ainda no ar, consigo sentir ao meu lado o aroma a gengibre do Miles.

– Foi uma boa noite? – pergunta ele, com uma nova onda de fogo a iluminar-lhe a cara com verdes e laranjas.

– Uma noite ótima. – Ele sorri e olha para a frente, com as costas da mão a acariciar a minha. O meu coração parece uma prenda desembulhada e o corpo descontrai.

Pela primeira vez, permito-me imaginar isto a durar.

Tudo isto.

O meu pai e a Starfire. A Ashleigh e a Julia. Waning Bay.

O Miles.

Podia ser feliz aqui. Podia pertencer.



Tenciono dar as boas noites ao meu pai e à Starfire no nosso apartamento e mandá-los embora. Depois cometo o erro de pesquisar o motel deles no Google.

– Pai! – digo. – Isto fica a quarenta minutos e as primeiras *três* avaliações falam em percevejos.

– Pelos vistos, tudo o que fica mais perto da água é reservado com um ano de antecedência – diz-me ele.

Faço *scroll*. As avaliações que *não* falam em percevejos estão focadas nas baratas. E outra queixa-se de o quarto não ter cama.

– Apenas uma mancha de ferrugem onde a cama devia ter estado – leio-lhes em voz alta.

– Tenho a certeza de que se nos derem um quarto sem cama nos deixam ficar de graça – avança a Starfire.

Lanço ao Miles um olhar desesperado.

– Alguém quer água? – exclama ele. – Daphne... podes ajudar?

Vamos até à cozinha, a ignorar os protestos deles, de que estão bem, de que já passaram horas desde que beberam vinho e que deviam pôr-se a caminho, *etc*.

Enquanto o Miles tira os copos do armário, diz muito baixinho:

– O que é que queres fazer?

– Não os podemos deixar ficar naquele sítio – murmuro de volta.

– Podemos – diz ele. – Mas não temos de o fazer. Tu é que sabes.

– Que alternativa é que temos? – digo.

– Podia deixá-los usar o colchão de ar e eu fico no sofá? – diz a Julia, pregando-me um susto quando entra na cozinha. – Não vieram «buscar água», afinal?

– Estou a tratar disso – diz o Miles, e depois continua, mais baixo: – Só estamos a tentar resolver o que é que vamos fazer. Não me parece que possamos pedir a dois sexagenários para dormirem num colchão de ar.

– Eu fico no sofá, a Julia fica com o insuflável e eles ficam no meu quarto – digo.

– Não, que parvoíce – diz ele. – Eles podem ficar com o meu quarto e eu fico no sofá.

– Como é que isso é menos parvo? – digo. – Eles são meus pais. Ou... meu pai e a minha... Starfire.

– De certeza que não te importas? – pergunta ele.

– Por esta noite – digo. – Amanhã podemos procurar um hotel que esteja menos...

– Infestado? – conclui a Julia.

– Isso – concordo.

– Se tens a certeza – diz o Miles.

Nos últimos meses não tenho tido grandes certezas.

– Acho que sim – digo.



Enquanto o Miles aproveita a sua vez de ir à casa de banho, eu instalo o meu pai e a Starfire no meu quarto, com roupa de cama lavada.

– Muito obrigada, miúda – diz o Pai. – Ficávamos bem no motel.

– Pois, mas assim não levam percevejos para a família da Starfire – digo.

Ele dá-me um abraço de boa-noite e um beijo estranho no cocuruto da cabeça e, quando nos separamos, a Starfire está à espera, de braços bem abertos, a revelar a sua camisa de noite azul-bebé.

– Boa noite, Starfire – digo, e aceito o abraço apertado.

– Boa noite, querida – diz ela. – E se quiseres podes chamar-me *mãe*.

– Oh, isso... Vou ficar por Starfire, mas espero que durmam bem!

Fecho a porta atrás de mim à saída. A Julia está a meio de puxar o colchão de ar em direção ao quarto do Miles e eu apresso-me a ajudar.

Concordámos que fazia mais sentido ela ficar lá, porque se deixássemos o colchão de encher na sala de estar, eu nunca conseguiria sair do sofá sem passar por cima dela.

Dado o número de vezes que posso ir fazer chichi durante a noite, parecia pouco prático.

Desenrolamos o colchão de ar amarfanhado à frente do roupeiro do Miles e enquanto ela põe a bomba a funcionar, trago da sala a trouxa dos lençóis dela.

– Obrigada por aceites isto – digo-lhe, quando ela desliga a bomba e começamos a fazer a cama.

– Sem problema – diz ela. – Sinceramente, estou a ver isto como um sinal de que está na hora de voltar a Chicago e ir buscar o resto das minhas coisas e o carro.

– Voltaste a falar sobre isso com o Miles? – digo.

– O que é que há para falar? – diz ela.

Hesito.

– Aconteceu alguma coisa em Chicago?

Ela atira-se para cima do colchão e puxa o lençol até ao queixo, com uma expressão fria.

– Podes desligar o candeeiro quando saíres?

– Claro – digo. – Dorme bem.

Na sala de estar escura, começo a construir um ninho no sofá. A porta da casa de banho range e sou atingida por feixes de luz. O Miles sai lá de dentro envolto numa nuvem de vapor, com o cabelo molhado, e as pequenas manchas de água em volta do decote da *t-shirt* com o camelo faz com que o tecido se cole a ele de uma forma vagamente sugestiva.

– Podia tê-la feito eu – sussurra ele na minha direção.

Volto a entalar os lençóis.

– Porque é que haverias de fazer a minha cama?

– Porque não é a tua cama, é a minha – diz ele.

– Quem é que disse? – solto.

– Disse a pessoa que é dona do sofá – diz ele.

Paro o que estou a fazer e encaro-o. A luz da casa de banho lambe-lhe o lado direito do rosto enquanto as sombras cobrem o esquerdo.

– Fica com a minha cama – diz ele.

Agarro numa almofada e amasso-a.

– Fazias-me um grande favor – diz ele. – Eu e a Julia nunca partilhámos um quarto na vida e, tanto quanto sei, ela canta a dormir.

Ele tira-me a almofada das mãos e aproxima-se.

– Daphne – diz ele – podes, por favor, fazer-me o favor de dormires na minha cama?

Todas as minhas terminações nervosas vibram. Eu sei que ele não queria que soasse como soou.

Por isso, respondo de forma muito natural.

– A Starfire disse-me que eu podia tratá-la por *mãe*.

O Miles engasga-se com uma gargalhada.

– Faz-te sentir melhor ou pior que ela me tenha dito a mesma coisa?

– Faz-me sentir vontade de lhe comprar um dicionário – digo.

Ele engole o riso.

Quando se acalma, tudo o que resta é esta atração entre nós, que nos faz sentir unidos.

Através das paredes, o meu pai tosse, com o cheiro distante do charro a

espalhar-se por baixo da porta, e o feitiço quebra-se.

Um manto invisível levanta-se à nossa volta. A realidade instala-se.

– Dorme bem – digo-lhe.

Ele estende um braço e faz-me um gesto em direção ao quarto dele.

– Tu também.

E eu vou.

Sonho com fogo de artifício, com mãos frias, a aspereza de um queixo, o sabor do gengibre e o cheiro da madeira fumada.



Depois do trabalho, na sexta-feira, encontro-me com o meu pai e a Starfire numa cervejaria de que o Miles nos falou.

A Ashleigh está a recuperar da sua viagem a Sedona, a Julia apanhou o avião para Chicago nessa tarde, e o irmão dela já está a picar o ponto na Cherry Hill, por isso somos só nós os três. Fico agradecida por o Miles ter recomendado um sítio com um jogo de Jenga gigantesco e um campo de bocha no terraço, para termos alguma coisa para fazer além de olharmos uns para os outros.

Eles contam-me sobre o dia que passaram a explorar as dunas, para o qual a Starfire escolheu um vestido comprido transparente e com um padrão dramático, que a faz parecer uma das *Real Housewives* a passar férias numa ilha deserta.

Mostra-me cerca de duzentas fotografias de areia antes de o meu pai dirigir suavemente a conversa para o *meu* dia.

– Foi o costume – digo. – Tivemos uma troca de *puzzles* esta manhã. Um dos utilizadores apareceu com um *puzzle* personalizado que tinha feito com as fotografias do trigésimo aniversário e outro tentou sair com três *puzzles* de *A Guerra das Estrelas* dentro da gabardine.

– Parecem ser uns grandes cromos – diz o meu pai, enquanto atira a sua última bola de bocha pela areia.

– A biblioteca é, tipo, a melhor amostra da humanidade – digo-lhe. – Conhece-se todo o tipo de pessoas interessantes.

– E eu a pensar que fazias isso pelos livros grátis – brinca o meu pai.

Fico surpreendida por tudo isto parecer tão natural. É tão agradável imaginar *esta* versão do meu pai a ficar por cá. A que faz perguntas sobre o meu trabalho, e que não só aparece no meu aniversário, como se lembra de pedir à empregada para trazer um bolo com um *sparkler*.

E sim, a atenção forçada de desconhecidos pagos para me cantar os parabéns, está muito além de qualquer prenda que alguma vez tenha querido, mas parece-me o tipo de coisa que os pais normais fazem. Os pais presentes, que medem os filhos nas ombreiras das portas e que os ensinam a andar de

bicicleta e os levam ao hospital.

Ele ainda é, também, o pai que eu sempre conheci, que conseguiu hoje, nas dunas, «dar de caras» com alguém que é dono de um hotel na Ilha Mackinac e criar laços com ele por causa de um amor comum pelos Grateful Dead, ao ponto de o hoteleiro ter dado ao meu pai o número de telefone e prometido arranjar-lhe a ele e à Starfire quartos gratuitos sempre que eles quisessem.

Mas ele também está a perguntar:

– Qual é a coisa que mais gostas de fazer na biblioteca?

E está a ouvir com interesse enquanto lhe conto sobre a Maratona de Leitura, os patrocínios que arranjei, e da felicidade do Harvey com os donativos em dinheiro que o Miles me ajudou a angariar.

– A tua paixão! – diz a Starfire com a mão sobre o coração. – Tal e qual o teu pai!

E ele aperta-lhe a mão enquanto diz:

– Não, ela é muito melhor que o velhote dela. Ela sempre teve *direção*.

Não percebo bem porquê, porque é que o orgulho dele em mim é importante. Mas é. Importante.

Depois do jantar, ele sugere irmos visitar o Miles à Cherry Hill, por isso, deixamos o carro na cervejaria, para o apanharmos mais tarde, e vamos de táxi para a península.

A adega está cheia de gente.

O Miles acena-nos de detrás do bar, mas está demasiado ocupado para vir falar connosco. Murmura alguma coisa para a Katya, que nos faz sinal do fundo do bar e nos entrega uma garrafa aberta e três copos.

– Oferta da casa – grita, sobre o barulho.

Levamos a nossa garrafa e os copos até às mesas circulares dispostas no relvado, onde o céu está a ficar arroxado nos cantos, enquanto o sol se aguenta durante um pouco mais.

Varro o relvado com o olhar.

– Não há mesas vazias.

– As cadeiras também fazem mal à saúde – responde a Starfire. Uma afirmação estranha, mas dita com confiança. Ela descalça as sandálias deslumbrantes e senta-se no chão. Eu e o meu pai imitamo-la. A sentarmos, não a tirar os sapatos, mas a relva está tão incrivelmente fresca que não a recrimino por querer senti-la entre os dedos dos pés.

O meu pai serve o vinho, passa-nos o nosso copo e, dali, observamos as cores derreterem no céu.

– Consigo imaginar-nos a viver aqui, Star – diz o meu pai, e ela suspira.

– Eu também. Devíamos perguntar à Karen o que é que ela acha.

– Karen? – digo.

– A nossa vidente – diz a Starfire.

– A que te falou sobre o *Titanic*? – verifico.

Ela assente.

– Foi por isso que ficámos tão surpreendidos acerca de ti e do Miles. A Karen disse-nos que tu e o Miles iam aproximar-se. Ela nunca se enganou antes.

Não sei bem como é que a Starfire confirmou que a vida passada dela era, de facto, um filme oscarizado, mas não insisto.

Mesmo quando o relvado se começa a esvaziar e as mesas vão ficando disponíveis e o céu fica escuro, continuamos meio reclinados na relva, a observar as luzes acender, a ouvir os morcegos que de vez em quando passam a voar.

Quando o turno do Miles acaba, ele traz-nos uma garrafa de tinto que sobrou e serve-nos um pouco a cada um.

O meu pai sugere um brinde.

– Aos nossos simpáticos anfitriões.

A Starfire acrescenta:

– À minha nova bela família.

Sinto remorsos.

Ou culpa? Como se estivesse a trair a minha mãe por deixar o meu pai voltar a aproximar-se.

Ou talvez seja só medo. De estar a fazer aquilo que jurei que nunca faria: criar espaço no meu coração para alguém em quem a experiência me ensinou a não confiar.

As pessoas mudam, penso.

Eu *posso* mudar.

O meu pai pode.

O Miles muda de posição na relva, ao meu lado, e o joelho dele toca no meu com uma pergunta.

Estás aí? Estás bem?

Posso estar.

Posso estar aqui, no momento, em vez de estar à procura de fumo, preparada para fugir.

Ergo o meu copo em direcção ao círculo que formámos.

– À família.



Sábado, 3 de agosto

14 dias até à Maratona de Leitura

Acontecem duas coisas no sábado de manhã.

Primeiro, a Ashleigh liga a dizer que está doente e o Landon tem de a substituir. Segundo, aproxima-se uma tempestade, o que leva toda a gente em Waning Bay a correr para casa e, pelos vistos, a maioria da multidão de crianças com menos de oito anos a abrigar-se na biblioteca.

Ando numa correria até ser altura de começar a reunir os materiais para a Hora do Conto e, nesse momento, as portas automáticas abrem, permitindo a entrada do som de um trovão distante e de uma saraivada de chuva horizontal, juntamente com o Miles Nowak.

Ele para no tapete do lado de dentro, para abanar o cabelo molhado, como um cão a sacudir-se depois do banho, e eu reprimo um sorriso profundamente encantado.

No entanto, quando ele olha para cima e me apanha a olhar para ele, não retribui o sorriso. O meu desaparece quando ele se aproxima e pousa um copo no meu balcão.

– Trouxe-te chá.

– Obrigada.

Consigo perceber que ele está à espera, por isso, dou um gole e o doce e as especiarias percorrem-me desde a parte de trás da língua até à base da coluna.

– Delicioso – confirmo. – Vieste aqui de propósito para me trazeres isto?

Ele esboça só um sorriso.

– Vim aqui de propósito para ouvir uma história.

Inclino-me ao lado dele, na expectativa de também ver uma Starfire revestida a penas de avestruz e o meu pai de *smoking*.

O Miles olha para as mãos abertas sobre o balcão e aclara a garganta.

– Pois. Então.

– Eles não vêm – digo. – Pois não?

Ele inspira devagar. Cresce-me um nó no estômago. Faço o possível para o desatar.

Não tem importância. Quando muito, é um alívio. Sempre me senti desconfortável ao ser *observada* por pessoal que não era da biblioteca durante a Hora do Conto. Assim, posso acabar o dia de trabalho em paz e ir ter com o meu pai e a Starfire ao bar que tem lançamento de machados e com o qual ela estava tão entusiasmada.

O Miles ainda está a olhar para mim como se eu fosse um cachorro cuja pata ele pisou acidentalmente.

– Tudo bem – asseguro-lhe. – Vou ler um livro em voz alta para uns miúdos. Não me vou estrear na Broadway.

– Não, eu sei, é que... – O olhar dele desvia-se por cima do meu ombro e depois volta a mim. – Deves ter de te preparar, não é?

Pela forma como ele o diz, consigo *sentir* o espaço onde paira alguma coisa *por dizer*.

O meu coração dispara.

– O que é?

– Nada – diz ele. – Pode esperar.

– Estás a assustar-me – digo.

– Não é isso que estou a tentar fazer – diz ele.

– Mas é isso que estás a fazer – digo. – Diz-me logo o que se passa, ou não me vou conseguir concentrar.

Ele afasta-se do balcão, com as mãos agarradas à extremidade e suspira.

– Não pensei bem nisto.

– *Miles*.

– Foram-se embora, Daphne.

– Embora – digo. – Quem?

– Os teus pais – diz ele. – O teu pai e a Starfire. Receberam um convite de última hora para visitarem uns amigos em Mackinac.

Deito uma olhadela ao meu telemóvel. Está sobre o balcão, virado para cima. Não há novas mensagens. Nenhuma explicação.

Claro que não há. Nunca há. A explicação está implícita: apareceu uma coisa melhor.

Não há razão nenhuma para eu ficar surpreendida. Tenho todos os motivos para não sentir nada. Era o que eu devia ter esperado sempre.

Convite de última hora, disse o Miles.

Para visitarem uns amigos a Mackinac.

Com certeza o «amigo» que fez ontem. Um tipo qualquer com um hotel e que gosta dos Grateful Dead. Pelo menos, é o que me parece, se tiver de deitar a adivinhar. E tenho. Porque o meu pai não me disse nada.

O Miles murmura.

– Ele deixou-te um recado.

Viro o meu telemóvel para baixo e desato à procura dos livros da Hora do Conto entre a confusão, mas as minhas mãos estão desastradas, como se o meu cérebro tivesse acabado de aprender a usá-las.

– Eu disse-lhe para telefonar – diz o Miles.

Encontro os livros, com uma pontada de alívio por haver alguma coisa sólida que consigo agarrar.

– Não é o estilo dele.

O Miles estica-se sobre o balcão e agarra-me o pulso com uma mão, roçando o polegar sobre as minhas veias.

– Desculpa. Eu devia ter esperado para te contar.

Não consigo evitar um esgar trocista.

– Não, a sério, Miles. É melhor eu saber já.

Caso contrário, ia estar à espera que ele aparecesse.

À espera, à espera, à espera.

– É melhor ires trabalhar – digo.

Não quero que ele me veja assim.

Quero ficar sozinha com a minha vergonha e a minha mágoa.

Acabou por ser relativamente fácil abrir mão do Peter, aceitar as ações dele como prova da verdade: que a nossa relação, a nossa vida em conjunto, os sentimentos dele por mim, nunca foram exatamente aquilo que eu pensava.

E deixei de o desejar quando aceitei isto, porque como é que podia sentir a falta de uma pessoa que não existia?

Então, porque é que não consigo fazer a mesma coisa com o meu pai? Porque é que não deixo de sentir falta do pai que nunca tive?

Porque é que tenho esta dor constante no coração?

Eu *sabia* que ele não ia mudar. Mas parte de mim continuava a ter esperança de que *eu* tivesse mudado o suficiente para ele não me conseguir magoar, ou para que esta nova interação comigo fosse merecedora de ele querer ficar por perto.

Que eu tivesse corrigido aquilo que está tão estragado dentro de mim, que me torna impossível de amar.

Aclaro a garganta.

– Vai trabalhar, Miles. Eu estou bem.

Bem.

Bem.

Bem.

Podes ficar bem.

Os dedos dele libertam-me. Ele recua.

– Eu disse que não ia. Eu pensei que tu...

A voz dele vai-se sumindo.

– Não preciso que tomes conta de mim – disparo, e depois tento suavizar a voz. – Acredita em mim. Isto não é nada de novo. Vai, por favor.

Ele observa-me durante um bocado. Depois afasta-se, com os braços a deslizar sobre o balcão.

– Tudo bem. Eu vou.

E desaparece.

Pelo menos, desta vez, fui eu a dizer adeus primeiro.



Quando chego a casa, o Miles está no quarto ao telefone, com a voz cheia de frustração, quase frágil.

– Não quero saber – diz ele. – Não devias ter feito isso.

A voz dele transforma-se num murmúrio inaudível e, depois, fica em silêncio. Só percebo que fiquei parada no corredor, a ouvir, quando a porta do quarto dele se abre e sou apanhada.

Ele para de repente.

Dói-me o peito quando o vejo, tão desganhado, tão desajeitado, tão familiar. Quero esconder-me dele e quero que ele me abrace. Quero desculpar-me pelo que aconteceu mais cedo e quero nunca mais falar sobre isso outra vez.

– Oi. – É tudo o que consigo.

– Oi – diz ele.

O ar está pesado.

– Ainda não quero falar – digo.

Ele assente.

– Nem sequer quero pensar – continuo. O que é que há para pensar? O meu pai é exatamente a mesma pessoa de sempre e eu também sou quem sempre fui.

Durante apenas uma noite, gostaria de fingir. Gostaria de ser outra pessoa. Não a certinha, nem a danificada, nem a que é abandonada.

Não a que fica à espera, nem a que fica agarrada ao recado do meu pai, como se fosse um velho mapa do tesouro e, se eu conseguir decifrar as anotações esbatidas, tudo passasse a fazer sentido.

Engulo em seco.

– Levas-me a algum lado?

As sobrancelhas do Miles erguem-se com surpresa.

– Onde é que queres ir?

Engulo em seco.

– A qualquer sítio... onde nunca tenha estado.

Um sítio que não me lembre do Peter nem do meu pai, nem de qualquer

outro momento em que não estive à altura.

– Se estás ocupado... – digo.

O Miles interrompe-me.

– Vou buscar as chaves.

Durante os primeiros minutos no carro, ele leva à letra o meu pedido para não falar.

Quebro o silêncio primeiro, com a voz grave.

– Desculpa ter sido desagradável. Foi muito simpático da tua parte teres alterado a tua noite para tentar fazer-me sentir melhor.

Num semáforo vermelho ele olha para mim. Inspira e depois fecha a boca, como quem acabou por decidir não dizer nada.

– O que foi? – pergunto.

– Nada – mente.

– Vá lá – insisto. – Diz-me.

– É que... – Ele abana a cabeça. – Tu partes sempre do princípio de que estou a ser muito altruísta. Como se nunca te ocorresse que eu posso *querer* estar contigo. Portanto, quando me rejeitas, eu tento perceber se é porque não sentes o mesmo, ou se é porque *tu* achas que me estás a fazer algum favor. E nunca consigo perceber.

Parece que o meu coração foi esfolado. Tenho a garganta apertada. Não sei o que dizer.

Alguém apita atrás de nós e os olhos do Miles voltam para a estrada. O semáforo está verde. Ele avança.



Paramos, com uma curva da estrada a ocultar-nos, e floresta a ladear-nos à esquerda e à direita.

– Onde é que estamos?

Ele abre a porta.

– Num sítio novo.

Salto para fora e tento abrir o mapa no telemóvel. Não tenho rede.

– Por aqui.

O Miles leva-me pelo bosque, pelo chão de areia e caruma. É um percurso longo, pelo menos meia hora, antes de as árvores darem lugar a uma água azul-esverdeada que se estende para lá do que consigo observar, com uma linha fina de azul mais escuro onde o céu se encontra com a água, no horizonte.

O sol está baixo e incrivelmente forte. Viro a cabeça para o vento, para procurar a margem. À distância, uma silhueta de rochas entra na água e bloqueia a vista sobre esta enseada. Árvores irregulares saem contorcidas da rocha, com ângulos extravagantes, todas brancas como a areia.

– Uau – respiro.

O Miles murmura em concordância.

Viro-me para o outro lado, com o olhar a seguir a praia até as árvores curvarem e taparem a vista do que quer que exista também para a nossa direita.

Ninguém. Só nós e alguns pedaços de madeira trazida pela corrente e esbranquiçada pelo passar do tempo.

– Esta – diz ele. – É a minha praia favorita.

Toco na minha clavícula. Tenho um nó na garganta. O vento agita-lhe o cabelo, a barba está novamente espessa e a luz que lhe bate nos olhos fá-los brilhar.

O meu coração *esbraceja*, como se estivesse a tentar manter-se à tona da água. Como se eu me pudesse afogar só de olhar para ele.

Desvio o olhar e começo a dirigir-me para o brilho da água.

Desaperto os botões da minha camisa, descalço os sapatos e tiro as calças, deixando tudo para trás na areia húmida.

Entro na água, à espera de ter frio, mas depois de a tempestade desta manhã ter passado, o dia ficou quente e deixou o lago morno. A maré embala-me os tornozelos. Quero enfiar-me toda dentro de água, mas há aqui um banco de areia, portanto, desato a correr, com a água a retardar o meu progresso e as minhas coxas a arder.

O Miles está de pé junto à linha da água, a proteger os olhos da luz.

– Vens? – grito sobre o rugido da água.

Vejo-o a rir, mas não o consigo ouvir e sinto-me *roubada* desse som.

Ele tira a *t-shirt* e os calções e dirige-se para mim com passos fáceis e preguiçosos.

Acelera quando está mais próximo, com a água a salpicar-me as coxas e a barriga quando ele me agarra pela cintura e me levanta do chão. Guincho com um riso de surpresa e ele carrega-me mais para dentro, com os meus braços agarrados aos dele.

– Não me deixes cair – digo, com a voz a sumir-se sob o bater das ondas.

Ele balança-me para dentro dos braços e passa a carregar-me ao colo, em vez de simplesmente me empurrar.

– Nunca – diz ele.

A cada passo, a água salpica-nos e, depois, já é suficientemente profunda para me cobrir as pernas, escorrendo pelos braços do Miles até à minha barriga. Ele para e embala-me para a frente e para trás, com os meus dedos dos pés a percorrerem a superfície quente.

Fecho os olhos e todas as sensações se amplificam: os raios de sol que me aquecem a cara, os braços do Miles sob as minhas costas e os joelhos, a forma como a respiração lhe empurra a barriga contra o meu lado sempre que inspira, o guinchar das gaivotas à distância, grãos de areia nos meus pés, e uma sensação de completa segurança.

Como estar na barriga da mãe. Como estar deitada numa manta, no

quintal da nossa antiga casa, aquela que partilhámos com o meu pai, num dia de verão, com cócegas quando um bicho-de-conta me sobe pela barriga da perna. Como estar enfiada na biblioteca sem ninguém por perto e uma boa seleção de livros.

Abro os olhos e, agora, o simples facto de o ver, aquele cabelo despenteado, o rosto com sardas do sol, aquela barba desgrenhada e aqueles olhos cor de chocolate, provoca-me uma sensação que me percorre as veias, mil ondas de mil barcos com o Miles ao leme, todos a dirigirem-se ao meu coração.

– Obrigada por me trazeres aqui – murmuro.

Os olhos dele repousam suavemente em mim.

– Já te disse que não o fiz para ser simpático.



Voltamos para casa com as janelas do carro abertas, o cheiro dos pinheiros no ar e o vento a uivar.

Num semáforo vermelho, o olhar do Miles percorre o interior do carro e pousa a mão sobre a minha, no assento. O meu coração bate como as asas de um colibri no fundo da minha garganta. Viro a palma da mão para cima e deixo os dedos dele entrelaçarem-se com os meus.

Mantemo-nos agarrados um ao outro durante todo o caminho de regresso, pelo passeio diante do edifício e pelas escadas acima.

Ele abre a porta, puxa-me para dentro do apartamento escuro e empurra-me contra a porta.

A nossa respiração está acelerada. O meu coração está aos pulos no peito.

Estamos mesmo à beira do precipício para o qual nos temos dirigido durante todo o verão e eu ainda estou a tentar dissuadir-me quando ele me beija.

Um beijo forte e ofegante, que me rouba a força das pernas. Um beijo que destrói qualquer réstia de força de vontade. As minhas mãos sobem-lhe pelo pescoço, até ao cabelo ainda húmido, e as ancas dele encaixam nas minhas, com meses de desejo a rodopiar num turbilhão entre nós.

O beijo aprofunda-se, a língua dele na minha boca, os dentes dele no meu lábio, o grunhido dele a descer pela minha garganta até se aninhar no meu baixo-ventre. A mão dele desliza pelo meu peito, para me sentir sobre a camisa molhada, e eu perco a paciência.

Procuro os botões das calças dele. Ele ajuda-me a desapertá-los. Puxo-lhe a *t-shirt*. Ele faz o mesmo com a minha camisa e ficam as duas no chão. Voltamos a colar-nos um ao outro e avançamos para a cozinha. Ele recua-me até à bancada, com as mãos fortes a contornar-me para me abrir o sutiã, despi-lo e, depois, prender-me as ancas contra a bancada enquanto olha para mim.

– Linda – diz, com voz rouca.

Puxo-o para mim, arquejo quando sinto o peito dele contra o meu. Ele levanta-me, pousa-me sobre a bancada e aproxima-se. Os nossos corpos movem-se, impacientes, a tentar encontrar todos os milímetros possíveis de fricção, as minhas coxas enroladas contra as ancas dele.

Beijá-lo é tão diferente, agora que o conheço. Agora compreendo que o Miles despreocupado e descontraído que conheci ao início é apenas a sua camada superior, que a sua forma indiferente de se apresentar ao mundo é um produto do seu autocontrolo, mas que, sob a superfície, ele *deseja*.

A última fatia de *cheesecake*.

O último gole de vinho.

O abraço fresco do lago.

Ser beijado.

Ser abraçado.

Ser protegido.

Ele quer tudo, até as coisas que nunca se permitiu pedir ou não se permite ter.

As mãos dele sobem pela minha nuca e acabam no meu cabelo enquanto o nosso beijo se intensifica.

Todas as sensações na minha barriga fazem-me sentir leve, como que cheia de hélio. Os nossos dentes chocam. Um riso, dele ou meu, e depois o beijo aprofunda-se. As minhas mãos nas costas dele, as minhas unhas a arranhar-lhe os ombros e a provocar-lhe pele de galinha.

Adoro o toque da pele dele, como é seca devido à exposição aos elementos, e o cheiro da adega nunca desaparece completamente.

Quero que ele saiba que eu a adoro, por isso digo-lhe, num sussurro mesmo por baixo da orelha e ele esfrega-se contra o meu pescoço, deixa a mão descer sobre o meu peito, e aperta-se contra mim até eu quase não conseguir respirar.

Depois, baixa-se entre os meus joelhos, com as mãos a acariciar-me levemente as pernas, a boca quente e pesada sobre o meu baixo-ventre, a minha anca e, depois, com os olhos cravados nos meus, entre as minhas coxas. Inclino-me para trás apoiada nas palmas das mãos, com a respiração a acelerar, quando ele afasta a minha roupa interior, pressiona a boca contra mim, e murmura o meu nome num tom grave que provoca a contração de todo o meu corpo. Empurro as ancas contra ele e as suas mãos guiam os meus movimentos até eu sentir que não consigo respirar, nem consigo ver, como se o meu coração pudesse explodir dentro do peito se eu não puder ter mais dele.

– Preservativos? – murmuro.

Os olhos dele procuram os meus, escuros e graves.

– Queres?

Eu sei o que ele quer dizer: não é *Queres usar um preservativo?*, mas sim um *Queres fazer alguma coisa que exige um preservativo?*, e quase me rio, porque não consigo imaginar ser mais óbvia acerca daquilo que quero.

– Quero – digo, – desde que tu também queiras.

Ele endireita-se, a apertar-me a nunca.

– Fica aqui.

Quando regressa, atira uma série deles para cima da bancada e puxa-me para si num beijo violento e sedento, ao mesmo tempo que nos debatemos com as calças um do outro. Tiro-lhas primeiro e envolvo-o com a mão. A cabeça dele cai sobre o meu ombro e os músculos começam a ficar tensos de uma forma que me entusiasma. Empurro-o suavemente pelo ombro e os nossos olhos encontram-se quando deslizo para fora da bancada e me ajoelho à sua frente.

– Não precisas de fazer isso – murmura ele.

– Eu quero – digo-lhe. E faço-o, como nunca antes. A mão dele esvoaça pelo meu cabelo quando o enfio na boca e sai-lhe um som irregular da garganta. Move-se comigo e as minhas mãos sobem-lhe pelas coxas até às ancas, a guiá-lo.

– Daphne – diz ele rapidamente, a abanar a cabeça. – Para.

O que é bom, porque ouvi-lo assim tão excitado está a tornar muito difícil continuar. Ele volta a puxar-me para cima, as nossas bocas fundem-se enquanto as mãos dele navegam por mim, me tiram as calças e a seguir a roupa interior. É a primeira vez que estamos completamente nus juntos e é excitante e aterrorizante e sensual ter os braços dele à minha volta, as nossas coxas entrelaçadas, e sentir a pulsação dele em tantos sítios diferentes quando ele se inclina para me depositar um beijo no trapézio, depois outro na têmpora, e depois, por fim, um beijo suave nos lábios.

Durante vários segundos, somos meigos e delicados, mas rapidamente o desejo toma conta de nós. Vira-me pelas ancas, empurra-me contra a bancada e enfia-se entre as minhas coxas, a provocar-me até eu estar praticamente a gritar e a empurrar-me contra ele, a implorar.

Ouçõ o rasgar da embalagem e encosto-me a ele, ansiosa. Segundos mais tarde, *finalmente*, ele entra devagar em mim e eu grito, com a pele das costas toda arrepiada, quando as mãos dele me empurram para baixo, param nas minhas ancas e me guiam febrilmente até ele. Passa-me uma mão pela cintura, que depois se aninha entre as minhas coxas enquanto nos movemos juntos.

A extremidade da bancada crava-se na minha cintura. As pontas dos dedos dele deslizam para as minhas ancas.

– *Mais* – digo. O suficiente não chega.

Ele sai de mim o tempo suficiente para me virar. Estamos em pé. Escalamos o corpo um do outro durante uns segundos estonteantes e

desesperados e, de repente, estamos no chão da cozinha e ele está a morder-me e eu a lambê-lo e as minhas coxas estão crespadas em volta da cintura dele e a nossa pele escorregadia com o suor, enquanto as ancas dele embatem nas minhas. Tal como eu queria. Tal como eu desejava.

Percebo que disse isto em voz alta quando ele responde.

– Não fazes ideia do quanto eu desejava que isto acontecesse, Daphne. Do quanto precisei de ti.

– *Miles* – imploro. Parece que não é só o meu corpo que está prestes a desmoronar, é como se o meu coração estivesse a rebentar pelas costuras e é uma sensação aterradora de vulnerabilidade abrir-me assim diante dele, estar tão total e inesperadamente à sua mercê.

As mãos dele sobem para me acariciar o rosto e os nossos corpos mantêm o ritmo do movimento.

– Eu sei – sussurra ele – eu estou aqui.

Então, deixo-me ir. Deixo cair todas as barreiras, desfazer todos os nós, e ele morde-me o ombro quando estremece dentro de mim também.

As ondas de prazer provocam um turbilhão no meu interior, o som da nossa respiração enche-me os ouvidos e a luz dança por detrás das minhas pálpebras.

As ondas recuam, mas os nossos corações ainda batem forte. Ele desliza para fora de mim e puxa-me em conchinha contra o peito, enquanto recuperamos o fôlego.

Pouso um braço sobre os olhos quando uma onda ridícula de riso toma conta de mim.

– Daphne – diz o Miles. A voz dele soa como um alarme. – O que é que se passa?

Desvia-me o braço para me poder ver os olhos.

– Nada – deixo escapar.

– Então, porque é que estás a rir? – diz ele, na dúvida.

Nem eu percebo bem a minha reação.

– Porque estou feliz, suponho.

O sorriso dele rasga-se. Inclina-se para me beijar, numa carícia suave dos lábios que permanece. Também estou a sorrir e os nossos dentes tocam-se ligeiramente. Afasta-me o cabelo suado da testa.

– És fantástica – diz ele baixinho, o que me faz rir outra vez. Lança-me um sorriso ensonado, de soslaio. – Que graça é que isso tem?

– Até parece que fiz acrobacias – digo.

– Podes ter feito – diz ele. – Eu desmaiei durante alguns segundos ali pelo meio.

Viro a cara para o peito dele, a rir. A mão dele desce-me pela coluna e volta a subir, repousando na minha nuca, debaixo do cabelo suado.

– Desmaiei mesmo – diz ele.

– Acho que eu também – admito.

– Porque é que foi assim? – diz ele, o que me faz rir ainda mais, com um

zumbido de emoção que me percorre os membros descontraídos.

– Não sei – digo.

Há um longo silêncio, durante o qual a mão dele passeia vagarosamente pelo meu cabelo e as nossas respirações se sincronizam. Depois ele pergunta:

– Tens fome?

Por alguma razão, isto faz com que o meu coração quase rebente de alegria.

– Estou esfomeada.



Tomo um duche rápido e visto o pijama enquanto o Miles começa a fazer panquecas de banana com pepitas de chocolate. Quando estou pronta, assumo a cozinha enquanto ele também se passa por água e depois volta só com umas calças de fato de treino vestidas e um chupão que não me recordo de lhe ter provocado.

– Oh, meu Deus. Desculpa – digo, a tocar no local do crime no pescoço dele.

– Não peças. – Tira-me a espátula com uma mão e afasta-me o cabelo do pescoço com a outra. – Vais andar a usar gola alta durante semanas.

Vira as últimas panquecas para dentro dos pratos e comemo-las ali, de pé. Depois, ele empurra o prato vazio sobre a bancada.

– Já queres falar sobre isso? – pergunta.

– Falar sobre o quê? – digo.

– Sobre o parvalhão do teu pai – responde.

– Talvez não tenhas reparado – digo – mas aquele parvalhão é, basicamente, adorado por toda a gente.

– Por desconhecidos – diz o Miles. – Por pessoas que não o conhecem nem precisam de nada dele. Desculpa lá se não fico impressionado com isso.

– É normal que não fiques – digo. – Porque toda a gente gosta logo de ti também. Eu é que sou aquela que as pessoas não querem por perto.

Ele abana a cabeça com o sobrolho carregado.

– Sabes com que frequência é que fazes isso?

– O quê? – pergunto.

– Agir como se a minha opinião não te interessasse – diz ele.

Fico boquiaberta.

– Claro que interessa.

– Tudo o que eu digo – responde ele – é do tipo: *Oh, claro que dizes isso, Miles, és tão simpático*. Ou, *Não entendes porque tu és tu*. Ou, a minha nova favorita, *Tu és como o parvalhão do meu pai*.

– Não foi isso que eu quis dizer – digo. – De *todo*.

– Dizes que ninguém te quer – responde ele. – Então e eu?

– O que é que tem?

– Eu querer-te não conta? – pergunta ele, com as sobranceiras unidas.
Uma onda violenta de calor, uma série delas, uma atrás da outra.

Eu querer-te.

Eu querer-te.

Eu querer-te.

– Conta – digo. Aterroriza-me o quanto conta. Coloco o prato de lado.

– Então e tu?

– Eu? – diz ele.

– Eu ouvi o teu telefonema – confesso.

Ele fica calado, pensativo, durante vários segundos.

– Era o meu pai.

Estremeço.

– O teu *pai*?

– Ele tem tentado ligar-me sem parar – diz ele – de números que eu *não* bloqueei. Para me dizer para a *Julia* lhe telefonar.

Estou embaçada.

– Não compreendo.

– Pelos vistos, eles têm mantido o contacto – diz ele. – O que suponho que ela não me tenha contado porque sabia que me ia deixar em stresse, à espera de ele a lizar outra vez. Que foi o que fez. Ele descobriu onde é que a Jules trabalhava, porque ela ainda o deixa segui-la nas redes sociais, coisa de que eu já a tinha avisado, e ele contou à nossa mãe. Ela apareceu no restaurante. Chateou a Julia ao ponto de ela ter tido de sair dali. Foi despedida, bloqueou o meu pai e enfiou-se num avião para aqui, não necessariamente por esta ordem, e agora ele está a perseguir-me a *mim* para tentar que *ela* o perdoe.

– Oh, meu Deus, Miles – digo. – Isso é horrível.

– Desculpa. – Ele esfrega a cana do nariz.

– Porquê? – pergunto.

Ele encolhe os ombros.

– Não quero atirar isto para cima de ti.

– Não o estás a atirar para cima de mim – prometo.

– Estou habituado a manter as coisas separadas. E, contigo, não é nada assim. És a minha colega de casa e a minha melhor amiga e a mulher com quem acabei de dormir.

Ardem-me os olhos. Pestanejo para tentar afastar a sensação.

Ele está a olhar para mim como se estivesse a tentar sacar-me alguma coisa.

– Daphne?

– Tu também és o meu melhor amigo. – Sai-me como um murmúrio rouco. – Por isso é que hoje foi tão difícil, quando o meu pai se foi embora.

A minha garganta enrola-se, a minha voz treme.

– Porque *tu* viste isso. E isso faz-me sentir patética. Ainda mais porque a verdade é que, se ele se arrependesse e voltasse para trás, eu ia ficar

encantada. Ia perdoá-lo vezes sem conta, só na esperança de, um dia, eu significar alguma coisa para ele. Eu telefonaria e *imploraria* que ele voltasse se achasse que havia alguma hipótese de ele dizer que sim. Mas não o posso fazer, porque sei que ele não voltaria. E não quero ouvir isso. Não quero que ele prove que eu...

Estou a tentar encontrar palavras *alternativas*.

Porque dizê-las dá-me a sensação de que estou a codificar a verdade para a tornar realidade.

É doloroso conseguir que elas passem pelo nó que tenho na garganta, mas mantê-las cá dentro durante todos estes anos não me fez sentir melhor, não as tornou menos verdade, não parou a hemorragia nem adormeceu a dor.

– Que eu não valho a pena.

– Ei. – Os braços do Miles envolvem-me e o calor dele e o aroma picante do gengibre inundam-me.

– Parte de mim está apenas à espera – solto – do momento em que tu também vais ver aquilo que afasta as outras pessoas. E eu não quero que isso aconteça. Eu não quero que tu deixes de me querer por perto. Acho que me partiria o coração ser alguém de quem tu não gostas.

– Merda, Daphne. – As mãos dele agarram-me o rosto. – Tu queres saber porque é que o teu pai nunca fica muito tempo?

As lágrimas picam-me o fundo do nariz, mas eu abano a cabeça. É a pergunta que nunca consegui parar de fazer, por mais que isso doesse.

– Porque tu o vês como ele é – diz o Miles. – E ele não aguenta isso. E o Peter é a mesma coisa com uma roupa diferente, tão aborrecido consigo mesmo que se convenceu que estar com alguém como a Petra o vai transformar numa pessoa diferente sem, tipo, ter de ser suficientemente corajoso para tentar tomar ácido.

– Ele sentia-se aborrecido *comigo*, Miles – digo.

– Se tivesse a ver contigo – diz ele – ele podia ter acabado. Em vez disso, ele deu cabo da vida dele. Isso tem a ver com *ele*. Eu já fui assim, dezenas de vezes, com uma dezena de pessoas que não merecia. É fácil sermos amados por quem nunca nos viu fazer asneira. Pelas pessoas a quem nunca tivemos de pedir desculpa e que ainda acham que todas as nossas «peculiaridades» são adoráveis. É fácil estarmos com pessoas que não nos conhecem. Mas assim que alguém começa a compreender-nos, assim que não conseguimos ser *perfeitos*, é mais fácil seguir em frente. Encontrar outra pessoa nova com quem sermos o tipo *fixe, divertido e descontraído*.

– Então é isso? – a minha voz fraqueja. – Eu faço as pessoas sentirem-se no seu pior.

– *Não*, Daphne. – Ele puxa-me contra si, com a cara enterrada no meu pescoço. – Não é nada disso. – Quando me volta a encarar, tem o maxilar tenso. – Olha, eu sempre *quis* ser uma pessoa divertida e fácil de lidar, sem bagagem, até mesmo com a Petra. Mas, passado um bocado, ou alguém te vê como és, ou não vê, e em ambos os casos é péssimo. Porque se te veem, e não

era isso que eles esperavam, então vão-se embora. E se eles nunca te veem... é ainda pior. Porque te sentes sozinho. E eu amava a Petra – diz ele – mas bem lá no fundo eu sabia que assim que as coisas deixassem de ser divertidas, ela desaparecia. E desapareceu. Encontrou outra coisa *mais* romântica, *mais* perfeita, simplesmente *mais*. Acho que és a primeira pessoa que me vê de facto. Para lá daquilo que eu quero que as pessoas vejam. Tu fazes as pessoas com quem te preocupas sentirem... – Ele faz uma pausa. – Que as queres na sua totalidade. Não apenas as partes boas. E isso é aterrador para alguém que passou a vida toda a evitar essas outras partes de si mesmo.

– Eu não *quero* assustar as pessoas – digo, com a garganta a doer.

Ele abana a cabeça.

– Vale a pena o susto, acredita. Tu vales a pena.

Ele beija a palma da minha mão. O calor acende-se na minha barriga. Acumula-se entre nós. Estar simplesmente aqui de pé, na cozinha, com ele, está entre os três momentos mais eróticos da minha vida.

Ergo o rosto e ele roça o nariz contra o meu.

– Tu vales a pena, Daphne – diz ele, com a mão suavemente no meu queixo e os olhos fechados.

– Miles – sussurro.

– Hum?

– Eu quero mesmo – digo. – Quero todas as partes de ti.

Os olhos dele abrem-se, derretidos, quentes.

– Ainda bem – diz. – Elas também te querem a ti.

Depois beija-me. É perfeito.

Não, melhor que perfeito. São todas as partes dele ao mesmo tempo.

– No meu quarto ou no teu? – pergunto-lhe.

– No teu – diz ele. – Primeiro, no teu.

Domingo, 4 de agosto

13 dias até à Maratona de Leitura

Durmo até tarde no domingo e, quando acordo, o Miles ainda está na minha cama, com um braço sobre mim.

Espreguiço os membros cansados, em todas as direções, e ele agita-se. Sorri, com um olho aberto, solta um:

– Oi.

Sinto o coração embriagado.

– Oi.

Ele aninha-se mais perto, com o rosto na minha barriga.

– Que horas são?

– Meio dia – digo.

– Bolas – levanta a cara para olhar para mim. – Tens fome?

– Desde que te conheci – digo, – sempre.



Passamos o dia num ambiente de sonho. Bebemos o nosso chá e café no tapete à frente da janela aberta, com o sol no rosto. Quando terminamos, fazemos novas doses e voltamos ao mesmo.

Para almoçar, caminhamos pela rua até uma loja de sanduíches e comemos num banco de jardim junto à ciclovia. Parece tudo impossivelmente normal e fácil entre nós.

Vamos à gelataria favorita do Miles, servimo-nos de gelado coberto com pedaços de chocolate e comemo-los enquanto passeamos até à *pick-up* dele. Conduzimos até ao mercado dos produtores e compramos aquilo de que necessitamos para fazer nachos de couve-flor. Ou melhor, aquilo de que *ele* necessita, porque eu não faço ideia do que estou a fazer, e sigo apenas as instruções enquanto uma canção muito triste, mas linda, do Glen Campbell, toca na coluna *bluetooth*, com as janelas ainda abertas e uma brisa a entrar pelo apartamento.

Depois de comermos, ele puxa-me para o colo dele na mesa da cozinha e beija-me sem qualquer pressa, como se tivéssemos todo o tempo do mundo.

E parece real. Como se o mundo não existisse, nem o tempo passasse.

– Queres dormir cá esta noite? – brinca ele, a roçar o nariz contra o meu.

– Estou convidada? – pergunto.

– É um convite aberto – diz ele. – Sempre que quiseses.

No quarto dele, enroscamo-nos nos lençóis com aroma a madeira fumada, com as mãos no cabelo e unhas a explorar a pele. Quando ele finalmente entra em mim, solto um acidental «uau», uma reação ao sexo que me é nova e que espero que o faça rir.

O Miles assente apenas, em concordância, enfia uma mão debaixo do meu pescoço e volta a beijar-me, com um carinho de levar às lágrimas.

Depois, fico um bocado preocupada por poder mesmo chorar, o que também é uma nova experiência, mas tenho o coração mesmo à flor da pele.

Como se estivesse finalmente a cair em mim acerca deste dia, ou dos últimos quatro meses, ou de talvez ainda mais tempo. Décadas a sentir que lutava contra o mundo e agora já não encontro essa sensação, a camada entre mim e todas as outras pessoas, e é aterrador e libertador e intenso.

Mexemo-nos devagar, intensamente, e sempre que um de nós está lá quase, viramo-nos. Reencaixamo-nos. Encontramos novas formas de nos abraçarmos, de nos movermos juntos. Deitados de lado, com ele atrás de mim, os braços enrolados na minha anca e a mão enfiada entre as minhas coxas, ele murmura o meu nome, como se fosse uma exclamação, o som que fazemos depois de um gole de vinho perfeito.

Eu sabia que estar assim com ele seria bom, e divertido, e talvez até engraçado, mas estou surpreendida com a forma como o meu peito continua a apertar-se. Até parece que os meus *sentimentos* têm demasiado peso e que a minha caixa torácica pode quebrar debaixo deles. Continuo a controlar-me sempre que as palavras afloram aos meus lábios: *amo-te*.

É demasiado cedo. É demasiado complicado. É a primeira vez que não quero estar em mais nenhum lado a não ser neste momento, sem pensar em tudo o que isto significa ou onde nos pode levar, e ele torna isso muito fácil, este homem com luz natural.

O Miles beija-me o ombro, o pescoço, o maxilar, quando a intensidade se acumula. Ele nota quando começo a perder o controlo, a mexer-me mais depressa. Agarra-me com força nas ancas e prende-me para me encontrar com força e bem fundo, e eu nunca senti nada parecido antes.

Como se não houvesse limites entre nós, como se ele estivesse na minha mente, no meu coração e na minha alma. E eu quero mantê-lo ali, embora saiba que este momento não pode durar.

Estamos a atingir o auge e, quando isso acontecer, vamos voltar à realidade, cada um aos seus corpos.

Mas, neste momento, ele é completamente meu e eu dele.



Durante a noite, levanto-me para ir fazer chichi e, quando regresso, o Miles está esticado no meio da cama, com o braço estendido, como se estivesse à minha procura durante o sono.

Vê-lo ali assim, iluminado pela Lua, mergulha-me numa onda de ternura.

Percorro o quarto gelado nas pontas dos pés e enfio-me na cama o mais graciosamente que consigo, mas mesmo assim ele desperta o suficiente para envolver com sonolência a minha cintura e puxar-me para o abraço quente do seu corpo.

– Desapareceste – murmura.

– Já voltei – sussurro.

Com um «hum» baixo e sonolento, beija-me o ombro e volta a adormecer.



Segunda-feira, 5 de agosto

12 dias até à Maratona de Leitura

De manhã, não acordo o Miles.

Por mais que gostasse de passar a manhã na marmelada, estivemos acordados até tarde e, de qualquer forma, vou vê-lo quando ele me for buscar ao trabalho. Mandou mensagem à Katya na noite passada, para ver se ela queria fazer o turno dele e ela tinha respondido claro que não mas preciso do dinheiro por isso aceito, portanto, decidimos jantar e ir até algum parque ver o céu escuro.

Enquanto me estou a vestir, encontro o recado do meu pai em cima da cómoda. Quando era mais nova, teria lido a nota vezes sem conta, à procura de provas de que ele me amava, ou de pistas sobre aquilo que tinha feito para o afastar. Hoje, deito-a apenas para o lixo quando estou a sair de casa.

Sinto-me como a Bela no início de *A Bela e o Monstro*, a caminhar por aí com um sorriso de meter nojo, a cumprimentar toda a gente como se fosse o primeiro dia do resto da minha vida. Seria menos óbvio se estivesse a usar um cartaz a dizer *Tive sexo fantástico*.

Paro na Fika para ir buscar chá e pedir também o galão da Ashleigh. Quando o Jonah mo entrega, sou atingida por um pensamento, como se ecoasse um gongo pelos meus ossos.

A Ashleigh.

Era suposto ir pintar com a Ashleigh.

Ao sair pela porta abro a minha agenda e procuro o aniversário dela.

Só que eu nunca adicionei o aniversário da Ashleigh à minha agenda. Há semanas que quase não adiciono nada, como se o meu quadro branco tivesse caído no esquecimento.

Sinto um murro no estômago. Era no sábado passado, tenho a certeza.

Ela ligou a dizer que estava doente, lembro-me agora, o que me provoca outro aperto na barriga. Ela estava doente no aniversário dela e eu nem sequer liguei para saber como ela estava.

Como é que me pude esquecer dela? Como é que pude deixar isto acontecer?

Vou praticamente a correr durante o resto do caminho até ao trabalho e chego lá no momento em que a Ashleigh está a trancar o carro.

Quando corro para ela, há qualquer coisa que lhe passa pelo rosto, demasiado rápido para eu conseguir ler, e o meu coração fica apertado quando o rosto dela assume um ar inexpressivo.

Paro, sem fôlego.

– Olá.

Quando ela não diz nada, entrego-lhe o café. Ela olha para ele, com a mão apertada em volta da alça da mala durante um segundo, antes de o aceitar com relutância.

– Desculpa – solto. – Por causa de sábado. Eu... o meu pai esteve cá e depois foi-se embora de repente e eu fiquei completamente distraída e o Miles e eu... meu Deus, lamento imenso.

Ela solta um grunhido e abana a cabeça.

– Sabes uma coisa – diz ela. – A ideia de fazermos alguma coisa no meu aniversário foi *tua*. Tu *insististe*. E, por estranho que pareça, até me deixaste entusiasmada com isso.

– Eu sei – digo. – Não devias ter estado doente em casa, sozinha, no dia dos teus anos. Eu percebo porque é que estás chateada comigo.

– Eu não estava doente – diz ela. – Tirei o dia de folga.

– Tu nunca tiras o dia de folga – replico.

– Foi por isso que o fiz no meu aniversário. Fiquei em casa e preparei-me para pintar o meu quarto num tom horroroso de cor-de-rosa só porque sim, e ver *Real Housewives* com a minha amiga.

Fico com a cara quente.

– Desculpa, Ashleigh. Porque é que não me ligaste?

– O quê, mais do que aquelas nove vezes? Chama-me antiquada, mas assim que atinjo os dois dígitos começo a sentir-me um bocado desesperada.

– Oh, meu Deus – resmungo. – A praia! Nós não tínhamos rede.

– Nós – diz ela.

Fico com um nó na garganta.

– Não consigo acreditar que me esqueci.

– Está tudo bem – diz ela.

– É óbvio que não está – digo. – É uma grande merda.

– A sério, Daphne, não te preocupes com isso – diz ela. – Eu sabia que

eras uma rapariga de *nós* e agora tens um *nós*. Como a internet gosta de dizer, quando alguém te diz quem é, acredita.

– Ashleigh – grito. – De que é que estás a *falar*?

– Do Miles – diz ela. – Foi por causa dele que me ignoraste, não foi?

Parece que o meu coração se está a rasgar ao meio, com uma força a puxar cada um dos lados.

– Não sou um *nós* com o Miles. Não somos... isso.

– Talvez não – diz ela. – Mas é óbvio que alguma coisa mudou enquanto estive em Sedona e, *seja o que for* que vocês estão a fazer agora, já não precisas de mim.

As palavras dela deitam-me abaixo.

Foi isso que eu fiz? É assim que eu sou?

Uma pessoa que trata as pessoas como planos B no caso de não aparecer nada melhor?

Sinto-me enojada.

Pior, estou prestes a chorar.

Tento aguentar, mas a minha voz desaba.

– Tens razão. Tratei-te como um plano B e isso é uma treta. Desculpa. Não é isso que tu és para mim.

O olhar dela fixa-se no chão.

– Olha, estou a tentar chegar a horas ao trabalho, por isso, se não te importares, vou...

– Sim – recuo. – Claro.

Ela afasta-se sem olhar para trás.

O meu coração parte-se um bocadinho e só me posso culpar a mim mesma.



Depois do trabalho, preparo a minha saída de modo a que a Ashleigh, que mal me dirigiu quatro palavras durante o dia todo, não saia na mesma altura que eu.

O Miles ainda não chegou, por isso, ando de um lado para o outro no passeio, a tentar queimar o cortisol que me inundou o sistema.

Após algum tempo, vou-me sentar num banco aquecido pelo sol e tento ler. É a primeira vez que não me consigo refugiar num livro. A minha mente continua a regressar à Ashleigh.

Uma parte de mim só quer o conforto do abraço do Miles e tudo o resto está temporariamente eliminado. Mas, por outro lado, foi assim que cheguei a este ponto.

Deixei-me ser absorvida, outra vez.

Ainda assim, vou-me sentir melhor quando ele aqui chegar. Vou

encontrar uma forma de fazer as pazes com a Ashleigh, para provar que não sou aquela pessoa. Não vou deixar-me ser assim.

Verifico as horas. Atrasado vinte minutos e nem uma palavra. Com a frequência com que o Miles se esquece do telemóvel ou deixa acabar a bateria, não é uma grande surpresa.

Agarro no meu computador e viro-o para proteger o monitor do sol. Anda estou ligada ao *wi-fi* da biblioteca, por isso, abro a lista de afazeres da Maratona de Leitura e continuo a trabalhar.

O parque de estacionamento esvazia-se. As luzes da rua acendem-se quando o sol começa devagarinho a mergulhar no horizonte.

Passaram quarenta minutos e tenho um buraco no estômago.

Fecho o computador e telefono ao Miles, a tentar não o imaginar inconsciente numa vala, ao lado da estrada, ou em qualquer outro dos milhões de cenários muito piores.

A chamada vai direta para o *voice mail*.

Escrevo **está tudo bem?**, envio a mensagem, e depois começo a andar de um lado para o outro outra vez.

Estás a ser ridícula, digo a mim própria. *Ele está bem*.

Olho para o telefone.

Outra vez.

Outra vez.

Outra vez.

Nove vezes.

Finalmente, à décima, o meu telemóvel vibra. Quase o deixo cair com a ânsia de ver o que diz: **dia merdoso descontrolou se mas td bem aq tu**.

Suponho que queira dizer *está tudo bem aqui e tu?*

O que me leva à pergunta, *aqui* onde?

Ao princípio estou tão aliviada por ele estar vivo e bem, ou pelo menos raptado por alguém que envia mensagens como ele, que me sento, literalmente enquanto caminho, no relvado da biblioteca.

– Graças a Deus – digo em voz alta.

Mas depois, lentamente, percorre-me um novo sentimento.

É o Miles, relembro a mim mesma. Ele vai ter uma explicação.

Estou a resvalar para o fosso onde me encontrei centenas de vezes antes, à espera de alguém que sei no meu íntimo que não virá.

Mas durante a nossa amizade, o Miles nunca me deixou ficar mal.

As coisas que ele me disse na outra noite, acerca dos homens na minha vida não quererem ser vistos e fugirem assim que o são, volta a soar, como uma sirene, um alarme que eu não ouvi antes.

Não faz sentido. Há alguma coisa que me está a escapar.

Matraqueio outra mensagem: **achei que me vinhas buscar**.

O Miles escreve durante um segundo e depois para, sem enviar a mensagem.

Sinto o corpo a aquecer e a pele a esticar. De repente, preciso de me

mexer. Preciso de me afastar. Não consigo ficar aqui nem mais um segundo.

Agarro nas minhas coisas e começo a caminhar. Deixo o parque de estacionamento. O sol já se começou a pôr, mas vou conseguir regressar antes de estar escuro.

Só que a ideia de ir para casa deixa-me indisposta.

Num ataque passageiro de ambição iludida, agarro no telemóvel para pesquisar no *Google* ginásios de CrossFit. Talvez conseguisse queimar esta ansiedade toda a atirar pneus, ou qualquer coisa semelhante.

O Miles está a telefonar.

Tento responder, mas falho o último toque. Um carro apita e eu percebo que parei no meio de um cruzamento. Aceno um pedido de desculpas e corro para o passeio, a marcar o número dele.

Direto para o *voice mail*.

Ele deve estar a deixar-me mensagem. Enquanto caminho rápido, olho para o ecrã a cada par de segundos, à espera da notificação da mensagem. Em vez disso, recebo um alerta de SMS: *desculpa surgiu algo lamento muito*.

Três pedidos de desculpa depois, nada de explicação.

Por esta altura, sinto-me estúpida e um bocado zangada.

Inspiro profundamente.

Coisas acontecem. Não devemos nada um ao outro, digo a mim mesma. Não fizemos promessas.

Mas a verdade é que o Miles me fez sentir *muito* segura e agora sinto-me completamente descartada.

É isto que acontece, provoca-me uma voz na cabeça.

Quando cometemos sempre os mesmos erros, vezes sem conta.

Quando escolhemos as pessoas erradas em quem confiar e desiludimos as que valem a pena.

Quando deixamos entrar uma pessoa que *nos disse*, de todas as formas possíveis, que não devemos confiar nela.

Confia nas ações das pessoas, não nas palavras.

Não ames ninguém que não esteja preparado para te amar de volta.

Não esperes por pessoas que não se apressam para ir ter contigo.

De repente, sinto-me muito *cansada*. Exausta. Por mais que não queira ir para casa, não tenho mais sítio nenhum para onde ir.

Estou já a caminhar em direção ao apartamento quando o meu telefone volta a tocar.

O meu coração agita-se, com antecipação. Ele vai ter uma explicação, alguma coisa que dê sentido a isto tudo.

Só que não é ele a telefonar. É um número desconhecido.

Respondo, pelo sim, pelo não, a tentar soar fixe, calma, sob controlo, ou seja, diametralmente o oposto daquilo que sinto.

– Estou?

– Olá! – diz uma voz feminina cheia de energia. – Estou a falar com a Daphne Vincent?

– Hum – fungo e controlo a minha voz. – Quem fala?
– O meu nome é Anika. Estou a ligar da Ocean City Public Library.
Demoro uns três segundos a perceber o que ela está a dizer.
– Ficámos muito impressionados com o seu currículo – continua ela – e adorávamos combinar uma entrevista por videochamada.

Levo a mão à cabeça. O mundo continua a girar.

É disto que tenho estado à espera, a desejar.

– Estou? – diz ela.

– Desculpe – gaguejo. – Estou aqui.

– Estaria disponível para uma entrevista algures nas próximas duas semanas? – pergunta ela. – Partindo do princípio de que ainda está interessada.

Parece que estou a engolir um sapo.

– Claro que estou – forço-me a dizer.

Não sei sequer com que parte é que estou a concordar, se estou disponível ou se estou interessada.

Mas é a única resposta que pode fazer sentido, certo?

A rota de fuga de que tenho estado à espera, justamente quando o castelo de cartas está todo a desmoronar, e eu devia estar feliz, ou pelo menos aliviada, mas só consigo sentir um aperto no peito, como que mais uma perda de alguém, ou de alguma coisa, que nem sequer tinha ainda.

– Fantástico! – diz ela. – Pode enviar-nos a sua disponibilidade e depois combinamos alguma coisa?

Aclaro a garganta.

– Vou verificar a minha agenda assim que chegar a casa.

A *casa*. Ignoro a pontada no coração ao dizer a palavra.

É apenas um apartamento. Nunca foi meu.



Terça-feira, 6 de agosto

11 dias

O Miles não volta para casa nessa noite.

Sei, porque não durmo.

No entanto, não estou à espera dele. Estou a pensar na Ashleigh. A rever mentalmente as minhas desculpas. A questionar como é que fui capaz de lhe fazer exatamente a mesma coisa que mais detesto. Sempre me identifiquei com a minha mãe, mas, nesta situação, sei com quem é que as minhas ações se pareceram e não foi com a Holly Vincent.

Quero esconder-me em casa, faltar ao trabalho na terça-feira, mas tenho demasiadas coisas para fazer e não posso deixar a Ashleigh e o Harvey agarrados.

Portanto, chego uns bons vinte minutos antes da hora, depois de ter comprado um café na Fika, que me deixou aceleradíssima.

– Compraste-me um fato de três peças? – pergunta o Harvey quando atravessa o nevoeiro para me encontrar junto às portas da entrada trancadas. Faz sinal com a cabeça em direção à enorme caixa de papel que tenho nos braços.

– Pastéis de nata – explico. – Os tradicionais portugueses. Para o aniversário da Ashleigh.

Lembrei-me disto por volta das duas da manhã. Às quatro, encontrei uma pastelaria que os fazia, a quarenta minutos a sul daqui. Às cinco estava a caminho.

O Harvey olha para mim, preocupado.

– Sabes que a Ashleigh é persa, não portuguesa, certo?

– O quê? Eu sei – digo. – Só que ela disse que tinha uma fantasia de ir morar para Portugal, por isso...

Ele recua.

– O que é que há em Portugal?

– Pastéis de nata – digo. – E praias lindas, acho.

Ele encolhe os ombros e destranca as portas.

– Bem, fico feliz por te teres lembrado, porque eu esqueci-me dos *donuts* dela ontem em casa e os meus netos comeram-nos.

Lá dentro, pouso a caixa no lado dela do balcão de atendimento e, depois, dedico-me a atualizar os anúncios, para não estar ali quando ela chegar.

Conseguimos evitar-nos durante todo o dia, com a caixa de bolos a esvaziar-se gradualmente quando ela, o Harvey e mais uns quantos utilizadores habituais de quem ela gosta, os vão comendo.

Quando regresso do almoço, está sentada ao computador e deita uma olhadela na minha direção.

– Oi – digo timidamente.

– Olá – responde ela.

Sento-me e tento focar-me, apesar da horrível nuvem de constrangimento. Acabo por conseguir entrar no ritmo e, depois, chega o Landon para substituir a Ashleigh durante o turno da noite.

– Boa! Que delícia! – diz ele, com um auscultador já enfiado numa orelha e o outro a berrar à volta do pescoço, quando entra para trás do balcão.

– Foi a Daphne que trouxe – diz a Ashleigh, a agarrar nas suas coisas – para o meu aniversário.

– Algumas pessoas contribuíram – digo automaticamente.

– Ainda não sabes mesmo mentir – diz ela, sem levantar o olhar do computador.

– Posso comer um? – pergunta o Landon.

– Claro – diz ela. – Vou deixá-los para o pessoal da noite acabar. Senão, o Mulder come-os todos e transforma-se na Máscara quando for hora de se deitar.

O Landon inclina-se para escolher um dos pastéis de nata do meio.

– A Máscara?

– Miúdos novinhos... – A Ashleigh agarra na mala verde e olha para mim. – Obrigada. Por... o que quer que isto seja.

Não consigo perceber se ela foi apanhada desprevenida de uma forma boa ou se está apenas confusa. Talvez ela nem sequer se lembre da nossa conversa acerca de Portugal.

– O prazer foi todo meu – acrescento.

Ela assente, sem qualquer emoção visível, e depois puxa pela mala e vai-se embora.

Volto a ser recebida por um apartamento vazio.

Durante toda a minha vida, este momento e este sentimento têm sido constantes: fazer os trabalhos de casa numa mesa de cozinha enquanto a minha mãe está nas aulas noturnas, planejar programas no tapete enquanto o Peter vai beber com um cliente, ficar sentada nas bancadas, na escola, enquanto os pais dos outros miúdos os vêm buscar para ir para casa. O meu pai já a caminho de um banho de som, para o qual foi convidado por um empregado de caixa da Trader Joe.

Talvez esteja na altura de aceitar as coisas como são. Talvez certas pessoas estejam destinadas a ser criaturas solitárias. Talvez, por mais que tente, eu acabe sempre assim.

Largo a mala, descalço os sapatos e vou até à sala de jantar. O apartamento foi escrupulosamente limpo desde hoje de manhã.

A mesa de pequeno-almoço já não está coberta de publicidade e de copos de água e de sacos da farmácia. Agora só tem uma pequena caixa branca envolta numa fita dourada e, ao lado, um pedaço de papel. Numa letra extraordinariamente irregular: *Desculpa termo-nos desencontrado*.

Sou atingida por uma onda de *déjà vu*.

Foi fácil atirar o recado do meu pai para o lixo. Eu sabia exatamente o que esperar. Neste caso, não consigo evitar a esperança de que haja ali algo mais.

Afasto a fita, abro a caixa e começo a rir.

Chocolates.

Uma caixa de chocolates. É tão dececionante que chega a raiar o absurdo: *Desculpa termo-nos desencontrado, toma uns chocolates com leite condensado*.

Mas o mais engraçado é que eu fiz exatamente a mesma coisa à Ashleigh.

O riso histérico está prestes a transformar-se em choro quando, milagre dos milagres, o meu telefone toca com uma chamada do meu pai.

– Isto é uma piada? – pergunto ao universo e/ou ao apartamento vazio.

Não quero falar com ele.

Não quero falar com *ninguém*. Até rejeitei uma chamada da minha mãe a caminho de casa, por ainda não ter decidido se lhe vou contar, ou não, acerca do emprego em Maryland. Jurei a mim mesma não lhe criar expetativas, mas a verdade é que também não quero deixar as *minhas* ainda mais altas do que já estão.

Só preciso que a entrevista e a Maratona de Leitura corram bem e, depois, ver como é que as coisas ficam.

Deixo a chamada do meu pai ir para o *voice mail* e abro a minha lista de tarefas para a Maratona de Leitura. Desejosa de me distrair, verifico a lista de materiais de que ainda precisamos.

Depois começo a retirar as coisas do casamento que ainda restam dentro do roupeiro, tentando perceber o que é que consigo reutilizar para a angariação de fundos, como guardanapos, pratos e velas, e aquilo que devo simplesmente doar. O resto, o vestido e tudo o que é vendável, ainda está em casa da Ashleigh, mais um problema em que não consigo pensar neste momento.

Faço uma pausa curta, para encomendar o jantar e, depois, mergulho novamente na seleção e empacotamento, até ouvir uma batida na porta, o jantar para o qual não tenho apetite.

– Pode deixar aí ficar! – grito, com um salto e lanço-me pelo corredor. Procuro uma camisola que possa vestir por cima do meu sutiã desportivo. – Já paguei e dei gorjeta quando encomendei.

Não há resposta.

Depois, o som de uma garganta a ser aclarada.

– É o Peter.

Sinceramente, quase deixei sair um *Que Peter?*, enquanto agarro no casaco de malha pendurado no bengaleiro e o visto.

Depois, faz-se luz, como numa explosão.

O *Peter*.

Abro a porta, meio à espera de que não seja verdade. Não há hipótese nenhuma de o Peter Collins estar aqui, à minha porta.

Só que está.

– Olá, Daphne – diz ele, com um sorriso aflito. – Posso entrar?

– Hum...

– Só por um minuto – promete ele, com os olhos verdes brilhantes e as sobrancelhas franzidas daquela forma penitente, mas magoada, que costumava fazer-me os joelhos tremer. Não que ele tivesse grandes oportunidades para a usar.

O Peter sempre tinha sido de confiança. Eu sabia sempre onde é que ele estava, quando ia chegar. Entre as nossas agendas sincronizadas, a partilha das nossas localizações no telemóvel, o nosso horário rígido, o nosso acordo não verbal de enviar mensagens como *A sair agora do bar, até já* e *Fui à loja buscar leite enquanto estavas no duche*, não havia muito espaço para discussões.

Nunca tive de perguntar *Quando é que vens para casa?* E nunca tive de me preocupar que ele não viesse.

Até que, claro, não veio.

Estou demasiado em choque para discutir. Abro mais a porta e ele entra, a olhar à volta com um espanto abjecto, como se eu o estivesse a guiar para dentro de uma antiga pirâmide amaldiçoada e não para um pequeno apartamento decorado de forma eclética, dentro de um edifício reabilitado que

foi outrora um mercado de carne.

– Parece diferente – diz ele – da última vez que aqui estive.

Olho para ele por cima do ombro. Corajoso, a falar da última vez que aqui estive. Para ver a sua então-melhor-amiga-agora-noiva.

Faço um som evasivo e levo-o até à sala de estar.

Durante todo o tempo estou, de certa forma, a desejar começar a rir-me na cara dele, nunca lhe dirigir uma única palavra, e continuar a rir até ele dar à sola.

Faço um gesto em direção ao menos confortável dos nossos dois cadeirões e ele senta-se e espera que eu faça o mesmo. Não faço.

Os olhos dele percorrem o trilho de detritos do casamento.

– Ainda tens tanta coisa.

– Vou amanhã levar outra carrada de coisas para a loja de segunda-mão – minto.

Ele estremece. Eu fito-o.

Após vários segundos constrangedores, fala.

– Estás com ótimo aspeto, Daph.

Não estou nada.

– Estou muito atarefada, Peter.

Os cantos da boca dele contorcem-se. Vejo uma pergunta a formar-se-lhe nos lábios, mas abana a cabeça, aparentemente decidido a calar-se.

Passam mais alguns segundos incómodos. O olhar dele encontra o meu, não se desvia, arde.

Viro-me para dobrar algumas toalhas de mesa.

– Vou continuar a empacotar enquanto falas.

– Lamento muito, Daphne – diz ele.

– Sim, já me tinhas dito – digo.

– Não, quero dizer, *lamento* mesmo.

O cadeirão arranha o chão. Viro-me e vejo-o a marchar na minha direção. Ainda estou a segurar um pano de mesa cor de marfim quando ele me agarra nas mãos e as mantém entre nós.

– Lamento *tanto* – diz ele. – Fui estúpido e tacanho. Fui só atrás da adrenalina e, sinceramente... acho que estava com medo do compromisso. Ou do casamento.

Solto um meio riso.

– E, então, ficaste noivo de *outra* pessoa?

Ele abana a cabeça.

– Já não estamos juntos. Cancelámos tudo.

Durante um instante, fico sem palavras.

Parece quase que um terramoto de baixa escala acabou de passar pela sala.

– *Ela* cancelou – digo.

Ele bufa.

– Foi mútuo. Percebemos ambos como tínhamos sido estúpidos.

Sinceramente, acho que percebi ao fim de uma semana, mas já tinha armado uma confusão tão grande que achei que precisava de ir para a frente com as coisas.

O sangue sobe-me às orelhas e a voz dele some-se.

Sinto-me tonta. Tenho imensas sensações físicas, mas quase nenhuma emocionais.

– Então, sabias que era um erro – digo, a reunir os pensamentos – e ias... o quê? Casar com ela à mesma? Destruíste a minha vida e depois ias destruir a dela também? Por causa... por causa da merda do *orgulho*?

Ele fica de queixo caído e a mágoa inunda-lhe as feições. Nunca lhe falei assim. Está perto das coisas que gritei nos meus discursos imaginários mais sombrios, mas que não sabe bem dizer em voz alta.

Não sabe bem magoá-lo.

Porque, na realidade, neste momento, não me sinto magoada por ele.

Enganada? Sim. Magoada? Não. Ele já não tem esse poder.

Recuo.

– Desculpa, não quero ser má para ti.

Ele abana a cabeça.

– Eu mereço.

– Pois mereces – digo. – Mas, ainda assim, não te quero tratar dessa forma. Eu só... É difícil levar isto a sério. É difícil acreditar naquilo que estás a dizer agora, depois de todas as mentiras.

– Mentiras? – Ele franze o sobrolho. – Disse-te assim que aconteceu alguma coisa com a Petra. Eu sei que agi mal, mas nunca menti.

– Disseste-me que não havia nada entre vocês – digo. – Durante anos. Insististe que ela era totalmente errada para ti...

– E *era* – interrompe ele. – É aí que quero chegar.

–... e que nunca conseguirias estar com ela – continuo.

– Daphne, é isso que estou a dizer – contrapõe ele. – Não conseguia. Não consigo.

– E que nunca a tinhas visto dessa forma – termino.

– E não tinha – insiste ele. – Não realmente. Quando te disse isso tudo, foi a sério. Cada palavra. E, agora, eu *sei* que é verdade. Só que... estávamos a dirigir-nos a passos largos para o casamento, Daph. E eu passei-me. E a Petra também, porque sabia que a relação entre nós ia provavelmente mudar. Ficámos confusos. E eu sei que não faz sentido, porque eu estava preparado para *casar* contigo, por isso, a altura para esse tipo de confusão já devia ter sido muito antes. Não fazes ideia de como estou arrependido. Vou passar o resto da vida a compensar-te. A tentar voltar ao quão *perfeitos* nós éramos juntos.

– Peter, para – digo. – Nós não éramos perfeitos. Obviamente. Ou isto não teria acontecido.

– *Okay* – diz ele. – Talvez não fossemos. Mas *tu* eras. Tu eras perfeita para mim e eu desperdicei isso. Sinto falta da tua risada fofa e sinto falta de ir

visitar o Cooper e a Sadie contigo e de comer o *brunch* no Hearth e de irmos ao ginásio juntos e de jantar com a minha família. Meu Deus, Daphne, a minha *família*. Eles também têm saudades tuas. Eu estava tão iludido que achei que eles me iam apoiar com tudo isto da Petra. E os pais dela ficaram radiantes, mas os meus... eles conhecem-me muito bem. Eles souberam logo que foi um erro. Tu fazes parte da minha família, Daphne. Tu *pertences* comigo.

Enquanto ele está a falar, sinto o alerta daquele formigueiro no fundo do nariz, o calor nas faces. Estão a aparecer lágrimas e não as consigo evitar.

Encarando isto como um encorajamento, ele aproxima-se mais.

– Podemos recuperar a nossa vida – sussurra ele. – Não é tarde demais.

Não consigo evitar rir-me um bocado quando limpo os olhos com o pano de mesa.

É tarde demais.

A vida que ele está a descrever... não é a que eu quero.

De uma maneira geral, é a vida certa, mas é totalmente errada nos detalhes.

Um parceiro de confiança. Uma família. Bons amigos que viajam juntos e partilham *brunchs* bem regados e fazem festas de Halloween juntos. Um lar.

Mas eu não quero a casa demasiado grande do Peter, cujo empréstimo não tem o meu nome.

E não quero os amigos do Peter, que não querem saber de mim.

E, por mais que tenha sonhado fazer parte da família tão unida do Peter, agora sei que também nunca chorei à frente deles, nunca me queixei do trabalho nem me abri sobre a dificuldade que sinto em confiar em pessoas novas. Nem nunca disse sequer um palavrão diante deles. A perfeição deles não me tinha *atraído*, tinha-me intimidado. Passei toda a nossa relação numa *audição*, da mesma forma que me sinto sempre que estou com o meu pai, a rezar fazer o suficiente para me aguentar.

E não sei porque é que desperdicei todo esse tempo e energia, porque quando penso em família, nessa coisa por que sempre ansiei, nunca imagino um quadro do Norman Rockwell.

Sou eu e a minha mãe, no sofá, a comer cachorros-quentes de micro-ondas enquanto vemos televisão. É correr à noite da biblioteca para dentro do carro dela, com uma caixa gordurosa de piza do Little Caesars no lugar do passageiro, com ela a brincar *Achei que hoje devíamos jantar comida italiana*.

É ser puxada da janela da sala de estar, de onde via a neve a derreter, para fazer chocolate quente de pacote, e aquele último abraço apertado no final da fila do aeroporto, e carregar caixotes de cartão, sabendo que terei sempre aquilo de que preciso, por mais que deixe para trás.

A minha vida, há cinco meses, era a imagem da perfeição, mas não era a imagem que eu queria.

E não o quero a *ele*.

Já o superei completamente.

Se alguma parte de mim tinha dúvidas sobre se esta coisa com o Miles era apenas uma distração, uma relação de substituição, ou um ato de vingança, isso está completamente ultrapassado.

Porque mesmo agora, na minha infelicidade, nada em mim anseia pela oportunidade de voltar às coisas como elas eram antigamente.

– Desculpa, Peter – digo. – Não quero.

A voz dele estremece.

– Estás mesmo a falar a sério, Daph? Aceitas mesmo o fim das coisas?

– Aceito – sussurro.

Os cantos da boca dele dobram-se para baixo. Interrogo-me se ele estará a pensar no mesmo que eu, na ironia de ser esta a última palavra do nosso relacionamento.

Ele demora algum tempo, alguns abanares de cabeça e alguns pigarreios, para recuperar o controlo.

Depois, começa a caminhar para a porta. O meu gene de anfitriã entra em ação e sigo atrás dele, a escoltá-lo para fora da minha casa e da minha vida.

Ele abre a porta e sai para o corredor, mas não se afasta. Em vez disso, fica ali, talvez a pensar em rezar um Avé-Maria, ou em dizer um *vai à merda*.

Por fim, encara-me.

– Se precisares de algum sítio onde ficar, podes voltar para casa enquanto estás à procura. Eu fico no sofá.

Ele lê a inexpressão no meu rosto e eu vejo um lampejar de algo semelhante a presunção no seu quase sorriso.

– Eles vão reatar – diz ele. – Sabes disso, certo?

Fico a olhar para ele, determinada a não dizer nada, mesmo quando um buraco se abre no meu peito e tudo começa a desmoronar-se lá para dentro.

– Ele já passou o dia todo a ajudá-la a tirar as coisas lá de casa – diz ele.

– O quê? – Não é minha intenção dar-lhe essa satisfação, mas a coisa saiu-me. E ele aproveita, quase a sorrir.

– Ontem – diz ele. – Tipo, cinco minutos depois de termos terminado, ele estava lá a carregar as coisas dela. Achas mesmo que eles já não querem nada um com o outro, Daphne?

Encosto os cotovelos ao lado do corpo, para me impedir de tremer.

Para esconder que sinto um furacão dentro de mim. Não o olho calmo da tempestade, mas as suas ferozes extremidades, que destroem tudo o que tocam.

Ele está errado. Tem de estar.

Mesmo que não esteja, não importa.

Não é por isso que *não* vou voltar para o Peter, embora perceba agora que é isso que *ele* pensa.

Que eu nunca o rejeitaria a não ser que houvesse outra pessoa. Que eu preferiria sempre estar com *alguém* do que sozinha, mesmo que essa pessoa fosse completamente errada para mim.

Mesmo neste momento horrível, sinto um vislumbre de algo bom e luminoso.

Esperança, ou alívio, ou um bocadinho de alegria, o mais ínfimo lado bom de uma nuvem negra. Porque ele está errado.

Não quero fazer parte do *nós* errado. Prefiro estar sozinha, mesmo que isso agora doa.

Um dia, ficarei bem. Um dia.

– Adeus, Peter.

Fecho a porta.



Quarta-feira, 7 de agosto

10 dias

Devia ter verificado o tempo antes de sair para o trabalho na quarta-feira. Mas quando ouvi o Miles a andar pelo quarto dele, saí a correr pela porta fora.

Não tinha tempo, nem energia, para uma conversa séria.

Por isso, fui-me embora. Sem chaves do carro, nem casaco, nem chapéu de chuva.

Na biblioteca, as coisas estão um bocadinho menos *geladas* ente mim e a Ashleigh, mas a sua boa educação seca ainda me faz sentir pior. Voltámos completamente a ser apenas colegas.

E agora estou a caminho de casa, à chuva, embora ela me tenha *oferecido* boleia, porque não queria que ela se sentisse obrigada.

Paro num cruzamento e um *Jeep* descapotável faz-me sinais de luzes para eu atravessar.

Dirijo-me para o lado mais afastado da rua, conseguindo pisar três poças de água gordurosa no processo.

Quando estou a passar pelo carro, ele apita e eu salto, preparada para um qualquer piropo.

A janela abre-se e o condutor inclina-se sobre o banco do passageiro.

Uma cabeça despenteada com cabelo escuro. Um nariz arrebitado. Um rosto com barba que faz o meu coração sentir-se como se tivesse dado duas cambalhotas num trampolim.

– Pensei que podias precisar de boleia – diz o Miles.

Tudo em que consigo pensar é:

– Tens um carro novo?

– É uma longa história – murmura ele. – Conto-te a caminho de casa?

Não quero estar furiosa e devastada. Quero estar indiferente e digna. É duro estar neste momento com um cabelo que parece um ninho de ratos e rímel borrado até ao queixo.

– Podes levar-me até à Cherry Hill e eu depois apanho um táxi – digo, constrangida, enquanto entro. – Não há necessidade de chegares tarde ao trabalho.

Os meus dentes começam de imediato a bater por causa do ar condicionado. O Miles aumenta a temperatura e o vidro começa a enevoar nos cantos, onde os limpa para-brisas não chegam.

– Não vai encher logo – diz ele. – Não faz mal.

– Não vale a pena arranhares problemas – digo.

Num semáforo vermelho, ele olha para mim.

– Estava a tentar apanhar-te na biblioteca, mas houve um acidente na Tremaine.

Foco-me no mundo azul, verde e cinzento do lado de fora das janelas, mantendo-o a ele, sem perigo, na minha visão periférica.

– Obrigada à mesma.

– Daphne?

– Hum?

Ele encosta o carro.

– Podemos falar?

Os nossos olhos encontram-se timidamente. Desvio o olhar, com um aperto no estômago quando vislumbro o chalé verde-claro das casas mais abaixo, como uma piada cruel: *Achaste que podias ser diferente, querer alguma coisa diferente, mas tu és tu.*

– Daphne – diz ele baixinho. – Podes olhar para mim? Quero pedir-te desculpa.

– Porquê? – O meu olhar estremece.

– Tu sabes porquê – diz ele.

– Não sei – respondo. – Só sei que esperei durante uma hora por alguém que não apareceu. O resto, por que razão desapareceste durante vinte e quatro horas, só posso supor.

Uma suposição em grande parte devida ao Peter, da forma mais dolorosa possível.

– Portanto, se queres pedir desculpa por alguma coisa – digo, a tentar inclinar-me para a raiva, e afastar-me da dor – vais ter de me explicar o que foi, exatamente, que fizeste.

– Entrei em pânico – diz ele.

Aqui está.

Continuo a ser a mulher com demasiadas expetativas e o Miles, o tipo que entra em pânico quando essas lhe são dirigidas.

– Não tatuei o meu nome em ti enquanto estavas a dormir – digo.
– Sei disso – responde.
– Então, o que foi? – pergunto. – Mudaste de ideias e, em vez de me informar, decidiste abandonar o estado?

– Não saí do estado – diz ele. – Acordei e... surgiu uma coisa. Uma pessoa amiga precisou de ajuda e eu perdi a noção do tempo.

Surgiu uma coisa.

Uma pessoa amiga.

Uma coisa melhor. Alguém melhor.

Ele não está a admitir quem foi.

E não devia importar, da mesma forma que o que quer que o meu pai tenha escrito naquele recado também não faz diferença. O Miles dizer-me que me trocou pela Petra não vai mudar nada.

Mas eu quero que ele o diga. Quero pressionar o mais que posso todas as nódoas negras que tenho no coração, até que me mudem. Até aprender a deixar de dar cabo de tudo.

– Quem? – pergunto.

Ele esfrega a testa com a mão por cima do cabelo e abana a cabeça.

Era um favor que me fazia, acabava com as minhas dúvidas, colocava um ponto final nesta frase.

– Por favor – implorei.

Ele expira.

– A Petra.

Parte de mim, percebo agora, estava agarrada à possibilidade de o Peter estar mal informado ou mesmo a mentir. Eu não sabia que ainda tinha esta réstia de esperança e detesto-me por isso.

A minha garganta fecha-se e o meu peito aperta-se. Aceno com a cabeça. E volto a acenar e a acenar, enquanto penso em qualquer coisa para dizer.

– Ela só precisava da minha *pick-up* para transportar umas coisas – diz o Miles, com a voz desgastada. – E, como disse, acabei por ficar retido.

Retido. Haverá sempre uma Petra. Alguém mais interessante, alguém mais divertido, alguém que precisa de menos ou oferece mais.

– E depois abri a pestana – diz ele. – Percebi o erro que tinha cometido e vim-me embora. Troquei de carro com ela, para ela usar a *pick-up*, e tinha este *grande plano* para te compensar. Uma surpresa. Mas não consegui concretizá-la. Tentei e não consegui, então, vim para casa com esta caixa estúpida de chocolates e sei que é patético e não é o suficiente...

– Miles – fecho os olhos e esfrego-os enquanto organizo os pensamentos. – Não preciso de um melhor *presente de desculpas*. – As mãos caem-me no colo. – A culpa é minha.

Ele hesita.

– O quê? Não, não é.

– Fizeste exatamente aquilo de que eu devia estar à espera – digo.

Ele inclina-se para trás, como se eu o tivesse esbofetado.

– O que raio queres dizer com isso?

– Não estou a tentar magoar-te – digo, rapidamente. – Estou a dizer que estás livre.

– Livre para quê, Daphne? – questiona ele.

– Disseste-me que não te envolves em expetativas nem em obrigações – digo.

– Eu disse que elas me deixam em pânico – responde o Miles, a soar ligeiramente em pânico *agora* também.

Viro-me no banco, com os limpa para-brisas ainda a guinchar contra o vidro e a água a martelar no tejadilho.

– E entraste em pânico. Mesmo não querendo. E eu esperava *realmente* alguma coisa, embora tentasse não esperar.

– Ótimo! – Ele quase grita. – Espera alguma coisa! Queres prender-me? Prende-me. Eu assustei-me, Daphne, mas isso não significa que não te amo.

O estômago dói-me, o coração aperta-se. A minha pele passa de escaldante a húmida e fria, e aquela palavra aloja-se entre as minhas costelas como uma seta envenenada.

Preciso de a arrancar. Sei que a ferida vai sangrar quando a arrancar, mas não me importo.

– Não – gaguejo.

– Não? – O Miles dá uma gargalhada rouca. – Como é que isso é uma resposta àquilo que eu acabei de te dizer? Eu disse que te *amava*, Daphne.

– E eu estou a dizer-te *não*. – Desaperto o cinto de segurança com as mãos trémulas. – Não tens o direito de me dizer isso. Não tens o direito de desaparecer e depois aparecer e comprar-me chocolates e apanhar-me no trabalho e dizer-me que me amas...

– Mas eu amo-te – grita ele.

A minha respiração acelera.

– Não podes dizer isso assim, como se consertasse as coisas. Eu não precisava de um *amo-te* nem de uma caixa de chocolates, nem de qualquer *grande plano* para me compensares. Eu nem sequer *gosto* de surpresas! Nada disso importa quando tu não apareces para as pequenas coisas e, se me amasses, saberias isso.

Debato-me com o fecho da porta do carro e abro-a de repente.

– O que é que estás a fazer? – pergunta o Miles com a voz cada vez mais angustiada.

– Estou a sair – gaguejo.

– Porquê? – diz ele.

Já parou praticamente de chover. Mesmo que não tivesse parado, a tempestade não me teria impedido.

– Sabes qual foi a pior parte? – Forço-me a falar quando me viro para ele com as pernas trémulas. – Eu nem sequer fiquei preocupada quando saí do trabalho e tu não estavas lá. Não me preocupei durante a primeira hora. E, quando o fiz, preocupei-me *contigo*. Para saberes o quanto eu confiava em ti.

O quanto me sentia segura.

Os lábios dele entreabrem-se e todas as linhas do rosto dele relaxam.

– E então? – diz ele, com uma voz tão fraca que é quase um sussurro. – Isso já desapareceu?

A suavidade nos olhos e na voz dele fazem-me sentir o peito a rasgar. Não o quero magoar.

Só não quero também que ele me magoe.

Não me posso deixar absorver por isto.

– Há um emprego – solto – perto da minha mãe. Vou ter uma entrevista na próxima semana.

Fica outra vez boquiaberto, os olhos ainda mais escuros. Volta a juntar os lábios e engole em seco.

– Então é isso. Vais-te embora.

– Foi sempre esse o plano. – As palavras saem de mim agitadas. Acalmo-me para conseguir continuar. – Sabíamos que isto não ia funcionar. Por mais que seja divertido quando estamos juntos.

A expressão dele trespassa primeiro dor e depois aceitação.

– Entendido – diz, após um segundo.

As nuvens sobre nós estão a dissipar-se e as lágrimas estão a abrir caminho pela minha face.

– A tempestade acabou – sussurro. – Vou a pé daqui.

Ele volta a olhar para o volante e limpa rapidamente o canto do olho. O meu coração parece que se vai despedaçar.

Fecho a porta e viro as costas, a ouvir o motor a distanciar-se, incapaz de o observar a desaparecer.

Após um minuto, começo a caminhar. As cortinas do chalé de conto de fadas estão abertas e as janelas brilham.

Lá dentro, passam três pessoas. Uma mulher com um blazer, ligeiramente à frente de um jovem casal, de braço dado, a rir de alguma coisa que ela disse.

Uma agente imobiliária a vender a um casal a vida que eles poderiam aqui ter.

As noites passadas a ver *Ficheiros Secretos* no sofá que escolheram juntos, as manhãs a fazer torradas enquanto estão demasiado ensonados para falar, os filhos que vão fazer as primeiras cicatrizes no quintal das traseiras e praticar os instrumentos em alturas inconvenientes, e a forma como o aroma da vela preferida deles vai gradualmente imiscuir-se nas paredes, para que cada vez que regressam de uma viagem, exaustos, e largam as malas dentro de casa, consigam *cheirar* que estão onde pertencem.

Todos esses momentos ao longo dos dias, das semanas, dos meses, que não são marcados no calendário com estrelas desenhadas à mão nem pequenos autocolantes

São esses momentos que constituem uma vida.

Não os grandes gestos, mas os pormenores mundanos que, ao longo do

tempo, se acumulam até se ter um lar, em vez de uma casa.

As coisas importantes.

As coisas que não consigo deixar de desejar.

Só há um sítio onde esse sentimento existe para mim e apenas uma pessoa a quem pertenço.



– Querida? – a minha mãe responde logo. – O que se passa?

– Estás ocupada – digo.

– Não, não, espera um bocadinho. – As vozes esmorecem e, depois, desaparecem quando ela fecha uma porta.

– O que se passa?

– Mãe. Estás obviamente no meio de qualquer coisa – digo.

– Nunca estou demasiado ocupada para ti – diz ela. – Diz-me o que se passa.

Por onde é que começo?

– O meu pai veio-me visitar.

– Oh, merda – diz ela. – Era para isso que ele queria a tua morada? Pensei que ele ia só enviar alguma coisa.

– Também eu – digo. – Mas não, ele apareceu. – Deixo de lado a parte do *com a nova mulher*. Ele está fora da vida dela e ela prefere assim.

– Desculpa – diz ela – devia ter-te perguntado, mas ele só queria confirmar a morada. Se eu soubesse...

– Não, mãe, tudo bem – digo. – Eu teria dito que lha podias dar.

Ela hesita.

– Então, como é que correu?

– Foi ótimo – admito. – E depois horrível.

– Então, o costume – diz ela.

– Basicamente.

– Ele sempre foi ótimo, durante um bocado. – Ela suspira. – Lamento, querida. Eu sei que é uma porcaria.

– É mesmo. – Tenho lágrimas nos olhos. – É uma grande porcaria.

Ela continua, após uma pausa.

– Mereces um pai melhor. Quem me dera poder dar-te isso.

– E deste. – Limpo as lágrimas, mas a minha voz está mais chorosa do que nunca. – Tu sempre foste a minha mãe e o meu pai. E a minha melhor amiga. Tu sempre foste tudo para mim.

– Oh, querida – diz ela suavemente. – Amo-te mais do que todas as outras coisas deste planeta juntas. Mas nenhuma pessoa sozinha pode ser tudo aquilo que nós precisamos. Às vezes, nem sequer conseguia fazer um bom trabalho como tua mãe, quanto mais as outras coisas.

– Eras perfeita – digo. – Eras fantástica.
– Fantástica, talvez – diz ela. – Mas longe de perfeita. Sabes durante quantos recitais da escola é que eu adormeci?

Fungo.

– Não.

– Durante todos os que tiveste – responde.

Desato-me a rir.

– Isso é como adormecer ao som de quarenta e cinco gatos de rua com o cio.

– Não faço ideia! – diz ela. – Nos meus sonhos, a turma do quinto ano cantava maravilhosamente.

Sento-me no tapete, com a cara nas mãos, a tremer com o riso.

– Se o pudesse fazer outra vez – diz ela, após uns segundos – também não te teria mudado de casa tantas vezes.

– Fizeste o que tinhas de fazer – digo.

– Na altura, também achava que sim – diz ela. – Mas a verdade é que acho que podíamos as duas ter sido mais felizes com menos. E éramos, naquele primeiro apartamento, só nós as duas, lembras-te?

– Lembro, pois. – O meu peito transborda de calor. Aquele sítio tinha paredes finas e canos a pingar, mas a minha mãe fazia tudo parecer uma aventura. Éramos as crianças a acampar no Met, do livro *From the Mixed-up Files of Mrs. Basil E. Frankweiler*, ou as crianças protagonistas da coleção *The Boxcar Children*.

– Só que estava muito assustada, com medo de não conseguir fazer as coisas sozinha – continua. – E tomei muitas decisões com base no medo daquilo que podia correr mal, em vez de na esperança que tinha do que podia correr bem. Sempre que esse medo surgia, eu pegava em ti e fugia, em vez de enfrentar a possibilidade do desconforto. Nunca corri riscos.

– Eras realista – digo-lhe.

– Querida – ri-se. – Sou uma cínica. E um cínico é um romântico que tem demasiado medo de ter esperança.

Parece que me cravaram um prego no esterno.

– É isso que *eu* sou? – pergunto.

– Tu? – diz ela. – Tu, miúda, és quem decidires ser. Mas espero que mantenhas sempre parte daquela rapariga que ficava à janela, com esperança de que as coisas iam correr pelo melhor. A vida já é suficientemente curta sem nós nos convencermos a desistir da esperança e a tentar evitar todos os maus sentimentos. Às vezes, é preciso enfrentarmos o desconforto em vez de fugir.

Sei de imediato aquilo que preciso de fazer. Por mais que me apeteça fugir, esta é a minha confusão e tenho de a enfrentar.

– Obrigada, mãe – digo.

– O que é que eu fiz, exatamente? – pergunta ela.

– Estás aqui – digo. – Sempre que é importante, estás aqui. Quando crescer, quero ser como tu.

Ela ri-se.

– Oh, meu Deus, isso não. Sê tu própria. O melhor de ti. O *mais* de ti possível.

Quando desligo a chamada, envio logo uma mensagem ao Harvey: Achas que consegues convencer a Ashleigh a ir a uma noite improvisada de póquer da próxima vez que o Mulder estiver com o Duke?



Sexta-feira, 9 de agosto

8 dias

Na sexta-feira, a Ashleigh chega antes de mim ao trabalho.

Não levanta os olhos quando dou a volta ao balcão para ocupar o meu lugar, nem quando agarro no copo de papel com o logótipo da Fika que já está ao lado do meu rato.

De lado, alguém escreveu o nome da Ashleigh, mas conseguiu soletrá-lo de forma muito mais incorreta do que se tivesse simplesmente optado por *Ashley*.

Pelo canto do olho, apanha-me a cheirá-lo, e os seus lábios cor-de-rosa curvam-se.

– Não está envenenado, se é isso que estás a pensar.

– Estava mais a pensar em urina – brinco.

– Bem, depois de experimentares, diz-me se achas que tenho demasiado cardamomo na alimentação.

Cheiro outra vez e dou um gole. Perfeição agridoce.

– Obrigada.

Arrisco olhar na direção dela, mas tem os olhos colados ao monitor e as unhas martelam o teclado.

– Alguns de nós contribuíram – diz, inexpressiva.

– Agradece-lhes por mim – digo.

Ela não está preparada para mais conversa de chacha além daquela, pelos vistos, por isso, dedicamo-nos a trabalhar em silêncio, cada uma no seu

posto. Ainda assim, já é um avanço. De dentro do gabinete, o Harvey pisca-me o olho e faz-me sinal que sim com o polegar, confirmando que o plano da noite de póquer de amanhã está em andamento.



No sábado, espero duas horas depois do fim dos nossos turnos antes de introduzir a morada da Ashleigh no GPS.

Leva-me para norte da península e, depois, em direção à costa, com a última curva à direita a aproximar-se rapidamente.

Baixo a cabeça, para espreitar pela janela do lado do passageiro, e piso os travões quando uma brecha na vegetação me revela uma casa num plano mais baixo, escondida da estrada.

O carro atrás de mim apita, e eu faço pisca enquanto desacelero para a estrada de acesso. Faz uma curva para trás e para baixo, para uma elegante pseudo-mansão de meados do século passado.

Atrás dela, a baía brilha, com uma vista desimpedida, à exceção de alguns pinheiros.

Pensava que a Ashleigh nunca queria marcar nada em casa porque preferia manter a vida social separada da sua vida como mãe. Agora, questiono-me se ela não estava apenas a evitar mostrar que tem imenso dinheiro.

Estaciono em frente às portas cor de laranja, cada uma com uma fila de janelas retangulares, e as luzes com sensor de movimento ligam. Apesar do pequeno sinal colocado numa floreira, o Harvey assegurou-me de que a Ashleigh não tem realmente um sistema de segurança.

Na realidade, ele tem quase a certeza de que ela encontrou o sinal no lixo de alguém depois de o Duke se ter ido embora.

A chave suplente está exatamente onde ele disse que estaria, debaixo de um vaso vazio num dos lados da casa.

Há duas noites, quando elaborámos este plano, eu e o Harvey estávamos certíssimos de que isto ia deixar a Ashleigh encantada. Agora já não tenho tanta certeza. Estou, basicamente, a cometer invasão de propriedade.

Entro pela porta, preparada para fugir se tocar o alarme. Não toca.

Descalço os sapatos e aventuro-me pela casa, com o átrio a dar lugar a um corredor, à direita, seguido por uma enorme cozinha de *chef* com armários lindos de nogueira e um candelabro *Sputnik* por cima da ilha. À esquerda, uma sala de estar mais baixa, num estilo anos 1970, com um sofá semicircular em volta de uma lareira.

Sigo o corredor até ao primeiro quarto: de hóspedes, diria, com base na decoração simples pseudo-costeira. O quarto seguinte está coberto com pósteres de jogos RPG e desenhos de personagens de *anime*.

No fim do corredor, encontro um quarto que tem quase o tamanho do nosso apartamento, e um *closet* que dá lugar à casa de banho dos meus sonhos.

Se isto não fosse já um indicador claro de que é este o quarto da Ashleigh, também estão ali num canto, por usar, o oleado, os rolos e os baldes de tinta.

Não há muito mais *no* quarto. Uma cama, uma cómoda, uma mesa de apoio. Interrogo-me se o Duke terá levado a maioria da mobília com ele. Há uma tristeza neste sítio de que eu não estava à espera.

Parece um sítio que *costumava* ser um lar.

Espero que possa voltar a ser. A Ashleigh merece.

Pouso as minhas coisas, agarro no rolo fechado de fita de pintor e deito mãos à obra.



É terapêutico pintar junto aos rodapés e ao teto. E a *playlist* de rapariga triste que sai do meu telemóvel, inspirada no Miles, dá à experiência também uma vertente catártica.

Demoro uma hora só a colocar a fita em todo o lado. Depois dou a primeira demão na parte de cima e desço do escadote que encontrei na garagem para admirar o meu trabalho de bricolagem antes de começar na parte de baixo.

Já acabei quase a primeira demão quando uma garganta pigarreia atrás de mim.

Viro-me, a brandir o pincel como se fosse uma espada.

A Ashleigh está de pé, com os braços cruzados e uma sobrancelha erguida.

– Já voltaste – digo.

– E *tu* estás a ouvir os maiores e mais tristes êxitos da Adele – responde ela.

Pego no telemóvel que está no suporte para copos do escadote e carrego na pausa. No ecrã, vejo o início de uma menagem do Harvey: *Desculpa, fiz o que pude, mas...*

– A noite de póquer já acabou? – pergunto.

– A noite de póquer marcada de forma aleatória que *tinha*, de repente, de ser neste sábado, porque todas as outras noites deste mês estavam ocupadas para toda a gente? – diz a Ashleigh. – *Essa* noite de póquer?

Faço uma careta.

– Fui só ver o que é que se estava a passar – diz ela. – Da próxima vez que quiseses manter um segredo de mim, tens de saber que o Harvey é péssimo a mentir. E tu também. Vocês estavam estranhos no trabalho.

Ela tem razão. Eu devia ter previsto isto.

É ela que fala após um silêncio confrangedor.

– Estás com péssimo aspeto.

– Obrigada? – digo.

Ela sorri. Sou inundada por uma réstia de esperança.

– Se detestares – digo rapidamente – volto a pintar como estava. E nem sequer tenho de o fazer contigo aqui. Ou, se adorares, posso terminar quando estiveres a ver *Real Housewives*, ou quando saíres, ou assim.

A sobranceira bem delineada dela volta a subir.

– Então, isto é um castigo.

– Isto sou eu a cumprir aquilo que tinha dito que faria – digo. – Atrasado, obviamente. E não és obrigada a desculpar-me por causa disso. Não é uma troca. E eu sei que um grande gesto não compensa por ser uma amiga da treta. Eu adorava que me pudesses desculpar, mas se achares que não consegues, por alguma razão, eu compreendo.

A língua dela percorre os dentes de baixo. Devagar, aproxima-se de mim, com os olhos verdes brilhantes e os lábios franzidos. Para mesmo à minha frente, ainda com os braços cruzados.

Depois agarra-me. Dá-me um abraço. Desconfortavelmente apertado, quase doloroso, completamente perfeito.

– Também peço desculpa – diz ela.

– Porquê? – grito, alarmada.

– Posso ter reagido de forma exagerada – diz ela. – Só que, às vezes, sinto que toda a última década foi completamente perdida, exceto o Mulder. Como se estivesse a recomençar do zero e, por isso, precisa tudo de estar certinho, o mais depressa possível, para compensar o tempo perdido. Fiquei tão entusiasmada por ter uma nova amizade a sério, que coloquei muita pressão.

Abano a cabeça.

– Eu magoei-te. Fiz-te exatamente a mesma coisa que ambas odiamos e por causa da qual criámos uma ligação. Não acho que tenhas exagerado.

Ela recua.

– Tu *fizeste* isso, mas eu podia ter-te deixado uma mensagem de voz, ou enviado uma mensagem, ou algo do género, quando percebi o que estava a acontecer. Em vez disso... – Ela suspira. – Em vez disso, fiquei à espera para te apanhar em falso.

Aparentemente, numa inversão de cento e oitenta graus ela diz:

– Conte-te que tinha escolhido um terapeuta para mim e para o Duke? Mesmo sem ele ter concordado em ir?

Confirmo com a cabeça.

– Bem, quando chegou a altura da nossa primeira consulta, já nos tínhamos separado, mas era demasiado tarde para cancelar sem ter de pagar uma parte. Por isso, fui. E achei que ia lá para me queixar dele. O que *sem dívida* fiz.

– Claro – digo.

– Mas continuei a ir. E percebi que tinha esta tendência. De preparar testes. Do tipo: *Quanto tempo é que consigo estar aqui antes de ele levantar os olhos do telemóvel?*, ou *Se eu não disser nada, ele alguma vez vai lavar a roupa?* Ou *Se eu nunca sugerir sairmos com uns amigos ou fazermos alguma coisa divertida, será que ele vai fazer planos ou recair tudo sobre mim?* O que fazia sentido, porque eu estava farta de ter as mesmas conversas, vezes sem conta, e nunca obter resultados diferentes. Por isso, sim, tu realmente entraste em modo câmara lenta do amor com o Miles, mas quem de entre nós nunca fez isso, que atire a primeira pedra, ou lá o que é. O que eu estou a tentar dizer é que não és o meu ex-marido e esta não foi a tua falha número quatrocentos e vinte. Deste-me uma tampa. Grande coisa. Acontece.

– O que é que aconteceu ao *Quando as pessoas te dizem quem são, acredita nelas?* – digo, ainda à espera que se abra um alçapão no chão.

– Todas as tuas ações me disseram apenas que és humana – diz ela. – O que é bom, porque não sei se consigo ser amiga de alguém que seja perfeito. Tal como não consigo ser amiga de alguém que diz uma coisa e faz outra dez vezes por mês. Eu também te vou acabar por magoar em algum momento. Não quero, mas vai acontecer. Tenho um filho! Tenho toda uma vida! Tal como tu. Mas não quero perder esta amizade por causa de uma discussão, só porque tenho medo de que possa acontecer outra vez. Estás a tornar-te um bocadinho importante para mim, Daphne.

– Um bocadinho? – guincho.

– Um bocadinho *muito* importante – emenda.

Só me apercebo de que estou a chorar quando vejo o ar alarmado da Ashleigh.

– Ei! – Agarra-me os braços e as unhas enterram-se-me nos bíceps. – Está tudo bem, a sério!

– Eu não quero ser uma pessoa que faz isso aos outros – digo. – Talvez seja esse o problema. Talvez seja por isso que não consigo... não consigo...

– Daphne. Acalma-te – diz ela, de uma forma rígida, mas sem ser indelicada. – Conta-me o que se passa.

Abano a cabeça.

– Estamos a falar sobre *nós*. Posso lidar com as outras coisas mais tarde.

– Querida! – Ela agarra-me para me sentar aos pés da cama estofada com veludo. – Os amigos falam sobre as *outras coisas*.

Quando encontro o olhar dela, a testa dela está vincada com preocupação. Sinto uma enorme onda de amor por ela neste momento, e novamente vergonha por me ter esquecido do aniversário desta pessoa, e arrependimento por ter perdido aquilo que, sinceramente, teria sido uma fantástica noite de sábado. Depois de tudo o que aconteceu com o meu pai, eu tinha querido tanto fugir de mim e da minha vida, que me esqueci de todos os maravilhosos pedaços que tenho vindo a adquirir, como vidros do mar, durante os últimos meses. Coisas que ninguém me pode tirar.

Fungo.

– Não é preciso, já me sinto melhor só por resolver as coisas entre nós.

– Ei – diz ela. – Lembraste de mim? A Ashleigh? Eu quero *sempre* falar sobre as coisas. Por isso, recua. O problema está, ou não, em tu teres cagado onde comias, em relação ao Miles?

– Não houve cocó envolvido – digo. – Não sou assim tão aventureira.

– Cum caraças! – grita ela, perante a confirmação não verbal. Inclina-se para a frente e baixa a voz. – Aconteceu? Como é que *foi*? Ele ficou só a olhar apaixonadamente para os teus olhos durante o tempo todo? Ele parece desses.

Sinto a cara a arder.

– Não, não ficámos sem pestanejar durante quarenta minuto seguidos.

– Quarenta *minutos*? – guincha ela.

– Não todos seguidos! – apresso-me a acrescentar. – Foi mais uns quinze minutos muito intensos, um período de acalmia e depois mais meia hora mais vagarosa.

– *Okay*, isto é uma surpresa para mim – diz ela.

– Acredita – digo. – Eu sei muito bem que eu e ele não fazemos sentido nenhum.

Ela troça.

– Não, não. Vocês os dois fazem todo o sentido juntos. Eu é que imaginava que o Miles estivesse tão ansioso que corresse logo para a meta, sem ter nenhuma consideração por ti.

– Houve consideração – digo.

– Os tipos bonzões e charmosos nunca aprendem a esforçar-se pelas coisas – pondera ela.

– Ele esforçou-se pelas coisas. – Quero logo voltar atrás com as palavras.

Nunca tive este tipo de amizade antes, do tipo que vemos as mulheres terem nos filmes, quando não poupam umas às outras todos os pormenores sórdidos, melhores amigas que te ensinam a colocar o tampão aos treze anos, ou te enviam mensagens da casa de banho na primeira noite em que dormem com alguém.

A Sadie foi a que estive mais perto disto, mas ela tinha crescido com irmãos rapazes e sempre teve mais amigos que amigas. Era faladora e divertida, mas nunca direta sobre coisas como estas.

E, ao ter-me tornado tão próxima da Ashleigh, também me preocupa que isto seja uma traição. Não sei como é que o Miles se sentiria por eu partilhar este tipo de coisa. Passa-me pela cabeça o pensamento ridículo de que lhe devia ter perguntado da última vez que falámos.

Na realidade, não é ridículo. Consigo facilmente imaginar a conversa e como *não* seria de todo *estranho* perguntar-lhe: *Posso contar à Ashleigh?*

O que só me faz sentir ainda mais ressacada e confusa emocionalmente. Sempre que penso no Miles, penso naquilo que ele *disse*, e o meu coração desata aos saltos. Todo o meu corpo reage como se eu estivesse a ser caçada.

Sem dar luta, *só a fugir*.

– Não devia estar a falar disto – digo.

– Talvez – diz ela, suavemente – precisas de falar?

Devo estar com um ar desconfiado, porque ela acrescenta:

– Juro que estou a dizer isto como amiga, e não como a coscuvilheira-mor do bairro.

– Preciso de falar sobre isso – admito. – Mas não sobre *aquilo*. Sinto que aquilo devia ter ficado em privado.

Ela faz a pantomina de puxar um fecho sobre os lábios, mas nem sequer terminou ainda quando solta:

– Vale o que vale, mas tudo aquilo que disseste só me fez gostar mais dele e respeitá-lo mais.

– O Miles é ótimo – digo. – Só não acho que eu e o Miles sejamos ótimos um para o outro.

– Porquê? – pergunta a Ashleigh. – Ficas incrivelmente feliz quando estás perto dele. É só a coisa mais importante de todas.

– Sou exatamente o tipo de pessoa com quem ele não consegue estar e ele é exatamente do tipo que me pode destruir – explico.

– *Querida* – a Ashleigh toca-me na mão. – É assim que as coisas funcionam. O amor é isso.

– Fico demasiado arrebatada por ele, Ash – digo. – Quase me deixei absorver outra vez, e para quê? Já devia saber.

– Estás a ser muito dura contigo mesma – diz ela.

– Ele fugiu, Ashleigh. – A minha voz fraqueja. – Era suposto ele vir-me buscar ao trabalho no dia a seguir e... não veio.

Fica boquiaberta quando percebe o que eu quero dizer.

– Não soube nada dele durante horas. Até lhe ter enviado uma mensagem.

– Oh, não, Miles – geme ela, como se ele estivesse aqui para ela lhe ralar.

– E depois o Peter apareceu lá em casa – digo.

– Grande merda! – grita ela.

– Ele e a Petra acabaram.

Outro arquejo surpreendido.

– *Não* – diz ela horrorizada. – O Miles *não*...

– Ele diz que estive só a ajudá-la a tirar as coisas lá de casa – digo. – Mas o Peter disse que eles estão a caminho de reatar.

– Mas que diabo? – exclama e, depois, pensando melhor diz: – Ouve, o Peter está amargurado e o Miles é um tipo simpático. É claro que ele a ajudou a mudar-se.

– Eu sei – digo. Ele não me diria que me ama se tencionasse reatar com a Petra. Talvez seja ingénua, mas acredito mesmo nisso. Ou talvez queira acreditar. – Não é essa a questão.

– É de certeza uma questão – diz a Ashleigh – se é que não é *a* questão.

– Há um emprego – solto – perto da minha mãe. Acho que tenho hipóteses de o conseguir.

Ela avalia-me durante um bom bocado.

– Merda.

– Eu quis dizer-te logo, mas...

Ela olha para baixo, para as mãos.

– Eu estava a evitar-te. – Suspira e aperta-me as mãos. – Quando te fores embora não te esqueças de mim, está bem?

– Acredita em mim, não conseguiria – digo, com lágrimas nos olhos, e estou a falar a sério. – Mal consegui aguentar esta última semana sem ti. Não quero fazer isso outra vez.

– Não podia estar mais de acordo. – Os olhos dela dirigem-se para a parede pintada. – Que cor horrível.

– É mesmo, tens razão – digo.

O sorriso dela cresce e, a seguir, encara-me.

– Queres ligar a televisão e continuar?

– *Tu* queres? – pergunto.

– Acho que pode ser divertido ter um quarto feio durante um bocado – diz ela. – O Duke não suportava coisas feias. Nem cães. – Ela anima-se. – Se calhar devia arranjar um cão. – Olha para mim à procura de *feedback*.

– Acho que deves fazer aquilo que queres – digo-lhe.

– Vamos roubar um banco – diz ela.

– Acho que deves arranjar um cão.



Sábado, 10 de agosto

7 dias

Mais tarde, na cozinha, a desfrutar de um prato de rolos de piza, a Ashleigh convida-me a ficar com ela até à Maratona de Leitura.

– Não tenho um colega de casa há muito tempo, a não ser o Duke – diz ela. – E esta casa é enorme. Vai ser divertido.

– Por falar no tamanho da tua casa, nunca referiste... – paro.

– Que vivo num covil de vilão tipo James Bond? – pergunta a Ashleigh.

O que me dá permissão para chamar os bois pelos nomes.

– Que és rica para caraças.

Ela ri-se.

– Não *sou*. O Duke tem dinheiro dos biscoitos.

– Dinheiro dos biscoitos? – repito. – Tipo, roubou um camião dos Escuteiros e começou uma operação no mercado negro?

– Tipo, herdeiro de uma fortuna de biscoitos – diz.

– Não sabia que os biscoitos podiam *ter* fortunas – digo. – Quer dizer... além dos... biscoitos chineses da sorte.

– Oh, *yeah*. – Ela atira outro rolo de piza para dentro da boca. – Tudo pode ter uma fortuna se fores suficientemente ganancioso.

Perante a minha expressão, ela continua.

– Quer dizer, não o Duke, obviamente. Ele podia ter-me tirado a casa, mas não o fez. Mas tenho a certeza de que se recuarmos o suficiente na árvore genealógica dele, alguém fez um pacto com o diabo ou matou alguém para

deitar a mão a uma receita secreta.

– Estou ansiosa para ver essa história na HBO – digo.

Ela fica calada durante um bocado.

– Devias dizer ao Miles que estás aqui.

– As coisas não são assim entre nós – relembro-lhe.

– Não queres que ele entre pelos escritórios do FBI adentro, a afirmar que foste levada, ou queres? – pergunta ela.

– Levada? – digo. – Tipo raptada?

– Não sei, o que quer que aconteça naqueles filmes por que vocês são obcecados – diz ela. – Tipo, ameaçada com uma arma e obrigada a assaltar um museu com as tuas habilidades altamente especializadas, ou algo assim.

– Certo, vou ser «levada» por alguém que necessita de informação privilegiada sobre literatura infantil.

– Diz-lhe simplesmente que estás aqui – insiste ela.

– *Okay* – grunho.

Vou ficar com a Ashleigh, escrevo. Ele responde quase de imediato: k.

– Já está – digo-lhe.

– Boa. – A Ashleigh aponta com a cabeça para as portas de trás. – Agora, vamos ver alguma coisa sangrenta.

– *Real Housewives*? – adivinho.

– Isto – diz ela – deve ser o que sente uma mãe orgulhosa.

– Esqueceste-te do Mulder? – digo.

– Durante um segundo – diz ela. – Mas já está de volta.



Na segunda-feira à noite, enquanto o Miles está no trabalho, volto ao apartamento para ir buscar algumas roupas. Além das diferenças no nosso estilo, a Ashleigh é também mais baixa e mais curvilínea do que eu, e até o vestido folgado que ela me emprestou para ir trabalhar hoje me fica pendurado no peito como dois balões esvaziados.

Na terça, a caminho do trabalho, paramos num quiosque perto da casa dela, que tem *drive-through*. Ela não é uma pessoa matutina e mal falamos até chegarmos, altura em que as primeiras palavras dela são:

– Uau! Talvez devesse ir viver comigo. Conseguia chegar a horas todos os dias.

– Estamos quatro minutos atrasadas – reparo. – Se eu fosse viver contigo não me parece que a nossa amizade sobrevivesse.

– Não sei bem se sobrevivíamos nós – diz ela. – Seria como uma comédia dos anos 1980, com uma banda sonora com uns risos fantasmagóricos.

– O que é isso de irem viver juntas? – pergunta o Harvey, a sair do

gabinete com uma caneca na mão.

– Não vamos – dizemos as duas ao mesmo tempo.

– Fico aliviado por saber – diz ele. – Consigo viver com uma a chegar todos os dias atrasada, desde que a outra chegue cedo.

– E qual é qual? – pergunta a Ashleigh com fingida inocência.

A seguir ao trabalho, vamos comer burritos e, depois, buscar o Mulder ao ensaio da banda.

– Esta é a minha amiga Daphne – diz ela quando ele entra para o banco de trás com um estojo de trombone quase tão grande como ele. – Daphne, este é o Mulder.

– Olá! – aceno.

Estou à espera de uma não-resposta amuada de pré-adolescente mas, ao contrário do que o seu aspeto deixa antever, ele assente educadamente e diz:

– Prazer em conhecer-te, Daphne.

– A ti também – digo.

– Ela vai ficar connosco durante alguns dias – diz-lhe a Ashleigh.

– Fixe. – Tira uma consola de videojogos da mochila. Ela pergunta como lhe correu o dia e ele confirma que foi «tão aborrecido que quase morreu» e também que «o Ricky Landis vomitou na primeira aula e a Tinsley G», porque existem duas Tinsley na primeira aula, «ficou tão enjoada que também vomitou».

Depois, sem recuperar o fôlego, pergunta o que é que vamos jantar e a Ashleigh agita no ar o saco com os burritos.

Passado um minuto, acrescenta:

– Vocês não são um bocado velhas demais para dormirem em casa uma da outra?

A Ashleigh parece desalentada. Dou uma gargalhada e ela diz ao Mulder para adivinhar a minha idade.

– Não sei. Quarenta e cinco? – diz com sinceridade.

E, então, é *ela* quem solta uma gargalhada.

– Isso é *mais velha* do que a tua mãe – ressalvo.

Ele encolhe apenas os ombros e volta a jogar.

Na quarta-feira, depois do trabalho, fecho-me no quarto de hóspedes para fazer a entrevista por videoconferência com a Anika e o Clay, a responsável pelas bibliotecas da região e o gerente da Ocean City Library, respetivamente.

– Daqui a quanto tempo é que poderias vir? – pergunta a Anika com um sorriso radioso quando nos estamos a despedir.

Sinto o coração na garganta, mas a minha voz mantém-se firme.

– Só preciso de cumprir aqui o aviso de duas semanas.

A Anika e o Clay trocam um sorriso entre si. Raramente sou a pessoas mais confiante na sala, mas tenho noventa e nove por cento de certeza de que o emprego é meu quando o Clay diz:

– Vamos dar notícias o mais rapidamente possível.

Quando saio do quarto de hóspedes, a Ashleigh está à minha espera no corredor com champanhe.

– Não quero que vás – diz ela – mas quero que sejas feliz.

Na quinta-feira, tenho tudo preparado *antes* do prazo para a Maratona de Leitura, mas a escola liga à Ashleigh para ir buscar o Mulder mais cedo, porque ele acabou por apanhar a gastroenterite viral que tem andado por aí.

A última coisa de que preciso é de ficar doente agora e coloco a hipótese de voltar para o apartamento durante os próximos dois dias. Em vez disso, redobro a lavagem das mãos.

Ao meio-dia, na sexta-feira, o Mulder manda à Ashleigh uma mensagem a dizer que não se sentiu doente durante todo o dia. Até agora, nem ela nem eu temos sintomas, por isso, as coisas estão a correr bem.

Até que me lembro que não fui buscar alguns sacos de prémios da Target que tinha estado a acumular debaixo da cama, no apartamento.

Digo a mim mesma que o Miles já estará no trabalho quando lá chegar, mas a verdade é que estou a arriscar, a tentar o destino.

Se o universo quiser que nos encontremos, vamos encontrar-nos.

Porém, ele não está lá.

Não está lá de forma tão notória que questiono mesmo se ele não estará a ficar noutro sítio, um pensamento de que me arrependo de imediato, porque agora está destinado a regressar quando estiver deitada esta noite no quarto de hóspedes.

Só porque o apartamento está imaculado, sem candeeiros acesos, sem cheiro de erva, não significa que o Miles esteja a dormir noutro sítio.

As palavras do Peter ecoam dentro de mim: *Eles vão reatar. Sabes disso, certo?*

Recuso-me a aceitar este pensamento. Em parte, porque não acredito nisso e, parcialmente, porque não tenho espaço mental.

Ainda não está escuro na rua, mas os estores estão corridos e está tudo envolto em sombra. Entro no meu quarto, sem sequer ligar as luzes, e procuro os sacos da Target debaixo do estrado da cama.

Quando me levanto para sair, alguma coisa me chama a atenção no canto da cómoda, na parte que está mais próxima da porta.

Uma pequena caixa branca.

O meu coração aperta-se. Tenho quase a certeza de que é a caixa de chocolates, menos o bilhete, mas abro-a só para ter a certeza: chocolates.

Estou prestes a deitá-la no lixo quando vejo o recado do meu *pai* ali amarrado.

Não me sinto ansiosa para a ler, mas também estou a pensar naquilo que a minha mãe disse, sobre não perdermos tempo a desencorajar-nos de ter esperança e a evitar qualquer coisa que nos possa magoar.

Agora consigo ver que passei muito tempo a fazer isso.

Deixei de tentar fazer amigos de que tinha de me afastar. Deixei a amizade que tinha com a Sadie desvanecer-se em vez de arriscar confrontá-la

com isso e aprender, de uma vez por todas, que ela não se importava comigo.

Quando o Peter me abandonou, a minha vida encolheu, não apenas por causa dele, mas por causa de *mim*. Não queria ir a lado nenhum onde o pudesse encontrar. Não queria ser lembrada de que tinha o coração partido.

E, não que isso desculpe nenhum dos seus defeitos, não tinha sabido que o meu pai tinha casado porque nem sequer tinha lido o meu cartão de aniversário.

Penso também na Ashleigh e no ex dela, em como ele não se importava que as coisas estivessem *apenas bem*, demasiado assustado para ir mais profundamente à procura de algo *ótimo*, porque isso implicava correr o risco de mudar.

Não sei se vou comer o chocolate ou ler a carta do meu pai, mas enfio ambos no saco dos prémios, para levar para casa da Ashleigh. Deixo o meu quarto e dirijo-me para a sala de estar. Embato em alguma coisa suficientemente dura para me fazer ver estrelas.

Não algo. Alguém.

Uma figura nas sombras.

Grito.

Depois *a pessoa* grita.

Há um breve tumulto. Nenhum de nós parece totalmente certo de estar a atacar ou a tentar fugir. Depois, uma voz grita:

– Dou cabo de ti se não saíres já!

Por norma, esta seria a última coisa que queria ouvir vinda de alguém que anda às escuras no meu apartamento. Mas, neste instante, percorre-me um alívio da cabeça aos pés.

– Julia? – digo.

– *Daphne*? – grita a Julia.

Desvio-me para o lado e acendo as luzes.

– Já *voltaste*?

– *Tu* é que voltaste – diz ela.

– Não fui a lado nenhum – digo.

– Diz isso ao meu irmão – diz ela. O calor atinge-me o rosto e as orelhas. Ela coloca uma mão na anca. – Espera, estou zangada contigo.

– Ele contou-te? – pergunto.

– Que te declarou o seu amor? – diz ela. – Pode ter mencionado alguma coisa. No entanto, o mais surpreendente foi saber que tu não lhe disseste que sentes o mesmo. Porque sentes.

– Julia – digo. – É complicado.

Ela estreita os olhos.

– Suponho que preciso de te agradecer.

– O quê? Porquê? – digo.

– O Miles disse-me que tens insistido com ele para ser sincero comigo – diz ela. – Acerca de como se sente por eu vir morar para aqui.

– Vocês falaram sobre isso? – pergunto.

– Sim – confirma.
– E que tal?
– Foi horrível – diz ela. – Fiquei tão chateada. A chorar. Furiosa. A cena toda.

Encolho-me.

– Lamento.
– E depois continuámos a falar – continua a Julia – e eu compreendi. É exatamente a mesma coisa que ele fez contigo.

– Não estou a perceber.

– Sempre achei que era fantástica a forma como o Miles conseguiu escapar da nossa infância sem se tornar desconfiado com toda a gente – diz ela. – Mas depois, ele estava a falar sobre aquilo que aconteceu contigo, de como tinha estragado tudo e isso o convenceu de que não conseguia ser a pessoa de que tu precisas, *blá, blá, blá*. E eu percebi que tudo aquilo que os nossos pais faziam pode não o ter feito desconfiar dos *outros*, mas fez com certeza que desconfiasse dele mesmo.

O meu coração aperta-se e contorce-se.

– Ele não se consegue ver de forma clara – diz. – Fizeram com que ele sentisse que tudo aquilo que faz dececiona as pessoas.

Eu vi isso imensas vezes. Ele a duvidar de si mesmo, a desconfiar dos próprios sentimentos, a recear deixar sair de si alguma escuridão.

– Aqui estou eu, a manter em segredo todos os meus problemas, para ele não ir a correr resolvê-los – diz, – e ele diz-me que tem medo de que a infância o tenho danificado. Que, por causa disso, ele não consiga ser o irmão, ou o amigo, ou *aquilo* que as pessoas que ele ama merecem.

Engulo em seco.

– O que é que disseste?

– Disse-lhe que, por causa da *minha* infância, eu *sei* que ele consegue. Ele sempre conseguiu.

Sinto um nó de emoções no estômago.

– Mas, pronto. – Ela desce o olhar. – Tenho a certeza de que tens muito que fazer.

Engulo em seco.

– Bem-vinda, Julia.

– Obrigada – diz ela. – É bom estar em casa.



Sexta-feira, 16 de agosto

1 dia

Leio o recado do meu pai a meio da noite.

Oi, miúda.

Desculpa ir embora assim, mas tive uma oferta única. Mal posso esperar para te contar tudo quando regressarmos! Espero que estejas por cá em outubro. Adoraria ver como é o outono no Norte. Já tenho saudades tuas.

Adoro-te, Pai & Starfire

É o mesmo pai de sempre. O que diz uma coisa, como *adoro-te e tenho saudades tuas* e *fico enquanto tu quiseres*, mas faz outra.

Mas não é isso que me chateia mais na carta.

Aquilo que me chateia é uma palavra. Outubro. E a ânsia dolorosa que sinto entre as costelas quando a leio.

Começo a chorar. E depois, claro, ligo à minha mãe.

– Acalma-te – diz ela quando começo a tagarelar. – Conta-me tudo.

E, finalmente, é o que faço.



Ainda está escuro e húmido quando encontro o Harvey à porta da frente, no sábado de manhã. Estamos ambos a usar roupa confortável, em antecipação ao longo dia que se avizinha. Ele tem uma *sweatshirt* da Howard e calças desportivas (não as da *Red Wings*), enquanto eu visto umas calças de malha elástica e uma camisola larga.

– Conseguiste dormir alguma coisa? – pergunta ele, ao destrancar as portas automáticas.

– Um bocadinho – digo. – E o Harvey?

– Não muito – diz ele – mas a adrenalina vai dar-nos força durante o dia. Senão, podemos revezar-nos a dormir uma sesta no gabinete.

No interior, as luzes fluorescentes demoram o seu tempo a ligar.

Sinto uma pontada de ansiedade. Suponho que seja nostalgia por cada biblioteca que amei e pela menina que sonhava ser a primeira pessoa a chegar e a última a sair de um edifício recheado de livros. E por sentir que, de certa forma, ele me pertencia, e eu a ele.

Por me sentir em casa, quando mais nenhum sítio inspirava esse sentimento.

O Harvey respira fundo.

– Não adoras o cheiro?

– Tanto, mas tanto – digo.

– É por isto – diz ele – que não me posso reformar. Se pudesse *viver* dentro desta sensação, vivia.

– Eu sei – digo. – Os miúdos vão viver esta noite o meu sonho de infância: passar a noite numa biblioteca.

Ele olha à volta.

– Fizeste um ótimo trabalho, Daphne. Muito bom.

Pergunto-me se estarei a brilhar. Provavelmente é demasiado cedo para brilhar. É provável que pareça o fantasma de um pacote de leite que azedou.

– Vamos trabalhar.

A equipa da Fantasia chega primeiro, pronta a transformar um canto da biblioteca numa aproximação *low cost* a um castelo, com cenários pré pintados de papel pardo e um dragão de papel maché, com o corpo sinuoso segmentado em formas arqueadas dispostas em fila, de modo ao chão parecer água e que a criatura está a nadar.

Por ter sido feito em papel por um amador, é completamente e maravilhosamente horripilante. Se esta coisa ganhasse vida, seria entre gritos macabros por se ver senciante e, porém, anatomicamente improvável.

Adoro-o. Os miúdos vão ficar malucos. Até mesmo os que já têm idade para revirar os olhos, como a Maya.

Uma vez, no sétimo ano, a minha mãe levou-me, à meia-noite, à festa de lançamento de uma coleção de fantasia. Eles distribuíram «varinhas», que eram apenas ramos que provavelmente encontraram nos arbustos atrás da biblioteca. Era uma parvoíce. E mágico, ao mesmo tempo Escolhi um ramo

que tinha um líquen verde-claro e a minha mãe escolheu um que era esbranquiçado. Senti que estava o mais perto que alguma vez estaria da magia verdadeira.

Esse sentimento de curiosidade e de espanto e de deslumbramento. Foi nele que construí o meu lar sempre que nos mudávamos. Nessa sensação que nunca poderia desaparecer.

A Ashleigh aparece oito minutos atrasada, com burritos na mão para o meu pequeno-almoço e do Harvey. Mantém as coisas a funcionar no balcão enquanto ele e eu coordenamos as ondas de entregas e de voluntários.

Por volta das dez e meia, chegam as equipas da Ficção Científica e Contemporânea, que rapidamente tomam conta dos seus respetivos cantos, pendurando OVNIS de papel de alumínio e pósteres e citações pintadas de R. J. Pacio, Jasmine Warga, Jacqueline Woodson e Jeff Kinney, por cima das prateleiras.

À uma da tarde, chega a equipa do Terror, com teias de aranha falsas e uma parafernália de objetos de casa assombrada, ligeiramente assustadores. Montam o seu cenário numa das duas salas comuns, afastados, de forma segura, dos leitores mais pequenos.

Pelas três, os voluntários do Livro Ilustrado surgem no Recanto do Conto. Uma delas, uma costureira local, fez um boneco gigante da Lagarta Muito Comilona, para ser oferecida ao principal leitor do grupo das crianças com menos de seis anos, a maioria das quais irá para casa antes de anoitecer, enquanto os que têm irmão mais velhos ficam mais um bocadinho.

A primeira crise do dia surge às três e trinta e dois minutos e é um berbicacho.

Estou no exterior a ajudar a Shirley, a sempre presente avó da Lyla, de três anos, a gerir as entregas, quando a Ashleigh sai de dentro do edifício acelerada, a suar de cansaço, com um coque gigantesco a abanar. Lança-me um olhar de *Precisamos de falar* e eu peço licença para a seguir até alguns metros mais à frente, longe da pérgula da entrada.

– Então – diz ela, mantendo a voz baixa – não te passes.

– Essas três palavras mágicas – digo.

– O Landon apanhou-o – diz ela.

Abano a cabeça.

– Apanhou...?

– O vírus – diz ela. – Ele não consegue vir esta noite.

– Okay. – Aceno com a cabeça enquanto o meu cérebro percorre a sua própria versão do Google Doc da Maratona de Leitura. O Landon ia ficar na segunda sala comum a tomar conta das bebidas. Também era suposto ir *buscar* muitas dessas bebidas.

E ser o nosso apoio informático. Montar o projetor e o ecrã, passar os vídeos e as emissões em direto.

– Não é só isso – diz a Ashleigh.

Os meus olhos regressam ao rosto dela. Tem os cantos da boca esticados

numa careta exagerada.

– Também ligaram mais três voluntários a dizer que estão doentes.

– Merda.

Devia ter-me preparado para isto.

De certa forma, preparei. Não coloquei número máximo nos voluntários. Quantos mais, melhor. Mas a nossa versão de *mais* não contemplava perder quatro pessoas, três horas e meia antes do arranque.

Estou a tentar elaborar um plano, a ganhar tempo com um esporádico «Okay... okay», como se estivesse prestes a dar à luz alguma solução brilhante.

Lá atrás, junto à porta, alguém chama o meu nome.

– Eu vou tratar disto – diz-me a Ashleigh.

– *Como?* – digo.

– Não te preocupes com isso – diz-me ela.

Perante a minha expressão, afirma:

– Tudo bem! Preocupa-te. Mas confia em mim. Vou resolver o assunto. Vai-te concentrar nas outras nove milhões de coisas que precisas de fazer.

Outro voluntário sai pela porta, percorre o relvado com o olhar e dirige-se logo para mim com um ar de pânico total.

– Vai. – A Ashleigh empurra-me. – Apaga os teus fogos que eu trato disto. Esta noite vai ser fantástica.

– Preciso que seja – digo.

Ela coloca as mãos nos meus ombros e fita-me.

– Daphne. Lembra-te para quem é isto tudo.

– É por isso que quero que corra tudo bem.

– Eu sei – diz ela. – Mas se aprendi alguma coisa com a maternidade, é que é muito mais importante estares *presente* do que seres *perfeita*. Basta estares aqui, estares mesmo aqui, e os miúdos vão adorar.

Os meus ombros descontraem.

– Consigo fazer isso.

– Claro que consegues – diz ela. – És a Grande Daphne Vincent.

– Uau. – Levo a mão ao peito. – Sabes o meu primeiro e último nome.



Quando faltam vinte minutos para o arranque do evento, olho para o meu telefone do conforto de um tampo de sanita forrado com papel.

O meu pai ligou-me três vezes numa hora.

Sinto um nó no estômago.

Não *quero* ligar-lhe, sobretudo neste momento, mas estou mais ansiosa com o que pode acontecer se não o fizer.

Puxo o autoclismo, lavo as mãos, saio da casa de banho e vou à rua para telefonar.

O céu do início de tarde tem um brilho estival, com um calor denso, exceto quando a brisa faz a água ondular. Afasto o cabelo do pescoço e prendo-o num coque antes de carregar no botão de ligar.

– Eeeiii, miúda – diz o meu pai.

Passo por cima do meu próprio «olá».

– Está tudo bem?

– Como assim? – diz ele.

– Há alguma emergência? – Depois, perante a ausência de resposta dele, digo: – Ligaste-me três vezes. Foi sem querer?

– Não, não, não – diz ele. – Só te queria desejar boa sorte. Ou parte uma perna, ou o que for adequado a esta situação.

– Qual situação? – pergunto.

– A tua cena importante... esta noite – diz ele. – A coisa na biblioteca!

Não consigo pensar numa única coisa para dizer.

– E, já agora, desculpa por termos tido de vir embora daí – diz ele.

– Tudo bem – digo. – Não estava à espera de outra coisa.

O meu pai ri-se.

– Foi o que lhe tentei dizer. Eu disse-lhe: eu conheço a minha filha e ela não liga a esse tipo de coisas. Ele parece achar que és do tipo temperamental neurótico. Quer dizer, deve achar, senão não tinha...

– Espera, espera – digo. – De que é que estás a falar?

– Do teu namorado – diz ele.

– O *Peter*?

– O *novo* – diz ele. – O Miles.

Massajo a sobancelha.

– Pai, eu já te disse que o Miles é só um amigo.

– Bem, foi o que eu pensei – diz ele animado, como se eu tivesse acabado de lhe dar razão, ou de lhe fazer ganhar uma aposta. – Mas da maneira como ele estava a falar...

– Pai, *continuo* sem saber do que estás a falar.

Um momento de silêncio.

– Ele não te contou?

Não tenho nem tempo nem forças para estar a jogar ao *Vinte Perguntas*.

– O *quê*?

– Que vinha cá ver-nos – diz ele.

– Ir *ver-vos*? – repito.

– Há duas semanas – diz ele. – Depois de nos termos vindo embora. Tenho *tentado* falar contigo desde então.

Estou completamente a leste. Parece que, afinal, sempre vou jogar ao *Vinte Perguntas*.

– Ver-vos *onde*?

– À ilha – diz ele. – Mackinac. Suponho que ele me tenha deixado uma mensagem de voz antes, mas quem é que ainda ouve isso?

Eu, pelos vistos.

A minha mãe.

Provavelmente uma grande percentagem do mundo.

– Adiante, ele apareceu e começou a chatear-me por causa de termos tido de ir mais cedo – diz o meu pai com um tom de *Dá para acreditar nisto?*

É uma utilização criativa da frase «termos tido de ir».

Como se tivesse sido obrigado a sair da vila sob ameaça de uma arma, ou tivesse de voar de emergência para casa para dar assistência a um animal de estimação moribundo.

– O puto tentou fazer-nos sentir culpados, convencer-nos a fazer o *caminho todo* de volta antes de irmos visitar a família da Starfire. Ela ficou mesmo perturbada com as coisas que ele disse sobre mim, Daph. Não falou comigo durante, tipo, metade do dia seguinte. Causou todo o tipo de problemas.

– Qu-quando é que disseste que isso aconteceu? – pergunto, ainda incrédula.

– Bem, ele apareceu na segunda-feira da semana passada – diz ele. – E perdeu o último barco de volta, portanto, tivemos de pedir ao Christopher se ele podia cá ficar durante a noite. Colocou-nos numa situação muito desconfortável.

– O *Christopher*? – Por esta altura, preciso mesmo de uma campanha para pressionar sempre que ele diz alguma coisa que me levanta uma série de ??????.

– O nosso amigo! – diz o meu pai. – O que conhecemos nas dunas, que tem aqui uma casa ótima. E um hotel. Dizer casa é um eufemismo. Não sei se este tipo é mesmo um investidor, como disse, ou se isso era código para padrinho da máfia, mas... – Ele assobia o seu assombro.

Bem, se o teu pai te trocar por alguém que acabou de conhecer e não há uma situação de reféns envolvida, é bom que tenha, pelo menos, a decência de ficar numa mansão paga com cocaína e extorsão.

– Pai, tenho de desligar – digo. – O meu evento está prestes a começar.

– Claro, claro, não te atrases – diz ele. – Só te queria dar os parabéns e dizer que te amo. Mas tu já sabes disso.

Se tivesse aquela tal campanha, era capaz de carregar agora.

Se tivesse mais tempo era capaz de lhe perguntar: *Amas mesmo? A sério?*

Em vez disso, solto um «Certo» e desligo.

Segunda-feira à noite. Era aí que o Miles estava. Segunda-feira à noite e terça de manhã.

Foi onde o Miles foi. O Miles, inabalavelmente fixe, invariavelmente bem-amado, cronicamente ótimo, conduziu duas horas para confrontar o meu pai.

De repente, a semipatética caixa de chocolates faz sentido.

Era um prémio de consolação, mas não da forma que eu pensava.

Ele tinha tentado. Eu tinha-lhe dito como me sentia, que queria que o

meu pai voltasse, e ele tinha tentado trazê-lo.

E talvez eu devesse estar furiosa por ele se ter intrometido. Mas não me sinto furiosa. Sinto-me ferida. Sinto que a fronteira entre mim e o mundo está a ficar cada vez mais fina, a deixar-me sensível e vulnerável, um balão de água prestes a rebentar.

Porque é que ele não me disse?

Mas eu sei a resposta.

Eu conheço o Miles e ele conhece-me a mim.

Olho para a estrada, a banda cintilante de água azul, as desalinhadas árvores da praia, tudo desfocado por detrás de uma muralha de lágrimas.

Ele conhece-me.

Ele ama-me.

Não era apenas uma palavra bonita, atirada num momento em que era útil. Era verdade. E sinto-me corajosa, por ser amada por ele. Deixa-me suficientemente segura para fazer aquilo que nunca consegui.

Limpo as lágrimas e volto a ligar ao meu pai.

– Esqueceste-te de alguma coisa? – pergunta ele.

– Só tenho um minuto – digo.

– Também eu – continua ele. – Eu e a Star vamos jogar golfe, conhecemos uma pessoa que tem um campo!

– Não estou a tentar magoar-te – começo. – Só nunca disse isto antes e acho que nunca direi se passar demasiado tempo à procura de uma melhor forma de o dizer.

Acho que o meu pai sente a alteração sísmica. Não se apressa a fazer uma piada. O meu último suspiro parece aquele que se dá antes de partir uma parede com uma marreta.

Eu tinha moderado as minhas expetativas, tinha-as transformado em tijolos com os quais construí uma fortaleza para me proteger. Mas manter qualquer réstia de esperança do lado de fora também me tinha isolado e eu quero ser vista. Eu quero ser amada. Eu quero viver com a esperança de que as coisas podem melhorar, mesmo que, no final, isso não aconteça.

– Tu foste um pai merdoso – digo-lhe. – Nunca estavas presente. Passei tanto tempo simplesmente à tua *espera*. E, quando aparecias, nunca era quando dizias. Nunca ficavas o tempo que tinhas prometido. Por tua causa, todo o mundo... todo o meu mundo parecia sempre incrivelmente imprevisível. E talvez tu me ames *mesmo*. Mas eu *não* sei. Como é que podia saber? Nunca fui a tua prioridade. Sou só um ponto de passagem. E aquele tipo que tu achas que *não* me conhece – aqui fico sufocada e preciso de um segundo para acalmar a emoção – ele nem sequer me disse que tentou fazer com que voltasses para mim e não conseguiu. Porque *ele* sabia que isso iria matar-me. E ele não ia deixar que tu partisses o que resta do meu coração. Portanto, agora percebo. Porque é que a minha mãe costumava inventar desculpas por ti. Ela não te estava a proteger. Estava a proteger-me a mim. Mas agora já sou crescida. Ela não me pode escudar de ti para sempre. Agora

sou eu que tenho de me proteger a mim própria. Não me posso esconder, nem tentar apenas deixar de sentir... esta *dor constante*. Não posso continuar a fazer isso. Não quero ser a pessoa que espera sempre o pior. Alguma coisa tem de mudar. Portanto, da próxima vez que passares por aqui, pergunta-me primeiro. E se quiseres ir embora não sejas cobarde. Não faças as pessoas que me amam pedirem desculpas por ti. Podes dizer-mo na cara ou podemos acabar com isto.

Silêncio absoluto.

Depois, por fim, um sussurro.

– Oh, Daphne.

As portas abrem-se atrás de mim e a Ashleigh deita a cabeça de fora.

– Estás pronta?

– Tens de perceber...

– Tenho de ir – digo-lhe. – Ligo-te quando for conveniente para *mim*.

Desligo e endireito os ombros.

– Pronta – digo.



Avanço para a frente ao balcão de atendimento.

Nunca vi a biblioteca assim, tão barulhenta, a zumbir com energia, e por enquanto ainda são apenas os nossos voluntários.

A Ashleigh leva as mãos à boca, a imitar um megafone.

– Ei, pessoal! Esta é a nossa bibliotecária infantil, a Daphne, e ela vai explicar-nos as regras antes de as crianças chegarem.

O ambiente acalma. Só consigo ver as primeiras filas de voluntários, com a Huma e o marido entre eles.

Estabilizo a minha cadeira e subo para cima dela.

– Primeiro que tudo, obrigada a todos por estarem aqui.

Irrompe um aplauso barulhento do fundo da sala, juntamente com um agudo «uoooo»!

Reconheço a voz da Julia antes de a ver, de pé perto do Recanto do Conto, com alguns outros voluntários de última hora.

A Elda, a queijeira que o Miles me apresentou no baile, mais uma vez vestida como uma fada madrinha dos anos 1980.

A Barb e a Lenore, com fatos de treino a condizer (o da baixinha Barb, cor-de-rosa, e o da alta Lenore, cor de alfazema).

A Katya da franja, da Cherry Hill, e uma pessoa com a cabeça rapada e um *piercing* no nariz que reconheço, mas a quem nunca fui apresentada.

E, mesmo atrás deles, uma cabeça de cabelo despenteado e olhos castanhos meigos.

Sinto o coração a derreter.

O Miles sorri timidamente, um sorriso que pede desculpas: *Será que devia estar aqui agora?*

Devias estar sempre aqui, responde o meu coração.

O meu sistema nervoso concorda, porque sinto-me coberta por uma chuva de caramelo quentinho.

Só queria poder retirar tudo aquilo que lhe disse.

Passei tanto tempo a acostumar-me a um tipo de surpresa, o tipo que envolve decepções, mágoa, pequenos abandonos e chantagem emocional, que deixei de me lembrar que podia haver outros tipos.

Pelos vistos, uma surpresa é diferente quando vem de alguém que te conhece e te ama.

Ao meu lado, a Ashleigh tosse. Não faço ideia de quanto tempo é que estive a olhar para ele, com a sensação de que posso rebentar, como *confettis*, ou desatar a chorar.

– Significa muito para mim – digo, numa voz já rouca. Arranco o meu olhar dele e passeio-o pela audiência – fazer parte de uma comunidade como esta. Para mim, as bibliotecas sempre representaram o melhor da humanidade. A forma como todos partilhamos conhecimento e espaço e... e encontramos formas de cuidar uns dos outros. Não é um sistema perfeito, mas é poderoso. Eu sei que há muitos outros sítios onde podiam estar num sábado à noite.

A minha garganta aperta-se.

– Não tenho palavras para o quão especial isto é. Que vocês tenham vindo pelos miúdos e por Waning Bay e por mim.

Permito-me olhar para o Miles, só por um instante.

– É importante. Mesmo muito.

Os lábios dele entreabrem-se e o sobrolho suaviza-se.

Durante uns instantes, somos só nós os dois.

Aclaro a garganta e viro-me.

– Portanto, toda a gente que se ofereceu para trabalhar nas inscrições vai ficar aqui com a Ashleigh...



É assim que o tempo funciona.

As coisas por que esperamos durante meses passam num piscar de olhos, como o *flash* de uma luz estroboscópica, um enorme clarão perdido no escuro, entre as batidas da música.

A Elda fica a tomar conta da zona das comidas e bebidas que, graças aos donativos de última hora que conseguiu, passou do tipo de coisas que se espera encontrar numa simples festa de pijama, e transformou-se numa estranha mistura de *cupcakes*, batatas fritas, refrigerantes, e charcutaria da melhor. Os pais estão encantados.

A queijeira está encantada.

Mas ninguém está mais encantado do que o Harvey.

No início, penso que a Elda lhe inspira uma alegria meramente provocada pelo queijo, mas mesmo quando o abastecimento dela diminui, ele continua a dirigir-se para a sala comum. Vejo-os a rir juntos, pela janela, e acabo por pensar que, às vezes, o inesperado é melhor que o planeado.

O mesmo universo que, desapaixonadamente, nos tira coisas, pode trazer-nos algo com que não tínhamos sequer imaginação suficiente para sonhar.

A cada hora, à hora certa, os miúdos alinham-se para receber os prémios e, depois, voltam a correr e a saltar para os seus locais de leitura de eleição, ou para o Recanto do Conto, para assistir à visita virtual de um autor. Na ausência do Landon, o amigo da Katya, Banks, a pessoa com a cabeça rapada e o *piercing* no nariz, que afinal trabalha em *part-time* na Fika, trata da parte tecnológica.

O Miles está ostensivamente na limpeza e recolha de lixo, embora, a certa altura, o tenha apanhado na área da Ficção Científica, com os trigémeos Fontana pendurados nele como se ele fosse o pilar rotativo no centro de um carrossel que os rodopia em pleno voo.

A Julia e outro voluntário estão a tomar conta do círculo do Livro Ilustrado, para aqueles que ainda não leem, e a Huma ajuda as crianças, na secção Contemporânea, a escolherem a sua próxima leitura.

E depois há a Maya.

Enfiada no canto da Fantasia, nos pufes, lado a lado com o Ethan do clube do livro dos Jovens Adultos. Não estão a falar, apenas a ler silenciosamente o mesmo livro da Alice Hoffman, *As Regras do Amor e da Magia*, enquanto, nas mesas de estudo, a mãe da Maya conversa com o pai do Ethan.

Apercebo-me de que o meu clube de leitura de duas pessoas, com a Maya, pode terminar em breve e fico tentada a sentir-me um bocadinho triste, mas também estou muito orgulhosa dela, por ter saído da sua zona de conforto.

E também estou orgulhosa de mim mesma. Sinto que, de certa maneira, homenageei a rapariga de doze anos que fui. Como se, ainda que de uma forma muito pequena, tivesse tornado ainda um bocadinho melhor este sítio já de si maravilhoso. Tornou-me melhor a *mim*.

O barulho e a algazarra dão lugar a uma felicidade calma que eu associo sempre à biblioteca e a maioria das crianças mais novas e os seus progenitores retiram-se quando se aproxima a meia-noite. Os refrigerantes e as cerejas com chocolate mantêm os pré-adolescentes ativos até por volta das três da manhã.

Por esta altura, vou até ao gabinete dormir uma sesta debaixo da secretária, mas a adrenalina não me deixa dormir.

Chegam-me guinchos ocasionais e risadas e dou por mim a sorrir para os pés da secretária.

Agarro no telemóvel e abro as mensagens com a minha mãe. Ela enviou uma esta manhã, ontem de manhã, melhor dizendo, mas eu ainda não respondi.

Acordei a pensar em ti, escreveu ela. Estou orgulhosa de ti, minha corajosa.

Sinto-me ainda mais segura da decisão que tomei na noite passada.

Eu adoro esta biblioteca.

Adoro os meus colegas e adoro os utilizadores. Adoro o lago e as bancas de produtores e o CELEIRO e a Ashleigh e a Julia e o Miles.

Eu *amo* o Miles.

E também amo a minha mãe. Uma parte de mim vai ter sempre um bocadinho de saudades dela quando estamos separadas. Ela é a minha constante e isso para mim é muito importante.

Amo-te, digo-lhe.

Amo-te mais, diz ela.

Depois desta noite, vou contar aos outros. Por enquanto, não quero pensar no futuro. Quero estar completamente presente.

Sacudo a roupa e saio do gabinete.

Inspiro o aroma suave dos livros e a nota de pinheiro e mais alguma coisa que não consigo nomear, mas que reconheço como um velho amigo.

Sinto o agridoce de este momento não se poder prolongar no tempo, de o tempo nos separar em breve. Mas, pela primeira vez desde há muito, estou entusiasmada com o desconhecido.

Estou desejosa de ser surpreendida.



Ainda está escuro às seis e quarenta da manhã, e a multidão está muito menos numerosa. O Mulder adormeceu *em cima* de uma mesa, ao lado de um amigo que tem na mão uma lanterna, para ler *manga*, com as pestanas a fecharem-se de vez em quando.

Estivemos suficientemente atarefados para eu e o Miles não termos tido oportunidade de trocar mais do que uns superficiais «como é que estás» e «bem e tu» e «obrigada por estares aqui». Andei a apagar pequenos fogos e, numa situação trágica, a desentupir sanitas, durante tempo suficiente para estar esfomeada.

Quando espreiro para dentro da sala dos comes e bebes, parece que foi pilhada por um poderoso clã *viking* com alergia a frutos secos.

Elda, a queijeira, e o Harvey, nem sequer parecem reparar em mim e continuam a conversar no canto mais afastado da sala, com os seus desconfortáveis bancos de madeira bem juntinhos.

Agarro num *brownie* e enfio-o todo na boca ao sair da sala comum.

– Mantém o decoro, Vincent – brinca a Ashleigh. – Algumas crianças ainda estão acordadas. – Perante a minha expressão confusa, ela diz: – Estavas a fazer o teu gemido de comida boa.

– Desculpa – digo de boca cheia.

Ela e o resto da equipa de limpeza começaram a recolher os destroços da noite. Junto à porta principal, o Miles está a separar os recicláveis, o lixo e os compostáveis, em diferentes sacos.

– São divinais, não são? – diz ela, e aponta com o queixo para o *brownie*.

– Mesmo muito bons.

A Ashleigh sorri.

– Foi o Miles que os trouxe. Sabias que ele faz bolos?

Laço-lhe outra olhadela. Ele está de costas a esticar os braços por cima da cabeça, sonolento, com um pedaço de pele visível em torno da cintura até os braços voltarem a descer.

A Ashleigh solta uma gargalhada.

– Bem, esse som foi *completamente* indecoroso.

Fito-a, com as faces a arder.

– Eu não fiz som nenhum.

Pelo esgar trocista dela percebo que está a brincar comigo. Choca o cotovelo com o meu e aponta com o queixo para o Miles.

– Vai lá.

– Ainda não acabou – digo.

Ela revira os olhos.

– Daphne. Olha à tua volta. Podes ficar durante mais dez minutos se estiveres mesmo desejosa, mas quando o cronómetro parar, vou-te empurrar do palco como se fosses uma má atuação numa noite de amadores, enquanto os três miúdos que restam te apupam e te atiram cerejas de chocolate à cabeça.

Continuo hesitante.

– Não devia ficar até ao fim?

Ela larga o saco do lixo aos meus pés e agarra a minha mão entre as dela.

– E ficaste. Aguentaste durante o verão. Fizemos o evento do ano. A parte difícil já está.

Sai-me um peso enorme do peito. O nó que o comprime afrouxa e solta-se.

– Conseguimos.

Eu consegui.

Rimo-nos as duas, meio embriagadas com a falta de sono.

Ela puxa-me para um abraço e eu aperto-a de volta, agora com o saco do lixo aos nossos pés, como se fosse um cachorrinho.

– Não sei quais são as regras sobre dizer isto no trabalho – digo, – mas adoro-te.

– E eu adoro-te para caraças – diz ela. – Agora, vai agarrar o teu homem.



Domingo, 18 de agosto

Finalmente

– Oi – digo, quando estou finalmente à frente dele, depois de aquele último metro de contacto visual em silêncio ter durado entre onze segundos e catorze anos.

Ele coça a cabeça.

– Oi.

Nenhum de nós se apressa a preencher a pausa.

O meu coração parece uma chama a arder cada vez mais alto.

Pigarreio.

– Queres ir andar um bocadinho?

Ele parece surpreendido.

– Tu queres?

– A não ser que queiras ir já para a cama, sim. – Sinto as orelhas subitamente quentes e acrescento: – Se precisares de ir dormir, quero dizer.

– Bebi tanto *Red Bull* que acho que era capaz de ir correr agora – diz ele.

– Mas também posso ter um ataque cardíaco.

– Estás com sorte – digo-lhe. – A biblioteca pagou para eu tirar o curso de reanimação cardiorrespiratória.

Ele sorri.

– Então, de que é que estamos à espera?

De nada, suponho.

O ar está húmido e as ruas e os passeios vazios, à exceção do ocasional corredor ou ciclista em roupas de licra.

Na água, estão alguns barcos à deriva mas, ainda assim, parece que somos só nós os dois num mundo adormecido.

Vagueamos ao longo da margem do lago e o silêncio não parece estranho. É um tipo próprio de conversa, uma reintrodução após o tempo que estivemos separados.

– Obrigada por teres vindo hoje – acabo finalmente por dizer.

– Eu viria sempre, de qualquer maneira – diz ele. – Para que saibas. Independentemente de tudo, eu teria vindo.

Eu pestanejo para conter as lágrimas que se formam.

– Eu sei.

– Em contrapartida, conseguir que a Elda, a Katya e o Banks – diz ele – viessem ajudar exigiu alguma negociação.

– Bem, acho que pelo menos a Elda te pode dar uma abébia – digo. – Ela e o meu chefe estavam a dar-se mesmo muito bem.

– Estavam muito fofos – concorda o Miles.

Passam mais alguns minutos. Viramos para uma rua paralela. Tenho o coração a vibrar. Inspiro fundo e expiro lentamente.

– Eu sei que foste ver o meu pai.

O olhar do Miles foca-se em mim. Ele para.

– Desculpa. Eu devia ter-te perguntado antes de ir. Foi uma estupidez.

– Eu percebo porque é que não perguntaste – digo. – A sério.

As rugas suavizam-se nos cantos internos das sobrancelhas dele.

– Na outra noite... eu acho que me percebeste mal. Eu não acordei em pânico. Eu acordei... *feliz*. Mais feliz do que algum vez me lembro de estar. – Ele esfrega a nuca. – E depois a Petra ligou e estava a chorar. Tanto que nem sequer a conseguia perceber. Eu nunca a tinha visto chorar antes. Pensei, sinceramente, que alguém tinha morrido. Ela perguntou se eu podia ir ter com ela e eu disse que sim. Porque fiquei preocupado. Ainda sinto carinho por ela.

– Eu sei que sim – digo, intensamente.

– Chego a casa do Peter e ela está sentada à porta... – Ele solta um suspiro exasperado. Os olhos dele fitam-me, à espera de uma reação. – Ela disse-me que acabaram.

Não digo nada.

– Não pareces surpreendida – diz ele.

– Porque não estou – digo. – O Peter disse-me.

Alguna coisa lhe passa pelo rosto, demasiado depressa para eu conseguir apanhar.

– Certo – diz ele, suavemente. Ele coça a nuca e assente algumas vezes. Aclara a voz, mas continua rouco.

– Então, vocês falaram.

– Ele foi lá a casa – digo.

Os olhos dele descem para os nossos pés e ele assente outra vez.

– Miles?

Os olhos escuros dele levantam-se até aos meus, ligeiramente vidrados.

– Merda, o que é que se passa? – Não consigo evitar. Aproximo-me e pousei as mãos nos ombros dele.

– Nada – ele força um sorriso. – Fico feliz por ti.

– Feliz por mim? – digo.

Ele cora.

– Quero dizer, se vocês estão...

– Se estamos o quê?

Os dentes dele mordem o lábio inferior.

– Oh, meu Deus! – Um raio de compreensão percorre-me o corpo. – *Não*, Miles. Não podes achar que eu e o Peter estamos... De maneira nenhuma.

Rio-me. E, depois, um pensamento horrível deixa-me o corpo gelado.

– Espera... tu e a Petra não estão...

– *Não* – diz ele a abanar a cabeça. – Quando lá cheguei, ela começou a tentar dizer-me que tinha sido tudo um enorme erro. Por isso, contei-lhe acerca de ti.

– Que nós dormimos juntos? – digo, perplexa.

Ele solta um riso surpreendido.

– Não, Daphne. Que te amo.

Ouvi-lo outra vez assemelha-se quase a engolir uma lâmpada.

– Ah.

– Não tencionava dizer-lhe primeiro a ela. – Começa a corar. – Que te amo.

Ardem-me os olhos. Os meus membros ficam trémulos e sinto um peso no peito.

Ele *ama-me*. Tempo presente.

E eu amo-o a ele. Ele conhece-me e eu vejo-o como ele é.

– E quando eu disse à Petra... – Ele engole em seco. – Suponho que ela me tenha perturbado. Quer dizer, eu já estava perturbado, mas ela disse coisas que me deixaram de rastos.

– Como assim? – digo.

A expressão dele é quase de dor.

– Podes dizer-me – prometo.

– É que – diz ele – o Peter contou-lhe sobre o teu pai. E a Petra começou a dizer coisas sobre como tu tinhas passado por muita coisa. Que não eras o tipo de pessoa que conseguia lidar com a incerteza. Que ela e eu conseguimos, mas tu e o Peter não.

– E então, ela é que é a especialista sobre aquilo com que consigo ou não lidar? – pergunto.

Ele esboça uma tentativa de sorriso. As mãos dele envolvem-me os pulsos, com os polegares a acariciarem as minhas veias enquanto o rosto dele se suaviza.

– Eles acabaram porque a Petra decidiu que não queria ter filhos e o Peter queria.

– Ah – digo.

O olhar dele desce e o toque para.

– E ela lembrou-me que isso é uma coisa importante para ti também. E eu já sabia disso. Não foi uma surpresa. Mas... – Ele morde o lábio inferior, com um olhar tão caloroso e fluido que eu sinto que podia mergulhar nele, que ele me envolveria por todos os lados.

– Ela salientou que eu não estou exatamente equipado para isso – sussurra ele, – e eu só conseguia pensar na família *dela* e naquilo que eles pensavam sobre mim. Eram simpáticos, mas nunca acharam que eu fosse suficientemente bom para ela. E, depois, há toda a porcaria com a *minha* família, e tudo aquilo por que o teu pai te fez passar. E eu pensei que... – A maçã de Adão dele agita-se. – De repente, parecia-me muito egoísta da minha parte. Amar-te.

Perante a ternura no rosto e no toque dele, e o desejo na sua expressão, o meu coração parte-se.

– Tentar ficar contigo, quando sei aquilo que tu queres – diz ele muito baixinho. – Eu não te posso dar uma família como os Collins ou os Comers. Sinto que... que há tanto espaço entre quem eu sou e quem eu quero ser, e que não há ninguém para me mostrar como é que consigo lá chegar. E, na realidade, não faz muito sentido, mas eu achei que... se ao menos eu conseguisse convencer o teu pai, se eu conseguisse *resolver* isso, então, isso provaria que eu sou capaz. De te dar tudo aquilo que tu queres.

– *Miles* – começo.

– Por *isso* é que eu entrei em pânico – continua ele. – E assim que te vi outra vez, senti-me tão estúpido. Porque tinha passado os últimos dois dias a agir como se tu fosses a *Petra*. Porque, lá no fundo, ela achou sempre que se estava a acomodar e, portanto, eu também. Senti sempre que estava a tentar compensar alguma coisa ou a tentar conquistá-la. E achava que isso me tornava *sortudo*, estar com alguém que me escolhe apesar de ninguém na vida dela perceber porquê.

A voz dele está cada vez mais grave.

– Não aprendi como é que o amor nos deve fazer sentir. Não é natural, nem fácil para mim, deixar alguém aproximar-se. Mas tu... tu tornas o amor tão fácil, Daphne. Tu fazes-me pensar que o mereço, sendo como sou. E sinto-me com sorte sempre que olhas para mim. Não por achar que te consegui *merecer*, mas porque sinto que não precisas que eu o faça. Como se tu, simplesmente... gostasses de mim. – Ele abana a cabeça, com a voz mais fraca quando se corrige. – Como se me *amasses*. É assim que eu me sinto contigo. E sei que não sou como a pessoa com quem tu te imaginaste, mas

sinto que poderia vir a ser, se me deixares. Por isso, não vás. Porque eu não quero. Porque és a minha melhor amiga e eu estou apaixonado por ti.

– Miles – volto a dizer.

– Eu sei que somos muito diferentes – diz ele – mas eu adoro as coisas todas em ti que não são iguais a mim. *Adoro* que sintas os teus sentimentos. *Adoro* que saibas o que queres. *Adoro* que estejas sempre onde dizes que vais estar, quando dizes que vais estar.

– *Miles*. – Ele franze o sobrolho, com uma combinação de esperança e medo no rosto, que eu sinto no profundo do meu ser. – Posso mostrar-te uma coisa?

Ele fica inexpressivo. Após um segundo, concorda.

Pego-lhe na mão e sinto a sua pulsação acelerada enquanto o conduzo ao longo do passeio. Viramos à direita no cruzamento e paramos à frente da casa de canto, diante do portão partido e do sinal «Vende-se» todo torto.

Os olhos dele dirigem-se para a porta da frente e, depois, de novo para mim.

– Tens razão – digo.

Ele pestaneja.

– Quando me mudei para aqui – digo, – tinha uma imagem na minha cabeça. Eu sabia exatamente qual seria o aspeto da minha casa e com quem é que passaria as férias e sabia com quem é que iria sair no fim de semana e tinha ideia de quantos filhos teria e até de quais seriam os seus nomes. Eu conseguia, basicamente, imaginar todos os dias do resto da minha vida. Eu não sou espontânea – digo. – As surpresas deixam-me nervosa e eu mudei-me demasiadas vezes para querer, tipo, viver numa carrinha ou viajar de mochila às costas durante meses.

– Eu não preciso disso – interrompe-me o Miles. – Acho que já nem sequer quero nada disso, se é que alguma vez quis.

– É isso que eu estou a tentar dizer – continuo.

Ele abana a cabeça, de sobrolho franzido.

– Eu sabia exatamente o que esperar do resto da minha vida – explico – e isso dava-me algum conforto. Mas, depois, desmoronou-se tudo e eu só conseguia pensar em fugir, em me afastar dessa confusão. Depois, um dia, quando começámos a ficar mais próximos, eu ia a pé para o trabalho e vi esta casa.

A minha voz torna-se rouca.

– Foi a primeira vez num ano inteiro que eu quis uma coisa diferente. Quando me disseste como te sentias – engulo outra vez aquela lâmpada – que me amavas, foi por isso que eu entrei em pânico.

Ele olha para o chalé envelhecido.

– Porque eu não me enquadro.

Arde-me a garganta, como se a pressão no meu peito estivesse tão forte que o vapor precisa de sair.

– Porque eu conseguia imaginá-lo – digo. – De imediato. Consequia ver

toda uma nova vida, todas as coisas novas que podia querer e isso é aterrador, Miles.

As mãos dele sobem para me agarrarem o queixo.

– Eu não te vou magoar, Daphne.

– Não sabes disso – sussurro.

– Sei o quanto me vou esforçar – diz ele. – Fica. Eu amo-te. Eu quero-te muito. *Fica*.

As minhas mãos sobem-lhe pelas costas, até à nuca, numa abertura descontrolada do meu coração.

Ele engole em seco.

– Volta para casa. Por favor.

– Não posso – abano a cabeça. Antes de ele conseguir argumentar, continuo. – Independentemente do que disseste hoje, eu já tinha tomado uma decisão.

Ele recua e passa-lhe uma sombra pelo rosto.

Eu não estava intencionalmente a ser pouco clara mas, ao ver o seu olhar destroçado, percebi que tinha verbalizado isto da pior forma possível.

– Não! – digo. – O que eu quis dizer é que, independentemente daquilo que aconteça entre nós, eu não me vou embora.

A cabeça dele levanta-se ligeiramente e uma onda de amor atinge-me, perante um gesto tão familiar.

– Vou arranjar a minha própria casa – explico.

Após um instante de confusão, ele olha para o sinal de «Vende-se».

– Esta não. Não tenho dinheiro para isso. Encontrei um T1. Perto da Fika.

– Não estou mesmo a perceber, Daphne.

– Tu significas tanto para mim, Miles – digo. – *Tanto*. Mas não podes ser tudo. Tinhas razão quando disseste que eu ia adorar viver aqui. Adoro. E tu és uma parte importante da razão por que quero construir aqui uma vida. Mas não a posso construir à tua volta. Se isto acabar, preciso de saber que não desapareço. Preciso de ter as minhas próprias coisas, que não dizem respeito a mais ninguém. Quer as coisas funcionem entre nós, quer não, eu preciso disso.

– Eu quero que funcione – insiste ele. – *Pode* funcionar.

– Eu também acho – prometo. – Não sou capaz de me imaginar a conhecer ninguém mais maravilhoso do que tu, portanto, se *não* funcionar, vou ficar solteira, vou a um banco de esperma e entro no CrossFit. Esquece a parte do CrossFit. Sou incrivelmente preguiçosa – digo. – Mas o resto sim. Tu és maravilhoso. És a razão para existir a palavra *maravilhoso*. Não devia mesmo ser usada para mais nada. Tu fazes-me querer ver o melhor em toda a gente. És a pessoa com quem quero estar quando as coisas correm mal, em vez de querer simplesmente esquecer esses tempos. Adoro que estejas tão presente que te esqueças sempre de verificar onde está o telemóvel e adoro que quando chegas tarde nunca inventes desculpas, mas tenhas sempre uma boa razão. És a pessoa mais generosa que conheço, mesmo com pessoas que

nunca te deram razões para seres generoso, e que estejas *sempre* disponível para as pessoas de quem gostas. Não consigo mesmo perceber porque é que alguém tão *bom* como tu me amaria, quando consigo ser uma parvalhona pessimista. Mas sinto-me a pessoa mais sortuda do mundo, por ser quem tu queres. Porque eu também te quero a ti. Também te amo. Amo-te de uma forma que parece nova. Fazes com que todas as coisas que correram mal pareçam apenas um passo na direção certa e isso... isso deixa-me entusiasmada. Entusiasmada que a vida me continue a surpreender. *Não* és o que eu tinha imaginado – digo. – És muito, mas muito melhor do que aquilo que o meu pequeno cérebro cínico poderia alguma vez ter inventado.

A minha voz treme e enfraquece no final, e ainda que eu soubesse o que dizer a seguir, acho que não conseguiria fazê-lo.

O Miles está a analisar-me, com um olhar meigo, enquanto eu tento recompor-me. Puxa as minhas mãos contra o peito e pausa-as sobre o coração.

– Já está? – pergunta ele. – Era esse o discurso?

– Era mais comprido, mas dormi umas quatro horas nos últimos três dias, por isso, foi o que restou no meu cérebro – digo, com a língua enrolada. – És tão simpático e tão sensual e tão engraçado e divertido, e cheiras mesmo bem, e os *brownies* que tu fizeste para a noite passada eram incríveis.

– E tu amas-me – diz ele suavemente.

– Muito – concordo. – Sinto que quem não pode namorar contigo não tem razão nenhuma para namorar. E, por alguma razão, tu *gostas de mim*.

– Amo – corrige-me. – Por alguma razão, tu *amas-me a mim*.

– Pois amo – digo-lhe.

Amo. Estou apaixonada. Neste momento, todos os músculos do meu corpo estão ocupados a amá-lo, no passeio em frente à minha nova casa de sonho, quando os primeiros raios de sol de uma nova manhã se espalham pela rua.

Uma das mãos dele liberta-se do entrelaçar dos nossos dedos e desliza pelo meu cabelo.

– Podemos ir para casa agora? – pergunta.

– Na realidade – digo, – o meu apartamento só está disponível na próxima semana.

– Nesse caso – diz ele, – queres voltar para minha casa?

– Podemos fechar a Julia na rua durante um bocado?

Ele ri-se.

– Vamos mandá-la para casa da Ashleigh uns dias.

– Então, sim.

Ele aperta-me contra si e dá-me um beijo profundo, cheio de alegria e medo e desejo e esperança. Um beijo forte, sem restrições, que leva um carro que passa a apitar, o equivalente automobilístico a um assobio, ou talvez a uma reprimenda. Separamo-nos a sorrir, com as testas ainda juntas. Sorrímos e respiramos e tocamos um no outro e sonhamos com o futuro sem dizer nada disso em voz alta.

O verão a tornar-se outono. Viagens com a Ashleigh e o Mulder aos pomares de maçã a uma hora de distância, para sul. Fogueiras com a Julia quando o ar arrefece e as folhas mudam de cor. Noites de póquer com fumo de charuto no ar e longas caminhadas de manhã com o *chai* quente da Fika na mão.

E até o raio do frio do inverno. Um novo apartamento, com uma lareira. A caminhar sobre centímetros de neve, com o Miles e eu a despirmo-nos e a enfiarmo-nos debaixo dos lençóis para nos aquecermos um ao outro.

E coisas com que nem sequer consigo sonhar. A forma como tudo pode dar errado e a beleza do que pode acontecer a seguir.

Um segundo ato em que me envolvi, e a casa que eu escolhi, tal como ela me escolheu a mim.

Mal posso esperar. Mal posso esperar por todo este mundo que convidei para me vir surpreender.



Sexta-feira, 3 de outubro

412 dias desde que fiquei

Atrás da porta, a Céline Dion está a lamentar-se de que não quer estar sozinha. O apito do temporizador do forno mal se ouve sobre a canção, e eu ligo a luz do interior para verificar se as pontas dos *brownies já estão estaladiças e o cento rachou daquela forma deliciosa. Retiro-os e pouso-os sobre o fogão, a verificar as horas, com os olhos no relógio.*

É claro que *hoje* é que me ia atrasar.

Corro para a porta bem fechada e bato. Ele não houve à primeira, por isso, bato outra vez. A música para.

– Sim? – diz o Miles.

– Estás bem? – pergunto.

Uma pausa.

– Sim?

Isso não me inspira confiança.

– Posso entrar?

A porta abre-se. Ali está ele, sem camisa e com creme de barbear na parte inferior da cara e a lâmina na mão.

– Achei que era melhor fazer a barba – diz ele, à laia de explicação. – Uma vez que a tua mãe vem.

Tento esconder um sorriso.

– Tu disseste-me uma vez que as mulheres de uma certa idade *adoram* essa coisa.

– E adoram. – Ele inclina-se para o lavatório. – Não posso correr o risco de a tua mãe se apaixonar por mim.

Solto uma gargalhada ridícula. Tinha-a finalmente convencido a sair com um tipo do ginásio. Tinha corrido surpreendentemente bem, mas depois ela disse-me:

– Acho que estou demasiado ocupada para namorar.

Na realidade, o mais importante é que ela estava demasiado *feliz* com a vida que tinha construído para si mesma, para mudar por alguém que não a fizesse perder a cabeça. E eu gostei disso para ela. Ela merecia a vida por que tinha trabalhado tanto.

– Tu sabes que eu acho que és incrivelmente sensual – digo ao Miles – mas parece-me que a Holly Vincent está imune ao teu charme.

O sorriso dele aprofunda-se.

– Eu quero impressioná-la.

– Ela já te conhece, Miles – digo.

Tínhamos ido a casa dela no Natal passado, dormido no minúsculo sofá de abrir e comido churrasco coreano enquanto víamos *Aconteceu na Quinta Avenida*, seguido logo de *Die Hard*.

– Sim, mas esta vai ser a primeira vez que ela nos vê *aqui*. – Ele acena para a nossa nova (velha) casa.

Tecnicamente, vai ser a primeira vez que *alguém* nos vê aqui, além da Julia e da Ashleigh. O sítio ainda está de pantanas, mas a sala de estar, uma casa de banho e o nosso quarto já estão funcionais por esta altura.

Ainda que uma das janelas com vidraças em forma de diamante esteja literalmente presa por fita adesiva e a eletricidade se desligue sempre que ligamos mais de uma ventoinha.

Vai demorar anos até conseguirmos arranjar este chalé ostensivamente cor de laranja, a dois quarteirões e meio do verde com a mesma arquitetura. Mas eu não me importo. Gosto dele o suficiente para não me importar com a espera.

A campainha toca, o que é uma surpresa. Só funciona a cada oito vezes que alguém a pressiona.

– Merda – diz o Miles. – Estou atrasado, desculpa.

Ele arranca a toalha do toalheiro para limpar o creme de barbear, abandonando a ideia de um queixo liso.

– Não faz mal – digo. – Veste só uma camisa e vai ter comigo à sala de estar. Ou esquece a camisa. Eu disse a toda a gente que era uma noite informal.

Nem sequer espera acabar de rir antes de me beijar, deixando espuma no meu rosto quando se afasta. Limpa-me o queixo com a toalha.

– Vou já – promete.

Não estou preocupada com a minha mãe, nem com a noite de hoje. Estou mais nervosa acerca da próxima semana.

A primeira visita da Sadie para me ver desde que voltámos a conversar.

Durante meses, depois de eu ter decidido ficar em Waning Bay, esperei que essa farpa saísse do meu coração. Esperei deixar de ter saudades dela.

Na noite em que eu e o Miles decidimos comprar a casa juntos, fomos jantar fora para celebrar e, depois, a caminho de casa, passámos por uma livraria. O escritor favorito da Sadie, aquele a cujo evento o Miles me tinha levado muitos meses antes, tinha um novo livro na montra. Por impulso, entrei e comprei-o. Mas não conseguia começar a lê-lo, por isso, ficou durante semanas numa prateleira, antes de eu finalmente o agarrar, devorar de uma assentada e fechar com as lágrimas a escorrer-me pela cara.

A primeira coisa que fiz quando acabei o livro foi escrever-lhe uma mensagem. Por impulso, por instinto. E, apesar de *não* lhe ter enviado a mensagem, o sentimento também não desapareceu.

Durante mais de uma semana, andei com a sensação de que me tinha esquecido de alguma coisa, como se houvesse algum sítio onde eu devesse estar, como se houvesse alguém a quem devesse telefonar.

Estava magoada e zangada e confusa, pelo distanciamento na nossa relação, mas, mais do que isso, tinha saudades da minha amiga. Não *queria* pô-la de parte.

Portanto, escrevi-lhe uma carta. Uma carta parecia-me mais característico da Sadie do que um *e-mail*. Até um bocadinho «austeniano». Na faculdade, ela tinha papel personalizado e um selo de cera, mas eu tive de me contentar com um autocolante Puro Michigan.

No dia em que recebeu a carta, logo depois de a ler, telefonou-me de imediato e, embora eu estivesse aterrorizada, atendi ao segundo toque.

Conversámos durante horas. Chorámos as duas.

Tinha ficado noiva há dois meses.

– Queria tanto contar-te – disse ela. – Mas achei que não querias ter notícias minhas. Pensei, quando tu e o Peter acabaram, que me estavas a afastar. Por causa do Cooper. Porque desde que estou com ele fiquei *agarrada* ao Peter, sabes?

E eu *sabia*. O Peter e o Cooper eram como família. Da *verdadeira*, daquela que nos ama sempre, mesmo quando as nossas decisões não fazem sentido para eles.

Para a Sadie, a decisão nunca tinha sido entre *mim ou o Peter*. Era entre *a melhor amiga ou o amor da sua vida*. E, agora que percebi isso, sei que, afinal, eu *não* precisava que fosse uma escolha fácil.

As coisas podiam ser complicadas. Podiam ser confusas. Podíamos discordar e discutir e até magoar-nos, de vez em quando, e isso não significava que tivéssemos de deixar a porta giratória da vida atirar-nos para longe uma da outra.

Às vezes, as coisas são difíceis. É assim.

Aquele primeiro telefonema tinha sido como uma cascata mas, depois disso, as nossas mensagens e os telefonemas tinham-se mantido regulares. Ainda não voltámos ao sítio onde estávamos antes, e talvez nunca cheguemos

lá, mas somos *alguma coisa*. Ainda gostamos uma da outra. Ainda estamos a tentar.

Se ela se vai incorporar na minha nova vida e com os meus novos amigos daqui, não faço ideia. Mas estou a tratar de me manter *entusiasmada*, em vez de nervosa, acerca do desconhecido. Muitas das coisas mais belas da vida são inesperadas. Basta ver o meu pai e a Starfire. Não é que ele seja, de repente, uma pessoa diferente, mas está mais estável, menos irrequieto. Conseguiu mesmo aparecer em duas das últimas três visitas combinadas e, para ser justa, ele e a Starfire ganharam uma viagem com todas as despesas pagas, à Suíça (graças a uma dica da vidente deles) que se sobrepôs à terceira visita, por isso, não o posso realmente culpar por isso.

Diante da porta da entrada aliso a saia antes de abrir. (A porta, não a saia.)

– Oi!!!!!! – Ambas as mulheres à *entrada* guincham. A Ashleigh está bronzeada da sua viagem a Portugal, ao género *Comer, Orar, Amar*, a qual tinha, sobretudo, passado com um português chamado Afonso, que já tem bilhetes de avião para a visitar no próximo mês.

– Feliz inauguração da casa! – grita, e passa-me para a mão uma garrafa enorme de espumante.

– É das duas – diz a Julia.

A Ashleigh troça.

– Eu comprei o laço – diz a Julia. – Sou uma empregada de bar com vinte e quatro anos, deem-me um desconto.

– Pensei que vinhas acompanhada – digo à Jules. – Aquele tipo com quem acabaste de ir a Chicago.

– O Ryan. – Revira os olhos. – Ele cortou as unhas no autocarro.

– Blaaargh – dizemos eu e a Ashleigh em uníssono.

A Julia concorda com cabeça e um ar sério.

– O alerta é tão vermelho que raia o castanho.

– Entrem, entrem!

Em vez disso, encurralam-me num abraço apertado entre elas. O calor deixa-nos a pele pegajosa e o barulho dos insetos no nosso jardim demasiado crescido é suficientemente alto para abafar um bocado a cantoria de uma tal Senhora Céline Dion.

– *Okay* – diz a Julia, a afastar-se. – Vou tomar conta da *playlist*.

– Nunca conheci nenhum homem feliz que gostasse tanto de canções tristes – goza a Ashleigh.

No interior, a Julia convence o Miles a deixá-la encarregar-se do som. Ele acaba de fazer uma rodada de *margaritas* e adiciona sal e pimenta ao guacamole.

A Barb e a Lenore entram sozinhas, alguns minutos mais tarde, com os braços da Barb cheios de sacos de maçãs acabadas de apanhar e a Lenore com um ramo de alfavema.

O táxi que traz a minha mãe do aeroporto aparece a seguir. Depois de

me dar a mim e ao Miles um abraço de partir as costelas, apresenta-se a toda a gente sem hesitar.

Convidámo-la para ficar connosco, dissemos que acampávamos na sala para ela ficar com a cama, mas ela insistiu em reservar um Airbnb com ginásio.

O Harvey e a Elda são os últimos a chegar. Batem à porta, em vez de tocar à campainha, ou então o botão não funcionou desta vez.

São um casal digno de nota: o Harvey, no seu fato de treino *Red Wings*, com uma caixa de charutos debaixo do braço, e a Elda com umas bolas de espelho cor-de-rosa penduradas nas orelhas e uma elegante tábua de queijos embrulhada num tecido impermeabilizado com cera de abelha.

Já aqui está toda a gente. A família com que eu não contava, exceto o Mulder, que está banido das noites de póquer, devido ao linguajar, ao fumo e ao jogo, obviamente. Só vai poder juntar-se a nós quando tiver dezoito anos, a mesma regra que os pais da Ashleigh tinham para ela.

Acompanho o Harvey e a Elda até à sala e há uma última ronda de apresentações à minha mãe. Ela não bebe muitas vezes, por isso, os poucos goles que deu na margarita devem estar a fazer efeito: vêm-lhe as lágrimas aos olhos quando aperta a mão do Harvey e agradece-lhe por «tomar tão bem conta da minha menina».

– Ela é uma ótima funcionária – diz ele. – E uma amiga maravilhosa. No entanto, é uma péssima jogadora de póquer.

A minha mãe dá uma gargalhada.

– Ela sempre foi demasiado honesta. Exceto daquela vez em que disseste àquela rapariga que tinhas crescido numa quinta de cavalos. Lembras-te, Daphne?

– Já quase me tinha conseguido esquecer – digo.

– E daquela vez que disseste ao teu ex-noivo que estavas a namorar com o ex-namorado da nova noiva dele – acrescenta a Julia.

– Como? – A Elda pausa a tábua de queijos em cima da bancada.

– O Harvey não lhe contou? – diz a Ashleigh.

– Não falo sobre o pessoal – diz ele, com uma seriedade falsa e pouco convincente, que não lhe esconde o sorriso trocista.

O Miles abraça-me a cintura e o cheiro de madeira fumada e gengibre envolve-me. O meu coração acelera quando o sinto a beijar-me o pescoço. Encosto-me mais contra ele, a melhor sensação do mundo. Pelo menos, a melhor sensação apropriada para se ter em frente da nossa mãe.

– Então, ainda não sabe desta história? – pergunto à Elda.

Ela abana a cabeça.

– Foi assim que eu e a Daphne acabámos juntos. – Os braços do Miles apertam-se mais à minha volta.

A Elda bate as palmas.

– Oh, eu *adoro* uma boa história sobre como os casais se conheceram. Vamos lá ouvir isso.

Viro o pescoço por cima do ombro, para olhar para ele. As covinhas aparecem sob a barba e parece que o meu coração se revela e sai a brilhar de dentro da sua pele calejada.

– É uma boa história... – diz ele, mas não continua. Só me observa e espera.

Ele sabe o quanto adoro contá-la.



Agradecimentos

Estou preocupada com o facto de os meus agradecimentos irem ficando cada vez mais curtos *à medida que* a lista de pessoas a quem preciso de agradecer cresce sem parar. É um ótimo problema para se ter, estar rodeada de tanto amor e apoio, que nem se consegue verificar de forma realista todos os nomes. Geralmente agradeço por último, ou quase no fim, aos meus leitores, mas desta vez quero agradecer-vos primeiro. Aos que, tal como eu, leem até os agradecimentos. Eu adoro este trabalho e, se não fosse um trabalho, continuaria a fazê-lo, mas demoraria *muito* mais tempo e não seria tão divertido. Obrigada pelo vosso entusiasmo, a vossa alegria, a vossa abertura, a vossa ternura, a vossa inspiração, e a vossa presença aqui, neste planeta enorme, confuso, lindo e comovente. Agradeço por vocês e a vocês.

Agora, na minha equipa: a toda a gente da Root Literary, mas em especial à Taylor, que sonha sempre em grande comigo e à Jasmine, que é a única razão para eu ter respondido a algum *e-mail* durante o último ano. Obrigada por serem, de longe, os melhores apoios, guardiãs e colegas que uma rapariga pode pedir, por me ajudarem a avançar quando é preciso e por criarem sempre espaço para mim quando preciso de uma pausa.

A toda a gente na Berkley e na Penguin Random House como um todo. Eu sei que estou sempre a dizer-vos isto, mas não é o suficiente: sou uma sortuda por ter encontrado convosco um lar para a minha escrita. Não consigo imaginar ninguém melhor e, neste setor sempre em mudança, sinto-me muito agradecida por me ter podido apoiar em tantos de vocês nestes últimos anos, durante esta incrível viagem de loucos. As minhas editoras, Amanda Bergeron e Sareer Khader, são mesmo duas das pessoas mais inteligentes que alguma

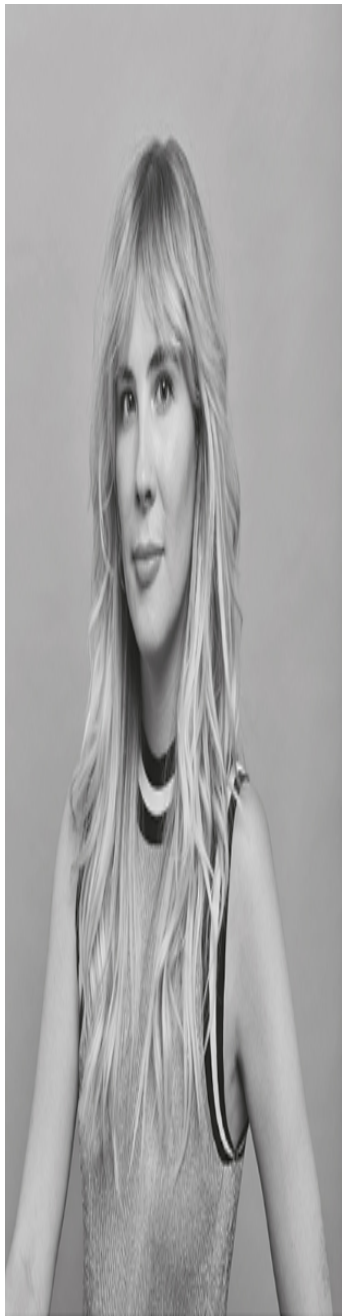
vez conheci e essa nem sequer é a sua melhor qualidade. Adoro cada segundo que passamos a desbastar e a polir estas histórias, até se tornarem aquilo que era suposto serem, e também adoro conhecer-vos enquanto seres humanos. Obrigada por tudo aquilo que fazem, mas, mais importante, por quem são. Obrigada também às minhas inigualáveis e incrivelmente divertidas relações públicas, Danielle Keir e Dache' Rogers. Mais uma vez, não sei como é que consegui ter tanta sorte por ter do meu lado duas pessoas tão incrivelmente talentosas e incredivelmente engraçadas e carismáticas e fantásticas como vocês! E depois, claro, temos a Jessica Mangicaro e a Elise Tecco, extraordinárias *marketeers*, que movem montanhas regularmente por mim. É raro conhecer pessoas que são, ao mesmo tempo, tão trabalhadoras como esta equipa e tão criativas e imaginativas e divertidas. Vocês fazem mesmo magia e estou muito grata por vos ter na minha vida. Depois, claro, temos a Sanny Chiu e o Anthony Ramondo, os ícones por detrás da capa e da contracapa. Obrigada por darem vida aos meus mundos! À Alison Cnockaert, um agradecimento por tolerar as nossas dezenas de perguntas e pensamentos e por tornar o interior deste livro tão adorável. Muita gratidão também à Tawanna Sullivan e ao Ben Lee, por colocarem os meus livros nas mãos de tanta gente. Um enorme obrigada ainda a todas as outras pessoas da Berkley que me apoiaram incansavelmente durante os últimos anos, incluindo, entre outras: Christine Ball, Christine Legon, Cindy Hwang, Claire Zion, Craig Burke, Ivan Held, Jeanne-Marie Hudson e Lindsey Tulloch.

Outra ronda enorme de agradecimentos para a minha equipa do Reino Unidos, na Viking, com um especial obrigada à minha editora Vikki Moynes e ao resto da minha equipa: Ellie Hudson, Georgia Taylor, Harriet Bourton, Lydia Fried e Rosie Safaty.

Imenso apreço também pela minha agente cinematográfica, Mary Pender, e a sua fenomenal assistente (outra pessoa que geriu de forma diligente o meu cérebro caótico nos últimos meses), Celia Albers.

Obrigada aos livreiros, aos bibliotecários, aos *bloggers*, aos críticos, às pessoas que fazem *fan art* e vídeos e belíssimas imagens, àquelas que emprestam os seus exemplares e às que pedem exemplares emprestados, aos leitores de sempre e àqueles que pegam num dos meus livros pela primeira vez.

E obrigada aos meus amigos e à minha família. Por aquilo que fazem, por quem são. Amo-vos, sempre.



EMILY HENRY é autora de vários *bestsellers* (por vezes, em simultâneo!) do *The New York Times*, entre eles, *Lugar Feliz*, *Romance de Verão* e *Doidos por Livros*. Ela estudou escrita criativa na Hope College, e agora passa a maior parte do seu tempo em Cincinnati, Ohio, e no Kentucky.

Pode encontrá-la no Instagram em:
[@emilyhenrywrites](https://www.instagram.com/emilyhenrywrites)

Table of Contents

1. Capa
2. Ficha Técnica
3. 1 - 108 dias até poder ir-me embora
4. 2 - Antes de saber que tinha de me ir embora
5. 3 - 91 dias até poder ir-me embora
6. 4
7. 5 - 90 dias até poder ir-me embora
8. 6 - 85 dias até poder ir-me embora
9. 7
10. 8
11. 9
12. 10 - 77 dias até poder ir-me embora
13. 11 - 76 dias até poder ir-me embora
14. 12 - 72 dias até poder ir-me embora
15. 13
16. 14 - 56 dias até poder ir-me embora
17. 15
18. 16 - 53 dias até poder ir-me embora
19. 17 - 49 dias até poder ir-me embora
20. 18
21. 19
22. 20 - 44 dias até poder ir-me embora (se ainda quiser)
23. 21
24. 22
25. 23 - 24 dias até à Maratona de Leitura
26. 24 - 16 dias até à Maratona de Leitura
27. 25
28. 26
29. 27 - 14 dias até à Maratona de Leitura
30. 28
31. 29 - 13 dias até à Maratona de Leitura
32. 30 - 12 dias até à Maratona de Leitura
33. 31 - 11 dias
34. 32 - 10 dias
35. 33 - 8 dias
36. 34 - 7 dias
37. 35 - 1 dia
38. 36
39. 37 - Finalmente

40. [38 - 412 dias desde que fiquei](#)
41. [Agradecimentos](#)

Landmarks

1. [Cover](#)
2. [Title-Page](#)
3. [Table of Contents](#)